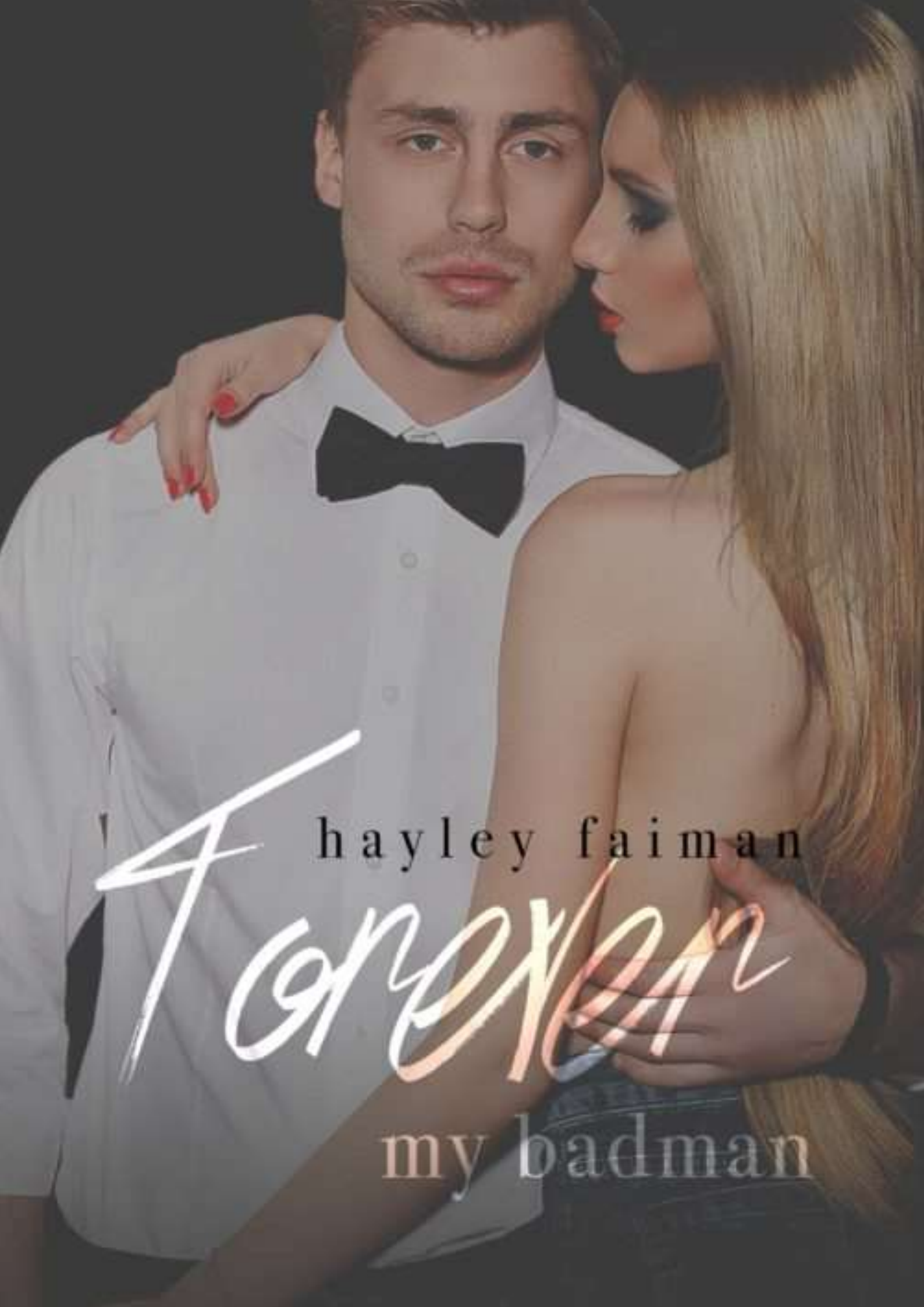
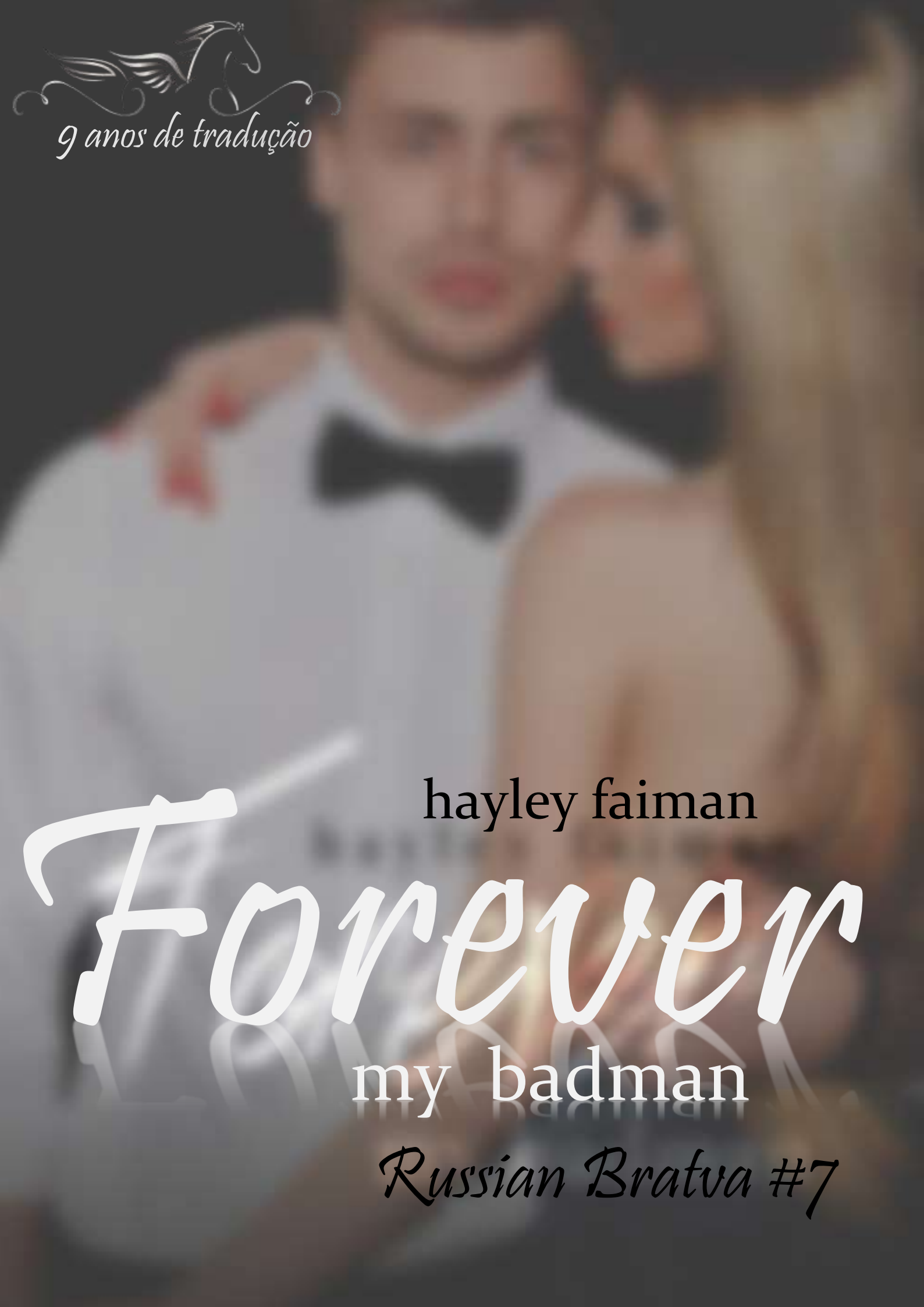

hayley faiman
Forever
my badman


9 anos de tradução
hayley faiman
Forever
my badman
Russian Bratva #7



PEGASUS
LANÇAMENTOS

Tradução: Bea Eberhardt, A. Domingos, L. Serranito, Cacau Maia, Ana B.

Revisão Inicial: Melms, Flavinha, Sally Skellington

Revisão Final: Suhsuh

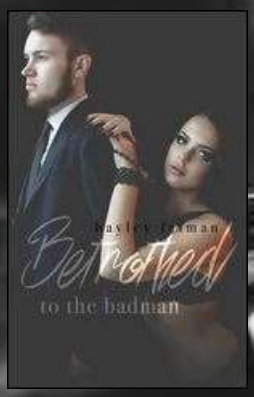
Leitura Final: Lunna Cross

Verificação Final: Shya

Formatação: Shya

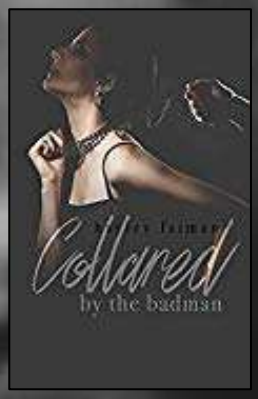
Russian Bratva

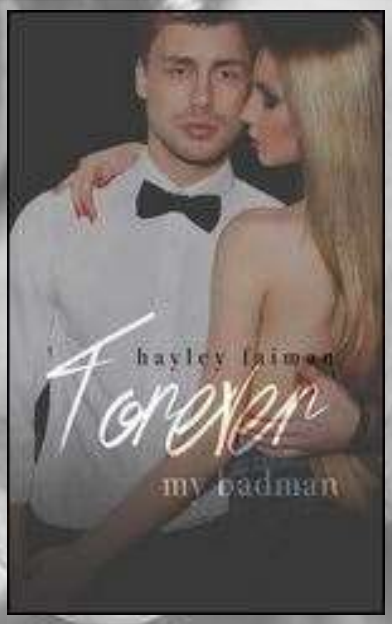
brevemente



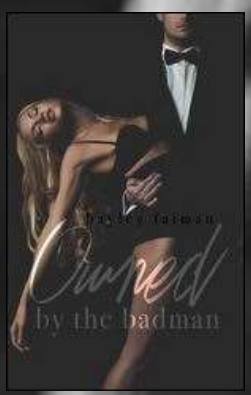


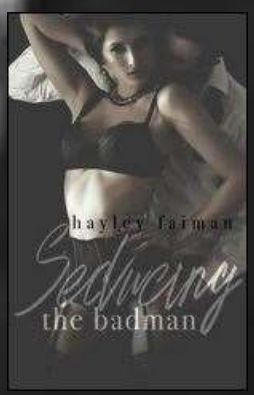


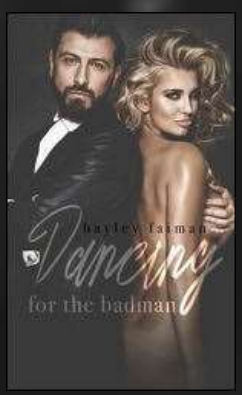


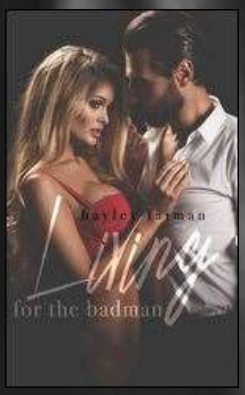


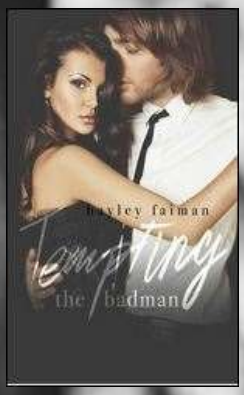
distribuídos

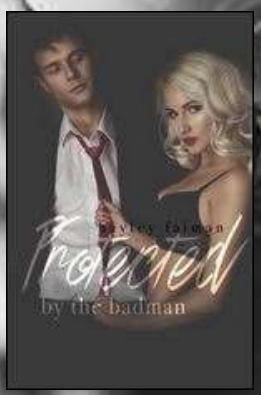












A tradução em tela foi efetivada pelo grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar o leitor o acesso à obra, incentivando-o a aquisição integral da obra literária física ou em formato E-book.

O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes de qualquer forma de obtenção de lucro, direta ou indiretamente.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for vinculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que devera abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, e bem como abster-se de tornar publico ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderam individualmente pela correta e licita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria e coparticipação em eventual delito cometido por aquele, que por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro, direto ou indiretamente, responderão nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!
Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.
Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL! Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!
Ajude a preservar o seu grupo de romance!
A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!
Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.
Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!
Seja esperta (o).

Estrutura da Máfia Russa

Pakhan - The Boss: Controla tudo.

Sovietnik - Conselheiro: Conselheiro é o indivíduo de confiança mais próximo do Pakhan.

Obshchak – Agente de apostas: Reúne todo o dinheiro de brigadeiros e subornos do governo.

Brigadeiro - Autoridade: Capitão encarregado de um pequeno grupo de homens.

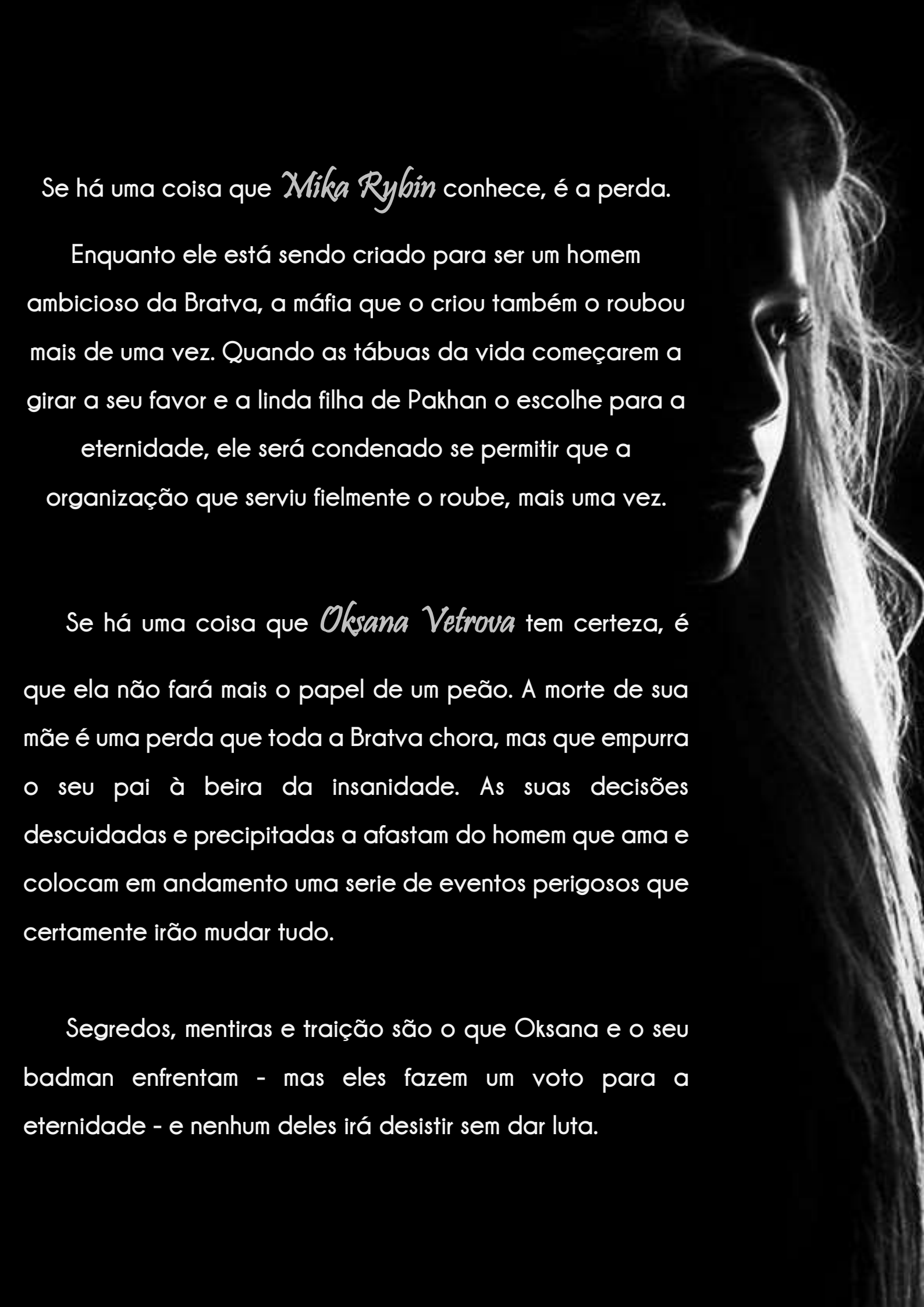
Boyevik - Guerreiro: Soldado, trabalha para um brigadeiro.

Kryshas - Protetores: executores extremamente violento.

Torpedo – Assassinos contratados

Byki - Bulls: Guarda-Costas

Shestyorka - Associados: Garotos errantes. O patamar mais baixo da máfia Rússia.



Se há uma coisa que *Mika Rybin* conhece, é a perda.

Enquanto ele está sendo criado para ser um homem ambicioso da Bratva, a máfia que o criou também o roubou mais de uma vez. Quando as tábuas da vida começarem a girar a seu favor e a linda filha de Pakhan o escolhe para a eternidade, ele será condenado se permitir que a organização que serviu fielmente o roube, mais uma vez.

Se há uma coisa que *Oksana Vetrova* tem certeza, é que ela não fará mais o papel de um peão. A morte de sua mãe é uma perda que toda a Bratva chora, mas que empurra o seu pai à beira da insanidade. As suas decisões descuidadas e precipitadas a afastam do homem que ama e colocam em andamento uma serie de eventos perigosos que certamente irão mudar tudo.

Segredos, mentiras e traição são o que Oksana e o seu badman enfrentam - mas eles fazem um voto para a eternidade - e nenhum deles irá desistir sem dar luta.

Prólogo

Mika

Encostado na parede, eu a observo. Está com o rosto vermelho de gozar no meu pau há poucos minutos. Ela sorri, mas é falso *pra* caralho. O homem ao seu lado ajoelha e desliza um anel de noivado no dedo dela, que balança a cabeça enquanto olha para mim.

Enquanto assisto, sinto o estômago revirar com asco e raiva quando ele se inclina e pressiona os lábios contra os dela. Lábios que beijei há pouco tempo e que deveriam ser só meus, nunca dele.

Sorrio para ela, que franze as sobrancelhas. Não deixo que veja, nem qualquer outra pessoa na sala, como me sinto realmente. Sentir é uma fraqueza; demonstrar sentimentos, é morte certa. *O que eu acabei de fazer?* Fodi a filha de um *Pakhan* minutos antes de seu noivado. Isso é um desejo de morte assinado.

Oksana deveria ser minha. Trabalhei a vida toda para atingir um *ranking* alto o suficiente para contratar um casamento que me desse mais estabilidade na *Bratva*. Oksana é como um maldito bilhete dourado. Seu pai é o mais poderoso *Pakhan* nos Estados Unidos. Fiquei chocado quando o nome dela apareceu no banco de dados como uma opção de casamento para mim.

Alguns homens dentro da organização recebem senhas e *logins* para um site seguro. Nesse site, pode-se ver as mulheres que estão disponíveis para um casamento contratado. Olhei para ele várias vezes ao longo da vida. Embora algumas fossem muito bonitas, não eram mulheres cujos pais estavam acima de mim na classificação. Não da maneira como o pai de Oksana está.

Submeti meu pedido por Oksana, e alguns meses depois, fui sequestrado para participar de uma festa. Não foi um processo de seleção normal. Geralmente, os homens combinam tudo e as mulheres não têm a opção de escolher quem quiserem. Mas Oksana, sendo a *printsessa* que é, pôde escolher.

Olho para longe dela e fecho os olhos por um segundo, pensando sobre as palavras que disse apenas alguns momentos antes, quando meu pau estava profundamente enterrado dentro da boceta apertada. Provavelmente, pela última vez...

— Eu o odeio. — Sussurra contra a minha boca.

— Quem? — Pergunto, precisando que esclareça.

— Meu pai, Gavril, ambos. — Murmura com um suspiro.

Empurro dentro dela um pouco mais e observo como respira com mais dificuldade.

— Deixaria tudo para trás se pudesse? — Pergunto estupidamente. Sei que ela não pode, que não vai.

Não, na realidade.

— Por você, deixaria! — Suspira.

— Você é minha, Sana. Porra, lapochka![1] — Rosno. — Ninguém mais a toca, ninguém mais.

Pressiono a boca contra a dela, não querendo ouvir a resposta e a fodo contra a parede, o bonito vestido em torno de seus quadris. Se alguém entrasse agora, atirariam em mim na mesma hora. Esta merda? É contra as regras e o código da Bratva. Oksana está praticamente casada agora, o contrato já

[1] Querida em russo.

foi assinado. A troca de palavras e o anel? São apenas uma formalidade.

— Você está bem? — Dominik Markov pergunta, enquanto toma um gole de vodka, interrompendo os pensamentos sobre Oksana, sua boceta quente e como isso poderá me matar. Mesmo estando com um anel no dedo, não tenho certeza se posso ficar longe dela.

— Porra, não! — Rio, sem humor.

— Não é culpa dela. Não é algo que escolheu. — Diz. *Como se eu precisasse de um maldito lembrete!*

— Sim, eu sei. — Gemo.

— Talvez haja uma razão para tudo isso e o motivo só não foi informado ainda. — Murmura.

Ele pode dizer isso. Descobriu uma maneira de cancelar um contrato que tinha para que pudesse se casar com a atual esposa. Mas não há como evitar que Oksana se case com Gavril. Mesmo que a engravidasse como fez Dominik com a

esposa, provavelmente seria morto e simplesmente diriam a todos que o bebê é de Gavril. Há uma razão mais profunda para que Pasha vá contra a vontade de Oksana e a case com aquele merdas!

Razão que pretendo descobrir, logo que puder.

— Quem diabos você pensa que é? — Timofei, meu colega Brigadeiro pergunta, quando entra violentamente no escritório do nosso *Pakhan*, Ziven.

Arqueio as sobrancelhas, curioso para saber sobre o que está falando. Somos iguais na classificação, mas ele é um príncipe, filho de Pasha Vetrov e irmão da minha amada Oksana. Eu o considerava um amigo; quero dizer, na medida em que podemos considerar alguém "amigo" dentro da organização. Mas agora, parece querer me matar e fico esperando uma resposta.

Encaramo-nos em silêncio, esperando que o outro desista e fale primeiro. Eu, não desistirei. De jeito nenhum. Fui

ensinado a ser um homem da Bratva e a parecer completamente inquebrável pelo melhor.

— O que está acontecendo? — Ziven pergunta, entrando no escritório e quebrando o silêncio.

— Este pedaço de merda fodeu minha irmã. — Rosna Timofei.

— Tenha cuidado. — Resmungo.

— Mika? — Ziven pergunta, parecendo confuso *pra* caralho.

— Oksana aceitou casar-se comigo. Tanto quanto eu sabia, estávamos noivos. Mas malditamente mudou de ideia, ou seu pai fez isso por ela. E ainda não sei o motivo. — Explico.

— Por que a fodeu na própria festa de noivado, então? — Timofei pergunta. Os olhos de Ziven se arregalam enquanto tosse, surpreso.

Arregalo os olhos também, imaginando como diabos ele descobriu. E em seguida, em quem mais sabe. Sinto o coração disparar com o pensamento.

— Como descobriu sobre isso? — Pergunto, estreitando os olhos.

— Não vai querer saber. — Rosna.

— Na verdade, quero sim. — Digo, empurrando as mãos nos bolsos.

— Eu o vi subir as escadas e em seguida, Sana com Emiliya e Quinn.

— Não importa mais. Ela está noiva e se casará em um mês. Nem a verei até o casamento. — Digo.

— Você ama a minha irmã? — Timofei pergunta, arqueando uma sobrancelha. — Ou só foi uma maneira de ganhar algum poder através de meu pai?

— Se alguém está tentando ganhar poder, esse é Gavril. Sou um *Brigadeir*. É o cargo mais alto que jamais pensei que alcançaria e não preciso de mais poder. Se me for oferecido, ótimo, mas não anseio por isso como algumas pessoas. — Digo, dando de ombros.

Ele não sabe que anseio pela estabilidade e segurança que vêm junto com o poder. Mas estou em um cargo mais alto do que jamais imaginei ser possível. Casar-me com Oksana, seria apenas um duplo seguro sobre as coisas que desejo.

— Não gosto de Gavril. Ele não está certo. — Admite Timofei. — Mas não farei nada sobre isso, até que saiba como se sente sobre ela.

— Pensei que eu fosse um pedaço de merda? — Pergunto, levantando a sobrancelha.

— Oh, você é! Mas quero saber quais são suas intenções.

A sala fica silenciosa, enquanto Timofei e Ziven esperam pela minha resposta. E só receberão uma. Caso não gostem

dela, podem se foder. O que Oksana e eu temos, é somente da nossa conta e de mais ninguém.

— Sana sabe como me sinto por ela. — Afirmo.

— Tenho certeza de que sabe o que disse à ela; mas quero saber exatamente o que você sente, Mika.

— Oksana deveria ser minha. A partir do momento em que a vi, soube disso.

Não digo mais nada, mas a explicação deve ter sido suficiente para Timofei. Ele acena uma vez.

— Considere resolvido. — Murmura.

— Como está resolvido? — Pergunto.

— Não faça perguntas para as quais não quer saber as respostas. — Timofei diz, ameaçadoramente. Quero saber mais, mas fico em silêncio. O tempo dirá se está falando merda ou não.

Independentemente da ajuda dele, descobrirei uma maneira de recuperar minha mulher.

Capítulo Um



Sinto que o rosto dói por segurar o sorriso. É falso como o inferno, assim como este casamento. “Meu marido” (que piada), envolve a mão na parte de trás do meu pescoço e aperta os dedos sobre a minha pele dolorosamente. Tento não fazer careta com o desconforto, mantendo o sorriso no lugar. É meu trabalho como uma garota da Bratva. Especialmente, a filha de um poderoso *Pakhan*. Preciso aprender a fingir até que consiga fazer isso sem esforço.

Tenho quase vinte e quatro anos de idade e é hora de me casar. A maioria das garotas Bratva está casada desde antes dos dezoito anos. Apenas preciso superar. Fecho os olhos por um breve momento e penso em mamãe. Casou-se aos dezesseis anos e se ela pôde fazer isso, então eu também posso.

— A primeira coisa que farei esta noite, é comer o seu rabo. Espero que goste de uma foda áspera. — Meu marido ri contra a minha orelha.

Eu o odeio. Ele é vil e não sei como convenceu papai a permitir este casamento, mas me deixa doente que tenha me entregue a exatamente Gavril Zima, para que possa fazer o que quiser comigo.

Ninguém pode dizer a porra de uma palavra. Move a mão pelo meu ombro e gentilmente me acaricia. Sinto arrepios ao pensar em como usará e abusará de mim assim que esta farsa de recepção acabar.

Ouço um barulho que soa como um estalo alto e em seguida, gritos. E nesse momento, umidade espalha-se pelo meu rosto. Olho e o vejo caído sobre a mesa e uma poça de líquido vermelho manchando rapidamente o pano branco.

— Oh, Deus! — Exalo, ao perceber que trata-se de sangue. O sangue dele.

— *Lapochka*. — Uma voz familiar sussurra.

Eu me viro para Mika. Está bem atrás de mim e sem outra palavra, pega-me e joga por cima do ombro como um saco de batatas. Não luto contra. É Mika e confio nele. Confio que o que quer que esteja acontecendo, ele garantirá que fique segura.

Sou jogada na parte de trás de um SUV, que arranca pela estrada. Não consigo ver nada, o vestido enorme encobre minha visão. Mika não fala e fico relembrando o que acabou de acontecer.

Um homem morreu ao meu lado. Assassinado! E então, Mika me agarrou e correu.

Que porra está acontecendo aqui?

Fazemos uma parada. Mika abre a porta e me puxa para fora antes de arrastar em direção a um avião. Tudo acontece tão rápido que não respiro até estar sentada. Arregalo os olhos quando vejo quem está na minha frente.

Ele bebe champanhe e veste um terno caro. Prada, se estou correta. Não o vejo há um tempo e não esperava vê-lo aqui com uma mulher ajoelhada ao lado. Ela veste apenas sutiã, calcinha e uma coleira, com uma linda corrente de prata pendurada nas pontas dos dedos dele.

— Está suja de sangue. — Diz, em um inglês acentuado.

Estremeço com as palavras e olho para baixo, assustando-me com a visão. O sangue de Gavril está de fato sobre mim.

— Tio Sergei. — Sussurro, olhando dele para a mulher no chão e depois de volta para Mika. — O que está acontecendo aqui? — Pergunto.

— Tire esse vestido ridículo, limpe-se e vou dizer tudo. O banheiro fica na parte de trás, em um quarto pequeno. — Murmura Sergei.

Mika se levanta e envolve a mão ao redor da minha, puxando-me para a parte traseira do avião. O vestido farfalha

alto a cada passo que dou e quando Mika literalmente me empurra para o pequeno quarto, viro-me para encará-lo. Fico um pouco instável enquanto o avião decola e caio sobre a cama, batendo a bunda com força contra o colchão macio.

— Terá que usar uma camiseta minha. Está usando um sutiã sob essa monstruosidade? — Mika pergunta, enquanto puxa a camisa branca de dentro da calça.

Lambo o lábio inferior enquanto o observo, tendo um vislumbre do estômago tonificado enquanto ele puxa a camisa. Quando desabotoa o colarinho, juro que quase choramingo. Eu só vi o peito nu uma vez, durante o fim de semana em que veio para a festa, quando o escolhi. Fui uma idiota e dormimos juntos. Mas foi o melhor fim de semana de toda a minha vida.

Então, papai me forçou a casar com Gavril, tirando minhas escolhas sem explicação, embora eu já tivesse escolhido Mika. Estávamos juntos na noite em que o noivado foi oficialmente anunciado também, mas foi rápido e nenhum de nós realmente se despiu.

— Sana. — Murmura, a voz rica e profunda.

Olho para ele e vejo que sorri para mim, enquanto tira a camiseta. Choramingo novamente, desta vez com certeza.

— Sutiã, *lapochka*?

— Sim. Sem alças. — Respondo.

Vejo que entra no banheiro e retorna com um pano molhado. Para minha surpresa, ternamente limpa meu rosto, pescoço e o meu peito com o pano.

— Está tirando a minha maquiagem. Não terei nada para retocar depois. — Reclamo, sussurrando.

— Você não precisa disso. — Afirma.

— Está mentindo. — Suspiro.

— *Lapochka,* é a mulher mais linda que já vi. Realmente não precisa disso. — Resmunga e isso tira o meu fôlego.

Sempre ouvi homens dizendo que sou sexy e bonita, mas geralmente diziam isso quando usava maquiagem noturna grossa, pesada e vestida à perfeição. Nunca disseram que não precisava de maquiagem, nem mesmo meu pai. Na verdade, papai faz questão de dizer quando não a estou usando o suficiente, ou quando não estou perfeita o suficiente.

— Odeio essa porra de vestido! — Anuncia Mika.

Arregalo os olhos quando ele pega um canivete do bolso, abre-o com o apertar de um botão e estende a mão oposta para envolvê-la em torno do vestido, no centro do meu peito. Puxa-o para longe de mim, antes de estender a faca e cortá-lo ao meio.

Ele. Cortou. Meu. Vestido. De. Casamento. Ao. Meio.

Um vestido de cem mil dólares!

— Mika! — Sussurro, assustada. — O tecido cai para os lados enquanto me vejo apenas usando uma calcinha de seda branca e corpete combinando. A cinta-liga branca mantém as minhas coxas firmes e nos pés, uso saltos altos azuis. Meus saltos de *python* [2]azul, Gianvito Rossi.

Amo esses sapatos. E eu os amo mais do que qualquer outra coisa sobre o meu casamento. Mas do jeito como Mika tratou o vestido, temo que os sapatos serão os próximos.

— Assim que pousarmos na Rússia, queimarei tudo o que está vestindo. — Resmunga.

— Não esses sapatos! — Peço.

— Sana... — Rosna. Levanto, dou um passo em sua direção e me esfrego contra ele.

— Mika, estes sapatos... Você não entende. Eu amo esses sapatos. Por favor, não os queime. Foram a única coisa que pude escolher para usar neste dia. Nem sequer pude escolher a minha própria roupa íntima! — Praticamente grito.

— Poderá usá-los enquanto eu a fodo. Depois, nunca mais quero vê-los novamente. — Diz, os olhos escurecendo um pouco.

— Obrigada? — Digo, franzindo o nariz.

[2] Espécie de cobra.

Entrega a camiseta que vestia e a coloco por cima da cabeça, arrancando o véu e jogando-o em uma pilha junto com o vestido cortado. A camiseta é um pouco curta demais para cobrir minha bunda e me pergunto como diabos andarei até tio Sergei desse jeito. Embora eu esteja usando mais do que a sua... amiga.

Depois de colocar a camisa de volta com os botões abertos, deixando o peito nu exposto, Mika estende a mão. Não sei como serei capaz de me concentrar durante o voo, não quando a única coisa que quero fazer é lamber cada polegada dele.

— Venha, *lapochka.* — Murmura, chamando-me de querida em russo novamente e me deixando trêmula. Só fez isso quando esteve dentro de mim e não consigo parar de pensar nas vezes em que repetiu a palavra novamente esta noite. Sigo atrás dele e sento no banco que encontro em frente a Sergei e à sua amiga.

— Esta é Raisa. Ela é minha. — Sergei anuncia, enquanto afivelo o cinto de segurança.

Estava me sentindo mal com a roupa que uso, mas parece isso não importa muito agora. Olho para o anel que ainda está no meu dedo e me encolho. Repito na mente os eventos da noite mais uma vez, incluindo Gavril sendo baleado no rosto bem ao meu lado.

— Está pronta para saber o que está acontecendo? — Tio Sergei pergunta, interrompendo meus pensamentos. Sacudo a cabeça levemente e aceno.

— Seu pai está instável. Gavril fodeu a Bratva; é um traidor, assim como o irmão. Embora não soubéssemos disso com certeza, até hoje à noite. Ainda não sei por que Pasha empurrou esse casamento, mas irei descobrir. Enquanto isso, você e Mika estão sob minha proteção em um futuro previsível. — Anuncia Sergei.

— Eu... eu não sei o que dizer. — Sussurro.

— Obrigada? — Pergunta rindo.

— E o que acontecerá comigo? — Pergunta Mika. — Pergunto em relação à minha posição?

Olho para ele e vejo a preocupação gravada em seus olhos. Não posso acreditar que está preocupado com a posição que ocupa em um momento como este. *Quem se importa, porra?*

Papai me obrigou a casar com um traidor, alguém que tentou ferir a minha família e Mika está preocupado com sua posição? Mordo o interior da bochecha, tomando cuidado para não falar fora de hora. Sei que meu tio não aceitaria isso.

Sergei não é meu tio de verdade. É apenas o modo como sempre o chamei. É da velha escola, da escola muito antiga. Para ele, uma mulher pode ocupar apenas o lugar parecido

com o qual está a garota ao lado de seus pés. As mulheres devem ser vistas e admiradas, nunca ouvidas.

Meu lugar como uma mulher da Bratva me foi ensinado quando ainda era bem jovem. Mamãe tinha mais liberdade que a maioria das mulheres, mas isso era sempre em particular, nunca aos olhos do público.

Sergei responde:

— Timofei sabe onde está e sua posição será garantida. Se não, encontrarei algo para você aqui. Provou sua lealdade à organização e merece.

Viro e olho para Mika, que parece aliviado. Relaxa o corpo no assento que ocupa e um suspiro pesado escapa de seus lábios. Estreito os olhos sobre ele, mas mantenho a boca fechada, não importando o quanto isso seja difícil.

— Liguei antes e preparei um apartamento para os dois. Sana, terá que ir às compras, mas tenho algumas coisas no armário para ajudá-la até que possa chegar ao GUM. — Murmura tio Sergei.

GUM... Quase esqueci do *shopping* center. Toda vez que ia para Moscou com meus pais, mamãe sempre me levava para um dia de compras nesse shopping. É uma das melhores lembranças que tenho de nosso tempo juntas.

Nem sempre fui uma criança fácil. Ou adolescente. Ou adulta. Na verdade, fui uma vadia mimada durante a maior

parte da vida. Mas quando viajávamos para a Rússia, éramos apenas nós quatro. E quando Timofei e papai saíam para fazer o que quer que fosse, ficávamos apenas mamãe e eu. Não havia amigas ou namorados ao redor para tentar impressionar. Éramos ninguém em uma cidade grande; não como em Nova York ou em Brighton Beach, onde definitivamente éramos alguém. Ou pelo menos, era assim que pensava.

— Obrigada, tio. — Sussurro, virando a cabeça para olhar o céu negro.

— Quer alguma ajuda para dormir? — Mika pergunta em voz baixa.

— Não. — Respondo baixinho, balançando a cabeça.

Mika envolve a mão ao redor da parte de trás do meu pescoço e me aproxima, até que esteja contra seu lado. Em seguida, envolve o braço em volta dos meus ombros.

— Durma um pouco. — Resmunga.

Não posso negar que me sinto quente e confortável. Ainda não tenho certeza se suas intenções são puras ou se tudo isso não é apenas uma forma de ganhar ainda mais poder através de mim. Algo que mamãe sempre me alertou que poderia acontecer. Mas eu o quero. Eu o quis desde o momento em que coloquei os olhos nele e sou egoísta.

Por isso, o estou mantendo.

Mika

Não consigo tirar os olhos dela enquanto percebo que começa a relaxar. Está adormecendo quando deslizo os dedos ao longo de seu braço, sentindo a carne macia contra a minha pele áspera.

Sergei limpa a garganta e me viro em sua direção. A mulher agora descansa a cabeça contra a coxa dele, com os olhos fechados e parece estar dormindo. Essa coisa mestre/escravo não é para mim, mas os dois parecem felizes dessa maneira. Então, quem sou eu para julgar a dinâmica deles?

— Mikhail, você me pediu algo não muito tempo atrás. Não falei mais sobre isso, já que não tinha nenhuma informação para oferecer. — Murmura, chamando-me pelo meu nome de nascimento. É um nome pelo qual ninguém me conhece, exceto ele aparentemente.

— Mila? — Pergunto, me sentindo muito mais esperançoso do que deveria. Já faz vinte anos.

— Ela morreu. Sinto muito, Mikhail. — Diz suavemente.

— Como? — Pergunto.

— Doença. — Admite. Não conta mais detalhes, mas sei que deve ter sido por HIV. Fecho os olhos e amaldiçoo. — Ela teve quatro filhos, mas todos entraram no sistema de adoção.

— Por causa de sua ocupação? — Pergunto, tentando obter informações sobre a minha família, meus sobrinhos e sobrinhas.

— Nasceram com a doença, Mika. Ninguém na organização iria criá-los. Ela não podia cuidar deles, então fez o que achou que fosse melhor para eles. — Informa com a voz cheia de compaixão.

— E agora? — Pergunto.

— Ninguém jamais foi adotado. Sinto muito, mas todos já morreram.

Aceno, mostrando que compreendo. Ninguém iria aceitar de bom grado crianças com problemas médicos. Especialmente problemas incuráveis, como a doença que Mila passou para os filhos.

Porra!

Minha pobre e doce irmã.

— Agradeço que Ivan Chekov esteja morto. — Rosno.

— Nós todos agradecemos por isso. — Sergei afirma.

— E também ambos os Zima. — Reitero.

— Gregori e Gavril são manchas na Bratva, traidores. — Anuncia Sergei.

— Sabe se o corpo de Mila está enterrado em algum lugar? — Pergunto por curiosidade.

— Foi cremada. — Murmura.

Aceno com a cabeça.

— Descanse um pouco. Tenho a sensação de que terá as mãos cheias com sua nova mulher.

— Você acha? — Pergunto, olhando-a aninhada ao meu lado.

Não a conheço muito bem. Apenas a encontrei em uma festa dada por seu pai, uma festa de Natal. Imediatamente fiquei atraído e precisava estar dentro dela. Mais tarde naquela noite, consegui o que queria. E a tive novamente no dia seguinte, antes de voltar para Denver. Trocamos alguns textos e sabia que ela me escolheria e que teríamos uma vida inteira juntos.

Mas quando isso não aconteceu, fiquei zangado e amargo. Por isso, na noite da sua festa de noivado no Dia dos Namorados, a fodi furiosamente e pensei que seria a última vez que a teria.

Oksana jurou que me queria, que não o havia tocado e que não queria nada com ele. Estava profundamente chateado.

Mas nem uma só vez, tive a impressão de que era difícil. Não de um jeito ruim, pelo menos.

— Não, eu sei! — Sergei ri, interrompendo meus pensamentos.

Coloco a cabeça contra a parte de trás do assento e fecho os olhos. Preciso de algum descanso realmente. Mas não porque Sana será difícil de lidar, mas sim, porque quero um pouco do seu traseiro. Pretendo trancá-la em qualquer casa que Sergei tenha preparado para nós e quero transar com ela por pelo menos setenta e duas horas seguidas.

Agora, é minha.

Sonhei com isso por meses e o pouco que tive dela não saciou a sede que tenho nem um pouco.



Capítulo Dois



— Sana! É hora de acordar. — A voz profunda de Mika resmunga.

Forço os olhos a se abrirem e inclino a cabeça para trás, vendo o cordão grosso em sua garganta. Ele abaixa o queixo e vejo os olhos azuis, tão escuros que parecem quase pretos.

— Onde estamos? — Pergunto, a voz rouca de sono.

— Moscou. — Responde.

Sento-me surpresa e olho para fora da janela, vendo um dia ensolarado e brilhante. Olho para Mika, para a minha falta de roupas e finalmente, olho novamente para ele.

— Não posso sair assim. — Sussurro.

Mika se levanta e vejo que pega o casaco do assento do outro lado do corredor e o abre para mim. Levanto com as pernas trêmulas e o envolvo em volta do corpo. Agradeço por

ser longo suficiente para cobrir minha bunda, mas o topo das minhas coxas ainda pode ser visto.

— Estamos em uma pista privada, *lapochka.* Ninguém verá nada. — Afirma, envolvendo os dedos nos meus e me puxando para trás.

Vários carros estão à espera. Vejo quando tio Sergei e sua Raisa entram em um deles e Mika me leva para outro, dando um passo para o lado enquanto pressiona a mão nas minhas costas, ajudando-me a entrar no banco de trás.

Arrasto-me para o lado e espero que me siga, mas ele não o faz. Em vez disso, bate a porta do carro e caminha até um homem, conversando por alguns minutos antes de apontar para a aeronave. O homem assente, vira-se e caminha em direção ao avião.

— O que foi isso? — Pergunto, quando Mika se senta a meu lado.

— Pedi àquele *Shestyorka* para queimar o vestido de noiva. — Murmura, enquanto um homem diferente liga o motor e o carro começa a se mover.

— Mika... — Suspiro.

— Eu o cortei ao meio, Sana! O que achou que aconteceria com ele? — Pergunta, arqueando a sobrancelha. — Ou queria mantê-lo como uma lembrança?

— Não, claro que não. Eu só... Eu não sei. — Sussurro, olhando para as mãos.

Vejo o anel e o cubro com a palma da mão oposta. Não é que esteja necessariamente ligada a ele, mas é absolutamente lindo! Tem um enorme diamante em forma de almofada, cercado por pequenos diamantes negros envoltos em platina. Um lindo anel de platina com pequenos diamantes brancos o acompanha, como a aliança de casamento.

— Sei que você ainda o está usando. — Diz, enquanto o carro passa pela movimentada cidade.

— É lindo. — Digo baixinho.

— Quer mantê-lo porque é bonito? É isso o que você quer? Coisas bonitas? — Pergunta afiado.

Olho para cima e fico surpresa ao vê-lo olhando para mim com nada além de raiva nos olhos. Abro a boca e então a fecho.

— São diamantes, Mika. Você não pode simplesmente jogá-los fora. Não é como um vestido, mesmo que o vestido tenha custado cem mil dólares. — Murmuro.

— Você está fodendo comigo? — Pergunta.

— Sobre?

— Sobre o vestido?

— Não. Camilla, a cadela planejadora de casamento do inferno foi quem o escolheu. — Digo, dando de ombros.

— Dê-me o anel, Oksana. — Exige, estendendo a mão.

— Devemos avaliá-lo. — Digo, não entregando o anel.

— Dê-me o maldito anel! — Grita.

— São diamantes, Mika.

Os olhos de Mika movem-se para a minha mão e depois de volta para mim e não faz nada para esconder a raiva que sente. De repente, sem aviso, estende a mão e agarra a minha, puxando o anel do meu dedo antes de abaixar a janela e casualmente jogá-lo para fora do carro em movimento.

— Mika! — Grito.

— Oksana se quer manter o anel de outro homem, não me importo que pense em apenas deixá-lo trancado em um cofre, saiba que isso é desrespeitoso. Não irei tolerar isso! — Rosna.

— Mika, eu poderia transformá-lo em um colar. Inferno, poderia vendê-lo! — Grito.

— Você o quer tanto assim? Mandarei o motorista encostar e pode ir buscá-lo. — Diz, com a voz calma.

— Sério? — Pergunto com os olhos arregalados.

— Sim. Depois, volte em um avião e vá direto para o seu papai. Ele pode arranjar outro casamento com algum pedaço de merda novamente para você.

— Mika. — Digo, enquanto lágrimas enchem meus olhos. — Por que está sendo tão cruel? — Pergunto.

— Sana, é minha agora. Você me escolheu! Não terá qualquer parte de outro homem a tocando, incluindo malditas joias! — Grita.

Pisco e tento segurar as lágrimas. Mal tenho sucesso. Mordo o interior da bochecha ao invés disso e mantenho o olhar firmemente no dele.

Foda-se!

Não respondo e espero. Responderei, mas irei fazer isso sem a audiência do motorista. Felizmente, chegamos a um prédio lindo e moderno, que grita riqueza e luxo. Totalmente Bratva.

Uma vez que estamos dentro do edifício, continuo a morder a língua até que estejamos trancados dentro do apartamento. Não sou nem capaz de apreciar o espaço totalmente decorado, incluindo o confortável sofá de couro preto e o sofá de dois lugares.

— Você me possui agora? — Pergunto, virando para olhar para ele, os braços cruzados sobre o peito.

— Sim. — Diz.

— Não penso assim, porra! Não saí debaixo do polegar do meu pai, por pouco do polegar do tirânico Gavril, para ficar debaixo do seu! — Zombo.

Mika ignora o que digo e vem em direção a mim. Tento me afastar, mas é muito rápido e me vejo sendo empurrada contra a parede um segundo mais tarde. Seus quadris me prendem na superfície dura e o nariz quase toca o meu. Pressiona as mãos planas, bem perto de cada lado da minha cabeça e diz:

— Acha que irei machucá-la pelo fato de a chamar de minha? — Pergunta, a voz soando baixa e letal. Não respondo. Estou com os olhos arregalados e sem voz completamente. — Acha que seria capaz de machucar você, Sana? Acha que irei transformá-la em alguém que não é?

Ele espera que responda, mas não falo nada. Engulo saliva e espero que continue.

— Responda! — Diz, duramente.

— Não. — Sussurro.

— Perdi muitas coisas, Sana. Tive perdas que não pode sequer compreender. Quase a perdi também, quando tive apenas um gosto da doçura que você poderia trazer para a minha vida. Então, quando algo pela porra da primeira vez dá certo e fico feliz com algo, você age como uma cadela por causa de um anel dado por outro homem? Porque a bugiganga vale

algum dinheiro? Como se eu desse a mínima para o dinheiro desperdiçado!

Levanto uma mão para segurar o rosto dele, vendo a dor óbvia em seus olhos. Não sei sobre o que está tão ferido, mas obviamente, adicionei algo a essa ferida. E me odeio por isso.

— Sinto muito, Mika. — Sussurro.

— Sergei essencialmente me avisou que você era materialista, mas não acreditei nele. Não a Sana que eu conheço, a mulher que se enrolou em meu corpo todos aqueles meses atrás e disse que me queria para a eternidade. Não a mulher que não me conhecia, que só viu uma foto minha e sentiu que precisava me ver porque achou que eu era o homem mais bonito que já tinha visto. Toda aquela doçura era apenas um jogo? — Pergunta.

Juro que sinto o coração esmagado com suas palavras.

— Tome um banho. Vista-se. — Rosna.

— Mika... — Digo, com lábios trêmulos.

— Vá! — Ordena, enquanto afasta-se para longe de mim. — Vou levá-la para comprar o que quiser. O que quer que a faça feliz. — Murmura, antes de virar e se afastar de mim.

Cedo contra a parede, me sentindo a maior cadela do mundo e a pessoa materialista, mais autocentrada que já viveu.

Virando, ando em direção ao banheiro principal. Demoro um minuto para descobrir como ligar o chuveiro antes de entrar. Olho em volta e agradeço que haja xampu e condicionador, além de sabonete líquido disponível para uso que parecem novos. Os produtos não são tão bons quanto os que normalmente uso, mas servirão. Fecho os olhos, fazendo uma careta.

Sou uma cadela materialista.

Quando estou limpa, saio em busca de roupas. Fico surpresa ao ver algumas leggings grossas e um vestido pendurado no armário. O primeiro instinto que tenho, é o de verificar as etiquetas e ver de qual marca é o vestido, mas me contenho. Percebo que isso me torna exatamente o que Mika pensa que sou. Novamente.

Eu me visto rapidamente, colocando os pés nos sapatos azuis de *python,* os quais recusei a me desfazer por achá-los lindos e volto ao banheiro para avaliar meu cabelo e rosto.

Olhando nas gavetas, descubro que há apenas uma escova de cabelo. Não há maquiagem e nem outros acessórios. Penteio o cabelo úmido e me encolho. Estou horrível. Pareço cansada, pálida e meu longo cabelo loiro escuro, úmido.

Mas decido que não importa como me pareço, ninguém aqui me conhece. Não é como se eu fosse a infame Emiliya Chekova ou qualquer coisa assim. Por isso, apago a luz do banheiro e sigo em direção à sala de estar em busca de Mika.

Respiro fundo quando o vejo. Está de pé, diante das janelas de vidro do chão ao teto na sala de estar, olhando para a cidade com as costas viradas para mim e usa um lindo terno preto.

Fico com os joelhos fracos ao vê-lo.

— Pronta? — Pergunta da janela.

— Sim. — Sussurro, com medo de falar.

Observo que vira-se para mim, mas tem rosto sem expressão alguma e isso não muda nem mesmo quando percorre com os olhos meu corpo da cabeça aos pés. Enrijece o queixo quando vê os sapatos, mas essa é sua única reação. Começa a andar em direção à porta, segurando-a aberta para mim e espera até que passe por ele.

— Eu tenho um carro. Portanto, não temos a necessidade de um motorista. Se precisar sair do apartamento por qualquer motivo que seja, prefiro que leve um *Byki* com você. Irei me certificar de encontrar alguém e obter informações sobre ele antes de enviá-lo a você. Também comprarei um celular para que possa usá-lo. — Diz, enquanto me esforço para acompanhar as passadas longas.

— Mika, espere. — Chamo.

— Hoje será apenas o essencial. Depois, poderá chamar um *Byki* para levá-la às compras para qualquer outra coisa que quiser enquanto eu estiver trabalhando. — Continua,

recusando-se a parar e também não vai em direção aos elevadores, começando a descer as escadas.

Tenho que praticamente correr pelos degraus, perdendo o equilíbrio um par de vezes. Sou grata por ter o corrimão ao lado para agarrar, senão teria caído de bunda no chão.

Quando chegamos no estacionamento, vejo os faróis de um carro piscar e Mika continua o passo acelerado em direção ao veículo preto e sexy. Nem se incomoda em abrir a porta do lado do passageiro para mim; só entra no banco do motorista e liga o motor.

Quando estou finalmente sentada, tento recuperar o fôlego. Exercício não é para mim; nunca foi e nunca será. No entanto, sinto como se tivesse acabado de correr uma milha e sobre meus saltos *Rossi*.

Mika não diz uma palavra. Conduz direto para o GUM e não posso evitar de sentir uma pontada de tristeza quando passamos por marcos familiares. Aqueles pelos quais passei com mamãe na última vez que estive em Moscou. A cidade inteira, até mesmo o cheiro me faz pensar nela.

Estacionamos e me apresso para alcançar Mika novamente. Nem sequer tento agarrar seu braço ou segurá-lo pela mão. Ele não parece estar com disposição para me ter em qualquer lugar perto dele. Eu o aborreci e não posso culpá-lo por estar com raiva de mim. Sempre gostei de coisas

agradáveis e caras. Coisas que sempre estiveram disponíveis para mim. Nunca tive um orçamento a seguir, nunca.

GUM está exatamente como me lembro: as luzes brilhantes e as lojas parecem zombar de mim, toda vez que passamos por uma na qual entrei antes com mamãe. É tudo familiar, com muitas lembranças felizes que agora me assombram. Nunca estarei com ela novamente e neste momento, quando não sei o que o futuro me reserva, sinto que estou assustada demais.

Mika para abruptamente e observo enquanto ele aperta uma campainha do lado de fora de uma joalheria. Olho para cima e vejo que estamos em frente da *Tiffany & Co*. Arregalo os olhos e envolvo a mão em torno da dele e a puxo.

Ele me ignora.

Quando estamos dentro da loja, a vendedora olha para Mika de uma maneira que faz meu sangue ferver. Seus seios se movem com a respiração ofegante e ela o olha através das pálpebras abaixadas. Tem o cabelo preto, longo e brilhante e usa maquiagem pesada. Está impecável e seu top perigosamente baixo, mostrando o que sei que devam ser seios falsos.

Ela diz algo suavemente e não consigo ouvir. Mika começa a falar em russo rápido demais para que eu possa entender. Só entendo cada terceira palavra. Está perguntando sobre algo caro, requintado e exclusivo..

Olha para mim e vejo como ela estreita os olhos antes de dizer algo de volta, afastando-se depois.

— Mika, o que está acontecendo? — Pergunto baixinho.

Novamente, me ignora e isso está realmente começando a me irritar agora. Especialmente desde que fiz uma pergunta direta. A vendedora volta e mostra alguma coisa. Recuso-me a olhar e viro a cabeça para o lado, com um pequeno pisoteio.

Mika continua falando com ela usando uma voz baixa, profunda, sexy e quente. Tenho que morder o interior da bochecha para não fazer algo estúpido. Algo como me enrolar nele e beijá-lo no pescoço, segurando-o junto a mim. Quero que fale em russo comigo quando estiver dentro de mim. As palavras soam tão sexy quando passam por seus lábios.... Nem ligo para o que está dizendo; poderia estar me chamando de cadela que mesmo assim ficaria bem, tamanho é o efeito que causa em mim.

Sem aviso, pega a minha mão e assisto fascinada quando desliza um gigantesco anel de diamante amarelo em forma de lágrima, cercado por diamantes menores em platina no meu dedo. Pega a carteira no bolso de trás, paga, agradece à menina e me puxa atrás dele. Saímos da loja e estou chocada, em silêncio. Isto, até a porta da joalheria fechar atrás de nós.

— Mika, o que é isso? — Pergunto, a voz egoísta me traindo.

— Este é o seu anel de noivado. — Rosna.

— Mas por quê? — Pergunto, olhando nos olhos escuros.

— Queria um anel grande e caro. Agora tem o maior que eles vendiam. Não é o suficiente? — Pergunta, arqueando a sobrancelha.

— Eu não disse que queria um anel grande e caro. — Sussurro.

— Não precisava. A maneira como falou sobre o anel do traidor deixou perfeitamente claro o que queria. Acha que não posso dar isso a você? Pois eu posso. O que mais vai querer? Devemos voltar e obter brincos que combinem? Um colar? — Pergunta ironicamente.

— Oh, vá se foder! — Rosno.

— Roupas? — Pergunta, ignorando completamente o que eu disse.

Eu preciso de roupas. Tudo o que tenho são algumas coisas que alguém jogou no armário. E embora pareçam do tamanho certo, definitivamente não são o meu estilo. Aperto o maxilar com força e inalo profundamente pelo nariz, antes de expirar.

Mika sorri, colocando a palma da mão na parte inferior das minhas costas, gentilmente me empurrando para frente. Passamos o resto da noite fazendo compras até as lojas fecharem. Não sou a única que precisava de roupas. Mika foi a algumas lojas diferentes e pediu ternos. Fizeram as medições.

necessárias e pagou para que fossem entregues amanhã, no período da tarde. Não pediu minha opinião sobre as novas roupas, nem mesmo sobre as camisas ou gravatas. Estava completamente distante.

Eu não existia para ele. E odiei isso.

Sem perguntar o que eu queria para o jantar, nos encaminhou para um pequeno restaurante e pediu comida para viagem. Estou descobrindo que o russo que aprendi não é suficiente. Deveria ter prestado mais atenção. Não entendo porra nenhuma do que todos dizem.



Capítulo Três

Mika

Oksana parece irritada e confusa. Esteve assim durante a noite toda e embora eu devesse me importar, não o faço. Ela me irritou também quando pareceu tão preocupada com os diamantes de outro homem e fez birra sobre eles, querendo encontrar uma maneira de continuar os usando, mesmo que não fosse no dedo. Tentando encontrar uma maneira de manter a bugiganga.

Caralho!

— Mika. — Chama suavemente.

Nós consumimos o jantar em um restaurante próximo ao nosso prédio em silêncio, embora ela mal tenha tocado na comida. Agora, estamos de volta ao apartamento temporário, de pé no *foyer* e a viagem de volta também foi feita em silêncio. Sei que deveria tentar conversar, mas não sei o que dizer a ela.

Quero exigir que volte a ser aquela mulher que tive antes que se casasse com Gavril, que olhou para mim como se eu

fosse o único homem na terra. Agora, parece que não é nada além da *printsessa* mimada de Pasha Vetrov. E não tenho certeza se posso entregar o que ela espera de mim.

Tudo está girando na minha cabeça e me pergunto em que diabos me meti. Estamos acordados por várias horas seguidas e precisamos de uma boa noite de sono. Resmungo sem dizer nada, esperando que ela continue.

— Sinto muito, Mika. — Sussurra. A voz é alta apenas o suficiente para possa ouvi-la, mas ainda assim, é um sussurro.

Ando para longe dela e vou em direção ao quarto. Não sei como responder; não me dou bem com desculpas, dando ou recebendo. Retiro o paletó e o jogo em um banco que está no final da cama. A camisa e camiseta são as próximas a sair, enquanto tiro os sapatos.

— Mika, por que não quer conversar comigo? — Pergunta atrás de mim.

Desabotoo a calça e a empurro para baixo dos quadris e pernas, antes de me virar para encará-la. Vejo lágrimas descendo, o rosto livre de maquiagem ficando vermelho enquanto chora. Fecho a distância entre nós, envolvendo a mão ao redor do pescoço dela, enquanto uso o polegar para limpar um pouco da umidade na maçã da bochecha.

— Vamos dormir um pouco. — Digo.

— Por favor, fale comigo. — Implora.

— Conheço a vida à qual estava acostumada. Tentarei mantê-la da mesma maneira e dar tudo o que quiser. — Murmuro, dando um leve aperto no pescoço fino.

Oksana

— Por que assume que só quero coisas? — Pergunto, enquanto meus olhos procuraram os dele.

Bufa e isso me irrita, mas tento manter meu temperamento à distância. A última coisa que quero é começar uma briga enorme com ele, não quando ainda não sei por que não está falando comigo. Quero chegar ao fundo disso primeiro. Depois iremos discutir. Talvez.

— Não assumo isso. Tenho certeza e já falei o porquê, Oksana. — Diz.

— Mas não é verdade. O que quer que tenha decidido sobre mim, simplesmente não é verdade. — Murmuro.

— Não é? — Pergunta, incrédulo.

— Ok, talvez tenha sido assim antes. Gosto de coisas bonitas e sempre as tive. Não pedirei desculpas por isso. Mas honestamente Mika, o objetivo que tenho na vida não é obter

“coisas”. Não mais! — Admito, afundando os dentes no lábio inferior.

— Veremos. — Duvida.

Fecho os olhos enquanto sinto a derrota me percorrer. Ele nunca acreditará que não sou uma cadela materialista. E não sei como fazê-lo ver o contrário.

— Não posso acreditar que me trouxe até aqui apenas para ser um idiota comigo. Deveria ter me deixado lá. — Digo, tentando dar um passo para longe dele, que não deixa no entanto. Agarra-me pelo quadril com uma mão e com a outra, me aperta o pescoço.

— Quer outra pessoa? Seu pai apenas a entregaria para outro. Não quer que a proteja ou que lute por você? — Pergunta.

— Neste momento? — Arqueio a sobrancelha e vejo como fica vermelho de raiva.

Sem dizer uma palavra, inclina-se e envolve ambas as mãos atrás das minhas coxas, pegando-me do chão com facilidade. Leva-me diretamente para a cama e me deita com cuidado nela. Abro a boca para dizer algo, mas ele balança a cabeça.

— Você abre essa boca para fazer outra coisa que não seja chupar o meu pau ou gritar meu nome e eu baterei na sua

bunda com tanta força que não será capaz de sentar por uma semana. — Rosna.

Fecho a boca enquanto arregalo os olhos. Este não é o Mika com quem estive na cama antes. É alguém completamente diferente e não consigo controlar a emoção que sinto descer pela espinha.

Mika me vira e puxa os quadris para trás. Fico com os pés pendurados fora da cama enquanto agarro os lençóis embaixo de mim. Empurra meu suéter para cima, assim como arranca as leggings que uso. Sem aviso, empurra dois dedos dentro de mim e jogo a cabeça para trás, meu cabelo voando pelo ar enquanto gemo indo de encontro aos dedos firmes.

Espalma minha bunda com um tapa sólido, mas que não dói e esfrega a área em seguida. Não posso segurar o gemido quando curva os dedos dentro de mim. Quero mais, muito mais, por isso arqueio as costas e me empurro contra ele.

Mas não me dá mais, no entanto. Agarra-me pelo quadril e aperta os dedos, dizendo:

— Pegue o que recebe, o que eu permito. — Rosna. — Não tem permissão para exigir mais, não nesta cama.

Eu derrubo a cabeça e aperto os olhos, enquanto ele continua a me foder com os dedos, recusando-se a tocar no clitóris e a me levar ao clímax.

— *Zhopa.* — Rosno.

— Sou um idiota? — Ri. — Seja uma boa menina agora, Sana. — Sussurra contra meu ouvido.

— Oksana. — Ofego. — Gosto quando me chama de Oksana.

— Ok, *lapochka*. Eu a chamarei de Oksana. — Murmura, enquanto acaricia ao redor do quadril e sinto dois dedos me tocando no clitóris.

— Oh, Deus! — Respiro fundo quando o orgasmo se aproxima. Um golpe e estou acabada. Sinto as coxas tremerem e embora não grite, soluço alto quando o clímax me deixa completamente sem palavras e desossada.

Mika me agarra pelos quadris e bate dentro de mim, acalmando-se quando está totalmente encaixado, liberando um longo gemido. Não espera que me ajuste ao seu tamanho, como fez nas outras vezes em que estivemos juntos.

Isto não é fazer amor ou remotamente doce. Isto é foda bruta. Emaranha os dedos de uma mão nos meus cabelos, puxando a minha cabeça para trás, enquanto com a outra aperta meu quadril e bate dentro de mim rudemente.

Meu corpo, que estava desossado, vibra novamente com desejo e excitação. Começo a empurrar para trás contra sua pélvis para encontrar os golpes duros. Ouço-o amaldiçoar atrás de mim, enquanto puxa com mais força ainda meu cabelo. Levanto da cama, as costas agora pressionadas contra o peito dele e sua boca no meu pescoço.

— Você pode ser a porra de uma *suka!* [3] — Sussurra contra mim. — Mas maldição, Oksana, você é uma delícia. — Diz.

Leva um segundo para que registre as palavras que ele disse. Viro a cabeça ligeiramente, enquanto tento me afastar. Envolve o braço por baixo das minhas costelas e meus seios descansam em seu antebraço. Não para de mover os quadris, não importa o quanto tente escapar.

— Não fique com raiva se a insultei. — Murmura.

Caso fechasse os olhos, acharia a voz sexy e calmante. Mas as palavras que disse me irritaram demais para isso. Resisto contra ele, que geme ao invés de me liberar.

— Lute comigo, *lapochka.* Mostre-me o seu fogo. — Sorri, movendo a mão do quadril para o clitóris.

Quando chega até ele, dá um tapa. Suspiro, antes de começar a tremer. Faz isso de novo e abandono completamente a luta, excitada demais até mesmo para fingir lutar contra ele durante mais um segundo.

Estou tão perto... A segundos de outro orgasmo. Choramingo, ciente da carência que demonstro, mas não dou a mínima. É exatamente como me sinto agora.

[3] Cadela.

— Goze em cima de mim. — Diz, afundando os dentes no meu pescoço, enquanto puxa um mamilo. Com a outra mão, bate na minha boceta novamente.

— Mika. — Grito quando começo a vibrar e gozo duramente, tão forte que vejo estrelas.

— Caralho! — Rosna enquanto sinto seu pau contorcendo-se dentro de mim.

Ficamos durante um tempo paralisados, ele ainda dentro de mim e minhas costas contra seu peito. Suas mãos me enjaulam, uma agarrando um seios e a outra, minha boceta.

— Não posso acreditar que me chamou de cadela. — Sussurro.

Mika sai gentilmente de dentro mim antes de me soltar, deitando-me de lado.

— Por quê? Ninguém nunca chamou a *Printsessa* de cadela antes? — Pergunta rindo.

— Está sendo uma pessoa ruim de propósito. Isso não é agradável, Mika. — Digo baixinho, abaixando os olhos.

Mika não diz nada. Vira e entra no banheiro, batendo a porta atrás de si.

Arranco o suéter feio e as leggings, antes de procurar a bolsa com as lingeries novas que comprei e pego uma camisola fofa que me abraça dos seios até as coxas. É feita de seda pura,

elástica e me serve como uma luva, absolutamente deliciosa ao toque. Pena que Mika não terá a chance de tocá-la. Dormirei no sofá.

Pego um travesseiro da cama e estou saindo do quarto quando ele abre a porta do banheiro. Não me incomodo em olhar para o rosto lindo. Em vez disso, começo a sair, acrescentando movimentos extras aos quadris para que possa ter uma boa visão do que não terá mais enquanto saio para fora do quarto.

Infelizmente, não vou muito longe. O braço forte envolve a minha cintura e me puxa de volta contra o peito largo. Luto e acabo largando o travesseiro. Mika me vira e agarra pelos pulsos, me prendendo.

— Acalme-se, porra! — Rosna.

— *Idi Nahuey*! — Grito, dizendo para que vá se foder.

— Jamais tente dormir em qualquer lugar que não seja a minha cama de novo. Não gostará das consequências. — Avisa, antes de me agarrar e levar para a cama. Solta-me antes de caminhar para o seu lado. Observo enquanto ele rasteja, senta e me puxa através da cama para o lado dele.

— Isso é uma ameaça? — Pergunto, estreitando os olhos para a parede vazia.

— Eu não ameaço. — Diz, acariciando suavemente a coxa, antes de colocar a mão sob a camisola macia deixando-a sobre a minha barriga.

Não respondo, principalmente porque estou com medo. Eu não sei que tipo de ameaça ele fez, mas também tenho certeza que não quero saber.

— Você é minha, Oksana. Talvez não goste disso agora e de como isso parece ser. Mas é minha. Cabe a você escolher como quer que isso aconteça. Quer lutar comigo e ser uma cadela, tudo bem. Foderemos asperamente todas as noites e jogaremos nossa raiva e frustrações um para o outro. Estou bem com isso. — Diz, a voz suave e gentil enquanto lentamente mergulha os dedos abaixo da cintura da calcinha. — Mas se quiser ser uma boa esposa, uma esposa doce, então eu darei a doçura que merece na cama, juntamente com o áspero que obviamente deseja.

Respiro irregularmente quando gira o dedo suavemente ao redor do clitóris, provocando, de leve. Retira a calcinha, antes de retornar e continuar me acariciando.

— Não importa o quê ou como, será a minha mulher Oksana. Será a mãe dos meus filhos e não há como sair disso. Cabe a você escolher que tipo de vida quer construir comigo. — Sussurra, os lábios roçando-me o pescoço, enquanto continua a brincar suavemente comigo. Isso é exatamente o que está fazendo: brincando, acariciando suavemente e

delicadamente, alimentando o fogo que arde dentro de mim. — Que tipo de vida quer ter *lapochka?*

— Uma vida feliz. — Suspiro, abrindo as pernas. Levanto uma e a descanso sobre a coxa atrás de mim.

— Como acha que uma vida feliz deve ser?

— Você e eu juntos. Felizes, sorrindo, nos beijando e nos abraçando sempre. — Admito, sonhadoramente.

— Parece uma vida boa. — Murmura, colocando dois dedos dentro de mim enquanto a palma da mão repousa contra o clitóris. Não consigo impedir que os quadris se movam, querendo mais dele e de seu toque.

— Coisas? — Pergunta.

— Não me importo, Mika. Eu só quero você. — Admito descaradamente.

— Vamos ver. — Diz, enquanto retira os dedos e os substitui por seu pau.

Não falamos. Gentilmente acaricia meu clitóris, enquanto desliza o pênis lentamente dentro e fora de mim, me beijando o pescoço. De vez em quando, a língua serpenteia para fora e me prova.

Gozo, respirando irregularmente e ele me segue logo depois, com um longo gemido.

Não sai de dentro de mim e pressionada contra ele, com seus braços me envolvendo, adormecemos.



Capítulo Quatro

Mika

Eu a seguro, meu pau dentro dela até que amolece ao ponto de escorregar e sair do calor morno. Sinto-me um idiota pela maneira como a tratei, mas deixei que as mulheres andassem por cima de mim e que fosse conduzido pelo meu pau por muito tempo. Não irei permitir que Oksana faça isso. Ela é forte. Uma das razões pelas quais me senti imediatamente atraído por ela foi por sua força. Mas isso não significa que tenha pleno domínio para fazer e dizer o que quiser.

Vi a maneira como sua expressão muda quando não acha que estão olhando. Não consigo tirar os olhos dela quando estamos no mesmo recinto e posso dizer que tem uma vulnerabilidade que ninguém mais vê. Ela tenta esconder o que sente do resto do mundo e faz isso agindo como uma cadela.

Oksana sabe seu valor, o lugar que ocupa e sabe exatamente como jogar com um homem para conseguir o que deseja. Definitivamente não é uma pomba inocente e

quebrada. No entanto, há algo lá no fundo... Algo que mantém guardado, escondido e que se esforça para proteger.

Quero descobrir o que é, ser o único a protegê-la, alimentá-la e vê-la florescer. Mas primeiro, preciso passar pela cadela. E não posso negar que meio que gosto da cadela que há nela. É divertido vê-la irritada, faiscando de raiva.

— Mika... — Suspira. Inclino a cabeça, esperando ver os olhos abertos, mas ela está dormindo.

Eu a seguro um pouco mais apertado quando meu telefone começa a zumbir no criado-mudo. Relutantemente, saio da cama e agarro o telefone no caminho. Saio para a sala de estar nu, sabendo que logo após esta conversa voltarei para minha Oksana.

— *Rybin.* — Ladro meu último nome para o telefone.

— Como está minha irmã? — Pergunta Timofei.

— Dormindo. — Digo, dando de ombros.

— Mika! — Estala.

— Ela está bem. Sergei nos colocou em um apartamento. Eu a levei às compras hoje e amanhã terá o próprio *Byki*. — Digo.

— Onde você estará amanhã? — Pergunta em tom acusador.

— Irei trabalhar. Tenho dinheiro, mas sua irmã requer alta manutenção. — Resmungo.

— Seus homens ainda estão trazendo os lucros. São na verdade, a equipe com maior ganho. Irei mantê-los na linha até que possa voltar. — Rosna.

— Está bem. Mas não ficarei sentado sobre a minha bunda todos os dias. — Aviso.

— Porra, tudo bem! Mas mantenha-me atualizado. — Diz, terminando a chamada.

— Eu exijo manutenção? — A voz ferida de Oksana pergunta do outro lado da sala.

Giro ao redor e vejo que está extremamente magoada, o lábio inferior tremendo antes que se afaste. Só então percebo que está vestindo a camisa que descartei no início da noite. Mas não vou atrás dela, embora eu provavelmente devesse.

Ir atrás daria a ela a mão superior. Irei, mas só quando estiver pronto. Não queria ferir seus sentimentos, mas o que disse é verdade: Oksana requer manutenção. E isso não é necessariamente uma coisa ruim; foi criada assim. Somente não serei alguém que alimentará essa mentalidade *Printsessa.* Ela será minha esposa e não estará acima de mim de forma alguma.

Vou até a geladeira e encontro uma cerveja. Por sorte, Sergei me conhece e providenciou a minha marca favorita para

abastecer a geladeira. Bato a borda da garrafa contra o balcão para abri-la, sem ter que procurar por um abridor de garrafas. Inclino a cabeça, termino a garrafa inteira em dois grandes goles e só então volto para a cama.

Oksana está enrolada em uma bola, tão longe quanto possível. Deixo o telefone cair na mesa de cabeceira com um barulho e vejo como se contrai. Além disso, não fala ou mostra quaisquer outros sinais de vida. Quase rio, mas não faço isso. Sei que está chateada. Rastejo entre os lençóis e a puxo contra mim, as costas colidindo contra meu peito.

— Você precisa de manutenção, Oksana. — Murmuro e a sinto endurecer. — Mas o que eu não disse ao seu irmão foi que quero ser o tipo de homem que pode fornecer à irmã dele qualquer capricho. Se quiser uma mansão, você a terá. Se quiser diamantes de todas as formas e tamanhos, eles serão seus. E se quiser se banhar em ouro, terá isso também, *lapochka.*

— Não quero me banhar em ouro. — Diz e sei que provavelmente está rolando os olhos para mim.

— Não dou a mínima para o que você quer. Mas seja o que for, quero ser capaz de fornecer a você. — Admito.

— São apenas coisas, Mika. — Sussurra.

— Sempre teve coisas agradáveis, *lapochka.* Não pode entender como é não ter nada. E nunca saberá também; não, enquanto eu puder evitar.

— O que você não teve, Mika? — Pergunta, rolando por entre meus braços, os olhos procurando os meus.

Sei que ela não pode me ver direito no escuro, mas o luar emite um certo brilho que permite que me veja o suficiente. Balanço a cabeça ligeiramente, fecho os olhos e me recuso a olhar para ela.

— Diga-me, Mika. — Implora.

Fecho os olhos e penso em Mila, em meus pais e me pergunto se deveria falar sobre isso com Oksana. Será que ela precisa saber sobre a minha infância? Sobre o quão incrivelmente triste foi? Uma imagem de Mila quando criança aparece em minha mente e é como uma facada no coração. Lembro de como me sentia ao estar na Rússia, criança ainda e sobre a maneira como meu mundo veio abaixo com apenas um telefonema.

— Quando fiz treze anos, tudo na minha vida mudou. Já estava morando aqui na Rússia, estudando e treinando com Tomas, meu mentor, quando meus pais foram assassinados e minha irmã foi levada e vendida com dez anos. E descobri a partir de um telefonema. Fiquei órfão aos treze anos, mas pelo menos tinha a Bratva, certo? Por isso, treinei, trabalhei e jurei que iria ascender as fileiras e que iria resgatar minha irmã. Iria encontrá-la e salvá-la.

— O que aconteceu? — Oksana pergunta, a voz tremendo.

— Quando vínhamos para cá, Sergei me informou que depois de vinte anos, descobriu o que aconteceu. Ela morreu doente. Trabalhou em um bordel durante anos e deu à luz a quatro filhos, todos nascidos com a doença. Viveram em orfanatos, porque ainda era obrigada a vender o corpo. Doente ou saudável, não importava. Está morta, cremada e suas cinzas provavelmente estão misturadas com as uma centena de outras prostitutas. Então veja Oksana, nunca tive nada além da Bratva. A única coisa que aprendi é que precisava trabalhar e ascender fileiras desde que tinha treze anos. É tudo o que sei. — Confesso, tensionando o queixo.

— Mika. — Diz, a respiração falhando. Abraça-me e segura contra si, enquanto acaricia meu pescoço com o rosto. — Você tem a mim agora. Você tem a mim.

— Eu não contei isso para fazê-la sentir pena. — Digo, sentindo-me desconfortável com a declaração.

— Você me tem, Mika. — Sussurra, levantando o rosto e gentilmente roçando os lábios nos meus.

— Mikhail. — Murmuro.

— O quê?

— Meu nome.... É Mikhail. — Ressoo.

— Mikhail. — Repete baixinho.

— Porra! Diga de novo.

— Mikhail. — Diz, com a voz um pouco mais rouca.

— Somente me chame assim agora. — Exijo.

— Sou Oksana e você é meu Mikhail. — Diz sorrindo.

— Sim.

— Parou de ser ruim comigo agora? — Pergunta, arqueando a sobrancelha com um sorriso nos lábios.

— Quieta. — Rosno.

Quando ela joga a cabeça para trás e ri, sei que é a visão mais linda que já vi em toda a minha maldita vida. Assisto com ávido fascínio. E com um sorriso ainda nos lábios, abaixa a cabeça e me olha profundamente.

— Teremos uma bela vida, você e eu. — Anuncia. — Desde que sempre falemos sobre o que nos incomoda um no outro.

Não falo nada. Estou fascinado demais pelos olhos, pela admissão sobre a bela vida que teremos e pela maneira que sorri para mim. Como se aqui fosse exatamente onde ela sempre quis estar.

— Você é minha, Oksana. — Reitero.

— Sim, Mikhail. Eu sou sua. — Sussurra.

— Case-se comigo. — Declaro. Não é uma pergunta, ela não tem escolha.

— Claro. — Concorda. — Quantos anos você tem?

Pressiono os lábios contra os dela em um beijo duro, de boca fechada.

— Isso importa? Será a minha esposa, irá carregar meus filhos e sempre estará comigo, não importa o que aconteça? — Pergunto.

— Diga-me! Acho que devo saber quantos anos o homem com quem estou prestes a casar tem. — Murmura.

— Vinte e nove, *lapochka.*

Cantarola enquanto me beija.

— Estarei ao seu lado, Mikhail. Sempre.

Não digo que irei prendê-la à essa promessa. Oksana é minha noiva e minha mulher.... É minha!

Oksana

Rolo e percebo que o outro lado da cama está vazio. Com uma careta, deslizo por entre os lençóis, caminho até o

banheiro, faço o que preciso e em seguida, vou em busca de Mika. Ou Mikhail, como descobri ontem à noite.

Aprendi muito sobre ele em apenas algumas frases devastadoramente tristes. Penso em sua pobre irmãzinha, roubada em tão tenra idade e basicamente torturada até à morte.

Congelo quando o vejo de costas. Está sem camisa e a cueca boxer abraça sua bunda e coxas perfeitamente. Mas é a tinta que cobre seu corpo que me deixa sem palavras. Sabia que ele era tatuado, todos os homens da Bratva são, mas não sabia que era completamente coberto.

Nunca vi as costas dele antes. Na frente, ele tem a Catedral de São Basílio no peito; as cúpulas têm algum significado, mas não sei qual é. Como mulher, nunca fiquei a par dos significados das tatuagens azuis, mas sei que cada punção da agulha significa algo.

— Quanto tempo mais você precisa olhar? Fiz café. — Diz quando vira a cabeça para o lado e sorri.

— Não percebi quanta tinta você tinha. — Dou de ombros, indo em sua direção.

Automaticamente me puxa contra si, enquanto me beija a cabeça e em seguida, a boca.

— Fiz algumas merdas. — Diz, encolhendo os ombros.

— Como o quê? — Pergunto enquanto pego o café.

— Merdas. Nada para se preocupar, *lapochka*. — Murmura.

— Vai me dizer o que todas elas significam um dia? — Pergunto, trazendo a caneca para os lábios.

— Nyet.[4] Não vou. — Diz ele secamente e isso me assusta.

— Por que não? — Pergunto, olhando para ele.

Mika recua e coloca uma mão no quadril e a outra no balcão. Então, levanta a cabeça e os olhos azuis escuros encontram os meus.

— Não gosto de lembrar das coisas que tive que fazer nesta vida. De maneira alguma sobrecarregaria ou escureceria seu espírito, contando tudo a você. Elas são imutáveis, aconteceram e não há nada que eu possa fazer para mudar o que fiz. Não há motivo para discutir sobre isso ou revivê-las.

— Ok. — Sussurro, sentindo-me de repente uma cadela.

— Venha cá. — Exige gentilmente.

Vou, lentamente. Quando estou perto o suficiente, pega meu café, coloca-o no balcão e em seguida me abraça e beija suavemente.

— Desculpe por ter perguntado. — Sussurro.

[4] Não.

— Nunca se desculpe por perguntar qualquer coisa. Se puder responder, farei isso. Caso não possa, explicarei a você que não posso e porque não posso, como acabei de fazer. Ainda estamos aprendendo um sobre o outro, Oksana. Essas coisas levam tempo. — Murmura antes de me beijar novamente.

— Irá sair hoje?

— Sim. Mas Sergei enviará um homem de confiança para ser seu guarda durante o dia. Quer fazer algumas compras e talvez encontrar um SPA para relaxar? — Pergunta, sorrindo para mim.

— E se não quiser fazer essas coisas? — Pergunto.

— Fará o quê então? — Pergunta, parecendo genuinamente confuso. Percebo que é exatamente o que ele pensa que faço o dia todo. Embora não esteja completamente errado na avaliação, não acho que sou assim tão preguiçosa.

— Eu não sei. Talvez ligue para Raisa para ver se quer sair um pouco. — Digo, dando de ombros.

Mika começa a tremer e em seguida gargalha antes de olhar para mim. A risada finalmente morre, mas um sorriso ainda permanece em seus lábios.

— Por quê isso? — Pergunto.

— Raisa é uma escrava, *lapochka.* — Afirma.

— E?

— Isso significa que não é como uma mulher normal. Não haverá conversas de menina com ela, nem compras e cafés. Não é o propósito e nem o lugar dela. Notou que sequer olhou para cima, nem uma vez durante o voo inteiro de Nova York até aqui? Também não estava presente em seu casamento. Ficou no hotel, à espera de Sergei. Toda a sua existência se resume a esperar e agradar a Sergei. — Explica.

— Isso é loucura! — Exclamo.

— Pode ser que seja para você. Mas essa é a vida dela. — Diz. — Assim como foi a vida de Ashley com Yakov durante muito tempo. — Explica e observo quando algo escuro passa por suas feições.

— Hummm...

— Compre o resto do seu guarda-roupa e relaxe em algum SPA. Aproveite o dia. Iremos jantar hoje à noite. — Diz, me apertando nos braços.

— Sim, tudo bem. — Sussurro, desapontada.

— Ei. — Fala baixinho, colocando os dedos debaixo do meu queixo. Levanta a minha cabeça e me faz olhar para ele. — Você está bem?

Observo o olhar preocupado, a testa franzida e a boca apertada enquanto examina meu rosto, procurando por algo. Decido usar o sorriso falso que uso desde o dia em que mamãe

foi tirada de mim e vejo que arqueia uma sobrancelha, mas relaxa fisicamente.

— Tem um celular lá no balcão. Foi entregue esta manhã. Está com o meu número programado, assim como o de Sergei e do *Byki* programados.

— Ok. — Aceno.

Batem na porta e Mika rapidamente me deixa para ir atender. Eu o ouço falar, mas é muito rápido e não consigo entender nada. Poucos minutos depois, entra com um homem gigantesco atrás dele. É enorme como o *Hulk*, exceto que não é verde. Arregalo os olhos quando inclino o pescoço para trás para poder olhar para ele.

— Este é seu *Byki* e o nome dele é Ustin. Ele fala um pouco de Inglês, mas você precisa melhorar o seu russo. — Mika ri. — Tenha um bom dia, sim?

Concordo e prendo a respiração quando se inclina e roça os lábios nos meus. Vai para o quarto e presumo que seja para se vestir. Olho para Ustin por um instante antes de virar para o meu café.

— Estarei pronta em uma hora. — Digo lentamente em Inglês. Estou honestamente meio assustada com ele e meu russo é horrível.

Mika retorna alguns minutos mais tarde completamente vestido, justamente quando estou terminando de beber o café.

Aperta os lábios ao lado da minha cabeça antes de sair pela porta sem dizer uma palavra para mim ou Ustin. Eu o vejo indo embora e aprecio a vista, pensando em tudo o que aprendi sobre a infância que teve. É tão triste que sinto o coração doer.

— Ok. É melhor que vá me arrumar. — Murmuro.

Ustin não fala; apenas resmunga e levanta o queixo. Pego o novo telefone e corro para o quarto, me trancando por dentro. Levo uns bons quarenta e cinco minutos para me vestir, mas corri por uma única razão: fazer uma ligação.

Tenho certeza de que não deveria ligar para ninguém em casa, mas não me importo. Ligo para a minha melhor amiga, Aleksandra. A considero assim desde o dia que nascemos. É filha do *Sovietnik* do meu pai e está casada há quatro anos. Diz que adora o marido, mas não acho que ele sente o mesmo. Ela era a matrona de honra no meu casamento e o olhar em seu rosto quando Mika me levou.... Preciso ligar e dizer que estou bem.



Capítulo Cinco

Oksana

— Oh Deus! Por favor, diga-me que é você, Sana. — Diz em voz alta.

— Sou eu. — Respondo rindo.

— Estava tão preocupada.... Seu pai parecia um maníaco completo. Ele está preocupado, mas está mais chateado do que qualquer outra coisa. — Divaga. — Onde está?

Queria poder dizer a ela. Realmente queria, mas Aleks é uma boca aberta. Imediatamente contaria ao pai dela ou à mãe, que contará ao pai dela e depois ao meu pai. Ou dirá ao marido, que com certeza gostaria de ser quem contaria a papai em um piscar de olhos.

Seu marido é um *Kryshas*, um executor e adoraria me entregar. Ele realmente me apavora e não sei como está casada com aquele homem.

— Não posso dizer, mas estou segura. Realmente segura. — Digo, pensando sobre Ustin no outro quarto.

— Está com Mika? — Pergunta.

— Sim.

Embora os últimos dois dias não tenham sido perfeitos, Mika é o que sempre quis. "Quem" eu sempre quis. Não posso negar a atração que existe entre nós. É cauteloso e tem alguns problemas sérios, mas é a pessoa que quero. E é meu para sempre. Mika pode ser doce, vi alguns vislumbres disso durante o pouco tempo em que conhecemos um ao outro. Hoje, antes de sair para o trabalho, estava mais suave. E é esse lado doce, gentil e suave o que eu quero ter durante todo o nosso relacionamento. Foi o que me atraiu nele em primeiro lugar.

— É bom? — Pergunta em voz baixa.

— Eu disse a você que era para sempre. — Rio.

— Sim. Mas isso foi quando ele estava tentando conquistá-la. Como é agora? — Insiste.

Praticamente posso ver os olhos escuros dançando de alegria e o sorriso bobo que está definitivamente ostentando. Sinto muita falta dela.

— Ele é rude. — Admito. — Mas eu gosto.

— Oh, ele morde? Eu amo isso. — Diz, antes de rir.

— Aleks! — Digo, com choque fingido.

— Oh, cale a boca! — Ri. — Sério, fique aí até a merda passar por aqui. Não é só seu pai que está seriamente chateado com o que aconteceu; todo mundo está no bloqueio. Já transferiram as esposas para casas seguras. Não tenho permissão para sair a menos que tenha um guarda. E sabe que não sou ninguém. — Informa.

— Esteja segura, por favor. — Sussurro.

— Este é o seu número? — Pergunta.

— Sim, do celular.

— Não contarei a ninguém que me ligou. — Murmura.

— Obrigada. Timofei sabe onde estou e está lidando com papai. — Admito.

— Esteja segura. — Sussurra e então dizemos adeus.

Eu me sinto um pouco melhor depois de falar com Aleks. Vou até a minha nova minicoleção de sapatos e decido renunciar ao Rossi, pegando um novo par de Jimmy Choo no lugar. Olho para mim mesma no espelho uma última vez, antes de sair atrás de Ustin.

Uso jeans de cintura alta, apertado, escuro, de corte no tornozelo e uma blusa de renda rosa claro que combina com o blazer branco, de mangas três quartos. Os sapatos são da cor fúcsia e vêm até o tornozelo com dezenas de recortes que fazem parecer que há toneladas de tiras finas segurando-os nos meus pés. É um *peep toe* e mostra as lindas unhas do pé que foram

feitas para o casamento. Os saltos são pelo menos doze centímetros, de camurça.

Agarrando a pequena bolsa Alexander McQueen da cama, vou para a sala de estar, alisando o cabelo comprido enquanto ando.

— Estou pronta. — Digo a Ustin.

Ele levanta-se e caminha até mim, o queixo mergulhando para baixo e os olhos colidindo com os meus.

— Você é problema! — Diz. Coloca a mão vagamente, mas com firmeza ao redor do meu braço e me puxa para perto, enquanto caminha em direção à porta.

Estou muito chocada com o que disse e como está agindo para protestar. Ele me arrasta para o elevador e silenciosamente descemos para a garagem, a mão nunca deixando meu braço. Em seguida, praticamente me empurra para dentro do carro antes de se instalar atrás do volante e acelerar pelo caminho.

— Fez compras? — Pergunta.

— GUM. — Respondo. Ele balança a cabeça, mas não olha para mim.

— Minha mulher gosta de fazer compras. — Anuncia.

Arregalo os olhos, tentando descobrir que tipo de mulher se casaria com Ustin e apenas aceno, vendo quando pega o

telefone e aperta alguns botões. O resto do passeio de carro é feito em silêncio e aproveito para admirar a cidade enquanto passamos por ela. Está ocupada, cheia de pessoas indo e vindo. São pessoas que têm um propósito, coisas para fazer. E eu? Estou fazendo compras.

Suspiro, desejando que pudesse ser mais e fazer mais... Não percebo que o carro parou até que um homem abre a porta e o manobrista me ajuda sair do carro. Agradeço e corro para o lado de Ustin.

— Ela estará aqui em cinco. — Anuncia e sinto a tristeza tomando conta. Aparentemente, garantiu uma companheira de compras para mim.

Ele me guia até um pequeno café e traz um *macchiato* de caramelo, colocando outro ao lado do meu antes de tomar um gole do que suponho ser um simples café preto. Ustin parece ser o tipo de homem que bebe café preto juntamente com uma dúzia de ovos crus todas as manhãs.

— Ustin. — Uma voz suave diz. Viro-me e vejo uma pequena mulher loira correndo em nossa direção.

Olho novamente para Ustin e depois para a mulher e não posso deixar de ficar de boca aberta. Ela deve ter um metro e cinquenta, se tanto e cerca de quarenta e cinco quilos. Não sei como não a quebrou em um milhão de pedaços.

— Olá, sou Leonie. — Apresenta-se e o inglês dela é realmente fantástico.

Levanto e estendo a mão, me apresentando a ela, que sorri brilhantemente antes de passar por mim e colocar a mão no peito de Ustin, que inclina-se e a beija gentilmente nos lábios.

Talvez seja um gigante gentil.

— Não conheço ninguém e Ustin disse que você também era nova aqui. Ele odeia fazer compras, mas sabe que eu gosto. — Diz sorrindo, enquanto se enrola ao lado dele.

Ele murmura como resposta e desce a mão para baixo dos ombros até a cintura, dando-lhe um aperto. Leonie se solta e caminha até mim, ligando o braço no meu depois de pegar seu café na mesa.

— Teremos diversão! — Diz, sorrindo brilhantemente para mim.

— Você é de onde? — Pergunto, enquanto caminhamos para o centro comercial, que está cheio.

— Suíça. Ustin me salvou. — Conta ao entrarmos na loja *Agent Provocateur*. Ustin fica do lado de fora, apenas vigiando.

— Salvou? — Pergunto em confusão.

— Meu marido era abusivo e estava com problemas com a Bratva. — Sussurra. — Ustin foi enviado para cuidar dele e quando me viu, percebeu o rosto preto e azulado. E foi isso. Nino era uma memória e Ustin, meu futuro. — Diz com um sorriso.

— Uau! — Suspiro, surpresa.

Esta mulher parece feliz, tão incrivelmente feliz e borbulhante... É tão pequena que não consigo imaginar um homem levantando a mão para ela. Passamos o resto do dia falando sobre assuntos mais leves, como calcinhas sexys, roupas, sapatos e bolsas. Até o final do dia, Ustin ainda parece assustador, mas quando olha para Leonie, posso ver a adoração absoluta que sente pela mulher.

É algo lindo de assistir.

— Gostaria de sairmos para almoçar amanhã? — Pergunto à Leonie enquanto saímos do centro do GUM.

— Eu não posso. — Diz, fazendo beicinho. — Estarei trabalhando.

— Onde trabalha?

— Sou voluntária em um orfanato. — Responde.

— Verdade? — Pergunto.

— Você pode vir comigo se quiser. As crianças são divertidas e doces. Oh, e os bebês... — Sussurra com lágrimas nos olhos. — Às vezes, apenas passo o dia todo os segurando. Não é justo! E eles precisam de amor.

Imediatamente as imagens dos sobrinhos e sobrinhas sem rosto de Mika piscam na minha mente. As vidas inocentes que foram empurradas para orfanatos, porque nasceram com

uma doença incurável. Antes que perceba, estou balançando a cabeça.

— Sim, eu adoraria ir. — Digo, minha voz suave e macia.

— Ustin, tudo bem? — Leonie pergunta, virando-se para o seu homem.

— Sim. — Concorda.

— Vejo você em casa. — Murmura. Ele balança a cabeça com um sorriso ao vê-la caminhar até seu carro.

— Leonie é um doce. — Anuncio alguns momentos mais tarde, quando estamos no carro em direção ao meu apartamento.

— Sim, ela é. — Resmunga, concordando. Com um sorriso, me viro para olhar para fora da janela.

O resto do passeio de carro é silencioso, mas não desconfortável. Ustin obviamente não é um tipo conversador, mas tudo bem. Acho que estive tão tensa nos últimos meses que o silêncio completo é agradável.

Quando estamos de volta ao apartamento, decido guardar todas as roupas e me preparar para o jantar, já que Mika avisou que sairíamos.

Fico me perguntando o que ele fez durante o dia todo e me preocupo se encontrará um lugar para si ou algo de que goste para fazer. Nunca mais quero voltar para os Estados

Unidos. Amo a Rússia, minha casa e não desejo deixá-la e voltar.

Mika

— Ele não está feliz. — Sergei anuncia, quando entro em seu escritório.

— Pasha? — Pergunto, levantando a sobrancelha.

— Sim, Pasha. Quem mais, diabos? — Ri.

Dou de ombros. Não achei que Pasha estaria feliz. Eu roubei a filha dele no dia do seu casamento, enquanto seu filho matava o marido dela. Depois, ele descobriu que o pedaço de merda do marido morto era um traidor.

Gostaria de saber por que Gavril traiu a Bratva para o Cartel.

Existem apenas duas razões pelas quais ele faria o que fez: um, estava recebendo propina do cartel ou algum tipo de recompensa; ou dois: quis vingar a morte do irmão. Honestamente, acho que provavelmente foi uma mistura em partes iguais de ambos.

— Não a levarei de volta até que eu saiba que ele tem a situação sob controle. — Afirmo.

— Concordo. Estão sob a minha proteção aqui, os dois. Não gosto do fato de que ele não tenha verificado Gavril antes de concordar com o noivado. Isso não faz com que ele pareça bem, especialmente em sua posição como *Pakhan*.

Não respondo. É claro que não gostei que tenha obrigado Oksana a estar com aquele homem, mas conheço e entendo os costumes da Bratva mais do que ninguém. Quer que ela escolhesse não importava; nem mesmo o fato de que estávamos fodendo. A mulher é propriedade de seu pai até que decida com quem ela deve se casar. E ele decidiu que não seria comigo.

Por levá-la embora, participei de um ato de completo desrespeito que poderá me matar e possivelmente, a ela. Estar sob a proteção de Sergei, agora é a nossa única graça salvadora. Isso e o fato de Timofei participar da coisa toda.

— Será que sabe onde estamos? — Pergunto.

— Saberá em breve.

— O que quer que eu faça hoje? — Pergunto, mudando de assunto.

— Tenho alguns *Kryshas* coletando lá fora. Se quiser se juntar a eles.... Também tenho alguns trabalhos de torpedo disponíveis, caso queira fazer isso.

Penso sobre as ofertas e decido pelo trabalho de matar algumas pessoas; ser um torpedo. Para ser honesto, não faço isso há algum tempo e poderia usar a atividade como alívio para o estresse. Peço os arquivos e recebo cinco fotos separadas, que incluem fotografias e as agendas dos alvos.

Agradeço e levo a papelada para um escritório vazio que Sergei disse que poderia usar enquanto estou aqui. Passo a tarde estudando os alvos, tanto no papel como em pessoa.

Eu o acompanho até as oito da noite e então decido ir para casa. Uma semana após seguir o primeiro alvo, serei capaz de terminar o trabalho. Depois, passarei para a próxima. Fico feliz por ter este trabalho. Mantém minha mente fora de tudo e ocupado. Além disso, o trabalho de Torpedo é extremamente lucrativo.

— Ustin. — Cumprimento, levantando o queixo quando entro no apartamento.

Oksana está longe de ser vista quando faço uma varredura rápida na sala.

— Amanhã? — Pergunta Ustin.

Peço para estar aqui às sete da manhã.

Levanta o queixo antes de ir embora, fechando a porta atrás de si. Eu a travo e em seguida, vou em busca de Oksana. É mais tarde do que imaginei voltar para casa. Mas na Rússia jantamos tarde, sempre.

Vou em direção ao quarto e sorrio quando ouço a música que derrama da sala. Quanto mais perto chego, melhor posso ouvi-la cantar alguma porcaria pop. Não sei quem é e não me importo.

Abrindo a porta, me inclino contra o batente e a vejo. Está usando um vestido grudado ao corpo que termina logo abaixo da bunda, mostrando as pernas longas e magras. É de uma cor roxo acinzentado. O cabelo cai pelas costas e balança lado a lado com seu corpo. Quando se vira, arregala os olhos e deixa escapar um pequeno grito.

Não faço nada além de olhar para ela. Está usando maquiagem pesada, a sombra no tom do vestido. A única coisa que o mantém no corpo dela, é um zíper que percorre todo o comprimento do tecido apertado, de cima para baixo. Os seios mal estão contidos e meu pau está lutando contra o zíper com a visão. Mas isso significa que todos os outros homens sentirão o mesmo. Não consigo decidir se isso me irrita ou não.

— Mikhail. — Sussurra.

Saio de perto da porta, a mente no lugar. Marcho em direção a ela, envolvendo a mão em torno da cintura fina e a puxando contra mim. Com a outra, chego até a bainha do vestido curto e o ergo, empurrando o pedaço de tecido que usa como calcinha pelas longas pernas antes de a girar em direção à beirada da cama. Coloco a mão no meio de suas costas e a inclino levemente.

Pressiono os lábios no pescoço dela, a música alta ainda enchendo o ar. Rapidamente abro a calça que visto e empurro a cueca para baixo, libertando meu pau.

— Mikhail... — Estremece sob o meu toque.

Sem aviso, preencho a boceta doce e aprecio a maneira como suas costas arqueiam e o cabelo voa para trás.

— Divertiu-se escolhendo um vestido que sabia que me deixaria duro, *lapochka*? — Pergunto, ao liberar um lado de seu quadril para bater a mão fortemente contra sua bunda. Ela geme como resposta e então bato de novo, sentindo a boceta encharcando meu pau.

— Toque-se, Oksana. Faça-se gozar em cima de mim. — Rosno.

Não paro de fodê-la, batendo no apertado e pequeno corpo quente. Estou focado na maneira como meu pau entra e sai dela, completamente revestido com sua umidade. É lindo *pra* caralho! Gemo quando sinto as pontas dos dedos pegando minhas bolas.

— Está brincando com fogo, *lapochka.* — Aviso com um gemido.

— Gosto do jeito que você me queima. — Sussurra.

Estendo a mão e dou outro tapa na bunda dela, o que faz sua boceta ter espasmos ao meu redor. Está tão perto... Sinto

o arrepio subindo pela espinha e percebo que estou a segundos de explodir. Tento segurar, esperando que ela goze primeiro.

Seus lábios tremem e sei que ela está quase aqui. No segundo que a boceta me aperta, bato dentro dela mais algumas vezes e gozo, enchendo-a com a minha libertação.

Ela geme e clama quando o corpo balança para frente. Não a deixo ir a qualquer lugar, agarrando-a pelos quadris mantendo-a perfeitamente aninhada contra mim. Sua boceta quente e molhada parece flutuar em volta do meu pau e por isso, lentamente transo com ela, deixando a boceta ordenhar o resto do meu gozo.

Uma vez que paramos de nos contorcer, puxo para fora dela, mas não me afasto. Não até que eu veja o esperma vazando. É lindo *pra* caralho!

— Mika. — Suspira.

— Vamos. Estou com fome. — Gemo, puxando a calça para cima e a fechando novamente.

Oksana está com as pernas bambas quando caminha para o banheiro. Olho ao redor do quarto e noto que tem algumas coisas na cama e vou até elas. Vejo algumas abotoaduras, calcinhas sensuais e um par de gravatas. Traço as calcinhas rendadas e sinto o material. É muito suave.

— Quase as usei hoje à noite. — Diz, a voz suave e baixa.

Olho para cima e sorrio. Libero a calcinha e em seguida, olho para ela. O cabelo está um pouco mais selvagem, tem um rubor bonito no rosto e o vestido foi arrumado. Parece alguém que acabou de ser satisfeita por seu homem e não posso conter o orgulho que sinto ao saber que esse homem sou eu.

— As abotoaduras e gravatas são para você. — Murmura, enquanto coloca os saltos altos antes de caminhar para mim.

— Obrigado, *lapochka*. — Digo. Envolvendo a mão ao redor da cintura, eu a trago para mais perto antes de mergulhar a cabeça e beijá-la.

— Ustin trouxe a namorada para se juntar a nós hoje. Ela é muito divertida. Fizemos compras durante todo o dia. — Diz, enquanto dá um passo atrás.

Pressiono a mão embaixo de suas costas e juntos, caminhamos para fora do apartamento.

— Não sabia que ele tinha uma mulher. — Respondo quando o elevador desce até a garagem.

— Ela é suíça, loira, pequena e muito doce. — Conta, divagando.

Eu a escuto. Não ouço cada palavra, mas gosto de ouvir a tagarelice sobre o seu dia quando nos dirigimos ao restaurante. Não conto sobre o meu dia; para começar, ela não pode saber sobre o meu trabalho com a Bratva.

Quando chegamos, a ajudo a sair do veículo e a caminhar em direção ao restaurante. Há uma fila, mas o restaurante é propriedade da Bratva e por isso, ignoro todos os outros que esperam uma mesa.

— Reserva para dois, Sr. Rybin. — Anuncio.

— Sr. Rybin. — A anfitriã nos cumprimenta, antes de começar a caminhar para a área de jantar.

Mantenho a mão na parte de baixo das costas de Oksana enquanto seguimos a anfitriã para a nossa mesa, na parte de trás. Fica contra a parede e com um assento de frente para a entrada. Felizmente, a anfitriã conhece o negócio e me leva para a mesa perfeita. Ajudo Oksana a sentar-se antes de tomar o meu próprio.

— O que fará amanhã? — Pergunto, olhando para a lista de bebidas.

— Irei juntamente com Leonie para um orfanato. — Afirma.

Lentamente coloco o menu em cima da mesa e levanto os olhos para olhar diretamente nos olhos dela, descrente das palavras que acabou de dizer.

Capítulo Seis



Não sei em que está pensando quando olha para mim, o menu esquecido sobre a mesa. Respiro fundo e espero que diga ou faça algo, qualquer coisa. Desejo chegar a conhecê-lo tão bem que possa interpretar as expressões faciais que exibe. Mas por enquanto, não consigo fazer isso.

— Por que irá até lá? — Pergunta, a voz mortalmente baixa. Parece quase chateado.

— Leonie é voluntária lá uma vez por semana e me convidou. Não posso sair para fazer compras todos os dias, Mika. — Digo baixinho.

— Leonie é a mulher de Ustin? — Pergunta.

Aceno, pressionando os lábios juntos para que não fique impertinente. Falei sobre ela desde que saímos do apartamento. Vejo que assente uma vez e então levanta os

olhos azuis escuros para os meus. Há um calor indescritível neles que me faz pressionar as pernas juntas.

— Ok. Mas quero que tenha cuidado lá, Oksana. Você me entende? — Pergunta.

— Tomarei cuidado, Mikhail. — Digo e vejo como sua pupila dilata, o que faz com que aperte as pernas ainda mais juntas.

— Depois de jantarmos, a comerei como sobremesa, está bem? — Diz, como se estivesse lendo essa opção no menu.

— Mika! — Suspiro.

Ele sorri e afunda os dentes no lábio inferior. Olha meu peito ofegante e então, para meus olhos.

Um garçom se aproxima e Mika ordena algo antes que se afaste.

— Pedi um vinho branco suave para você. — Anuncia.

— Obrigada. É o meu favorito. — Murmuro.

— Eu sei. O que você quer comer?

— Não consigo ler o menu; você pode pedir para mim? — Pergunto, sentindo-me envergonhada.

— Seus pais fizeram um desserviço a você, *lapochka.* — Diz, balançando a cabeça enquanto chama o garçom e faz o pedido.

— O que pediu? — Pergunto, enquanto ele toma um gole de cerveja.

— Irá gostar. A menos que não goste de comida russa. — Diz, arqueando uma sobrancelha.

— *Oleandr* é o meu restaurante favorito de todos. — Digo sorrindo.

— Russos americanos. Nunca tem o mesmo gosto do que é feito aqui. — Diz com um aceno de mão e rio.

— Teve um bom dia? — Pergunto e de repente, é como se o humor dele mudasse e algo obscuro assumisse o controle.

— Foi bom. — Afirma, não deixando espaço para discussão.

— Liguei para a minha amiga hoje, Aleksandra. — Estupidamente deixo escapar.

— Você fez o quê? — Pergunta, a voz profunda e baixa. Agora, penso que apenas arruinei o jantar.

— Ela estava sentada ao meu lado no casamento. Sabia que estaria doente de preocupação e precisava aliviar sua mente. — Rapidamente explico.

— Não deveria ter feito isso. Porra! Agora sabem onde estamos! — Grita.

— Eu não disse nada a ela.

— Seu telefone tem o código de país russo. É estúpida? — Pergunta, levantando-se.

— Onde está indo? — Pergunto, pegando no braço dele. Ele o balança para longe do meu alcance.

— Porra! Preciso de um pouco de ar. — Rosna enquanto vai embora e me deixa sozinha no restaurante.

Fecho os olhos. Errei feio, aparentemente e estraguei um grande momento. Meu anel capta a luz e olho para o diamante amarelo canário e o admiro. Mika acha que não sou nada. Só uma *Printsessa* mimada. Que tudo o que quero, é fazer compras e ir a um spa. Não quer nem mesmo me conhecer. E em seguida, grita comigo porque quis aliviar o medo da minha melhor amiga?

Retiro o anel do dedo, desejando jogá-lo e ir embora. Mas se fizer isso, não teria para onde ir. Ficaria sozinha em uma cidade que não conheço bem, sem documentos, passaporte, nada. Abro a bolsa e jogo o anel dentro. Não quero olhar para isso.

Na verdade, o anel me deixa doente.

— Estamos saindo. Vão entregar a nossa comida. — Mika anuncia ao meu lado.

Não digo uma palavra e ando na frente dele, a mão quente pressionada nas minhas costas enquanto atravessamos todo o restaurante. Dentro do carro, ele coloca a mão direita acima do

meu joelho e aperta suavemente. Eu o ignoro o melhor que posso e olho para fora da janela.

Ao chegarmos no prédio, silenciosamente saímos do carro e depois calmamente subimos pelo elevador. Ficamos em silêncio até chegarmos ao nosso apartamento. Não me incomodo de acender qualquer luz, escolhendo ir para o quarto para me trocar. De repente, odeio o vestido, os sapatos, tudo.

— Estou tentando mantê-la segura, Oksana. — Murmura Mika quando abro o vestido e o deixo cair no chão. — *Lapochka.* — Chama, colocando a mão ao redor da minha barriga e me beijando o ombro.

Recuso-me a falar com ele.

É um idiota.

— Não pode estar com raiva de mim por estar preocupado. Você não sabe o que iria acontecer conosco se o seu pai nos encontrar agora. — Diz, enquanto a língua prova minha pele. Sinto o corpo tremer quando faz isso e que sorri ao perceber a reação que causa. — Tenho certeza que Aleksandra não iria propositalmente fazer nada para machucá-la, mas quanto mais pessoas souberem onde estamos, mais perigoso se torna. — Diz, enquanto a mão desce por baixo da calcinha. Sinto os dedos gentilmente me acariciando. — Gostaria de permanecer vivo por mais algum tempo. Tempo suficiente para fazê-la minha esposa e talvez colocar um bebê dentro de você. Quanto mais tempo demorar

para que seu pai nos encontre, melhor as minhas chances de fazer exatamente isso. — Graceja.

Abro as pernas um pouco mais, dando mais espaço, desfrutando da sensação de ser tocada suavemente e com cuidado.

— Está dizendo o quê? — Pergunto, virando o rosto e pressionando os lábios no pescoço dele.

— Ele me matará. — Anuncia.

— O quê? — Pergunto, saindo para fora de seus braços antes de me virar para encará-lo.

— Eu não tinha permissão para levá-la, Oksana. O que acha que ele fará? — Pergunta.

— Ficará louco, gritará e depois irá superar?

Mika joga a cabeça para trás rindo.

— Ele é o mais poderoso Pakhan do país. Você é sua filha. O fato de não ter um contrato para casá-la no dia em que nasceu, ou muito menos décadas depois, é incaracterístico para a posição que ocupa. O modo como permitiu suas liberdades, isso foi tudo para o benefício de Sônia e de mais ninguém. Você não é livre para escolher quem quiser, Sana. Ele é seu dono até que se case. E se seu marido morre, adivinhe?

— Ele me casa com outra pessoa. — Sussurro.

— Sim, porra! É certo que é o que fará. Acha mesmo que permitiria que um Brigadeiro qualquer, um zé ninguém ficasse com você? — Pergunta.

— Você não é um ninguém! — Digo.

— Para seu pai? Para Sergei e para todos os outros *Pakhans*? Eu não sou nada. Não sou ninguém. E se não mereço lamber seus sapatos, como acha que poderia enfiar meu pau dentro de você?! — Grita. Dou um passo para trás. Sua raiva preenche o espaço entre nós e isso me faz querer chorar.

— Você não é um ninguém! — Digo novamente, lutando contra as lágrimas. Odeio chorar e me recuso a fazer isso.

— Oksana, sou um em cem. Não sou ninguém. Vi seu nome na lista de mulheres disponíveis para contratar e coloquei o meu pedido. Mas nunca pensei que realmente teria a chance de até mesmo colocar os olhos em você, quanto mais ser um participante da disputa. Não sei qual o tipo de jogo que seu pai está jogando, por que escolheu Gavril, ou por que até mesmo permitiu que Semion e eu estivéssemos na porra da corrida por você. Mas algo não está certo! — Dispara.

— Pare de gritar comigo! — Digo, colocando as mãos em seu peito. Olha para onde estou tocando e quando contrai os músculos, sei que percebe que estou sem meu anel.

— Tirou o anel que dei? — Pergunta, a voz letal.

— Mika. — Sussurro.

Afasta-se de mim e antes que possa perceber o que aconteceu, ouço a porta do apartamento bater. Ele sai e me deixa em pé com nada além de lindos saltos altos e um novo conjunto caro de calcinha e sutiã. É então que finalmente me permito chorar. Caio no chão ali mesmo, puxando os joelhos contra o peito e choro sem parar.



Mika não voltou para o apartamento.

Fiquei esperando por ele.

E chorando.

O alarme soa e aperto o botão, me arrastando para o banheiro para me preparar para o dia. Não dormi nem por um momento. Tenho os olhos inchados de tanto chorar e me sinto como uma tola. Mika me enlouqueceu, mas tirar o anel foi um insulto.

Não foi correto o que fiz e, mesmo que ele estivesse sendo um estúpido, olho-por-olho não é a resposta. Gritou comigo, mas porque estava preocupado, com medo mesmo.

Machucá-lo porque me machucou, é algo que faria um ou dois anos atrás. Esse não é o tipo de mulher que quero ser no futuro.

Visto jeans apertado, um top e uma camisa de manga longa. Prendo os cabelos em um rabo de cavalo alto e aplico uma leve camada de maquiagem apenas para melhorar o inchaço dos olhos; preciso tentar encobrir o fato de que estive chorando a noite toda e que não consegui pregar o olho.

Finalmente, coloco um par de botas de cano curto e jogo um poncho espesso sobre a cabeça para me manter confortavelmente quente.

Entrando na cozinha, abro os armários e tento encontrar uma caneca para o chá ou café. Preciso de algo com cafeína para acordar e limpar a mente nebulosa. Uma batida me assusta. Fecho o gabinete e ando até a porta, verificando o olho mágico antes de abri-la.

— Ustin e Leonie. — Digo, abrindo a porta com um triste sorriso.

— Você está pronta? — Ustin resmunga.

Concordo com a cabeça, antes de virar e ir pegar a bolsa. Não troquei a bolsa de noite e ao pegá-la, sinto o coração

apertar. Eu a abro, pego o anel e o coloco de volta no dedo. Virando, vejo que Ustin e Leonie olham para mim com expressões confusas.

— Quer um café antes de irmos? — Leonie pergunta, estendendo a mão e a envolvendo no meu pulso, dando um aperto suave.

— Sim. Adoraria isso. — Sorrio tristemente.

Juntos, saímos do apartamento e arregalo os olhos quando Ustin tranca a porta atrás de nós. Nem sabia que ele tinha uma chave, mas não digo nada sobre isso. Estou muito cansada para pensar que um homem (que é essencialmente um desconhecido), tem uma chave do meu apartamento. Gostaria de saber onde Mika está, ou ter a coragem necessária para ligar para ele.

— Tudo ficará bem. Passe o dia com algumas crianças bonitas e tudo o que estiver errado, não parecerá tão ruim quando o dia terminar. — Leonie sussurra, enganchando o braço no meu enquanto descemos pelo elevador.

— Mika e eu brigamos. — Admito.

Ela não responde com palavras. Em vez disso, me abraça suavemente. Com certeza, percebeu isso. Embora, diria que as brigas que tinha com o marido anterior eram muito mais traumatizantes do que a que tive com Mika.

Não devo sentir pena de mim mesma. Não, quando outras pessoas tiveram coisas muito mais devastadoras jogadas em seu caminho do que eu.

— Café e em seguida, bebês! — Leonie sorri, quando as portas do elevador abrem.

— Café, então bebês. — Concordo.

Ustin nos leva pegar café para viagem e quase o beijo quando me entrega um *Venti Caramel macchiato*. Descanso a cabeça contra o assento e saboreio a bebida com cafeína doce. É delicioso e ele realmente me faz sentir um pouco melhor.

— Você está pronta? — Pergunta Leonie. Abro os olhos e sento, olhando em volta. Percebo que estamos estacionados na frente de um grande edifício.

— Eu estou. — Minto.

Poucos minutos depois de sermos checados, Leonie diz que precisamos ver os bebês em primeiro lugar. Estou nervosa. Nunca passei muito tempo em torno de bebês. Mas assim que entro no berçário, sinto o coração apertado. Há bebês por toda parte. Desde o menor dos recém-nascidos, a crianças maiores.

— Venha! — Leonie diz, envolvendo a mão ao redor da minha e me puxando para perto dos bebês menores. — O pessoal daqui não os segura muito. Venha e faça isso. — Sussurra.

Leonie chega perto de um berço e pega um bebê que se contorce e olho para o que está diretamente na minha frente. Não posso dizer o sexo do bebê incrivelmente pequeno, mas é muito bonito. Chego e pego o bebê enrolado, seguindo Leonie até uma cadeira de balanço.

Uma mulher caminha até nós e começa a falar. Não a entendo, mas Leonie sim e diz algo que faz com que a mulher vire-se e sorria para mim, antes de se afastar.

— O que foi isso? — Pergunto.

— Ela queria saber quem era você. Expliquei que era uma amiga que não esteve em torno de muitos bebês, mas que teve uma noite ruim e precisava segurar alguma coisa inocente e bonita hoje. — Diz, dando de ombros.

Ficamos pelo menos duas horas segurando bebês de todas as idades e tamanhos. Eles são incríveis. Amo o modo como se aconchegam, não importando quem os segura, contanto que esteja quente. Não têm escolha, a não ser confiar em você e fico triste por estarem neste lugar, sem pessoas que possam mantê-los e amá-los todos os dias.

— Agora, vamos brincar com algumas crianças. — Leonie sugere.

Andamos por uma sala de jogos e meu coração é espremido novamente. Há crianças por todos os lados. Não estão todos perfeitamente limpos e as roupas que usam não estão arrumadas, mas todos sorriem e parecem felizes.

— Quero levá-los. Todos eles. — Sussurro.

— Eu sei. — Acena com a cabeça, entendendo o que quero dizer.



Capítulo Sete

Oksana

Durante o resto do dia, brincamos com meninos e meninas, bebês e crianças. Jogamos, lemos e é o dia mais gratificante que já tive. Tento não pensar em Mika e felizmente estou tão ocupada que não tenho tempo para isso. Mas não consigo esquecer sua irmã e os filhos que teve; isso não sai da minha cabeça. Eu me pergunto quantas dessas crianças são filhos Bratva, ou quantos deles são os filhos das prostitutas doentes ou de alguma outra forma incapazes de cuidar de seus bebês.

— Está pronta? — Pergunta Leonie, quando as crianças estão sendo reunidas para o jantar.

— Sim. — Murmuro.

Saímos, e Ustin de repente aparece ao nosso lado quando caminhamos para fora do orfanato. O clima é sombrio. Viro-me para Leonie e vejo que sorri, mas o sorriso não alcança seus olhos.

— Quando vai voltar? — Pergunto, quando subimos no SUV preto.

— Venho a cada dois dias. — Admite.

— Você me deixa acompanhá-la? — Pergunto.

— Claro! — Diz sorrindo e desta vez, a expressão atinge os olhos.

O resto da viagem para o apartamento é silenciosa. Começo a ficar em pânico quanto mais nos aproximamos da minha casa temporária. Não sei o que farei se Mika não voltar esta noite. Provavelmente, irei chorar um pouco mais. Não é como se eu pudesse simplesmente fugir. Tio Sergei me deixaria ficar com ele por cerca de um minuto, mas em seguida, iria me devolver para Mika.

— Obrigada por hoje. — Murmuro para Leonie quando caminhamos até minha porta.

— Até a próxima vez. — Diz sorrindo, envolvendo os braços em torno de mim.

Ustin balança a cabeça, mas posso ver um pequeno sorriso em seus lábios. Vejo quando abre a porta e entra, mas em seguida, ele para, sacode a cabeça e vira-se para sair. Não diz nada para mim, mas sei por que não entra completamente no apartamento.

Mika está aqui.

Está de pé, com uma cerveja pendurada nos dedos e as costas pressionadas contra as janelas que vão do chão ao teto. O joelho dobrado e o pé, apoiados na janela. O cabelo é uma bagunça e seus olhos estão estreitos em mim. Nos olhamos, mas nenhum de nós fala uma palavra.

— Hoje é minha noiva? — Pergunta, quebrando o silêncio.

— Era sua noiva ontem. — Respondo.

— Não, não era. Você retirou o anel.

— Eu sinto muito. O que preciso fazer para mostrar o quanto estou triste com o que fiz? — Sussurro.

— Tire a roupa. Chupe meu pau e pegue o que diabos eu quiser dar a você! — Responde, quando sai da janela e caminha em minha direção.

Arranco o poncho quente e a camisa. Arranco as botas e tiro o jeans apertado, incluindo a calcinha. Fico na frente dele usando somente o sutiã e ajoelho. Se é isso o que quer, ele pode ter.

Desengancho o sutiã e o tiro, jogando-o de lado para que se junte ao resto das roupas. Olho para ele através dos cílios, enquanto ele toma um gole de cerveja. Os olhos ainda irritados estão muito focados em mim.

Com dedos trêmulos, desabotoo a calça dele e em seguida, a abaixo antes de deixá-la cair a seus pés. Posso ver

o contorno de seu pênis duro através da cueca boxer e mordo o lábio inferior antes de puxá-la para baixo, junto da calça.

— Abra. — Resmunga, envolvendo o punho em torno do meu rabo de cavalo.

Fecho os olhos e abro a boca, esperando que enfie o pau na minha garganta. Mas nada acontece. Um segundo depois, ele me libera, ergue a cueca e a calça para cima antes de ir para trás e jogar a garrafa de cerveja contra a porta atrás de mim. Sinto as gotas de líquido atingindo meus pés descalços, e fecho a boca, o corpo todo tremendo de medo.

Não conheço este Mika. Este não é o homem que escolhi todos aqueles meses atrás para ser meu.

Ele anda para longe de mim em direção ao nosso quarto. Estou com as pernas trêmulas e vou atrás dele, deixando todas as roupas e dignidade na sala de estar. Quando eu entro no quarto, Mika está de pé com as mãos nos quadris olhando para a cidade escura.

— Chega. — Sussurro.

Não responde, mas vejo que enrijece.

— Pode me ouvir, Mikhail? Eu disse que é o suficiente. — Grito.

— Porra, você me deixa louco! — Sussurra. — Nunca foi assim antes, nem mesmo com... — A voz dele some.

— Quem? — Pergunto, sentindo-me extremamente vulnerável.

— Não importa. — Murmura para a janela.

— Diga-me! — Exijo.

— Ashley. — Diz em um sussurro. Suspiro, antes de dar um passo atrás.

Ele se vira para mim e está na minha frente antes que eu possa sugar a próxima respiração. Abraça-me e me puxa contra seu peito. Seu domínio é firme e não importa como eu lute, não posso me libertar.

Sem aviso, as lágrimas caem. Interiormente me amaldiçoo por chorar, mas não dormi. Estou exausta por causa da noite anterior e mexida pelo dia que passei com todos aqueles bebês e crianças.

— Nada aconteceu. — Diz, enquanto pressiona a testa contra a minha.

— Mas você a quis.

— Sim. Eu pensei que a quisesse. — Responde. Eu o odeio por admitir isso em voz alta para mim.

Luto contra ele novamente, mas não me libera. Sua força domina a pouca que tenho em um instante. Pega-me e me arrasta para a cama, nos deitando com ele por cima de mim, para que eu não possa escapar.

— Nunca sentiu afeto por outro homem, Oksana? — Pergunta bruscamente.

Congelo, antes de piscar. Penso sobre a pergunta. Senti afeição por outros homens. Não muitos, mas por alguns.

— Não pode ficar com raiva só porque a conhece. — Diz. — Não senti um décimo de paixão por ela como sinto por você. Maldição, você me deixa louco! — Diz, antes de abaixar a cabeça e me beijar, forçando a língua dentro da minha boca.

Gira a língua e todo o meu corpo relaxa no colchão. Seu cheiro, toque, seu beijo, me possui completamente. Levanto os braços e passo os dedos pelos cabelos dele, segurando-o com força contra mim e bebendo desse beijo.

— Não deveria ter saído na noite passada. — Diz, quando ouço o farfalhar das roupas sendo retiradas.

Levanta-se e vejo que se despe completamente. Depois, me empurra para o meio da cama e fica a meu lado. Ergue uma das minhas pernas e envolvendo a mão ao redor da parte de trás do joelho, empurrando-a para cima e ligeiramente para a frente. Quando entra dentro de mim, sinto-me mais completa que nunca. Estou ligeiramente torcida e Mika paira sobre mim; prendo a respiração quando inclina-se e me beija.

— Deveria ter ficado em casa com você, *lapochka*. — Sussurra, enquanto movimenta os quadris.

Alcanço e envolvo os dedos em torno do ombro dele, enquanto ternamente entra e sai de mim. Não espero os golpes suaves e longos e meu coração dispara dentro do peito enquanto ele continua a me consumir com o seu beijo. Não seguro um gemido. Ele parece maior do que nunca dentro de mim, me esticando de novo e de novo.

— Mikhail... — Suspiro contra sua boca.

— Nenhuma outra pessoa me fez sentir do jeito que você faz, Oksana. — Diz, quando começa a empurrar mais forte.

— Louco? — Pergunto, sem fôlego.

— Insano. Porra, completamente louco, *lapochka*! — Geme. — Agora toque o clitóris linda, e goze em torno de mim.

Coloco a mão entre as pernas, levantando uma delas apenas o suficiente para pressionar dois dedos contra o clitóris. Começo a me tocar suavemente, gemendo enquanto Mika empurra com mais força dentro de mim, cada investida ainda mais poderosa que a última.

— Depressa! — Ruge, enquanto move os quadris.

Pressiono mais forte o clitóris, movendo os dedos mais rapidamente em conjunto com os movimentos bruscos dele. E de repente, congelo, meu corpo esticado completamente quando gozo. Estendo a mão e a envolvo em torno de seu pescoço, o apertando enquanto monto meu clímax.

Mika não para de me foder através do meu orgasmo e quando penso que ficarei excessivamente sensível, ele joga a cabeça para trás e geme a libertação, derramando-se dentro de mim.

Mesmo após gozar, não relaxa contra mim. Puxa para fora e deita-se de costas por um segundo, antes de me trazer para seu lado, minha frente pressionando a sua. Abraça-me e me segura firmemente, o aperto certamente deixando marcas em mim. Mas não me importo.

— Onde esteve na noite passada? — Pergunto.

— Trabalhei a noite toda. — Encolhe os ombros e solta seu aperto. Sinto os dedos percorrendo de cima a baixo minha espinha nua. — Não acontecerá de novo, Oksana.

— Isto é muito intenso. Deixar Nova York, estar aqui, e tudo o que aconteceu. — Digo, levantando a cabeça e descansando o queixo no seu peito.

— Sim. Mas eu a trouxe para cá. Deveria ser mais gentil. — Murmura quando coloca meu cabelo atrás da orelha.

— Foi errado retirar o anel que me deu. — Admito. — Nós dois estávamos cansados e emocionalmente carregados naquela noite.

— Conte-me sobre o seu dia. — Pede, mudando de assunto. Embora note que não pediu desculpas. Não com palavras pelo menos.

Mika

Brinco com as pontas dos cabelos dela, esperando ouvir sobre dia que teve. Senti falta dela noite passada. Só dormimos juntos algumas vezes e ainda assim, parecia errado estar sem ela. Meu temperamento obteve o melhor sobre mim na noite passada. Entre a menção de ir para o orfanato e em seguida, o fato de ter tirado o meu anel dedo, me fez explodir. O medo de que Pasha descubra nosso paradeiro antes da hora, me enviou um arrepio pela espinha.

— Os bebês... Oh, Deus Mika, você não acreditaria em quão pequenos alguns deles são. Queria trazê-los todos para casa comigo e mantê-los durante todo o dia. — Diz, enquanto sobe a voz, entusiasmada.

Olho para ela e sorrio. Está absolutamente linda, o rosto e os olhos iluminados com pura emoção enquanto fala destes bebês pequenos. Isso me faz pensar nela como mãe e espero que toda essa conversa signifique que estará tão animada para ter os filhos, nossos filhos, como está sobre esses bebês órfãos.

— Então, segurou bebês o dia todo? — Pergunto. Ela franze a testa e balança a cabeça.

— Havia tantas crianças, Mikhail. — Conta. Ela usar meu nome de batismo, porra, vai direto para o meu pau, todas as vezes! — Leonie e eu brincamos com as crianças pequenas e também jogamos com as crianças mais velhas. Jogos, quebra-cabeça, leitura... Eles estavam felizes por poderem interagir com adultos. É tão triste! — Diz.

— Por que é triste? — Pergunto, confuso.

— Os bebês não são muito ninados. Há muitos deles. E quanto as crianças maiores, elas jogam umas contra as outras, mas pode-se dizer que não recebem afeto. Foi apenas triste. — Diz, dando de ombros.

— Será uma mãe maravilhosa, sabe disso? — Pergunto, tocando o rosto dela.

— Nunca pensei sobre isso; não até agora. — Murmura.

Levanto ligeiramente, abaixando a cabeça e beijando os lábios quentes e macios. Seus olhos amolecem, a tristeza deixando-os por um momento. Mas então, tão rapidamente quanto desapareceu, a tristeza retorna.

— O que há mais?

— Quantos desses bebês são Bratva? — Pergunta e sinto o coração acelerar no peito. — Eu sei o que acontece com as meninas. Mas Mika, também sei que embora tenha parado, nenhuma das garotas foi realmente procurada. — Murmura.

— Provavelmente havia algumas, entre as crianças que viu hoje.

— Isso me deixa triste. Nós devemos cuidar dos nossos. Odeio que isso acontece há tanto tempo; que não cuidamos do nosso povo. — Diz, chateada.

— Eu sei.

Eu a seguro, sem dizer nada. Não há mais nada a dizer. É verdade, tudo o que falou. Fico triste com isso também. Embora minha irmã tenha sido roubada nos Estados Unidos, um país onde deveria ser livre, Mila não era. Nunca foi livre. Se fosse qualquer outra criança, teria frequentado a escola e tido oportunidades, mesmo que nossos pais tivessem ido embora. Mas porque era uma criança Bratva, não pôde ter nada disso. Foi roubada, vendida para uso sexual de alguém e acabou vivendo a vida inteira como uma prostituta em um bordel de Moscou. Pariu quatro crianças doentes e depois morreu sozinha.

Fecho os olhos, pensando sobre o fato de meus pais a trazerem ao mundo mesmo sabendo como seu futuro poderia ser (e na verdade, foi). No entanto, a tiveram mesmo assim e a mantiveram enquanto puderam.

Sinto raiva, não pela primeira vez de meus pais. Sim, Ivan e a Bratva assinaram a escritura para matá-los e roubar minha irmã, vendendo-a como gado. Mas eles tornaram isso possível, quando a trouxeram ao mundo e a mantiveram.

— Durma, *lapochka*. — Murmuro, a voz parecendo mais alta do que pretendia.

— Obrigada por me salvar de Gavril e lamento ter colocado nosso paradeiro em perigo. Não era a minha intenção. — Sussurra. Inspiro profundamente pelo nariz, deixando o ar sair pela boca quando a seguro um pouco mais apertado.

— Agora, isso acabou sim? — Digo.

— Sim.



Capítulo Oito

Oksana

Há um peso pressionando minhas costas. Quente, mais quente do que qualquer cobertor que já tive sobre mim antes. Tento virar a cabeça, coisa difícil de fazer, já que que estou virada de bruços e entro em contato com a garganta bronzeada. Sinto o joelho dele engatar por entre as minhas pernas e entrar em contato com o meu centro.

— Bom dia. — Murmura, pressionando minha boceta um pouco mais.

— Mikhail... — Gemo.

— Porra! Sua voz dizendo meu nome quando acaba de acordar é a coisa mais sexy que já ouvi. Isso e os barulhos que faz quando goza no meu pau. — Diz, sua voz profunda e rouca. — Como quer gozar esta manhã, *lapochka*?

— Mikhail... — Suspiro.

— Pau, boca, dedos... O que você quer? — Pergunta, antes de me beijar.

— Pau. — Respondo, ruborizada.

— Gosta do meu pau enchendo sua pequena boceta apertada? Humm? — Cantarola, enquanto rola para ficar em cima de mim, o peito me pressionando as costas e o seu comprimento duro, descansando entre as bochechas da minha bunda.

— Sim. — Descaradamente admito.

— Está molhada para mim? — Pergunta contra meu pescoço, enquanto arrasta os lábios para o ombro. Sinto os dentes afundando em mim e eu contenho o gemido ao arquear a bunda contra ele.

— Você é tão quente... — Resmunga, enquanto flexiona os quadris contra minha bunda.

Sinto que fico vermelha de vergonha e agradeço que não possa me ver, quando na próxima respiração, entra dentro de mim até o punho. Tento levantar os quadris para conseguir um ângulo diferente, mas me impede com os joelhos.

— Leve-me da maneira que dou a você, Oksana! — Diz, enquanto me fode.

Tenho as pernas fechadas, com seus joelhos em ambos os lados das minhas coxas e seu pau desliza para dentro e fora de mim. É quase doloroso. Parece que sou muito pequena,

apertada demais assim e estando imóvel, sinto-me mais à beira do abismo do que já estive antes.

Mika agarra a parte de trás do meu cabelo e me puxa, fazendo-me arquear o pescoço para poder vê-lo e com a outra mão, envolve um seio e o aperta com força.

— Mikhail. — Gemo.

— Porra! É tão gostosa e parecida comigo Oksana. — Diz, respirando fundo.

Decido relaxar, fazer o que pede e levar o que quer me dar. Nunca me decepcionou antes e duvido que começará agora. Fecho os olhos, gemendo quando bate dentro de mim. Mas poucos minutos depois ele se acalma e abro os olhos confusa.

— Monte-me. — Ordena.

Abro a boca para protestar, mas saiu de mim e fica de seu lado da cama, esperando. Rastejo até ele, tremendo a cada movimento antes de jogar a perna sobre seus quadris. Pego o pênis grosso, longo e me posiciono sobre ele antes de afundar lentamente.

— Caralho! — Geme.

Levanta as coxas e inclino para trás, contra ele, rolando os quadris lentamente enquanto o monto. Belisca-me os mamilos, puxando-os simultaneamente antes de uma das mãos viajar para baixo até o clitóris.

— Ainda não estou pronta. — Digo, inclinada para trás, apreciando completamente a maneira como me preenche e a forma como o sinto dentro de mim.

Mika me ignora, o polegar pressionando meu clitóris e esfregando círculos firmes. Não leva muito tempo, não mais que alguns segundos antes de estar tremendo e gritando seu nome enquanto gozo. Segura-me firmemente pela cintura e empurra-se para dentro. Ele me fode duro, rápido e goza com um gemido antes de me liberar. Caio para frente, a boceta ainda pulsando enquanto seu pau se contorce.

— Não vai trabalhar hoje? — Pergunto quando consigo respirar novamente.

— Preciso trabalhar outra vez esta noite, *lapochka*. — Informa. Acaricia-me as costas antes de tocar minha bunda e subir novamente.

— Durante a noite toda? — Pergunto, levantando a cabeça para olhar para seu rosto.

— Espero que possa acabar com a merda o mais cedo possível, mas pode levar a noite toda. — Diz com voz suave e olhos gentis.

— Assim que puder, correrá para casa? — Pergunto, levantando a mão e traçando os lábios cheios com os dedos.

Mika coloca a língua para fora e lambe meus dedos, pegando-os com os dentes e gentilmente os chupando antes de

soltá-los. Suspiro, nunca deixando de olhar para ele. Vejo os olhos azuis escuros ficarem pretos e praticamente brilharem.

— Sim. Correrei para casa. Para a minha *lapochka.* — Rosna.

Passamos o resto da manhã deitados na cama. Mika traz um café adoçado com leite e açúcar e uma pitada de chocolate, do jeito que gosto. Fico enrolada a seu lado, apreciando o calor e o silêncio. Ainda que esteja exausta por ficar acordada durante muitas horas nos últimos dias, ainda preciso do resto.

— Porra, está falando sério?

A voz de Mika soa alta, me acordando. Abro os olhos e percebo que estou enrolada como uma bola, de frente para ele, que está encostado na cabeceira da cama com o telefone contra a orelha.

— Ele é louco porra! Você sabe disso, certo? — Grita. — Consertarei isso nos próximos dias. O quê? Não. Irei atualizá-lo. — Resmunga, deixando o telefone cair na mesa de cabeceira.

— Mika, o que houve de errado? — Pergunto baixinho.

— Seu pai colocou um preço pela minha maldita cabeça! — Rosna.

— O quê? — Sussurro, sentando e segurando o lençol contra o peito.

— Também não está usando Torpedos regulares. Não, usou os privados. Aquele filho da puta do caralho! — Grita.

— Não pode simplesmente chamar Timofei ou tio Sergei? — Pergunto.

— Não, eu não posso. Vamos nos casar o mais rápido possível. — Rosna.

— Não sei, Mika. — Murmuro. — Talvez eu deva chamá-lo e explicar as coisas.

Mika vira para mim e seus olhos são como punhais. Fico quieta imediatamente e quando fala, sua voz é letal e baixa:

— Você liga para ele e deixarei seu traseiro tão vermelho que não poderá sentar por semanas. — Grita. Amplio os olhos antes de piscar e aceno.

— Só quero ajudar. — Digo, a voz soando pequena e fraca.

— Não pode, Oksana. Apenas Pasha pode cancelar qualquer cachorro que tenha enviado atrás de mim. Serei amaldiçoado se ligar para ele. — Rosna.

— Mika, seja racional. — Imploro, tentando pegar em seu braço. — Por favor.

— Você não quer se casar comigo? — Pergunta, os olhos completamente selvagens e desequilibrados.

— Claro! É óbvio que quero casar com você. Mas Mika, saímos a menos de uma semana de Nova York.

— Deveríamos ter nos casado no segundo em que pousamos. Esperei tempo demais. Veja o que quer usar, ou vá às compras. Vamos nos casar amanhã.

Joga as cobertas para trás e caminha até o banheiro, batendo a porta atrás de si. Olho para o telefone e vejo que tenho pelo menos quinze chamadas não atendidas. Alcanço o aparelho e verifico as ligações. São todas de Aleksandra. Penso em ligar de volta, mas temo que acidentalmente diga a alguém onde estou.

Desligo o telefone e não ouço qualquer uma das mensagens que deixou, o enfiando dentro da gaveta. Não quero olhar para ele. Só vai me fazer ficar tentada a ligar de volta e garantir que estou segura. Mika sai do banheiro alguns minutos depois. Está com a toalha enrolada nos quadris, o corpo e o cabelo ainda molhados do banho.

— Sairei durante um tempo. — Afirma.

— Pensei que fosse ficar aqui o dia todo. — Digo, surpresa.

— É preciso ter o trabalho feito para Sergei, no caso de precisarmos fugir em breve. — Diz, distraído e começando a vestir um terno.

— Não quero que você saia. Pode não ser seguro. — Sussurro.

— Provavelmente não estarei mesmo. — Diz, encolhendo os ombros.

— Mikhail! — Choro.

Vira-se para mim com os olhos brilhando, raiva rolando através dele em ondas. Posso entender que esteja chateado, mas não é minha culpa. Nada disto é culpa minha.

— Irá se casar comigo amanhã. Hoje, terminarei alguns trabalhos. Pode ir a qualquer loja que precise para arrumar um vestido. Se for a qualquer outro lugar, não gostará das consequências. — Anuncia.

— Tenho até medo de perguntar... — Murmuro para mim mesma.

— Eu também teria, se fosse você. — Afirma.

Termina de se vestir e sai sem um beijo ou adeus. Fico olhando para a porta, enquanto o escuto sair do apartamento. Pisco, atônita e repito tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas. Nós brigamos, fizemos sexo incrível (tipo cinco vezes) e ele recebeu um telefonema o avisando que meu pai, meu próprio pai, colocou um preço sobre a cabeça dele.

Estou chateada que Mika tenha apenas saído da nossa casa como se alguém não estivesse querendo matá-lo por dinheiro. E se conseguirem? E se meu pai realmente conseguir tirá-lo novamente de mim? Na primeira vez machucou quando disse que eu não tinha mais escolha; que iria me casar com Gavril sem discussão. Agora, depois que o tive, isso me mataria.

Não tem sido fácil os últimos dias, mas isso não anula o fato de que Mika é o único para mim, por quem já me senti assim. Ele é meu. Assim como pertenço a ele, é meu também. Se pudesse estrangular meu pai agora, eu o faria.

Fecho os olhos e penso em mamãe. Sinto falta dela. Nada dessa merda aconteceria se ela ainda estivesse viva.

— Mama. — Sussurro para a sala vazia. — Cuida do meu Mikhail. Mantenha-o seguro. Ele e Timofei são os únicos que realmente se preocupam comigo agora. Por favor, guia-me mamãe! — Choro, enterrando o rosto nas mãos.

Mika

Eu a deixei sozinha. Não deveria, mas estou com muita raiva, uma emoção à qual pareço estar preso estes dias. Entro

no lado do motorista do Mercedes preto. Estou cansado demais para realmente continuar o trabalho, mas estou fazendo assim mesmo. Quero a renda e quero algo que manterá minha mente longe de tudo.

Meu telefone toca e eu olho para baixo, surpreso ao ver que é Ustin.

— Rybin. — Atendo.

— Sua mulher ligou. — Resmunga. — Quer que eu mantenha um olho sobre você. — Diz rindo.

Não sei como responder a isso, então fico quieto, pensando durante alguns minutos.

— Estou trabalhando, fazendo algo para Sergei. Estou bem. — Respondo.

— Só queria que você soubesse. — Informa.

— Ela não deve sair hoje, com exceção para encontrar algo adequado para vestir. Mantenha um olho sobre o edifício, sim? — Pergunto ao entrar no estacionamento do outro lado da rua do hotel. Sei que o alvo está lá dentro, terminando o *brunch*.

— Claro. — Concorda antes de terminar a chamada.

Alcanço debaixo do banco do passageiro e retiro a pasta. Dentro, pego a arma que preciso e não demoro muito para carregá-la antes de conectar o silenciador. As ruas ainda não

estão ocupadas demais, mas algumas pessoas estão andando por aí e há várias dentro do restaurante também.

Vejo quando o homem no qual estou focado beija uma mulher muito bonita e noto que não é a sua esposa. Provavelmente é uma prostituta. Balanço a cabeça, colocando a arma no colo. Existem muitas pessoas por perto. Não que esteja preocupado em ser pego, mas ainda é melhor errar ao lado da cautela.

Sigo-o com os olhos enquanto ele e a prostituta caminham para um carro vermelho óbvio e berrante. Rolo os olhos antes de segui-los. Ele para no semáforo e abaixo a janela do passageiro quando estaciono ao lado deles. Estendo a arma e puxo o gatilho.

Sei que está morto quando corro, os gritos da mulher enchendo a rua tranquila. Sei, porque nunca erro.

Tenho mais dois homens para cuidar hoje, então vou para o próximo. Não sei exatamente o que fizeram para ganhar esse destino, mas não me importo. Dinheiro é dinheiro e Sergei paga bem pelas mortes que encomenda. Sou muito parecido com os homens que procuram por mim. Estou nisso pelo dinheiro e nada mais.

— Rybin. — Rosno ao atender o telefone.

— Como está minha irmã? — Timofei exige saber do outro lado.

— Está bem. — Digo.

— Por que Aleksandra está me ligando com medo de morrer, então? Disse que Sana ligou para ela há alguns dias e que agora não atende às suas ligações. E por que diabos Sana a contatou em primeiro lugar? — Grita.

— Dei a ela um celular para que pudesse ligar para o *Byki* ou para mim. Resolveu ligar para a amiga. E agora que há um preço pela minha cabeça, graças ao seu pai, foi avisada para não atender ou ligar para a amiga novamente. — Digo, vendo o último alvo da lista. Derrubei o primeiro cara esta manhã e agora é hora de acabar com essa merda.

O homem está andando pela rua, em direção ao ônibus. Sempre pega um ônibus para o escritório, mesmo que possa certamente pagar um táxi ou até mesmo um motorista particular. Saio do carro, abaixando a cabeça enquanto ajeito a arma no bolso, ainda falando ao telefone.

— Porra! Sabe sobre o marido dela. É um *Kryshas* e dirá a Pasha exatamente onde estão se descobrir. — Sibila.

Ando por trás do alvo, a arma ainda no bolso. Pressiono-a contra o seu lado e puxo o gatilho antes de desaparecer no meio da multidão, caminhando na direção oposta de onde deixei o carro. Andarei pelo quarteirão antes de voltar para o carro e partir.

— Eu sei. — Concordo.

— Meu pai está agitado. Nunca o vi assim antes, completamente desequilibrado. — Murmura Timofei.

— Ele ainda sofre. — Afirmo, quando chego ao carro e entro no banco do motorista.

Estou voltando para o apartamento, de volta para Oksana. Não sei por que não posso ficar longe dela, por que a deixo chorando e depois volto praticamente rastejando, como uma mulherzinha. Sinto-me desequilibrado.

— Sim, mas Oksana não fez nada para causar a morte de mamãe. Ele está se perdendo e não há muito o que qualquer outro *Pakhan* perdoará. Tentou trazer um traidor para o grupo familiar e todos estão na porra do limite. O Cartel está desaparecido, sem pistas. Tivemos que ligar para o MC do *Notorious Devil* e para os irlandeses avisando-os para ficarem em alerta máximo. Ainda não temos ideia de onde irão atacar novamente. — Resmunga.

— Acha que sua nova noiva está em perigo? — Pergunto, o pensamento cruzando minha mente. Ele deve se casar em pouco menos de um ano com uma princesa irlandesa.

— Provavelmente. — Diz, parecendo estar com os dentes cerrados.

— Estou farto dessa merda. — Resmungo.

— Não! Sério porra? — Ele ri.

— Casarei com Oksana amanhã. — Anuncio e percebo que retém a respiração. — Queria que você soubesse.

— Mantenha-a segura, sim?

— Sempre. — Concordo, entrando na garagem do meu prédio. — Mantenha-se atento sobre sua noiva.

— Tenho três *Bykis* sobre ela o tempo todo. Eles a verificam de hora em hora. Estou muito longe para vê-la eu mesmo. — Rosna.

— Três? — Rio.

— Não confio nos idiotas irlandeses. Está prestes a ser minha e preciso dos meus homens ao redor enquanto ainda está em Nova York. — Murmura.

— Assim que pudermos, voltamos para Denver. Chamarei Oksana quando estiver segura.

— Obrigado, Mika. — Diz, terminando a chamada sem me permitir responder.

Não tenho nada a adicionar, de qualquer maneira. Guardo o telefone no bolso oposto ao que está a arma, onde agora tem um buraco no canto inferior e entro no elevador. Não demora muito e estou no meu andar.

Saio e escrevo um texto para Sergei, informando que todas as tarefas foram concluídas. Ele responde instantaneamente, dizendo para ligar na manhã seguinte e agendar um horário para nos encontrarmos. Concordo e destranco o apartamento antes de entrar, fechando a porta atrás de mim. Empurro o telefone de volta e caminho até o quarto.

Oksana está no quarto. Tomou banho e está vestida para o dia, o cabelo ainda molhado mas preso em uma longa trança para o lado. Endurece o corpo, mas não ergue o olhar do livro. Vejo que tem um bloco de notas na frente dela e está com um lápis na mão. Após uma inspeção mais detalhada, percebo que está desenhando.

— Não sabia que desenhava. — Comento. Viro para a mesa de cabeceira do meu lado da cama e esvazio os bolsos. Arma e telefone incluídos.

— Matou alguém hoje? — Pergunta com voz distante, mas ainda doce e suave.

— Três, na verdade. — Admito, removendo o casaco e o jogando para o canto do quarto.

Não diz mais nada e não acho o silêncio reconfortante. É realmente ensurdecedor e odeio isso.

— Deixe o desenho de lado, *lapochka*. — Ordeno.

Faz exatamente o que digo, sem hesitação. Odeio isso também. Gosto de sua atitude, da boca esperta. Na verdade, adoro isso.

— Timofei ligou hoje. — Murmuro, observando quando uma faísca acende seu olhar. — Disse que sua amiga ligou para ele, preocupada com você.

Oksana morde o canto do lábio inferior e eu rio.

— Timofei assegurou que você está bem. Foi perigoso ter entrado em contato, *lapochka.* — Murmuro.

— Eu avisei que não queria causar nenhum mal. — Defende-se. E concordo.

— Eu sei. Mas ainda assim, foi perigoso. Seu irmão está sob muita pressão e stress; não apenas com tudo o que aconteceu durante seu casamento, mas também por causa de seu pai e de sua noiva. Ele precisa mantê-la segura em Nova York, mesmo estando em Denver. Assegurei que está segura aqui e o informei sobre nosso casamento. — Anuncio.

— Não ficou irritado? — Pergunta.

— Irritado por quê? Ele sabia sobre minhas intenções quando a trouxe comigo. — Digo.

— É só... — Murmura.

— Só o quê? — Exijo saber.

— Não sei. Só não achei que ficaria feliz por estar casada novamente tão cedo.

— Timofei tem a própria noiva para se preocupar e seu pai. Provavelmente está feliz que esteja cuidando de você. — Digo, sentindo meu temperamento subir com suas palavras.

— Sim, com certeza. — Concorda com um aceno.

— Quer voltar para ele ao invés de ficar comigo? — Pergunto.

Vira a cabeça para me olhar e seu rosto parece ferido. Ela parece quase doente.

— Muita coisa aconteceu e ainda estou processando. Não quis dizer nada de ruim com isso. Lamento que não esteja empolgada. Você sabia sobre o plano de Timofei antes do tempo. Eu não. — Diz baixinho.

— Sabia. — Admito. — Para ser honesto Oksana, você dá os sinais mais mistos que já recebi. Ou está comigo ou não está. Estou cansado de não saber o que realmente quer. Casamo-nos amanhã ou a envio para casa do seu pai. — Afirmo, antes de virar e me afastar dela.

Não saio do apartamento como quero desta vez. Em vez disso, vou até o escritório e fecho a porta, trancando-a atrás de mim. Não quero que entre e seja suave, doce e pressione o corpo perfeito contra mim, me fazendo sentir como merda por gritar com ela. Não quando estou absolutamente certo.



Capítulo Nove



Passo outra noite sozinha, embora saiba que desta vez Mika não deixou o apartamento. Está escondido no escritório e não saiu de lá. Olho para o paletó dele no canto e me encolho.

Não quero saber por que o enrolou em uma bola e o jogou no canto, não quando já admitiu que matou três pessoas ontem. Não estou chateada que estejam mortos. Sei o suficiente sobre essa vida para saber que os homens Bratva matam. Nem sempre sei as razões, mas não sou ingênua o suficiente para pensar que não acabam com vidas diariamente.

Depois do banho, arrumo o cabelo e o deixo solto, mas enrolado levemente para ter um pequeno volume adicional. Aplico a maquiagem, tentando fazer meu rosto parecer o mais perfeito possível. Quando estou satisfeita, vou até o armário e pego o vestido que decidi que seria o vestido de casamento.

Eu o comprei sem saber exatamente onde usaria o maxi vestido azul claro. Coloco-o por sobre a cabeça e me olho no

espelho. Não posso usar sutiã com ele e um movimento errado poderia me fazer mostrar os seios. Mas ainda é impressionante. O decote é profundo, um largo V que termina na cintura onde um pedaço fino de tecido o envolve, deixando o resto solto, arrastando no chão. Passo os dedos pelo tecido e sorrio para a suavidade que possui. É um material do tipo organza e a única coisa que o segura nas costas, são algumas tiras cruzadas. Caso contrário, teria as costas inteiramente expostas.

Coloco um par de sandálias planas, douradas e inalo profundamente, olhando para o lindo anel amarelo uma última vez, antes de sair do quarto e ir para a sala de estar.

Mika está de pé na cozinha, com o olhar voltado para o telefone. Deve tê-lo pego da mesa de cabeceira enquanto eu estava no chuveiro.

— Estou pronta. — Anuncio, assim que entro na cozinha.

Ele levanta a cabeça e olha para meu corpo, antes de fixar os olhos no meu peito e ficar lá.

— Vamos. — Resmunga.

— Houve mais algum problema? — Pergunto.

Mika caminha diretamente para mim. Coloca uma das mãos na minha cintura e a outra, ao redor do pescoço. Em seguida, traz o rosto a centímetros do meu e posso sentir o

hálito quente que exala e é então que percebo o quanto senti falta dele na nossa cama.

— Está linda e sexy demais. — Murmura.

— Muito? — Pergunto, expirando.

— Aproveitarei quando retirar esse vestido da minha esposa mais tarde. — Diz antes de me beijar. Sua língua força o caminho para dentro da minha boca e como sempre, me consome.

Envolvo os braços ao redor do pescoço dele e o trago para mais perto, mas ele não move as mãos. Não tenta fazer nada além de me beijar e quando para, mordisca o lábio inferior antes de falar no meu ouvido:

— Dormi longe na noite passada porque pensei que você precisasse de um pouco de espaço. Mas essa foi a última vez que isso aconteceu, sim?

— Sim.

— Sergei espera por nós. — Resmunga.

Sem dizer mais nada, me libera e entrelaça nossas mãos, me puxando para a porta. Não demora muito tempo para chegarmos ao ZAGS, o Palácio de Casamentos onde vejo tio Sergei nos esperando do lado de fora.

— Como conseguiu isso aconteceu tão rapidamente? Pensei que haveria um período de espera. — Pergunto a Mika quando me ajuda a sair do carro.

— Sergei. — Responde. Quando estamos em pé na frente do meu tio, ele me puxa para um abraço rápido.

— Aqui estão seus documentos. — Anuncia, entregando a Mika dois passaportes, ambos russos. E por mais que meus pais tenham nascido aqui, o mesmo não aconteceu comigo.

— Tio? — Pergunto, olhando para os passaportes e de volta para ele.

— Nós somos Bratva. Nós lidamos com a merda. — Ri.

Não faço mais perguntas. Estou com um pouco de medo das respostas que posso receber. Não esperamos por muito tempo e me sinto mal ao passarmos na frente de dezenas de casais que estão na fila. Tio Sergei abre a porta e entramos.

A cerimônia é rápida. Não entendo três quartos da mesma, mas sigo o exemplo de Mika. Dentro de poucos minutos, estamos trocando anéis, nos beijando e assinando uma certidão de casamento antes de sairmos porta afora.

— Mika. — Chamo, olhando para ele.

— Vamos. — Resmunga.

Ouço tio Sergei rindo atrás de nós quando Mika me carrega nos braços e leva para o carro. Ele me se instala e

depois acelera em direção ao apartamento. Não sei por que está agindo desta forma, mas não posso negar que é sexy. Eu o quero novamente. Quero tudo dele, agora. Senti falta desse homem mais do que percebi ontem à noite.

— Estamos casados. — Sussurro quando o carro entra na garagem.

— Estamos. — Resmunga, saindo do lado do motorista antes de correr para me ajudar. Mas não o espero. Estou fora e o esperando, antes que possa chegar até mim.

— Por que eu o quero tão estupidamente agora? — Pergunto, enquanto corremos para as escadas.

— Adrenalina. — Diz sorrindo.

— Não sei o que é, mas preciso de você, Mika. Eu preciso muito de você. — Digo, quando a porta do elevador se fecha.

Ele me empurra contra a parede do elevador e lambe o canto dos meus lábios e aperta com força minha bunda, antes de me beijar o pescoço, seu pau pressionado contra mim.

Sem pensar, enfio a mão dentro da calça e agarro o comprimento duro, apertando enquanto ele geme. Deixa-me tocá-lo por um momento antes de se afastar e sou forçada a soltá-lo, retirando a mão.

As portas do elevador se abrem e de mãos dadas, chegamos em frente à porta de nosso apartamento. Mika a

destranca e sem uma palavra, me carrega como uma noiva, como a sua noiva e me leva para dentro.

— Mikhail. — Sussurro, olhando em seus olhos enquanto me carrega pelo apartamento.

— *Lapochka*. — Murmura.

Nunca irei me cansar de ouvi-lo me chamar de querida. Acaricio seu pescoço, cabelos e aperto os fios macios. Quando estamos no quarto, ele para e me beija suavemente.

— Você é minha agora. — Diz contra meus lábios. — Para sempre!

— Para sempre. — Digo de volta. Fechando a distância entre nossas bocas, o beijo.

Mika me abaixa na cama, os quadris aninhados entre as minhas coxas. Suavemente, me acaricia as pernas e agarra o lado de fora das coxas, antes de mover as mãos para a minha bunda e a apertar.

— Para sempre! — Rosna.



Eu me sinto louco, completamente fora de controle e de uma forma que nunca senti antes. Quero pegar meu pau, enfiá-lo dentro dela e transar com ela por horas. Quero fazê-la gritar o meu nome com prazer ou dor (não dou a mínima agora) e é por isso que não posso estar dentro dela ainda. Não até que possa me controlar.

Levanto, liberando o aperto sobre ela e dou um passo para trás, fechando os olhos por um segundo para tentar ganhar alguma compostura.

— Mikhail? — Pergunta sem fôlego e quase perco novamente o controle. Nunca deveria ter dito a ela o meu nome de batismo.

— Dispa-se para mim, *lapochka.* — Peço.

Oksana acena com a cabeça e faz o que pedi. Minha esposa. Minha linda esposa está tirando a roupa para mim. Mordo o lábio quando retira o vestido pelos ombros, mostrando o que já sabia: que não está usando sutiã. Leva apenas um segundo para que o vestido fique reunido em torno de seus pés.

Quando retira os sapatos, sai do vestido e fica na minha frente com nada além de uma minúscula calcinha branca. Abaixo a cabeça e olho para ela antes que rindo, a tire também.

— Suba no meio da cama e toque-se para mim. — Rosno.

— Mika, eu não posso. Eu nunca... — Seus olhos estão arregalados e a respiração acelerada, um sinal claro de que está com medo e nervosa também.

— Você pode e vai. — Digo, não deixando espaço para discussão.

Acena e assisto enquanto sobe no meio da cama. Sorrio quando abre as longas pernas e, hesitante, passa os dedos pela boceta.

Começo a me despir. É melhor que não a toque agora.

Vê-la se tocar é absolutamente deslumbrante.

— Oksana... Vamos, *lapochka*! Mostre-me. — Murmuro quando deixo a calça cair junto com as boxers.

— Mika, é muito embaraçoso. — Sussurra, enquanto sua voz oscila.

Envolvo a mão em volta do meu pau e espremo a cabeça, tentando aliviar um pouco a pressão.

— Mesmo? Porque é uma das coisas mais sexy que já presenciei na vida! — Digo, encorajando-a.

Ela respira fundo, solta o ar vagarosamente e assisto com admiração quando enfia dois dedos dentro de si e começa a realmente a se masturbar. Estava errado. Esta não é “uma” das coisas mais sexy que já testemunhei antes. “É” a coisa mais sexy que já vi. Continuo a me acariciar a olhando

fixamente. Oksana fecha os olhos enquanto arqueia as costas e suponho que se esqueceu que estou no quarto.

Há um leve brilho de suor espalhado por todo o corpo bonito quando solta um gemido que aperta minhas bolas a ponto de quase me fazer gozar. Com um gemido, libero a cabeça de meu pau e subo no fundo da cama, parando entre as pernas dela.

— Mova a mão. — Ordeno, os olhos focados na maneira como se toca, enchendo a boceta doce com os dedos mais e mais rápido.

— Mika, estou tão perto... — Geme.

Agarro seu pulso e aplico um pouco de pressão, acalmando os movimentos que faz. Ela geme e eu rio quando puxo a mão que está entre suas pernas e sugo o gosto de boceta que tem nos dedos.

— Por favor, por favor! — Implora, enquanto balança a cabeça de um lado para outro.

— Precisa do quê, Oksana? — Pergunto com um sorriso.

— Você, Mikhail. Eu preciso de você. — Geme.

Agarrando a parte de trás dos joelhos dela, abro suas pernas mais amplas, as empurro para cima e deixo seus joelhos pressionados contra os ombros, afundando dentro do calor apertado. Oksana choraminga e levanta as mãos para agarrar meus braços.

— Preciso fodê-la, Oksana. — Aviso.

— Sim. Eu sei que você precisa. — Concorda com um aceno de cabeça.

Fecho os olhos, esperando que não a machuque, mas sabendo que não serei capaz de me segurar. Puxo quase que completamente para fora dela, antes de meter de volta com força e vejo como arqueia para mim e suspira. Faço novamente e repito, uma e outra vez.

Não leva muito tempo. Seu corpo já estava preparado e quando ela goza, é como em um soluço, o corpo tremendo sob o meu. Posso senti-la gozando, mas de nenhuma maneira posso parar de transar com ela. É muito quente, apertada e molhada.

— Mika! — Diz acabada, o corpo mole enquanto bato dentro dela. Sua boceta parece uma luva quente e úmida que me mantém louco a cada impulso. Sinto um formigamento familiar nas costas que me alerta sobre o orgasmo iminente. Eu a fodo mais forte, mais rápido e persigo a minha libertação. Quando gozo, é mais uma explosão do que qualquer outra coisa. Nunca gozei tão forte em toda a minha vida.

Inclino a cabeça para trás e rio. Minhas pernas e braços começam a tremer e solto as de Oksana quando caio contra o peito dela, o rosto indo direto ao seu pescoço. Ela percorre com as pontas dos dedos suavemente minhas costas para cima e para baixo enquanto ainda estou tremendo.

— Meu marido... — Sussurra no quarto silencioso.

— Para sempre, minha esposa! — Devolvo, beijando o suor de seu pescoço.

— Não posso acreditar que estamos casados. — Diz.

Ergo a cabeça e olho nos olhos dela. Espero ver a preocupação gravada em suas feições, talvez até raiva pela maneira como o nosso casamento aconteceu, mas não há nada lá. Está sorrindo e meu coração retorce dentro do peito.

— Poderá ter uma grande festa quando voltarmos para os Estados Unidos. — Digo. Eu não sei por que ofereci, mas quero que seja feliz, que esteja sempre feliz.

— Não quero uma festa. — Diz, com um aceno de cabeça. Empurro os quadris, meu pau ainda dentro e ela engasga.

— Não minta para mim, *lapochka*. Seu vestido custou mais de cem mil dólares! Você definitivamente quer uma festa. — Digo rindo.

Oksana estreita os olhos sobre mim. Se olhar pudesse matar, não tenho nenhuma dúvida de que ela seria viúva pela segunda vez, em menos de duas semanas.

— Não posso negar que sempre quis um casamento de conto de fadas, de princesa. Mas Mika, meu pai me deu isso e foi horrível. Não apenas o dia, mas tudo. Mamãe não estava lá para me ajudar e tudo parecia errado. Tudo estava errado.

— Eu não acho. — Digo, balançando a cabeça.

— Hoje no nosso casamento, simplesmente senti que fazia a coisa mais certa para mim desde que mamãe morreu. Você me faz bem, Mikhail.

— Eu a farei feliz, *lapochka*. Juro que irei fazê-la feliz. — Digo.

— Eu sei que fará. — Sussurra, antes de me beijar doce e suavemente de boca fechada.

Passamos o resto do dia nus na cama. Tento não pensar sobre o fato de seu pai estar tentando me matar. Lidarei com Pasha amanhã. Hoje, meu foco deve ser apenas em minha Oksana e em fazê-la gritar tantas vezes quanto possível. Talvez faça um bebê nela também. Pasha não poderia levá-la, ou a mim se estiver grávida de meu filho.



Capítulo Dez

Oksana

Mikhail é um enigma. Nem sempre sei sobre o que está pensando ou como reagirá às coisas mais simples. Mas às vezes me surpreende e se torna doce e carinhoso. É uma montanha russa de emoções.

Rolo para o seu lado da cama e encontro os lençóis frios. *Maldito homem que gosta de levantar cedo*! Eu me alongo antes de ir ao banheiro e depois pego no chão a camisa que usou ontem. Coloco e a abotoo enquanto caminho até a sala de estar. Pela janela posso ver a Praça Vermelha e é uma visão absolutamente deslumbrante. Mas não sei se Mika vê alguma coisa; não parece estar focado em algo em particular.

— Sim, estarei lá. — Mika resmunga, enquanto olha para longe quando começa a falar algo em russo.

Fico entre a grande janela e seu corpo, olhando para ele. Aperta minha cintura, antes de continuar a falar no telefone.

Não consigo entender nada, não que realmente me importe em ouvir suas conversas.

Em vez disso, fico de joelhos e abaixo suavemente a calça de moletom que está usando. Não encontro nenhuma boxer por baixo e por isso, coloco a língua para fora e lambo a extensão do pênis grosso. Ouço sua respiração falhar, enquanto continua a falar ao telefone.

Abrindo a boca, me inclino para frente e o levo para baixo da garganta, as mãos envolvendo a parte de trás das coxas firmes enquanto me movo em torno de seu pau. Uma das mãos passa por meu cabelo até atingir a parte de trás da cabeça, quando torce os dedos para me prender e imobilizar.

Abro os olhos e vejo quando Mika abre a boca e fica parado. Entendo o que quer e fico com a boa aberta, imóvel. Ele assume, fodendo e afundando o pênis mais e mais na minha garganta a cada impulso.

Rosna algo no telefone antes de apertar um botão e jogá-lo para trás. Em seguida, a mão livre agarra meu pescoço e o massageia suavemente enquanto me fode mais forte e mais rápido antes de gemer alto. Sinto o sêmen deslizar pela garganta enquanto seu pau se contorce.

— Oksana, porra! — Murmura, dando um passo para trás e erguendo o moletom. Depois, me ajuda a levantar do chão.

— Bom dia! — Sorrio enquanto limpo a saliva que escorreu da boca.

— Grande manhã, caralho! — Resmunga. — Queria fazê-la gozar, mas preciso chegar ao escritório de Sergei. Eu tenho que fazer um trabalho. — Murmura enquanto me acaricia a bochecha, parecendo extremamente desapontado.

— Está tudo bem. Irei com Leonie e Ustin para o orfanato de qualquer maneira. — Sorrio.

— Nenhuma outra parada, sim? Ainda não sei o que seu pai realmente colocou em movimento. Fique com Ustin o tempo todo.

— Ficarei, Mika. Prometo. — Sussurro quando me beija.

— Irei comê-la lentamente esta noite. — Diz contra meus lábios.

— Está bem. — Suspiro.

Ele ri, me dando um tapa na bunda quando recua e se vira, afastando-se de mim. Pega o telefone do chão, antes de ir pelo corredor e entrar no nosso quarto. Tremo em antecipação quando entro na cozinha e faço um café.

Poucos minutos depois, ele entra na cozinha, completamente vestido com um de seus belos ternos, o cabelo ainda úmido do chuveiro. Sorri para mim antes de fechar a distância entre nós, me agarrar pelo pescoço e beijar minha orelha, o hálito quente enviando arrepios pelo corpo todo. Sinto os mamilos duros como pedra imediatamente.

— Voltarei para casa e pediremos algo para o jantar. E depois, finalmente comerei você como sobremesa, sim?

Aceno, mal conseguindo respirar e completamente incapaz de falar.

— Vejo você à noite. Seja uma boa menina. — Recomenda antes de sair.

Fico na cozinha ofegando quando Mika sai pela porta. Quando a trava é acionada, sinto como se levasse um choque. Olho para o relógio e corro em direção ao quarto para me vestir. Estou animada para ver os bebês novamente. Mal posso esperar.

Depois que tomo banho, coloco jeans, botas e uma camiseta com decote em V azul-marinho, solta. Os cabelos estão soltos e ondulado, mas não tenho tempo de fazer nada além arrumá-los em um coque bagunçado. Aplico uma camada leve e rápida de maquiagem e saio do quarto assim que Ustin e Leonie entram pela sala de estar.

— Parabéns! — Leonie grita enquanto se apressa em me abraçar.

— Obrigada. — Agradeço feliz.

Ustin apenas ergue o queixo e depois vai até a porta esperar por nós. Leonie e eu não esperamos mais um segundo para segui-lo e saímos pela porta, esperando que a tranque atrás de nós. Ela me faz algumas perguntas sobre o casamento.

e se surpreende ao saber como tudo feito às pressas e que apenas tio Sergei o assistiu.

— Mika diz que posso ter uma festa mais tarde, mas não quero uma. — Digo, dando de ombros.

— Por que não? — Pergunta, me fitando.

— Já tive uma grande festa e ninguém estava feliz. E certamente o final dela também não foi melhor. — Murmuro.

— Posso entender. — Diz baixinho. — É por isso que não quero nunca mais me casar novamente. Ustin sabe disso e não empurra o assunto, embora acho que queira se casar. — Sussurra.

— É difícil. — Concordo.

— Isto é. É muito corajosa, Oksana por tentar novamente com Mika. — Diz e sinto-me como uma fraude.

Não estava casada nem por duas horas quando me libertei do babaca. Nunca sofri da maneira que Leonie sofreu; embora tenha a sensação de que se Timofei não o tivesse matado, Gavril teria se assegurado de que eu sofresse bastante. Era uma cobra.

Subimos no carro e a conversa termina assim que estamos todos juntos e a caminho do orfanato. Olho pelas janelas, esperando que Mika esteja bem lá fora, onde quer que esteja. Não posso acreditar no que papai está fazendo. As ações que está tomando não são as de um homem estável e me

pergunto se perder mamãe foi a única razão pela qual se tornou repentinamente um maníaco.

— Pronta? — Leonie pergunta, quando se vira para olhar para mim do banco da frente.

— Sim. — Respondo.

Juntos, entramos no orfanato e nos registramos. Por mais que eu goste das crianças maiores, acho que quero aquela sensação de calma que só os bebês podem me passar hoje. Digo a Leonie que passarei meu tempo com eles e ela sorri e acena com a cabeça, antes de ir ver as crianças mais velhas. Sua paixão são as crianças com as quais pode brincar e conversar. Mas eu prefiro as vidas inocentes e desamparadas que não conseguem o contato humano que realmente merecem.

Sorrio para a enfermeira e caminho até o primeiro bebê na fileira de berços. Trata-se de uma menina. Seu nome é Zia, de acordo com a pequena etiqueta ao lado do berço e tem cinco semanas de idade. Sinto o coração doer quando a pego no colo e seguro contra meu peito antes de caminhar até a cadeira de balanço e sentar.

Cinco semanas atrás ela teve uma mãe. Balanço a cabeça enquanto a abraço e quando ela encosta em meu pescoço, suspiro. Agora entendo porque mamãe queria uma casa cheia de bebês. Eles são calmantes, bonitos e confiantes. Precisam apenas de amor e de uma mãe que os ame.

Fecho os olhos e penso em meus irmãos e irmãs que não sobreviveram. Papai acha que não sei sobre os abortos porque aconteceram há muito tempo, mas eu lembro. Lembro-me da dor instalada no rosto de mamãe a cada vez que perdia um bebê. Papai nem sempre sabia como consolá-la, sendo um homem da Bratva. Lidar com emoções não é algo que saiba fazer. Por isso, mamãe tentava esconder o sofrimento e quando achava que estava sozinha, chorava.

Passar o dia carregando vários bebês, é uma mistura de sensações: calmantes, gratificantes e entristecedoras, tudo ao mesmo tempo. Leonie vem me pegar enquanto estou colocando o último bebê no berço. Sorrio e me despeço da mulher que alimenta, troca e cuida das crianças o dia todo. Ela levanta o queixo e mostra um pequeno sorriso quando saio do quarto.

— Você está bem? — Leonie pergunta, quando voltamos para casa.

— Estou. Estava pensando sobre a minha mãe. Ela faleceu vários meses atrás. — Admito em um encolher de ombros.

— Você sente falta dela. — Afirma.

— Alguns dias mais do que em outros. — Respondo com um sorriso.

Sinto falta de mamãe. Sônia Vetrova foi notável em todos os sentidos. Era uma esposa e mãe dedicada e amorosa. E também era uma forte esposa da Bratva. Não aguentava merda.

nenhuma e sua posição como esposa de um *Pakhan* foi exibida em cada movimento que fez. Sinto falta dela todos os dias e me odeio por ter sido uma filha mal-humorada. Se pudesse ter qualquer coisa no mundo, pediria cinco minutos a mais com ela para pedir desculpas, abraçá-la e dizer que a amo.

— Fique aqui. Levarei Oksana. — Ustin diz à mulher.

Agradeço a Leonie por outro dia maravilhoso e fazemos planos para almoçarmos juntas amanhã. Talvez até mesmo possamos visitar algumas boutiques e fazer nossas unhas. Seria como um chá de panela. Rio e aceno quando me junto a Ustin do lado de fora do veículo. Entramos no prédio e ele verifica o apartamento antes de dizer que nos veremos amanhã.

Quando estou trancada, decido tomar um longo banho quente e relaxar um pouco antes que Mika chegue em casa depois de fazer seja lá o que faça o dia inteiro.

Mika

— Você já terminou com esses? — Sergei pergunta, quando entrego os arquivos dos homens que matei para ele. —

Lembra-se bem da cidade pelo visto. Já faz alguns anos que foi embora. — Comenta rindo.

Solto um suspiro antes de sacudir a cabeça.

— Celular e carro. Ambos têm GPS. Assim não é tão difícil de se locomover. — Respondo e Sergei balança a cabeça, ainda com um sorriso nos lábios.

— Quer mais trabalho? Tenho mais. — Pergunta.

Penso sobre as palavras dele. Manobrar pela cidade tem sido bastante fácil, exceto que não sei quais policiais são pagos e quais não são. Precisei ser mais cauteloso que o normal em trabalhos como esses. Balançando a cabeça, decido que não farei mais trabalhos. Sendo totalmente honesto, só quero levar minha esposa para casa, de volta a Denver e quero voltar para a minha equipe.

— Após essa merda de Pasha colocar um preço sobre mim, apenas quis terminar os trabalhos que combinei com você, caso tivesse que sair de repente. — Digo, dando de ombros.

— Ligarei para Pasha. — Resmunga. — Ele está extrapolando.

— E se fosse Tatyana? — Pergunto, arqueando a sobrancelha. Quero saber como reagiria se fosse sua filha.

— Fiz contrato para Tati quando ainda era uma criança para que isso não acontecesse. — Diz com um aceno de mão.

— Verdade. — Concordo, sentando em uma cadeira.

— Ligarei para Ziven primeiro, para que tente lidar com ele. — Sergei diz.

Aceno de acordo. Ziven é o meu *Pakhan* e realmente deve saber onde estou.

— Uma vez que Pasha saiba que está casado, então lidamos com a reação do ego machucado dele. Mas os dois estão sob minha proteção aqui e ele não pode tocar em vocês. Se fizer isso, lidará comigo. — Resmunga.

— Mas e se conseguir? — Pergunto.

— Caso seu cabelo fique até mesmo chamuscado, Pasha lidará comigo. Ele tem que seguir a porra da linha! Fodeu demais com toda essa bagunça de Gavril. Acho que não quer arrumar encrenca de novo, ou serei eu quem irá para Brighton Beach e o deixará a dois metros de profundidade. — Diz Sergei, a voz baixa e letal.

Aceno, entendendo agora porque ninguém nunca quis ver o lado ruim de Sergei.

— Vá para casa, para sua esposa. Tenho certeza que está esperando por você. — Diz sorrindo.

— Está visitando bebês em um orfanato hoje. Tem mais alguma coisa para mim? — Pergunto, pensando que posso muito bem colocar um dinheiro extra na conta bancária e imaginando se poderia aceitar um trabalho de cada vez.

— Orfanato? — Pergunta.

— Contei sobre minha irmã, sobrinhas e sobrinhos. A mulher de Ustin é voluntária em um orfanato local algumas vezes por semana e Oksana está se juntando a ela. — Digo.

— Ela tem um bom coração, muito parecido com o de Sônia. — Murmura.

— Realmente. Quando você passa pela parte da estampa mimada. — Rio, mas ele não. Ao invés disso, levanta a sobrancelha para mim. Sacudo a cabeça e digo: — Sei que é apenas um ato, chefe. Não conheci Sônia, mas conheço Oksana e ela é muito mais suave do que deixa transparecer.

— Ela é. Sua mãe era dura como esposa de *Pakhan*, mas qualquer um que a conhecia a amava. Era suave, doce e extremamente forte; não aguentava a merda de ninguém, exceto talvez a de Pasha. Como suportou o homem, nunca saberei. — Diz, fechando os olhos por um momento antes de reabri-los. Não está mais na sala comigo; parece completamente perdido em pensamentos, no passado. — Cuide de Oksana. — Ordena.

Concordo enquanto limpo a garganta e fico em pé. Cuidarei de Oksana porque é minha e porque sua suavidade merece ser cuidada. Decido dar um passeio antes de ir para casa, antes de voltar para ela. Preciso de um pouco de ar fresco.

Resolvo ir para o Parque *Gorky*. Não vou desde que era um garoto. Meu mentor nos levou uma vez, quando éramos adolescentes. Foi para que fizéssemos negócios vendendo drogas, mas me lembro de estar nesse parque de diversões como se fosse ontem.

Quando finalmente chego, fico surpreso ao ver que tudo parece novo e limpo, muito diferente das atrações quebradas e degradadas das quais me lembro. Os restaurantes eram apenas locais que vendiam merdas *fast food;* mas agora parecem limpos e há filas esperando para entrar.

Fico impressionado com a enorme quantidade de pessoas que simplesmente andam por aqui e ainda mais surpreso com o número de crianças que vejo. Definitivamente não é mais o lugar do qual me lembro. Está mais brilhante e feliz. Até mesmo vejo um grupo de pessoas fazendo ioga. Nada restou do lugar decadente onde fiz a primeira venda de drogas e onde dei minha primeira volta em uma roda-gigante frágil.

O sol começa a se pôr e olho no relógio, surpreso ao ver que andei por aqui durante o dia todo, observando a paisagem e bebendo a água do rio com o qual o parque está alinhado. Decido que é hora de ir para casa, para a minha Oksana. Quero estar por perto, segurá-la e ficar dentro dela, a saboreando.

Encontro o apartamento quieto quando entro, mas ouço a voz de Oksana do quarto. Rapidamente, mas em silêncio, caminho de encontro à sua voz. Ainda estou quase congelado

quando finalmente a encontro. Está deitada na banheira, água e bolhas ao redor. A cabeça está inclinada para trás e os olhos fechados, enquanto canta a música que toca em seu telefone.

É a coisa mais linda que já vi.

Tiro as roupas o mais rápido que posso e caminho até a banheira, entrando e afundando na frente dela. Oksana se assusta e fica agitada, me fazendo rir. Quando me vê, estreita os olhos.

— Você me assustou *pra* caralho! — Diz, quase chorando.

— Sinto muito, *lapochka*. Venha se apoiar em mim. — Ela revira os olhos, mas faz o que eu peço. Fica em pé, antes de se virar e afundar de costas para mim.

Acaricio o corpo todo dela com os dedos, descansando o queixo em seu ombro e apenas apreciando o contato de nossos corpos juntos.

— Você teve um bom dia? — Pergunta baixinho.

— Esteve tudo bem. Conte-me sobre o seu. — Digo, minha voz um pouco acima de um sussurro.

— Fiquei no berçário o dia todo e segurei cada bebê que estava lá. São tão lindos, Mika... cada um deles! — Sussurra.

— Quer ter alguns? — Pergunto.

— Bebês?

— Sim, *lapochka.* Bebês. — Murmuro, enquanto continuo a acariciar a pele delicadamente.

— Uma casa cheia deles. — Responde.

— Não está usando nenhum controle de natalidade, não é? — Pergunto, mesmo tendo certeza da resposta.

— Não. — Responde. Praticamente posso vê-la mastigando o lábio.

— Bom. Quero uma casa cheia, também. — Digo.

— Mas tão cedo?

— Gostaria de esperar um pouco. Seria o ideal. Mas quanto mais cedo ficar grávida, mais estaremos vinculados e seu pai não poderá tentar tirá-la de mim. — Admito.

— Nunca pensei sobre isso. — Diz.

— Não queria que fosse assim. Mas sendo honesto Oksana, não trocaria o fato de tê-la aqui comigo e de agora ser minha esposa por qualquer outra coisa no mundo inteiro.

Capítulo Onze

Oksana

Faz uma semana que Mika e eu conversamos sobre gravidez e bebês. Os dias têm sido solitários, mas as noites foram as melhores que jamais pude imaginar ter. Mika e eu estamos nos aproximando e estou me apaixonando mais e mais por ele todos os dias. Sei que é apenas o começo, mas estamos trabalhando juntos para passarmos através de todos os problemas que temos enfrentado.

Expiro e me forço a sair da cama. Estou com as pernas trêmulas por causa do orgasmo da manhã que ele me deu antes de sair para o trabalho. Penso sobre nossa conversa há alguns dias. Sobre bebês, sobre tentar engravidar a fim de ficarmos juntos, para que papai não possa nos separar. Não quero pensar que ele faria isso; não quando estou casada e obviamente feliz.

Além disso, não tenho certeza se quero trazer uma criança ao mundo com esse propósito apenas. Sinto-me

culpada e ele se sente mal. Um bebê deve nascer para ser amado, cuidado e não para fornecer algum tipo de proteção. Posso não ter pensado assim meses atrás, mas depois de estar perto dos bebês no orfanato, sei que precisam ser amados e não serem usados como moeda de troca.

Não demoro muito tempo para me vestir. Acho que com o passar dos dias, a necessidade que tinha de parecer perfeita o tempo todo, está rapidamente diminuindo. Quando estava em Nova York, mesmo que fosse ficar em casa o dia todo, sempre me certificava de que minhas roupas estivessem perfeitamente combinando com a maquiagem, cabelo e sapatos.

Agora, passo os dias almoçando com Leonie ou no orfanato, onde geralmente estou coberta de saliva ou de xixi.

E não mudaria nada sobre isso. Estou mais feliz do que jamais fui.

Gostaria que mamãe estivesse por perto para me ver agora. Gosto de pensar que estaria orgulhosa da mulher que estou me tornando, embora ainda precise de umas aulas de culinária. Não fiz uma única refeição para o meu marido. Nem saberia por onde começar.

Ouço uma batida na porta que me surpreende. Sei que Ustin e Leonie estão vindo, é outro dia no orfanato para nós, mas eles têm a chave. Mais tarde, iremos para uma aula de culinária, algo que ainda tenho que informar a Ustin. Tenho

certeza de que irá odiar, mas acho que Leonie se divertirá comigo.

Chego até a porta e a abro. Imediatamente me arrependo por não olhar no olho mágico. De pé em frente a mim, está um homem vestido como todos os outros que já conheci. Em um lindo terno, ele exibe uma carranca no rosto.

Viro para correr de volta ao apartamento, pensando que talvez possa pegar o telefone a tempo de chamar Ustin ou Mika. Mas claro, ele é mais rápido que eu. Envolve a mão ao redor da minha boca e sinto alguma coisa afiada no pescoço antes de tudo escurecer.

Mika

Vejo o nome de Ustin no telefone e aperto ignorar. Estou de olho em outro alvo. Hoje, acabarei com a vida dele. Não tenho tempo para ouvir o que Ustin dirá sobre Oksana. Provavelmente só irá repassar sua agenda, algo que faz a cada dois dias. Vou chamá-lo de volta daqui a pouco, assim que acertar o tiro.

Observando o homem em frente, espero a oportunidade perfeita para acabar com sua vida, para realmente tê-lo na

mira. Vejo que pega algo para comer e um café. Depois, continua a andar, mas não para onde deveria ir, ou seja, para o trabalho. Em vez disso, vai até uma clareira, encontra um banco no parque e se senta para comer e beber seu café.

Não paro para pensar sobre como está desfrutando o momento sob a luz do sol antes de começar o dia e ignoro o telefone zumbido no bolso. Ando atrás dele e me sento a seu lado no banco.

Ele nem sequer vira a cabeça para me olhar. Apenas suspira quando pressiono a arma ao lado de seu corpo e puxo o gatilho. Uma, duas, três vezes. Eu o ouço agonizar e espero até que exale o último suspiro antes de levantar. Ando em linha reta, ao invés de voltar para o carro.

Não quero que ninguém suspeite que fui eu quem matou este homem, por isso apenas caminho humildemente. Não acho que fui notado, já que a área não é densamente povoada e além disso, de acordo com as notas de Sergei, este parque é patrulhado por policiais que foram pagos pela Bratva. Então, não irão nem mesmo relatar algo sobre o corpo depois que for encontrado. Quando estou longe da vida que acaba de terminar, pego o telefone que ainda está tocando.

— O que é? — Grito. É pelo menos a quinta vez que Ustin me chama.

— Oksana está com você? — Rosna.

— Não. Por que estaria comigo? — Pergunto, o coração já acelerado no peito.

— Não está no apartamento. — Resmunga.

— Ustin, o que aconteceu? — A voz doce sussurrada da mulher de Ustin pode ser ouvida através do telefone.

— Porra! — Grito. — Estarei lá em apenas alguns minutos.

Corro em direção ao carro, puto por ter que dar uma volta inteira. Estava tão ocupado em terminar um trabalho que não atendi o telefone. Se tivesse, já poderia estar de volta ao apartamento. Quando estou dentro do carro, ligo o motor e chamo Sergei no caminho.

— Fez o trabalho? — Cumprimenta.

— Sim. Mas não é por isso que estou ligando.

— O que aconteceu? — Pergunta, percebendo o tom de pânico na minha voz, tenho certeza.

— Oksana está desaparecida. Ustin foi para o apartamento esta manhã para levá-la para o dia e não a encontrou. — Digo rapidamente.

— Idiota! — Rosna. Endireito as costas, achando que está me ofendendo, mas ele continua: — Liguei para Ziven e disse onde você estava. Presumi que ele chamaria Pasha, que era o

que queria. Mas deixei muito claro que vocês estavam sob a minha proteção.

— Acha que Pasha a levou? — Pergunto, enquanto entro na garagem por baixo do edifício.

— Caralho, se eu sei! Mas isso aconteceu há poucos dias, por isso, o tempo faz sentido. — Murmura.

— Maldição! — Grito, batendo no volante.

— Estou indo para o seu apartamento em poucos minutos. Não faça nada ainda. — Resmunga.

Quase não posso ouvi-lo sobre o sangue que corre através de meus ouvidos e da visão vermelha. Rosno enquanto corro até a escada, abandonando o elevador. Agora, não posso me sentir preso.

Quando chego à porta do apartamento, vejo que está aberta e Ustin e a mulher em pé na sala de estar. O resto do apartamento parece estar como sempre. Não há nenhum sinal de luta.

— Sergei está a caminho. — Anuncio.

— A porta estava destrancada, mas não havia nada de errado ou fora de lugar. — Informa Ustin. — Procurei por todo o apartamento. A bolsa e seu telefone ficaram aqui.

— Obrigado. — Digo, tentando não gritar. Não é culpa dele. É minha. Deveria ter ficado de olho nela, ter esperado seu Byki chegar antes de sair.

Ouço um fungado e olho para a mulher de Ustin, que chora no sofá. Não está se lamentando ou sendo óbvia, mas posso dizer que está com medo. Ustin não se move para consolá-la; está ao telefone chamando homens, trabalhando e ligando para o aeroporto.

Não consigo me recompor; minha mente não está focada e me sinto um inútil. Porra! Tudo o que sei é que a levaram e honestamente, não sei quem diabos a levou.

Mas se for honesto, espero que tenha sido o pai dela.

— Liguei para os aeroportos, chefe. Um voo decolou cerca de uma hora atrás. Era um avião particular, sem destino anunciado. Porém, minha fonte diz que seguia para Nova York. — Afirma. Olho para cima ao ver Sergei caminhando através da porta.

— Caralho! Pasha pegou a maldita criança. — Sergei rosna. — Pelo menos sabemos que está segura.

— Não confio nele. Não com Oksana. — Murmuro.

— É seu pai. — Aponta Sergei.

— Quase a entregou para um maldito traidor. Não confio em porra nenhuma sobre ele. — Grito, incapaz de me controlar.

As sobrancelhas de Sergei se levantam em surpresa e não consigo dar a mínima ao fato de que gritei com o meu superior, algo que poderia me matar, ou no mínimo, rebaixar.

— Ele está instável. — Concorda Sergei.

— Vou voltar. Existe algum avião que possa usar? — Pergunto, sabendo que não posso viajar em um comercial.

— Vai precisar de Ustin? — Pergunta, olhando para o homem em pé atrás de mim.

Balanço a cabeça.

— Alguns homens me encontrarão em Denver. — Murmuro.

— Boa sorte. O avião estará pronto dentro de uma hora. — Avisa. — E me mantenha atualizado.

Levanto o queixo e o vejo ir embora. Depois me viro para Ustin, que está com um olhar engraçado.

— Irei junto para ajudar. — Anuncia.

— Fique aqui com sua mulher. Eu cuidarei dele.

— Levarei Leonie comigo. Ela não descansará, a menos que saiba que sua amiga está bem. — Ustin afirma.

Arregalo os olhos ao olhar para Leonie, que está observando fascinada nossa conversa, com um pequeno sorriso nos lábios.

— Avisarei Sergei. Os dois vão para casa e façam as malas. Pegue-me depois para irmos ao aeroporto. — Suspiro.

— Obrigada. Muito obrigada. — Leonie choraminga. Com um enorme sorriso no rosto, os olhos ainda molhados.

Sou um frouxo completo, especialmente perante uma mulher chorando. Leonie é uma coisinha pequena e parece uma fada. Ela nunca deve chorar.

Vou para o quarto e começo a arrumar minhas próprias malas. Penso em deixar todas as coisas de Oksana aqui, não querendo olhar para elas, mas decido trazê-las comigo.

Pelo menos algumas coisas.

Chamo um *Shestyorka* e peço para arrumar os nossos pertences pessoais antes de dar o meu endereço em Denver. Ele promete enviar tudo até o final do dia. Desligo, as malas já cheias com roupas minhas e algumas coisas de Oksana. Levo principalmente calças jeans e os tops que observei que gosta de vestir. Tenho a intenção de tê-la de volta assim que chegar à cidade.

Não serei o palhaço do pai dela.

Oksana é minha! É minha esposa e esperançosamente, está grávida de meu filho. Não precisa mais fazer o que agrada ao pai. Agora, é minha para sempre.

Oksana

Começo a despertar e tento abrir os olhos. Mesmo sem olhar em volta, posso dizer que estou em um avião. Olho para a esquerda, depois para a direita e então para frente, ficando cara a cara com o homem que me pegou. E ele não me assusta como deveria. Na verdade, eu meio que o reconheço.

— Konstantin. — Resmunga.

Arregalo os olhos para a cicatriz em forma de lua crescente que tem no rosto, a partir do canto do olho esquerdo até a bochecha.

— Lembro-me de você. — Sussurro.

— Era o *Byki* de Inessa. — Diz, encolhendo os ombros.

— Você me sequestrou! — Estalo, sentando reta. Lembro-me que era um pouco intimidante, mas parecia gentil o suficiente quando cuidava de Inessa. Até mesmo levou uma bala por ela, quando um louco maníaco e desonesto irlandês tentou matá-la.

— Ordens de seu pai. — Informa.

— É para onde está me levando? — Pergunto, sentindo o coração disparar e as palmas das mãos suando.

— Sim. Estaremos lá em breve, acabou dormindo um pouco.

— Você me drogou! — Grito.

Não responde e dá de ombros, como se fosse perfeitamente normal e aceitável me dopar.

— Konstantin, não sei o que papai disse, mas Mika é meu marido. — Sussurro.

Os olhos escuros de Konstantin sobem e se remexe desconfortavelmente no lugar antes de dizer:

— Não sabia que tinha casado com ele. Mas Mika não tinha permissão para isso. Eu sei muito sobre o assunto. Pasha é *Pakhan,* um poderoso e Mika é apenas um Brigadeiro. Tem pouca autoridade, especialmente em Nova York. — Murmura.

Decido não dizer mais nada. Não é culpa de Konstantin que papai esteja agindo como um louco, está apenas fazendo seu trabalho. Apesar de ter me drogado, estou ilesa. E só de não ter me machucado, já fico agradecida.

Em silêncio durante o resto do voo, fico olhando pela janela e olhando para o oceano abaixo. Queria estar com Mika. Só posso imaginar o inferno que está passando agora para me encontrar.

Quando o avião pousa, vejo dois carros pretos. Um é maior que o outro e estão à espera na pista. Sei que em um deles está o meu pai: no Mercedes-*Maybach S-Class Pullman.* Sei o nome do carro, porque papai pesquisou muito e me forçou a ir com ele comprá-lo. O carro é ridículo. Não sei por que apenas não pega a porra da limusine.

Não quero vê-lo e nem precisar lidar com ele.

Fez da minha vida um pesadelo completo desde que perdeu mama, como se perdê-la e sentir sua falta não fosse sofrimento suficiente para mim. E ainda o perdi no processo. Não é mais o pai amoroso, generoso e de coração mole que adorava.

— Pronta? — Konstantin pergunta no corredor.

— Não. — Admito a verdade.

Não me incomodo em consertar o cabelo, maquiagem ou as roupas desalinhadas. Não dou uma merda sobre como está a minha aparência agora. Na verdade, meu único objetivo é conseguir não vomitar. Estou muito nervosa e assustada. Meu

próprio pai não deveria me assustar tanto assim, mas está completamente imprevisível hoje em dia e isso me aterroriza.

Konstantin pressiona a mão na parte inferior das minhas costas e me guia em direção a um dos dois carros. Outro homem abre a porta e olho para meu pai sentado, seu foco em mim. Não parece nada satisfeito. Na verdade, parece francamente lívido.

— Entre no carro, porra! — Grita.

Endireito a coluna e sinto a mão de Konstantin flexionar e um músculo pulsar na mandíbula travada.

— Konstantin, junte-se a nós, sim? — Papai ordena.

Ele pressiona a mão contra mim e suspiro antes de me abaixar e sentar no banco do carro. Recuso-me a sentar ao lado do meu pai. Escolho rastejar para o banco em frente a ele, agradecida que tenha um carro onde os assentos ficam em frente um do outro.

Fico surpresa quando Konstantin se senta no banco ao meu lado, longe de papai, que franze a testa quando olha para mim.

— Você parece uma merda. — Anuncia como saudação.

— Obrigada. Não sabia que enquanto estava sendo sequestrada, precisava estar em meu melhor. Irei me lembrar disso na próxima vez. — Cuspo.

— Não me teste, Oksana. — Rosna. Opto por pressionar os lábios juntos, em um esforço para não mandá-lo se foder. — Konstantin, obrigado pela entrega rápida. Como prometido, será recompensado por sua devoção à Bratva. — Diz.

Konstantin mergulha o queixo em reconhecimento e agradecimento. Provavelmente, para o que a recompensa será.

— Oksana, estou decepcionado. — Murmura. — O que tem a dizer em defesa própria? — Pergunta.

Penso sobre as palavras que direi. Sobre o que realmente quero dizer versus o que provavelmente deveria dizer. Infelizmente, minha boca espertinha se abre antes que realmente pense sobre as consequências.

— Bem, para começar, sou grata por alguém ter atirado naquele marido traidor que você providenciou para mim. Não queria me casar com ele, mas fui forçada. Era um pedaço de merda. Em segundo lugar, estou feliz por ter sido salva por Mika, que me levou para longe e casou comigo.

— Casou-se com ele? — Papai explode e Konstantin endurece ao meu lado. Não posso deixar de olhar surpresa para o meu pai.

— Não sabia disso? — Pergunto.

— É claro que não, porra! Oksana, você não é nada além de uma prostituta ao vender-se para Mika desse jeito! E para quê?

Pisco, atônita. Suas palavras batem direto dentro de mim e tento segurar as lágrimas. Eu não choro em público. Recuso-me, e no entanto, as lágrimas caem de qualquer maneira.

— Mika foi quem escolhi desde o início. Não me vendi como diz. Apenas pela primeira vez, fiz o que queria fazer. — Sussurro. — Fiz o que mamãe queria que eu fizesse.

— Cala a boca, sua puta! Não fale sobre sua mãe ou sobre o que ela queria! Não sabe porra nenhuma. — Grita. Balanço a cabeça como se tivesse fisicamente me agredido.

O resto do trajeto é feito em silêncio. Konstantin alcança e agarra a minha mão, apertando-me os dedos. Olho para ele e vejo que me olha com uma expressão preocupada no rosto. Dou de ombros e balanço a cabeça.

Estou girando os anéis de casamento em torno do dedo quando o carro para na frente da minha casa de infância. O mesmo lugar em que mamãe foi assassinada, onde conheci Mika e fiz amor com ele várias vezes, e o mesmo local em que papai declarou que iria me casar com Gavril Zima. Não sinto nenhum desejo de pisar nesta casa novamente. E também não tenho escolha.

Konstantin me ajuda a sair do carro enquanto meu pai ordena que vá para a cama, avisando que discutiremos mais na parte da manhã. Não respondo e o vejo entrando na casa, provavelmente para se trancar no escritório.

— Não quero deixá-la sozinha. — Murmura Konstantin.

— Ficarei bem. — Dou de ombros e me viro, andando para longe dele. Envolve a mão no meu pulso e interrompe o movimento.

— Sei que você provavelmente ficará bem. Mas a raiva dele pode sair do controle. Sem ninguém por perto... — Balança a cabeça.

— Então traga Mika! Traga o meu marido para mim. É o único que pode fazer qualquer coisa. — Sussurro, antes de sair do aperto e correr para as escadas, subindo até meu antigo quarto.

Fecho a porta e a tranco atrás de mim, grata pela solidão. Sinto raiva por estar de volta a esta casa e a este quarto. Deito no chão e enrolo as pernas contra o peito. Não quero chorar. Na verdade, me recuso. Mas se pudesse, choraria muito agora.

Sinto como se estivesse sufocando, que estou de volta ao inferno e que o diabo está sentado no trono estralando os dedos, esperando para me destruir e sentindo prazer com isso.

Depois de prender a respiração para não me decompor completamente, decido tomar um longo banho e tentar dormir. Visto uma calça de moletom e regata, antes de subir entre os lençóis. Estou exausta, esgotada física e emocionalmente e sei que este sentimento ainda está longe de terminar. Aperto os olhos e envio orações e desejos para que meu Mika venha até mim.

Capítulo Doze

Oksana

Não durmo nada.

Eu me remexo e reviro até que decido tomar outro banho e me vestir para o dia. Abro o armário e vejo que tudo ainda está em seu lugar. Nem um único item foi embalado para a mudança com Gavril, o que é surpreendente. Assumi que papai enviaria tudo para onde quer que ficasse a minha nova casa. Não sabia onde seria; não estava a par de tais informações.

Escolho um vestido estilo bandagem Borgonha, com manga apertada três quartos que termina logo acima dos joelhos e com uma fenda atrás até o meio da coxa. Não tem decote, mas um profundo v nas costas, o que me obriga a usá-lo sem sutiã. Não me importo. Se meu pai não gostar, que vá se foder.

Calço saltos altos nude e olho outra vez para mim no espelho. Faço maquiagem completa e domino o cabelo à perfeição. Não há um único fio de cabelo fora do lugar.

E odeio isso.

Descendo, não me incomodo em ir em busca de meu pai. Sei exatamente onde está. Desde a morte de mamãe, ele parece sempre estar no escritório, dia ou noite. Bato uma vez, mas não espero pela resposta; somente entro pela porta do escritório.

Está sentado atrás da mesa olhando para o computador, mas fecha a tampa assim que entro na sala. Eu adorava vir aqui quando criança. O cheiro familiar de charuto enche meus pulmões e deixa meus olhos marejados.

Costumava brincar aqui, perto da minha pessoa favorita no mundo. Gostava de ler livros e de me sentar no sofá, de pegar a Barbie e brincar sob os pés de papai, debaixo da mesa. Gostava de me esconder aqui, principalmente de meu irmão. Era a menina do papai até o dia em que mamãe foi morta.

Esse homem era tudo para mim. E de repente, tornou-se um estranho diante dos meus olhos.

— Você me desafiou, Oksana. — Começa, quando me sento na cadeira em frente a ele e cruzo as pernas nos tornozelos, como me foi ensinado.

— Não fiz nada disso. — Digo.

— Fugiu com um homem que não aprovei para ser seu marido e casou-se com ele! — Rosna.

— Eu casei com o homem que você ordenou e fiz isso sem lutar. Era um traidor e francamente, me assustava demais. Mas casei com ele, pois foi o que me mandou fazer. Não foi minha culpa que tenha sido assassinado ao meu lado no dia do casamento. — Digo.

— Gavril estava perdido, mas teria sido bom para você e para a Bratva, se ao menos pudesse ter visto além da raiva que sentia. Ele tinha conexões, grandes conexões. — Informa, balançando a cabeça como se estivesse decepcionado. — E você se casou dias depois. Não aja como se fosse inocente. — Diz, bravo.

— Não. Não sou uma pessoa inocente. Mas não tive nada a ver com a morte de Gavril. Não posso dizer que sinto muito que tenha morrido ou que estive de luto por um instante sequer pela perda dele. Mas não tive nada a ver com sua morte.

— E Mika? — Pergunta, levantando a sobrancelha.

— Mika apenas me agarrou e correu. — Digo, dando de ombros.

— Então como tinha Sergei e seu avião esperando?

— Não posso dizer o que aconteceu ou como aconteceu. Tudo o que sei, é que Mika foi o único que me levou embora. E estou feliz que tenha feito isso. Eu me casei com um homem

que cuida de mim e isso é o que mamãe queria. — Digo, levantando o queixo teimosamente.

— Não tem nenhuma ideia, Oksana. Nenhuma. Eu a estraguei. Sua vida inteira foi um conto de fadas de merda e não importa se o seu marido cuida de você. Isso não significa porra nenhuma. Tudo o que importa é que a Bratva seja dirigida por líderes capazes. Às mulheres, cabem apenas o papel de produzir bebês, gerando novos líderes para as gerações futuras. Gavril era um homem capaz e teria sido um grande trunfo se tivesse mantido a cabeça no lugar. — Coloca para fora.

— Papai cuidado. O Ivan Chekov que há em você está se mostrando. — Digo, levantando uma sobrancelha.

Ivan foi um traidor. Um homem que era o líder de um grupo de pessoas que pegava garotas da Bratva e as vendia ou as prostituía, assim como aconteceu com a irmã de Mika, todos aqueles anos atrás. Ivan foi derrubado, mas não há muito tempo. Na verdade, eu poderia ter sido levada e vendida como uma daquelas meninas, se meu pai não estivesse na alta posição em que está.

— Está pisando em gelo fino, Oksana! — Rosna.

— Não importa. O que você quer, não importa mais. Sou casada agora. Sou a esposa de Mika e me chamo Oksana Rybin. Não há nada que possa fazer sobre isso. — Digo com altivez.

— Será uma viúva pela segunda vez, se eu tiver alguma coisa a ver com isso.

— Oh, fala sobre o assassino que enviou para matar meu marido? — Pergunto. Vejo como contrai o queixo assim que chamo Mika de “meu marido”. — Ele sabe tudo sobre isso, assim como Sergei. E não acho que tio Sergei esteja muito impressionado com a tática que está usando, papa.

— Não dou a mínima, Oksana. Que tal isso?

— Está dizendo que irá matar o meu marido e depois irá me vender novamente? E o que acontece se estiver grávida do filho de Mika? Quem irá me querer então? — Pergunto, já cheia dessa conversa.

— Caso esteja grávida, o bebê será eliminado. — Diz impassível.

— Você não faria isso. — Digo, colocando a mão contra o estômago.

— Tente-me, Oksana. Não dou a mínima agora.

— Precisa de ajuda, papai. — Sussurro e me dirijo para fora do escritório, recusando-me a continuar esta conversa.

Está completamente fodido na cabeça. O pai que conheci e amava, queria uma casa cheia de bebês. Nunca iria propositalmente matar uma criança. Nunca. Esta versão que demonstra agora, é a de um monstro!

Volto para o quarto e me tranco, desejando que tivesse memorizado o número de telefone de Mika para que pudesse ligar e pedir que viesse me resgatar.

Horas mais tarde, escuto uma batida na porta do quarto e a ignoro. Mas meu pai grita, avisando que é hora do jantar. Uma coisa que nunca mudou, provavelmente a única desde a morte de mamãe, é o jantar. Nos vestimos e jantamos juntos, fingindo que tudo ainda é perfeito enquanto estamos lá. Sempre.

Esta noite será desgastante.

Depois que saí do escritório, tirei o vestido e o coloquei em uma cadeira no canto, optando por usar calças de algodão e um top. Corro e coloco o vestido novamente, entro nos saltos altos e verifico o cabelo e maquiagem uma última vez antes de abrir a porta e descer as escadas até a sala de jantar.

Tropeço ligeiramente quando vejo o que me espera na mesa de jantar. Não é apenas meu pai. Não, a mesa está cheia de pessoas. Algumas reconheço e outras não. Mas olho para o homem sentado ao lado de papai e sei imediatamente porque está lá e isso faz meu estômago revirar. Só o encontrei uma vez e foi o suficiente.

— Papai. — Digo baixinho e ele levanta o queixo em saudação.

Vou até a única cadeira vazia, que está ao lado do homem que me trouxe e ele fica parado enquanto me sento. A sala fica

em silêncio e posso sentir os olhos de todos sobre mim. Completamente focados em mim, esperando. Não sei o quê. Todas essas pessoas sabem que nunca faria uma cena em público.

— Sana. — Uma voz suave me cumprimenta.

É Aleksandra. Sorri tristemente, antes de morder o lábio, preocupada.

— Ei, Aleks. — Sorrio, inclinando a cabeça para o lado.

Não quero que pense que estou brava com ela, porque não estou. Mesmo que tenha dito a meu pai onde eu estava, ou a seu marido, não ficaria brava. Ela tem a própria vida para cuidar e sua lealdade deve ser para com o marido e a dele, para com meu pai. É a maneira como nosso mundo funciona. Nunca ficaria zangada por algo parecido.

— Está bem? — Konstantin pergunta, a voz baixa quando as pessoas começam a conversar em torno de nós.

— Sim. — Aceno.

Durante o resto do jantar sou ignorada por papai, ao que sou grata. Como em silêncio, mantendo tudo para mim mesma. Também sou grata de que ninguém tente me envolver nas conversas. Estou completamente perdida em meus pensamentos. Giro o anel gigante ao redor do dedo, pensando em Mika e querendo saber onde está.

Quando o jantar acaba, todos nos retiramos para a sala de estar. Alguns homens, junto com papai, entram no escritório e poucos minutos depois saem com uma caixa de charutos, que começam a acender fazendo a fumaça encher a sala. Mamãe teria um ataque cardíaco se soubesse que a fumaça de charuto estaria se infiltrando na sua mobília cara, danificando o tecido.

— Diga-me a verdade. Você está bem? — Konstantin pergunta, quando passa a mão na minha cintura.

Olho para ele surpresa e depois para o meu pai, que nos olha presunçosamente. A mão de Konstantin me aperta e o olho novamente.

— A verdade! — Rosna.

— Por que está aqui? — Pergunto, ignorando a pergunta.

— Acho que sabe o porquê. Não é uma mulher estúpida. — Murmura.

— O que o torna melhor que Mika? — Pergunto.

— Não sou melhor. Apenas salvei a vida de Inessa Markova e quando fiz isso, matei o homem responsável pelo assassinato de sua mãe. — Admite. Arregalo os olhos quando fico em estado de choque.

— Sério?

Ele balança a cabeça e levanto a mão para envolvê-la em torno de seu bíceps, dando um aperto suave antes de soltá-lo.

— Obrigada por isso. — Agradeço.

— Não precisa agradecer. Mas, de nada de qualquer maneira. O que quero saber é se está bem. — Insiste.

— Fisicamente? Sim. — Respondo enquanto ele balança a cabeça em concordância.

Sinto-o abaixar a cabeça, os lábios perto do meu ouvido e o hálito quente contra mim. E prendo a respiração.

— Farei o que puder para ajudar. — Diz.

— Ok. — Sussurro.

— Pena que não a tenha conhecido antes. — Sorri quando se endireita.

Não respondo nada. Ao invés disso, arregalo os olhos e levanto as sobrancelhas, o que o faz rir.

— Prefiro as loiras geralmente. Mas algo sobre o seu humor me faz desejar tê-la conhecido antes de Mika. — Diz.

— Konstantin. — Assobio.

Pisca antes de dar um passo atrás e vejo como caminha até meu pai.

— É bonito. — Murmura Aleksandra. Viro para o lado e sorrio para ela.

— Eu amo Mika. — Digo e seu sorriso se alarga.

— Estou feliz que ame seu marido, Sana. Você deve. — Diz, o sorriso ainda no lugar.

— Papai colocou um preço pela cabeça dele e me disse que irá matá-lo. — Digo.

— Algo me diz que Mika pode se defender. Principalmente pelo modo como a jogou por cima do ombro com um plano de fuga já traçado no dia do casamento. Acho que tudo ficará bem.

— Espero que sim. — Murmuro.

— Mas se não, Konstantin não seria uma má segunda opção. — Diz, inclinando a cabeça para o lado com um sorriso.

— Aleks! — Gemo.

— Aquela cicatriz o torna uma centena de vezes mais quente. — Ri.

— Você é horrível. — Empurro ombro no dela.

— Mika a faz feliz? Seja sincera.

— Na maioria das vezes, sim. Ele realmente faz.

Ri, antes de falar novamente:

— E nas outras vezes? — Pergunta.

— Nas outras apenas quero estrangulá-lo. — Admito com um encolher de ombros.

— Querido Deus! Realmente está apaixonada. — Ri baixinho.

— Sim. Eu estou.



Capítulo Treze

Mika

Quando o avião pousa, estou extremamente nervoso. Não lembro a última vez que me senti assim. Talvez quando voei para a Rússia para a minha formação quando era um menino? Ustin gentilmente acorda Leonie e fico de pé. Eles calmamente seguem atrás de mim e sorrio quando encontro Ziven e Timofei me esperando na pista.

— Quem você trouxe? — Ziven pergunta, erguendo o queixo atrás de mim.

— Ustin e sua mulher, Leonie. Oksana e Leonie tornaram-se próximas. Estava excessivamente preocupada e imaginei que outro homem do nosso lado não seria uma coisa ruim. — Explico.

— Quinn está no hotel. Está preocupada também. Pasha não está certo da cabeça. — Murmura Ziven.

— Não, ele não está. — Concordo.

Alguns homens carregam a nossa bagagem enquanto continuo a apresentar Leonie e Ustin para Ziven e Timofei. Ambos os cumprimentam com sorrisos e então subimos no SUV.

— Estamos hospedados em um hotel; amanhã será melhor para fazermos contato. Todos precisamos de uma boa noite de sono. — Diz Ziven.

Não respondo. Para mim, outra noite sem Oksana é a porra de uma tortura.

Chegamos ao hotel e verificamos nossos quartos com planos de nos encontrarmos no átrio por volta das seis da manhã seguinte. Ziven diz a Ustin que sua mulher e Quinn podem ficar juntas com um *Byki.*

Ustin acena e Leonie agradece antes de irem para o quarto, Ustin carregando as malas. Ziven e Timofei não me deixam e quando tento ir embora, Ziven pede que me junte a ele no bar. Timofei fica ao meu lado.

— O que é aconteceu? — Pergunto, quando nos sentamos em uma cabine.

— Liguei para Pasha e contei que estavam na Rússia juntos. Não pensei que faria isso. — Ziven diz, balançando a cabeça.

— Eu sei. — Aceno.

— Sabe?

— Sergei disse que o chamou há alguns dias. Não podíamos nos esconder para sempre e Pasha colocou um preço sobre a minha cabeça de qualquer maneira. Tenho os dias contados. — Explico.

— Ele fez o quê? — Timofei grita.

— Não sei quem usou. Alguém privado, presumo. Mas sim, há um preço por mim. — Dou de ombros, como se isso não fosse grande coisa, mas sabendo que é uma grande merda.

Mesmo que fosse um traidor, gostaria de ser morto pelas mãos da Bratva. Não por alguém de fora.

— Pasha precisa ser responsabilizado por seus atos. Não está pensando mais. — Ziven afirma.

— A desculpa por estar perturbado por causa da morte de mamãe, já não cola mais. Nada disso tem a ver com mamãe e tudo a ver com ele. Está no fundo do poço! — Murmura Timofei.

— Veremos como será nossa reunião de amanhã. — Diz Ziven.

— Chamou Yakov? — Pergunto.

Yakov é outro *Pakhan* em Nova York. Sua área está perto de Pasha, mas não é tão grande.

— Liguei para ambos: Yakov e Dominik. Irão nos encontrar aqui e todos iremos juntos. — Diz Ziven.

Dizemos boa noite e vou para o quarto. Timofei é o único que fica para trás. Quando estou a alguns passos de distância, viro e o vejo caminhando até uma mulher que usa um vestido curto e apertado. Sei como ele passará a noite. Rio baixinho enquanto entro no elevador.

— Fará bem a ele se casar. Assim, para de se prostituir ao redor. — Ziven diz.

— Sim. — Retruco. — Mas é melhor que coloque tudo para fora agora. Tenho a sensação de que seu sogro irlandês não aceitará gentilmente que bagunce ao redor da pequena princesa.

— Não me diga. — Ri Ziven.

A porta do elevador abre e nós dois saímos. Levanto o queixo em cumprimento e viro para ir ao meu quarto. Fico feliz ao ver que a bagagem chegou. Enquanto me encaminho para o chuveiro, algo chama a minha atenção. Vejo um homem sentado em uma cadeira. Pego a arma, mas ele fala antes que possa atirar.

— Sou um irmão. Konstantin. — Anuncia.

— Eu poderia tê-lo matado. — Rosno.

— Poderia. Na verdade ainda pode, mas tenho que falar com você de qualquer maneira. — Diz enigmaticamente.

— Fale. — Exijo.

— Pasha me enviou para pegar Oksana. Fui eu quem a trouxe até aqui. — Anuncia.

Aponto a arma diretamente para a cabeça dele. Levaria apenas meio segundo para matá-lo, mas ele nem sequer pestaneja.

— Estava seguindo ordens de um *Pakhan*. Um poderoso. — Resmunga.

Levanto o queixo, incitando-o a continuar.

— Eu a trouxe aqui e Pasha não a recebeu bem. Disse algumas coisas com as quais não concordo. Tiveram uma reunião esta manhã e não senti coisas boas, Rybin. Ofereci ajuda antes de sair e ela me pediu para trazê-lo. — Diz, enquanto fixa os olhos nos meus.

Coloquei a arma de volta no coldre e deixo as palavras afundarem na mente. *Pasha não a recebeu bem*.

Oksana provavelmente nunca sofreu pelas mãos dele, mas acho que a paciência de Pasha é nula neste momento.

— Venha conosco amanhã. Iremos nos encontrar no saguão às seis. — Convido.

— Não gosto de ver mulheres maltratadas. — Diz.

— Nem eu.

— Estarei aqui. — Informa e sem outra palavra, levanta-se e passa por mim.

Sinto-me ainda mais inquieto do que já estava. Fecho os olhos e penso em Oksana. *Minha Oksana... minha para sempre*. Puta que pariu! Ela pode estar grávida de meu bebê agora. Se Pasha a machucar, não hesitarei em matar o filho da puta e cavar sozinho a porra da sua cova, caralho!



Capítulo Catorze

Mika

Vejo Konstantin entrar no saguão do hotel às seis em ponto. Olha para mim antes dele levantar o queixo, e em seguida, vem em minha direção. O elevador abre e Ziven, Timofei e Ustin saem, também caminhando até mim.

Não dormi a noite passada. Não consegui. Passei a noite inteira sentado, olhando para a cidade que nunca dorme e pensando em Oksana. Pensei se estou fazendo a coisa certa ou não. Sei que quer ficar comigo, mas isso pode destruir completamente o relacionamento com seu pai. Não tenho certeza se posso ser a causa de algo tão grande ou se valho a pena.

— Você parece estar travando uma guerra agora. — Diz Konstantin.

— Estou só pensando. — Murmuro.

Não direi a esse cara porra nenhuma do que está passando pela minha cabeça. Não o conheço e é o único que levou Oksana de mim.

— Isso poderá ficar feio. — Ziven anuncia quando ele e Timofei chegam ao nosso lado.

— Poderá. — Concordo.

— Quem é esse? — Timofei pergunta, levantando o queixo para Konstantin.

— Konstantin Skumin. — Apresenta-se, estendendo a mão tanto para Timofei, quanto para Ziven.

— Por que está aqui? — Timofei pergunta, desconfiado.

— Fui eu quem trouxe Oksana de Moscou, sob as ordens de Pasha. Mas não gosto do jeito como falou com ela quando chegamos. Fiz uma visita a Mika ontem à noite, antes ir a um jantar com eles. — Informa.

Olho para Ustin, que está silenciosamente observando a cena, seu foco em Konstantin. Não demonstra qualquer reação ao homem, mas não tenho nenhuma dúvida de que tem algum tipo de opinião sobre ele apenas ao olhá-lo.

— Não me disse que iria jantar com Oksana. — Rosno, voltando-me para ele.

— Era um jantar para várias pessoas. Não fui só eu. Queria ter certeza de que ela estava bem. — Informa.

— Konstantin? — A voz de Dominik questiona enquanto ele e Yakov caminham até nós.

— Dominik. — Konstantin retruca, voltando-se para ele.

— O que está acontecendo? — Pergunta Yakov.

Demora alguns minutos para atualizar as informações. Quando Konstantin fala sobre o jantar, sobre como Pasha o colocou ao lado de Oksana na mesa e sobre como ficou observando os dois durante a noite, sinto o sangue ferver.

Pasha está planejando dar a porra da minha esposa para Konstantin!

Não sei qual o tipo de jogo que está fazendo, mas essa merda acaba hoje.

— Então, quais são nossos planos? — Dominik pergunta, enquanto caminhamos até os dois SUVs que nos esperam.

— Não há planos. — Digo.

— O quê? — Pergunta, sem entender.

— Irei até a casa dele e exigirei ter minha esposa de volta! — Anuncio.

— Mika! — Ziven praticamente geme.

— Ela é minha. Tem o meu nome e usa os meus anéis! Oksana me pertence! — Quase rosno, sentindo-me como um animal enfurecido.

— Caralho! Bem, vamos lá. — Diz, jogando as mãos para cima.

Não levamos muito tempo para chegar à casa de Pasha em Brighton Beach. Konstantin se inclina e digita um código. Assistimos o portão se abrir enquanto ele acelera antes de fechá-lo novamente, entrando na garagem. Rapidamente caminhamos até a porta da frente e não fico surpreso quando Pasha a abre, o duro e pétreo olhar ignorando a todos para se concentrar em mim.

Levanto as sobrancelhas e sorrio, o que o faz apertar a boca em uma linha fina. Não o provoco sem conhecer as consequências. Sei que tipo de homem Pasha é; somos todos iguais. Sei como gosta de tortura e esta é provavelmente a maneira que encontrou para me torturar, tirando o que me pertence: Oksana.

— Pelo menos você tem bolas. — Resmunga, antes de se virar e entrar na casa.

Eu o acharia um homem valente por virar as costas para mim, mas isso seria mentira. Atirar em um homem pelas costas é mostrar-se fraco. E não tenho um mínimo de covardia em mim.

— Espero fora da porta. — Anuncia Ustin.

Levanto o queixo, concordando e caminho para dentro do escritório. Quando todos entramos, Dominik fecha e tranca a

porta atrás de nós. Pasha se senta na grande mesa e nos olha fixamente, esperando.

— Sabe por que estou aqui. — Digo.

— Você não pode tê-la. — Retruca.

— É aí que está errado. — Anuncio.

Pasha bate a mão na mesa, enquanto estreita os olhos sobre mim.

— Você vem aqui, depois de conspirar para matar o marido dela e age como se tê-la fosse um direito seu. Não é. É minha decisão dizer com quem ela se casa. E esse homem não é você! — Grita.

— Pasha, você está fora de linha e fora de controle. — Murmura Yakov.

— Sou o *Pakhan* de Brighton Beach. Não estou fora de nenhuma linha. Eu faço o que quero. — Diz, autoritário.

— Não é um ditador, Pasha, por isso não tente agir como um. Isto não tem nada a ver com quem Oksana se casa e muito a ver com outra coisa. Gavril era um traidor. Todos nós descobrimos da maneira mais difícil. Vidas foram tomadas por causa dele. Nossa missão não foi bem-sucedida como era suposta ser e o Cartel ainda está lá fora. E agora estão procurando por mais do que apenas escravas sexuais. Estão em busca de vingança! — Yakov grita.

— Sônia foi brutalmente assassinada e a retribuição não foi satisfatória. Lidarei com a Bratva do jeito que quiser, incluindo minha filha. — Anuncia.

— Pasha, todos nós amávamos Sônia. Todos fomos afetados com sua perda, mas o homem que orquestrou tudo já foi morto. Fizemos um acordo com os irlandeses, de tal forma que nossas organizações estarão para sempre amarradas quando Timofei se casar com a *printsessa* irlandesa. Não há muito mais o que fazer, a não ser lidar com o Cartel. E seu homem fodeu ainda mais a situação! — Yakov explica, agora mais delicadamente, mas com firmeza.

Pasha não diz nada. Seu olhar é penetrante, mas não fala por alguns instantes e em seguida, vira-se para mim.

— Traga-me a cabeça de El Jefe do Cartel, aquele que orquestrou tudo isso. Depois, aprovarei seu casamento. Porra, irei até mesmo recebê-lo! — Sorri.

Parece tão malditamente seguro de si e do fato de que não posso fazer isso.... Certo de que me colocou entre a cruz e a espada.

Vá a merda!

— Espera que eu viva separado da minha esposa até fazer isso? — Pergunto, não recusando e ainda não concordando com o que pediu.

— Eu deveria. — Diz rindo.

Limpo a garganta.

— Tente tirá-la de mim e vou levá-la com ou sem a sua permissão. — Informo.

Estreita os olhos e me olha de cima abaixo, tentando me intimidar. É ineficaz. Esse porra louca não me intimida de jeito nenhum. Suspira e olha para o céu, murmurando algo muito baixo para eu possa ouvir.

— Oksana ficará com Timofei. Não fica com você até que me entregue a cabeça dele.

Quase rio na cara dele. Como se eu fosse ficar até mesmo mais uma noite que fosse sem a minha Oksana. Não me importo com a permissão de pai ou com suas regras. Mas sei que não vai recuar, como ele também sabe que vou apenas sequestrar e levá-la para casa comigo, como é meu direito como marido. Está apenas tentando salvar seu orgulho.

Penso sobre a oferta, olhando para os homens ao meu lado. Timofei levanta o queixo e Yakov faz cara feia. Quase rio de quão diferente as expressões são, mas me controlo.

— Você tem um acordo. — Concordo, estendendo a mão para apertar a de Pasha.

— Quando digo que quero a cabeça, quero dizer que realmente quero a “cabeça”. — Enfatiza.

Balanço a cabeça, concordando.

— Chame o assassino que colocou atrás de mim para que eu possa fazer o meu trabalho. — Rosno, ainda segurando sua mão.

— Feito. Tem um mês para resolver a situação. — Anuncia.

Empurro o queixo para cima e, em seguida, viro para ir embora.

— Oh, Mika. — Chama e me viro. — Caso a engravide e falhe, não pense que deixarei que continuem casados ou que ela fique com o bebê.

Todos nós olhamos surpresos para ele e juro que ouço tanto Dominik quanto Yakov rosnando; mas ninguém responde. Todos esperam que eu faça isso, tenho certeza.

— Nunca falho em uma tarefa que foi entregue a mim. Não desde os meus doze anos. E não planejo falhar agora. Sua ameaça não é um problema. — Digo, confiante.

Não me incomodo de esperar uma resposta. Em vez disso, subo as escadas e caminho em direção a Oksana. Estive separado dela por apenas algumas horas, nem mesmo dois dias completos e já sinto como se meu coração estivesse rasgado em dois. Sinto falta dela.

Tento forçar a maçaneta da porta e vejo que está trancada. Sorrio para mim mesmo e bato na porta. Ouço o movimento, esperando que ela responda. Depois do que parece

uma eternidade, lentamente ela abre a porta. Olho para baixo e sorrio. Oksana parece absolutamente linda. O rosto está limpo de maquiagem, o cabelo está em um coque bagunçado e está usando um short de pijama e regata.

— Mikhail! — Grita, antes de pular em meus braços. O impulso me faz recuar alguns passos, surpreso, enquanto a agarro por baixo da bunda e a aperto contra mim. — Como? — Ela sussurra contra o meu pescoço.

— Sou seu marido! — Rosno.

Desembaraça-se de mim e desce com as mãos no meu rosto enquanto me olha nos olhos à procura de algo. Tenho certeza de que procura respostas, mas não falo nada enquanto correspondo seu olhar.

— Está mentindo, mas não me importo. Estou feliz que esteja aqui! — Suspira.

— Troque de roupa. Saímos em apenas alguns minutos. — Digo enquanto dou um tapa em sua bunda.

— Alguns minutos? Tenho que tomar banho, fazer a maquiagem e em seguida, o cabelo. Eu precisarei de pelo menos uma hora, no mínimo! — Praticamente grita.

— Você tem cinco minutos.

— Está louco? — Pergunta.

Oksana

— Pode tomar banho e fazer a maquiagem no hotel. Trouxe a maioria das suas merdas comigo. — Anuncia.

Juro que sinto o coração dar uma cambalhota no peito.

— Sério? — Pergunto.

— Oksana, o resto das suas roupas e sapatos estão sendo enviados para o meu apartamento em Denver. — Diz sorrindo.

Não posso me conter e sorrio largamente, gritando de prazer antes de me virar e correr para o quarto, para me trocar e colocar algo decente. Ouço Mika rindo atrás de mim.

Agarro um jeans velho e rasgado, visto e corro até a gaveta, pegando uma regata e um sutiã. Vestida, pego uma camisa branca de grandes dimensões, com decote em v de um cabide para usar por cima, deixando o cabelo em um coque bagunçado. Em seguida, pego um par de sapatos de lona e os coloco o mais rápido que posso.

Antes de deixar o quarto, olho para trás para a cama desfeita e sinto o desejo de arrumá-la. Mas então lembro que meu pai me sequestrou e esse impulso se dissolve

completamente. Saio pela primeira vez na vida, deixando o quarto em um desastre total.

— Pronta? — Pergunta Mika. Entrelaço nossas mãos e olho para cima, nos olhos azuis escuros enquanto sorrio.

— Claro. Senti muitas saudades de você.

— Eu também. — Resmunga, me puxando pela mão. Juntos, descemos as escadas.

Sinto que vacilo quando vejo cinco homens olhando para mim. Reconheço Timofei primeiro e meus olhos se enchem de lágrimas. Ele percebe e ergue as sobrancelhas. Não me vê chorar desde que era criança. Sorri e encurta a distância entre nós, antes de me puxar nos braços e me abraçar apertado.

— *Sestra*... — Sussurra, chamando-me de irmã.

— Obrigada. — Sussurro de volta. Aperta-me um pouco mais, antes de limpar a garganta e dar um passo para trás.

— Vamos? — Yakov pergunta, olhando para mim, Timofei e Mika.

— Sim, vamos! — Diz Mika.

Todos saímos da casa, sem que papai saia do escritório para dizer adeus, ou até mesmo olhar para mim com irritação. Eu me pergunto o que ele e Mika discutiram, mas não digo nada.

Talvez pergunte hoje à noite, quando estivermos sozinhos. Agora, conheço Mika e os homens da Bratva o suficiente, para saber que não terei resposta alguma enquanto estivermos rodeados por ouvidos atentos.

A viagem para o hotel é silenciosa, mas posso sentir que algo não está certo. O ar em torno de nós é tão espesso por causa da tensão que chega a ser sufocante. Felizmente, não demora muito tempo para chegarmos e ouço Mika combinando de se encontrar com os homens para uma reunião às três da tarde. Depois, com a mão pressionada na minha cintura, caminhamos para o elevador.

Quanto estamos dentro do elevador, viro e vejo Konstantin nos olhando. Não exibe expressão nenhuma no rosto que possa ler, à exceção talvez de curiosidade. Sorri quando levanta a sobrancelha e antes que eu possa dizer qualquer coisa, a porta do elevador se fecha.

Subimos para o nosso quarto sem falarmos nada. Fico repetindo na mente esta manhã. Algo está acontecendo; houve uma razão para que meu pai me deixasse sair daquela casa. E não foi porque subitamente mudou de opinião e quer que eu seja feliz.

Continuo a me concentrar no que pode estar acontecendo quando o elevador se abre e caminhamos para o quarto. Vejo Mika abrir a porta, ainda pensando no que diabos está havendo e pulo de susto quando ele bate forte a porta. Mika

olha para mim, com os braços cruzados sobre o peito e os olhos azuis escuros, quase pretos.

— Precisa me dizer o que está acontecendo. — Sussurro.

— Não. Não preciso. — Diz, encolhendo os ombros quando libera os braços e vem para mim.

Recuo com cada passo que dá e não paro até que as costas batem contra o vidro da porta da varanda. Ele levanta a mão e me pega pelo pescoço, pressionando o polegar contra a frente da minha garganta e os outros dedos apertando a parte de trás, sem me machucar.

— Eu não preciso dizer nada a você. — Diz, enquanto me beija levemente. — Mas irei, porque merece saber.

Exalo uma respiração instável e aceno.

— Seu pai me deu um mês para caçar o chefe do Cartel e trazer a cabeça dele. E quando digo a cabeça, quero dizer, literalmente. Tenho que entregar o que quer dentro de um mês, ou a levará de mim. — Explica.

Arregalo os olhos.

— Deve estar brincando. — Digo baixinho.

— Não. Não estou brincando, nem um pouco.

— E o que acontece se não encontrá-lo? — Pergunto.

Mika arqueia a sobrancelha e sorri de lado antes de dizer:

— Nenhuma vez falhei quando me pediram que fizesse alguma merda, *lapochka*. Nenhuma vez!

— Mas Mika, não é como se ele andasse por aí em plena luz do dia. Provavelmente vive em uma casa altamente segura, cercada por homens armados e câmeras de segurança. — Digo. E ele concorda.

— A primeira reunião sobre a elaboração de alguns planos é hoje às três. — Informa como resposta.

— Eles irão ajudá-lo? — Pergunto.

— Sim.

— Até mesmo Konstantin?

— Quem acha que me avisou onde estava? Já estava aqui na cidade e Konstantin veio a mim ontem à noite. É por isso que entrou na casa de seu pai ao meu lado. Ele estava preocupado com você e não a queria com Pasha. — Informa, enquanto mergulha a cabeça e me beija de boca fechada.

— Essa coisa toda me assusta. Mika, não podemos simplesmente voltar para a Rússia? — Pergunto, ao puxar o rosto para longe de seus lábios.

— Não. Tudo ficará bem, Oksana.

— Não tenho um bom pressentimento sobre tudo isso. — Digo.

— Confia em mim, *lapochka*?

Pressiono os lábios juntos antes de acenar e ele sorri.

— Então confie quando digo que tudo ficará bem. Cuidarei de tudo e de você.

— E quanto ao preço pela sua cabeça? — Pergunto.

— Pasha afirmou que cancelou a ordem, por enquanto. Quando entregar a cabeça do chefe do cartel, cancelará permanentemente e assim poderemos viver completamente livres. — Informa. — Agora, beije seu marido.

Não hesito. Inclino a cabeça e pressiono a boca contra a dele. A língua de Mika desliza por entre meus lábios e me preenche. É celestial. Estávamos separados por apenas algumas horas, mas pareceu uma vida inteira.

Começo a ficar inflamada com o beijo e preciso de mais. Envolvo os braços no pescoço dele e esfrego os seios no peito largo, enquanto ele agarra a minha bunda e rosna, me apertando com os dedos tão forte que choramingo.

— Preciso de você. — Digo, gemendo.

— Sim. — Resmunga, enquanto me agarra por trás das coxas e me levanta.

Envolvo as pernas em volta da cintura dele quando rapidamente anda até a cama e me joga sobre ela. Funde a boca na minha e me faz choramingar novamente quando esfrega o pau duro contra a minha boceta.

Devia ter colocado uma saia e não estes jeans surrados.

— Tire tudo. — Ordena contra meus lábios, antes de me liberar e dar um passo para trás.



Capítulo Quinze



Completamente nua, olho fixamente para Mika igualmente nu e prendo a respiração. Senti falta dele, realmente senti. Pensei que sabia o quanto esse homem me faz falta, mas não. Não até este exato momento. Poderia não ter mais essa parte dele novamente, seu toque, seus beijos ou seu corpo contra o meu. Preciso tocá-lo, por isso envolvo a mão em torno de seu pulso e o puxo para mais perto de mim.

— Oksana? — Chama, ao envolver as mãos em torno de mim.

— Quase o perdi para sempre. — Sussurro, mantendo os olhos fixos nele.

— *Lapochka...* — Geme, parecendo magoado.

— Para sempre! — Repito, quase chorando.

— Nunca mais. — Resmunga ao levantar a mão. Acaricia meu corpo todo, seios, cintura e sem seguida, mergulha os dedos dentro de mim.

— Mikhail! — Suspiro.

— Está tão molhada para mim.... É perfeita, Oksana! — Geme, antes de me beijar com força.

Agarro seus ombros e fico louca ao sentir os mamilos sensíveis tocarem o peito duro. Mika bombeia os dedos dentro e fora de mim antes de removê-los completamente e agitar o clitóris. Gemo em sua boca e ele me segue, colocando novamente os dedos dentro de mim e apertando a palma da mão no clitóris.

Afasto os lábios e ele solta um gemido longo, antes que eu jogue a cabeça para trás e sussurre:

— Oh, Deus!

— Goze na minha mão, *lapochka.* Goze primeiro assim, então depois poderá gozar no meu pau. — Rosna, antes de me morder a orelha.

Sinto as pernas tremerem quando ele continua a empurrar os dedos dentro de mim, a palma ainda apertando meu clitóris. Aperto com as unhas os braços fortes e monto sua mão, toda a vergonha desaparecida completamente como sempre acontece quando estou com esse homem.

— Goze, *lapochka*! — Exige.

Arregalo os olhos. É como se esse comando alertasse algo dentro de mim e obedeço. Minha boceta aperta seus dedos e gozo soluçando. Mika não espera que volte a mim depois do clímax e puxa os dedos. Vira-me e coloca a mão nas minhas costas, me empurrando para baixo e enfiando o pênis até o fim.

— Oh, merda! — Grito, jogando a cabeça para trás.

Mika enrijece os dedos ao me segurar e começa a empurrar descontroladamente, os quadris batendo contra mim com uma força que não achei que fosse possível. Tem o pênis perfeitamente posicionado e bate em um local onde parece ser muito e, no entanto, o suficiente.

— Maldição! Eu a sinto completamente, *lapochka*. — Geme.

— Mika... — Sussurro.

— Não é o que quero ouvir! — Rosna, batendo com força na bochecha da minha bunda.

— Mikhail. — Digo.

— Porra, sim!

Não dizemos outra palavra; seu corpo move-se dentro de mim e é a única coisa que importa. Agarro os lençóis, empurrando as mãos na cama, enquanto vou de encontro aos impulsos punitivos.

— Merda! — Sibila, apertando mais os dedos contra mim.

Sinto que estou perto de novo, o calor do corpo subindo. É demais para segurar. Libero o agarre sobre o lençol e com uma das mãos começo a acariciar meu clitóris, fazendo círculos firmes quando chego ainda mais perto da minha libertação.

— É isso aí! — Aprova. — Aperte-me, Oksana.

Choramingo e derrubo a cabeça ao gozar sem aviso, o corpo congelado; Mika empurra dentro de mim uma última vez e solta um gemido ao me encher com seu gozo. Posso sentir os espasmos e fico quieta quando ele desliza preguiçosamente dentro e fora de mim. É quente, úmido e me faz arrepiar.

— Senti sua falta, *lapochka*. — Diz, me beijando as costas, enquanto solta as mãos dos quadris e agarra meus seios, os apertando suavemente.

— Também senti a sua. — Sussurro, erguendo a mão por trás de mim e agarrando o pescoço dele.

— Você comeu? — Pergunta, ao puxar-se para fora.

Estou sentindo as pernas ainda instáveis e viro o rosto para ele.

— Não. Eu não. — Sussurro. Mika sorri ao me acariciar a bochecha e em seguida, os lábios.

— Vá e tome um banho. Pedirei serviço de quarto. — Diz.

— Ok. — Concordo.

— Toda a sua merda está no banheiro, exceto as roupas. Mas não irá precisar delas. — Resmunga.

— Não?

— Ficará nua nesta cama até que tenhamos que sair. — Anuncia.

— Parece perfeito. — Respondo.

— Porra! Vá, você precisa de comida. — Diz sorrindo.

Pressiono os lábios nos dele, antes de virar e correr para o banheiro, fechando a porta atrás de mim enquanto ele ri.

Olho para mim no espelho. Tenho o cabelo totalmente bagunçado e as bochechas estão ruborizadas. Mas exibo um sorriso que não consigo remover, mesmo que tente. E não quero, também.

Meu marido está de volta! Não quero pensar sobre o futuro ou papai. Tudo no que quero pensar é em Mika, que me espera do outro lado da porta com comida e ainda nu.

Remexo a pequena bolsa que está no banheiro e encontro todos os meus produtos. É como se ele simplesmente tivesse os jogado dentro. Está tudo em uma desordem só. Sorrio enquanto reorganizo os produtos no balcão e coloco algumas coisas no chuveiro e na banheira.

Eu amo este homem. Amo tudo sobre ele, mesmo o lado mal e assustador.

Apenas o amo.

Mika

Depois de passar o dia inteiro envolto nos braços de Oksana, acho difícil levantar e me vestir para a reunião. Mas ela precisa ser feita. Quanto mais cedo pudermos encontrar a cabeça de *El Jefe,* mais cedo terei a minha esposa com zero ameaça de que a tirem de mim. Com a mão na cintura dela, a guio para o quarto de Ziven e Quinn.

— Não se se meta em nenhum problema hoje. — Advirto quando bato na porta.

— O que quer dizer? — Pergunta, olhando para mim inocentemente.

Estou resmungando, quando a porta se abre e Ziven olha para nós com um sorriso nos lábios.

— Ele quer dizer que vocês, garotas, são problemas. Então, fiquem dentro de casa e deem um descanso à nossa ansiedade enquanto nos concentramos em outras coisas, sim? — Ziven diz.

Oksana suspira e olha para mim, tentando parecer inocente, mas nada pode esconder o brilho por trás de seus olhos. Ela sabe exatamente o que é. Minha *lapochka* é problema. Rio, enquanto Ziven caminha para o lado e entramos na suíte.

Quinn está sentada no sofá e sorrio para ela. Parece muito melhor do que estava apenas alguns meses atrás, quando veio até mim, só pele e osso, golpeada, ferida e abusada. Agora, está casada com Ziven e ganhou todo o peso que tinha perdido, além de um pouco mais. Finalmente parece resolvida e feliz.

Vou até Quinn e aperto seu ombro suavemente. Passamos por muita coisa juntos e não apenas comigo a encontrando. Ziven foi para a cadeia por um tempo e cuidei dela durante esse período. Passei noites sem dormir tentando tirar meu *Pakhan* da cadeia, o que não foi a coisa mais fácil de conseguir, considerando que foi a julgamento por supostamente cometer assassinato.

— Vamos lá dentro. — Ziven oferece. Vejo Yakov e a esposa Ashley, Dominik com Inessa, Timofei, e Konstantin entrando pela porta. E, por último, mas não menos importante, Ustin e sua mulher entram.

— Leonie! — Oksana grita e corre para a pequena mulher, a envolvendo em um abraço. — O que está fazendo aqui?

— Mika nos trouxe com ele. Sabia que eu ficaria preocupada. — Sussurra bem baixinho e mesmo assim, ouço cada palavra.

Observo as mulheres se abraçando e ouço as vozes baixas quando falam entre si. Olho para Ashley e Inessa, que seguram seus bebês e isso me faz pensar em Oksana. Penso se está grávida do meu filho ou não.

Acho que será uma bela mulher grávida e uma mãe ainda mais bonita. Considerando que a mãe dela era fora deste mundo em sofisticação e amabilidade, sei que minha Oksana será do mesmo jeito.

— Vamos fazer o almoço. — Inessa diz com um sorriso. — Eu precisava sair de casa um pouco.

— Quando nasceu? — Oksana pergunta, enquanto ela e Leonie se aproximam de Inessa.

— Há apenas uma semana. Mas já estou ficando louca. — Diz, ao se sentar.

— Posso? — Pergunta Oksana e juro, porra, meu coração aperta quando ela carrega a garotinha.

Fico assistindo, meu foco total em Oksana e no pequeno pacote que carrega enquanto senta e olha para o bebê, acariciando o rostinho com o dedo. Não posso imaginar outra visão mais bonita que essa.

— Qual nome deu para ela? — Pergunto, quando limpo a garganta.

— Devora. — Murmura Inessa, olhando para Dominik com olhos lacrimejantes. — Merda, vou chorar!

— Oh, não. Por quê? — Pergunta Oksana.

— Só estou hormonal, não dê importância. — Diz, acenando com a mão.

Dizemos adeus às nossas mulheres e cada um de nós pede que não deixem de nos avisar caso precisem sair, para enviarmos *Bykis* para elas. Concordam, mas não antes de rolar os olhos.

Quando a deixamos sozinhas, vamos para a suíte de Timofei, onde realizaremos a reunião.

— Não sabemos nada sobre o Cartel de *El Jefe*? — Pergunto, logo que nos trancamos dentro.

— Não. — Admite Yakov. — Tiveram alguns líderes aqui e matamos alguns deles, mas não todos. Estão espalhados pelo mundo todo, pelo que sei. Ele poderia literalmente estar em qualquer lugar. Mas se tivesse que adivinhar, diria que está em algum lugar como a Flórida, ou um estado do sul perto da fronteira. Talvez até mesmo ao longo da fronteira. — Diz.

— Porra! — Resmungo.

— Há alguns na Califórnia. — Anuncia Timofei.

— Como sabe disso? — Pergunta Yakov.

— Através daquele MC com quem trabalhamos. Suas mulheres estavam sendo levadas e vendidas. Os arianos faziam parte do esquema e estavam comprando as mulheres do Cartel. — Explica.

— Caralho! — Assobio. — Agora temos que nos preocupar com a porra dos arianos, também?

— Pelo que sei, mataram uma casa inteira cheia deles e ainda os estão caçando, um por um. — Diz, sorrindo. — Eu nunca foderia com os *Notorius Devils.* A merda que fazem às vezes me assusta.

— Talvez possamos ligar para o líder. MadDog, não é? Veja o que pode nos informar, qualquer coisa. — Yakov sugere.

Timofei concorda e pega o telefone. Rapidamente consegue falar com o presidente dos *Notorius Devils*. MadDog responde com um olá rouco e Timofei o informa de que está no viva-voz. Em seguida, explica a nossa situação e o que estamos procurando.

— Estamos de saco cheio com esse papo furado de tratado de guerra pairando sobre todos nós. Precisamos resolver isso e acabar com tudo logo. — Anuncia MadDog.

— Estamos de acordo. — Ziven acena com a cabeça, como se MadDog pudesse vê-lo. — Tem alguma informação que possamos usar?

— Seu homem, Oliver, me deu ótimas informações. Ainda não descobrimos para onde os arianos levaram as mulheres grávidas, mas sinto que estamos perto. Infelizmente, isso significa que não nos concentramos no Cartel. — Admite.

— É compreensível. — Diz Ziven. — Realmente o foco deve ficar sobre isso.

— Dito isto, informo que matamos alguns membros do cartel que viviam aqui. Explodimos as casas deles, os mandando para o inferno. — Conta rindo.

— Pelo menos não teremos que nos preocupar com os que estavam na Califórnia mais. — Ri Timofei.

— Não com os de *Northern Cali*, pelo menos. — Responde MadDog. — Caso achem *El Jefe* nos chamem. Seremos apoio e mandarei o meu clube mais próximo para você. Seu pessoal daqui nos ajudou muito e nós estamos devendo uma retribuição. — Oferece.

Timofei agradece antes de desligar e sinto como se tivéssemos ido a lugar nenhum. Não temos nada para chegarmos a algum lugar.

— Não sei se Oliver pode achar alguma coisa. — Murmura Yakov.

— Não temos nada que ele possa encontrar. — Digo, passando a mão pelo cabelo em frustração.

— E se os atraíssemos? — Pergunta Ziven. — Estavam tentando comprar Quinn quando os matei. Estão por perto e a única maneira de saírem da toca é com a promessa de ganharem dinheiro com a venda de bocetas.

— Operação Bate? — Pergunto.

— Sim. Quer dizer, porra, essa é a única maneira de serem capturados. Pegam as mulheres e as vendem, ou as treinam para vendê-las depois. — Rosna Ziven. Tem as sobrancelhas unidas enquanto pensa.

— Então nos colocaremos de volta no caminho que Ivan estava trilhando. Não sei se comprarão isso. — Yakov diz, falando do pai.

— Não. — Digo. — Podemos usar alguém. Apenas uma pessoa é tudo o que precisamos para virar o jogo. Konstantin poderia fingir que está furioso. Foi prometido em casamento à *printsessa* e eu fodi tudo. Pasha fodeu com você. Eles sabem o que aconteceu no casamento, mas não sabem exatamente sobre o nosso funcionamento interno. E não sabemos o que Gavril disse a qualquer um deles.

— Isso poderia funcionar. Pasha deixou claro que depois que eu trouxesse Oksana para casa, sua mão em casamento seria a minha recompensa. — Diz, encolhendo os ombros.

Tento não rosnar ou deixar a raiva assumir. Konstantin não fez nada sobre isso, pelo contrário. Veio até mim expressar as preocupações que tinha com as atitudes de Pasha.

— Agora só precisamos encontrar um desses fodidos para conversar. — Digo.

— Há aquele lugar onde nos encontramos alguns meses atrás. Duvido que todos tenham fugido da cidade. — Diz Yakov.

— Espere um minuto. Não havia uma mulher? A mulher do *El Jefe* local? — Pergunto, estalando o dedo.

— Era sua amante. — Yakov revela com um elevar de queixo.

— Aposto que ela poderia nos dar algumas informações. Veja onde podemos encontrá-la para termos uma conversa. — Sugiro.

— Paloma ainda está atenta. Seria fácil esbarrarmos com ela, mas será ainda mais fácil se invadirmos sua casa. — Yakov ri.

— Faremos isso hoje à noite. — Ustin diz. Todos olham para ele, surpresos, mas acenam de acordo.

— Chegamos perto de meia-noite para não aterrorizar completamente seus filhos. — Yakov sorri assustadoramente.

— E se não tiver nada para nos dar? — Pergunta Dominik.

— Terá. — Yakov diz, levantando o queixo.

Terminamos de planejar como invadiremos a casa de Paloma, quem falará e quem serão os homens que estarão vigiando. Decidimos manter tudo entre os seis e nem mesmo trazer *Bykis* com a gente. Em vez disso, Dominik decide que devemos deixar todas as mulheres na casa dele com Inessa e o bebê, rodeado por tantos *Bykis* quanto pudermos reunir.

— Matvei irá organizá-los, como é seu dever. — Dominik diz.

— Ficarei com as mulheres também. É meu dever vigiar Oksana. — Anuncia Ustin.

Concordamos e voltamos para a suíte onde as mulheres estão, sabendo que só teremos algumas horas com elas antes de sairmos.

Quando entramos, vemos que estão terminando algum serviço de quarto e estão todas com ataques de riso, o me que faz contorcer os lábios. Adoro ver Oksana rindo. É um espetáculo a ser visto normalmente; mas quando exibe um sorriso genuíno, se transforma em algo ainda mais lindo. Indescritível.

— Pronta?

— Já? — Pergunta, enquanto pega a minha mão e fica ao meu lado. — Pensei que ficariam fora a noite toda.

— Temos algumas coisas para resolver esta noite. Mas deixarei você, Ustin e Leonie na casa de Dominik e Inessa.

depois, *lapochka.* Poderão continuar conversando, então. — Digo.

Olha-me sorrindo e nesse momento tenho a certeza absoluta que entregarei a cabeça cortada do *El Jefe* ao pai dela. Quero manter esse sorriso, mantê-la em minha cama e enchê-la com os meus filhos. Essa mulher ficará comigo para sempre.



Capítulo Dezesseis

Mika

As mulheres estavam sombrias quando as deixamos com Ustin, Matvei, além de vários outros *Bykis* para protegê-las. Sabiam que algo está acontecendo e todas estão tensas e preocupadas. Não dissemos nada, para a segurança de todos. É melhor que não saibam. Quando tudo estiver feito e acabado, então direi à Oksana. Tenho certeza que os outros homens dirão às suas mulheres também.

— A casa parece tranquila. — Aponta Dominik, quando vamos até o fim da rua escura.

Estamos focados na quarta casa do lado esquerdo, a residência de Paloma. Yakov manteve o controle sobre ela nos últimos meses e nos garantiu que não há um homem lá. Não tem sido vista com alguém depois que o amante morreu. Tem apenas vinte e cinco anos, então não tenho certeza quanto tempo isso durará.

— Pronto? — Pergunta Yakov.

— Vamos fazer isso. — Digo.

Caminhamos rapidamente e com propósito, aderindo às sombras à medida que observamos a vizinhança. As casas estão escuras; os proprietários provavelmente estão dormindo. À exceção de um cachorro latindo aqui ou ali, nenhum outro movimento ou barulho preenche a área ao redor.

A porta dos fundos da casa está aberta e todos entramos, exceto Dominik e Timofei, que ficam observando o perímetro. Dominik na parte de trás e Timofei, escondido nas sombras na frente.

Vemos o brilho de uma televisão na sala de estar e silenciosamente caminhamos nessa direção. Paloma está no sofá, com um cobertor enrolado em volta e com os longos cabelos cobrindo os ombros. Nem mesmo se assusta quando olha para nós. Parece mais jovem do que seus vinte e cinco anos. Mas o conhecimento que demonstra no olhar, me levaria a acreditar que é muito mais velha. É uma contradição, com certeza.

— Estava me perguntando quando vocês viriam atrás de mim. — Murmura.

— Não queremos machucá-la. Na verdade, só queremos conversar. — Yakov afirma.

Balança a cabeça e se levanta, nos fazendo voltar para a cozinha.

— O que querem saber? — Pergunta, indo até o freezer e pegando uma garrafa de tequila.

Abre um armário, pega um copo e o enche, bebendo a dose de uma só vez. Em seguida, enche um segundo copo e faz o mesmo. Luto contra um sorriso ante a visão. Esta mulher é de fato, muito forte.

— Queremos saber quem é o chefe do *El Jefe* de todo o Cartel. — Digo.

Lentamente levanta a cabeça e vira-se para mim, arregalando os olhos, surpresa, antes de começar a rir.

— Boa sorte com isso. — Diz entre gargalhadas.

— Tenho menos de um mês para encontrá-lo. — Continuo.

— Mesmo que o encontre, estará sob forte vigilância. Nunca poderia chegar até ele. — Explica, embora já saiba disso.

— Por que não deixa que nos preocupemos com essa parte? — Yakov oferece.

— Ernesto ocupava a posição mais alta da cidade. Seu território era grande, mas ele respondia à alguém. Alguém que não estava nos EUA e referia-se à essa pessoa como *El Patron*. — Informa.

— Sabe alguma maneira de pegá-lo? — Pergunto, arqueando a sobrancelha.

— Não, se quiser continuar respirando livremente. — Diz. — Mas a esposa de Ernesto poderia saber.

— Por que saberia? — Pergunto, querendo entender tudo o que puder.

— Irá me proteger se eu contar? — Pergunta, enquanto olha de mim para Yakov, antes de parar em Konstantin.

— Iremos. — Respondo.

Yakov solta um rosnado baixo pela garganta, mas não diz nada por alguns momentos. Então diz:

— Sim. Iremos, se a informação for digna de nossa proteção.

— A esposa de Ernesto... Sempre me senti mal por ela. Ernesto fazia coisas ruins e deixava que outros homens fizessem coisas ainda piores contra a pobre. Estava sempre com medo de acabar sendo tratada da mesma forma. Ele não escondia os horrores que a fazia passar. Na verdade, me contava e ria sobre disso. Eu tinha quatorze anos quando começamos o nosso caso, se for assim que quiser chamar o que tivemos. Ele me assustava até a morte, mas era mais seguro agradá-lo do que lutar contra. Então, jurei que seria exatamente o que quisesse que eu fosse. — Diz, a voz antes forte, agora triste e quase fraca. — Ela foi primeiro do *El Patrón*.

Era escrava dele, antes de ser a esposa de Ernesto. Ele me disse que quando ainda estava no México, enquanto subia as fileiras, era o braço direito de *El Patron*. Viveu na casa dele e o tinha como amigo. De qualquer forma, Alicia era bonita, mas também era uma escrava entre dezenas. *El Patron* a usava pessoalmente, mas usava outras também. A maioria era compartilhada entre os homens, mas Alicia nunca. Quando Ernesto ocupou um cargo alto o suficiente para que *El Patron* confiasse nele e o deixasse comandar a operação em Nova York, deu Alicia para Ernesto como um presente de despedida.

Estamos todos em silêncio ouvindo a história. É fascinante, na verdade. Nesse momento, percebo que o Cartel e a Bratva não são muito diferentes como sempre achei que fossem. Mulheres, sexo, comércios, drogas e armas. Somos muito do mesmo.

— Então, para tornar uma longa história curta, Ernesto não gostou do fato de que Alicia queria voltar para *El Patron,* principalmente porque, embora fosse uma escrava sexual, ele a tratava muito melhor do que Ernesto. Ele nunca contou a *El Patron*, mas a pegou tentando fugir mais de uma vez. Por isso, resolveu torturá-la. A partilhava entre seus homens, a humilhava e fodia a bunda dela. Depois, vinha para mim. Eu na maior parte, recebi a melhor parte dele, que ainda não era tão boa assim. Mas nunca me machucou propositalmente, não me partilhou e foi o pai de meus filhos. Cuidou de mim à sua maneira, suponho. — Dá de ombros. — Então, se encontrar

Alicia, terá a chance de possivelmente descobrir pelo menos o nome de *El Patron.*

Agradeço, antes de me virar e sair. Fecho os olhos e penso sobre essas pobres mulheres abusadas. Muitas das nossas mulheres foram abusadas e isso não termina aí. Os Devils também têm mulheres que foram levadas e o Cartel é conhecido por esse tipo de tráfico. Tudo me deixa doente.

— Ouvi a história. — Murmura Dominik.

— Somos tão ruins assim? — Pergunto. — Ainda temos bordéis.

— Eu sei. — Dominik encolhe os ombros. É responsável por um aqui na cidade. — Mas é diferente agora. Estamos mudando e evoluindo. Nossas prostitutas querem fazer isso. Fazem porque ganham uma grande quantidade de dinheiro e estão seguras, não porque são forçadas. Talvez algumas sintam que é a única opção que têm, mas não é realmente. Por isso, acho que não. Não somos tão ruins. Nossas mulheres não são mais escravas.

Fecho os olhos por um momento e penso em minha irmã. Era uma escrava e suas escolhas foram despojadas aos dez anos de idade. Os filhos que teve foram levados e todos morreram doentes. Porra! Isso me faz querer derrubar este *El Patron* ainda mais.

— Konstantin será responsável pela proteção de Paloma, de agora em diante. — Yakov anuncia quando sai. — Iremos.

encontrar Alicia agora. Oliver acha que ela ainda reside na casa que compartilhava com Ernesto.

Olho para trás e vejo Paloma colocar um pouco de cabelo atrás da orelha, enquanto olha para Konstantin com uma expressão de olhos de corça.

— Isso parece problema. — Menciono, levantando o queixo para o casal.

— Talvez. Mas Konstantin precisa de algo. Ele trabalha constantemente. — Yakov dá de ombros.

— Não pode chamar uma garota de programa? — Pergunto.

— Não faz isso. É contra seu código moral ou algo assim. — Yakov ri.

— Isso é um desastre esperando para acontecer. — Digo.

— Acho que não. Konstantin está muito focado no trabalho. Vai querer elaborar um contrato em breve. Isso seria apenas diversão. Com a aparência que tem, Paloma pode ter um pouco de diversão também. — Murmura Yakov.

Resmungo como resposta. Alguns minutos depois, Konstantin junta-se a nós do lado de fora.

— Estamos prontos? — Pergunta.

— Vamos. — Yakov diz.

Caminhamos de volta ao SUV todos juntos e Yakov explica a situação para um Timofei curioso, enquanto nos dirigimos para a casa de Alicia.

Oksana

— Acha que encontrarão alguma coisa? — Quinn pergunta enquanto abraça o menino adormecido de Ashley, Yurik, contra o peito.

— Não sei. Gostaria de saber mais sobre tudo o que está acontecendo. — Admito, olhando para o pequeno bebê, Devora.

— Provavelmente, nunca sabemos sobre tudo. — Murmura Leonie.

Quinn, Leonie e eu, estamos cuidando dos filhos enquanto as mães exaustas dormem. Devora ainda mama a cada duas horas e está acabando com uma mamadeira de leite materno que Inessa deixou.

Yurik tem um sono leve e não se acomoda em lugar algum além da própria cama. Por isso, Quinn o está segurando, balançando e cantando para que durma a noite toda.

— Você sabe mais do que o resto de nós. Normalmente, não recebo nada até depois de tudo terminar, o que quer que seja. — Quinn murmura.

— Sim. Mas isso porque é o meu pai que está agindo de modo desequilibrado. — Bufo.

— Voltará para Denver? — Quinn pergunta, mordendo o lábio inferior e olhando entre mim e Leonie.

— Acho que sim, não vejo por que não. Mika tem um mês para cumprir o acordo com meu pai. Não acho que vá querer ficar longe da cidade por muito tempo.

Olho para Leonie, que apenas dá de ombros. Provavelmente voltará para a Rússia com Ustin, de volta para Sergei, que é o verdadeiro *Pakhan* dele.

— Não posso imaginar isso também. Ei, quando voltar, posso praticar minhas habilidades em você! — Diz sorrindo.

— Suas habilidades?

— Tomei aulas de massagem terapêutica. Ziven tem regras restritas sobre em quem posso ou não fazer massagens. — Diz, revirando os olhos. Posso dizer que está aliviada, no entanto.

— Não tive uma massagem desde antes do meu casamento. Adoraria isso. — Praticamente gemo.

— Soa como um plano. — Diz rindo.

Poucos minutos depois, a porta se abre e os homens começam a encher a casa. Dominik, Yakov, Ziven, e Mika olham para nós com surpresa. Timofei apenas sorri e Ustin aparece por trás de todos de seu posto na varanda da frente.

— Onde estão Inessa e Ashley? — Yakov pergunta, soando mais duro do que tenho certeza que pretendia.

— Decidimos que precisavam de descanso. Inessa está em seu quarto e Ashley, no quarto de hóspedes. Estivemos a serviço dos bebês. — Explico.

Yakov acena, mas não diz nada enquanto vira e caminha pelo corredor em direção ao quarto de hóspedes. Balanço a cabeça, enquanto entrego Devora para Dominik, que sem uma palavra, a tira do meu alcance.

— Acabou de mamar. Estava me preparando para levá-la para a cama. — Explico e ele sorri.

— Obrigado, Sana. — Murmura, antes de se virar e levar o bebê empacotado para o berço.

— Pronta? — Mika pergunta, estendendo a mão para mim.

— Sim. — Aceno, colocando a mão na sua.

Saímos da casa, Ustin, Leonie, Ziven, Quinn, Timofei, Mika e eu. O SUV que no qual chegamos está esperando e estacionado no meio-fio. Nos acomodamos dentro e quase não posso acreditar na hora. No caminho de volta ao hotel, vejo o

nascer do sol. Há uma calma sobre a cidade, uma serenidade tamanha, que não posso evitar: fecho os olhos e respiro fundo.

Está quase acabando.

Posso sentir o estresse e a tensão no veículo, mas sei que seja o que for que aconteceu hoje à noite, meu Mika está um passo mais perto de fazer todo esse pesadelo acabar para seguirmos em frente. Juntos.

— *Lapochka*, estamos aqui. — Ouço a voz de Mika ao abrir os olhos.

Olho em volta surpresa e vejo que estamos sozinhos em frente ao hotel. Um manobrista pacientemente espera que saiamos do carro. Sorrio timidamente e começo a sair do veículo, pegando a mão de Mika. O resto do nosso grupo já deve ter ido para os quartos e me pergunto quanto tempo estivemos sentados aqui.

Quando estamos no elevador, todos os pensamentos sobre as outras pessoas do nosso grupo saem pela janela. O cansaço toma conta novamente e descanso a cabeça no ombro de Mika. Ele me abraça e puxa para o seu lado de modo um pouco mais apertado, enquanto roça com os lábios o topo da minha cabeça. Praticamente adormeço contra ele. Quando a porta do elevador se abre, abaixa-se e me carrega. Pareço uma noiva enquanto me leva para o nosso quarto.

— Posso andar. — Digo.

— Está morta, Oksana. Divertiu-se com os bebês? — Pergunta com uma risada.

— Devora é tão doce! — Bocejo, colocando a cabeça sobre seu ombro.

— Tem apenas uma semana de vida. Não desenvolveu alguma atitude ainda. — Ri, abrindo a porta.

Mika não me coloca no chão. Caminha em direção à cama e lentamente me despe, deixando apenas a calcinha e sutiã. Luto para manter os olhos abertos, enquanto ele remove as próprias roupas.

— Devora não terá uma atitude. É doce como o açúcar. — Digo, sonolenta.

Mika joga a cabeça para trás e ri, terminando de tirar o resto das roupas. Rasteja na cama e envolve os braços em volta de mim, puxando minhas costas contra sua frente. Deixo escapar um suspiro quando uma das mãos desliza por sobre meu peito.

— Sua mãe é Inessa. Ela terá atitude, assim como as nossas filhas.

— O que isso quer dizer? — Pergunto, fingindo estar ofendida.

— Isso significa que é uma *printsessa.* Foi criada como uma e possui atitude. Pode ser exigente e mimada e isso

significa que nossas filhas provavelmente também serão. — Resmunga.

Rolo nos braços dele e estreito os olhos, mas ele só sorri para mim.

— Bem, pode não gostar da minha atitude, amigo, mas desculpe, está preso comigo.

— Nunca disse que não gostava, *lapochka*. — Sussurra, rolando por cima de mim. Alargo as pernas para que fique entre elas. — Amo sua atitude espertinha; amo que possa ser brava em um minuto e minha *lapochka* suave e doce no próximo.

Acaricia meu nariz com o seu e me beija. Sua língua me enche e golpeia firme e uniformemente, fazendo-me pensar na forma como os movimentos que faz com o pau são iguais. Envolvo uma das pernas ao redor da sua coxa enquanto rolo o quadril em busca de mais.

— Oksana. — Rosna, agarrando minha bunda.

— Por que não coloca um bebê dentro de mim, Mikhail? Mantenha-me para sempre! — Sussurro.

— Porra! — Sibila, sentando-se nos joelhos.

Engancha os dedos na minha calcinha e a arranca pelas pernas antes de jogá-la para o lado. Mika abre-me ainda mais as pernas e sem uma palavra, entra dentro de mim. Suspiro

com a intrusão, mas ele não se move. Deixa que me ajuste e fixa os olhos nos meus.

— Eu a manterei para sempre, Oksana. Com ou sem bebês. — Diz, quando puxa para fora e em seguida, bate de volta com um gemido.

— Mikhail! — Sussurro.

— Para sempre, *lapochka!* — Resmunga.

Sou incapaz de dizer qualquer coisa quando ele começa a me foder. Bate o corpo contra mim com tanta força que sinto a respiração sendo roubada e os seios saltando com cada impulso. Meu corpo inteiro dói; as pernas, boceta e aquele lugar dentro de mim buscam o orgasmo, mas ainda estou incapaz de alcançá-lo. Com cada batida da pélvis dele contra o meu clitóris, sinto-me subir mais e mais na esperança de alcançar o limite.

— É minha! Esta boceta, boca, seios.... Você é toda minha. Não dou a mínima para o que acontecerá no próximo mês, no próximo ano, ou daqui a dez anos. Porra, você é minha! — Rosna enquanto os golpes pegam ritmo e força.

Arqueio as costas, envolvendo as mãos em torno dos braços fortes e o seguro, enquanto continua a usar a força das coxas para me foder uma e outra vez. Vejo que morde o lábio inferior, o foco na nossa conexão e um leve brilho de suor cobre o rosto lindo.

— Mikhail. — Chamo.

Olha-me e me aperta as pernas ainda mais, quando se inclina por cima de mim. Os golpes se tornam mais rápidos e mais rasos.

— Goze no meu pau, Oksana. Goze, *lapochka*!

Choramingo quando sinto a boceta apertar e o orgasmo tomar conta de mim. Fecho os olhos e mordo o interior da bochecha, enquanto deixo a sensação, o tremor e a tensão rígida me tomarem.

Mika não para. Continua estocando, tornando-se errático, duro e profundo até se acalmar ao me encher com seu sêmen. Em seguida, libera as minhas pernas e empurra o rosto no meu pescoço relaxando sobre mim.

— Oksana... — Sussurra.

— Mikhail. — Respondo, o acariciando de cima abaixo nas costas.

Nada, além de nós, importa agora. Papai, suas ameaças, o Cartel, o casamento com Gavril... Mika e eu é tudo o que importa e interessa. O que tivermos que fazer para garantir que nada nos aconteça e para proteger nosso casamento, faremos.

Matar, mutilar, roubar, mentir ou fraudar. Não dou a mínima para o que tenhamos que fazer. Mas de qualquer maneira, manterei comigo o meu homem mau.

Capítulo Dezessete

Mika

Observando Oksana empacotar suas coisas, decido pedir o serviço de quarto para o café da manhã. Hoje, partimos para Denver e porra, para ser honesto, se nunca mais voltasse para esta cidade, seria cedo demais.

Quando o serviço de quarto chega, nos sentamos e comemos em silêncio. Não é tão confortável como deveria ser; não consigo iniciar uma conversa quando minha mente está focada em *El Patron*. Preciso encontrá-lo e cortar sua cabeça.

Alicia foi útil. Pelo menos temos um nome agora, ao invés de apenas *El Patron*. Seu nome é Diego Pineda. Espero que esta tarde eu tenha um arquivo inteiro de Oliver sobre ele.

Quero saber tudo o que há para saber sobre o homem: toda a sua vida, infância e o caminho que percorreu até esta manhã. Quero tudo. Só então poderemos elaborar um plano para atacar e matá-lo.

— Está perdido em seus pensamentos. — Diz Oksana, a voz suave e baixa.

— Estou. — Admito, mordendo um bolinho inglês.

— Irá compartilhar? — Pergunta, arqueando uma sobrancelha.

— Não agora. Está pronta para ir? — Espalho as migalhas das mãos e levanto.

Oksana acena com a cabeça e volta para a cama, para fechar a mala. Sei que está preocupada, mordendo o lábio inferior, mas não digo nada. Posso dizer que está no limite e logo dirá o que a está incomodando.

— Leonie e Ustin voltarão para a Rússia? — Deixa escapar.

Fico surpreso com a pergunta, mas provavelmente não deveria estar. Oksana e Leonie forjaram um vínculo de amizade e pelo olhar preocupado que exibe, é mais profundo do que imaginei.

— Ustin e Leonie irão permanecer até que eu lide com a merda de seu pai. Há um apartamento em meu prédio que poderão usar. Está vazio. Depois disso, não tenho certeza. Dependerá se Ziven deixará que ele fique, se Ustin deseja ficar e se Sergei estaria disposto a permitir isso. — Explico e ela sorri. Minha linda Sana.

— Realmente gosto de Leonie e acho que Quinn também. Seria bom ter algumas amigas ao redor. — Encolhe os ombros, mas não pode esconder como está emocionada com a ideia.

— Vamos. Um avião nos espera. — Digo, balançando a cabeça.

Poucos minutos depois, estamos todos reunidos junto ao manobrista do hotel, à espera do SUV que vai nos levar para o aeroporto.

— Sinto que deveria ter me despedido de Ashley, Inessa, e Aleksandra. — Oksana murmura.

— Irá vê-las novamente e estão há apenas a um telefonema de distância, *lapochka.* — Lembro, a abraçando.

Entramos no SUV e deixamos o *Shestyorka,* que está nos levando, terminar de carregar a bagagem. O carro está silencioso; nenhum de nós diz nada enquanto vamos em direção ao aeroporto. Ainda estou perdido em pensamentos sobre Diego Pineda; quem é, onde mora e como posso pegar a cabeça dele, literalmente.

— Oliver chamará em breve. — Ziven informa, quando o SUV entra na pista do pequeno aeroporto. Aperto a coxa de Oksana quando a porta se abre.

Não demora muito tempo para descarregarmos o SUV e subirmos no pequeno avião para irmos para casa. O voo em si leva um pouco mais de três horas, mas parece que foram

quinze minutos, uma vez que nos envolvemos em diferentes conversas.

Todas as mulheres sentam-se juntas e não deixo de observar como Oksana conversa com Quinn e Leonie. Quando percebe que estou olhando, pisca para mim e sorri timidamente. Porra! Ela é deslumbrante e minha.



— Amanhã cedo nos encontramos. Oliver deverá ter os arquivos para nós até lá e podemos discutir o que faremos. — Diz Ziven, quando o avião pousa em Denver.

— Parece bom. — Respondo.

Todos saímos do avião e fico contente ao ver que há carros nos esperando. Estou cansado. Fui incapaz de fazer com que meu cérebro desligasse a noite toda e sinto que realmente não descansei desde que tiraram Oksana de mim. O trajeto até nosso edifício é rápido e agradeço por isso. Tudo o que quero fazer é rastejar para a minha cama e dormir por um ano inteiro do caralho.

Quando entramos em nosso prédio, Ziven dá a Ustin uma chave e diz qual o número do apartamento deles. Pego Oksana e a bagagem, louco para ir para o meu próprio apartamento. Oksana tranquilamente segue atrás de mim, mesmo quando decido ir pelas escadas, ao invés do elevador.

Desbloqueio a porta, entro e encolho. Está mais bagunçado do que me lembrava. Tenho certeza de que há comida estragada dentro da geladeira (o pouco de comida que eu tinha).

Merda! Não quero nem pensar na pilha de roupas que provavelmente tenho no armário. Os lençóis precisam ser trocados também; Oksana não gostaria de dormir neles. Não, se soubesse o que aconteceu sobre eles, o que nunca saberá.

— Tenho lençóis limpos no armário. Preciso trocá-los. — Murmuro, andando em direção ao armário de roupas de cama.

— Deixe que faço isso. — Oksana diz, apressando-se para ficar a meu lado.

— Não. Vá tomar um banho ou algo assim. Só levará um minuto. Depois quero me deitar. Estou exausto. — Resmungo.

— Mika, o que está havendo? — Pergunta, percebendo a minha hesitação.

— Nada. Estou apenas cansado. — Minto.

Não a quero no quarto, não até ter certeza de que ninguém deixou nada para trás. E isso é uma grande

possibilidade. Quando escolheu Gavril sobre mim, fiquei um pouco... selvagem. Não que tenha anunciado isso e ninguém provavelmente sabe realmente, mas estava magoado e com raiva. Quis feri-la da única maneira que senti que podia.

— Parece que uma bomba explodiu aqui. — Diz, enquanto observa meu quarto.

Rapidamente retiro os lençóis sujos e refaço a cama, ignorando a observação. Ela fica na porta e posso sentir os olhos nas minhas costas enquanto me movo, arrumando a cama e endireito o edredom quando termino. Enrolo os lençóis e os jogo sobre a pilha de roupas sujas que estão saindo pela porta do armário.

— Chamarei o serviço de limpeza para vir e limpar amanhã. — Digo.

— Eu posso limpar. — Diz, dando de ombros.

Não seguro o som de descrença que me escapa. Oksana ergue os punhos e os coloca sobre os lábios enquanto estreita os olhos sobre mim. Finjo que não me afeta, mas na verdade, está me deixando com o pau duro.

— *Lapochka*, quantas vezes você limpou uma casa ou lavou roupa? — Pergunto, tentando lutar contra o meu sorriso.

— Não importa. Posso fazer isso. — Diz, teimosa.

Incapaz de ficar do outro lado do quarto um segundo a mais, rapidamente fecho a distância entre nós e a abraço.

Abaixo o queixo e a beijo suavemente, apenas aprofundando quando ela tenta esconder sua reação. Não consegue esconder a forma como relaxa ou a maneira como a respiração fica alterada. Sei que a estou afetando.

Agarro a bunda dela e puxo seus quadris para mais perto, deixando-a perceber o quanto estou duro. Oksana suspira e aproveito a oportunidade para enfiar a língua dentro da boca quente.

— Eu posso limpar. — Sussurra, quando interrompo o beijo.

— Você pode, mas não precisa. E não vou pedir que faça isso. — Digo ao descansar a testa contra a dela.

— Não duvide das minhas habilidades. — Diz.

Não contenho o riso. Meu corpo treme e viro a cabeça para o lado.

— Nunca, *lapochka*. Vamos para a cama, sim? — Peço, dando um passo para trás.

— Ok. — Murmura.

Tiramos nossas roupas, mas não tento mais nada. Estou exausto e deixo o conforto da minha cama me levar. Durmo profundamente em poucos minutos, os braços em volta de Oksana que agora está aqui, comigo, em casa e segura.

Oksana

Parece que dormimos há apenas alguns segundos quando o telefone de Mika toca. Resmunga ao rolar na cama e o pega, retirando o carregador para fora da tomada antes de responder. Ouço, mas estou cansada demais para sequer tentar entender o que diz. Quando termina, vira-se para mim e me beija o pescoço, antes de ir em direção ao ombro.

— Preciso sair. Quinn está no apartamento seis e Leonie, no quatro. Quando levantar, pode ir para qualquer um deles, mas não quero que saia do edifício. — Anuncia, a voz profunda e grave.

— Por que não posso sair? — Pergunto, virando para encará-lo.

Está se movendo pelo quarto, pegando algumas peças íntimas antes de ir para o banheiro. Para apenas para me olhar e responder:

— Eu me sentiria melhor se saísse com um *Byki*. Mas até que eu tenha a oportunidade de definir isso, não quero que saia do prédio.

Aceno, entendendo o que está dizendo. Mas ainda me sentindo um pouco presa.

Eu conheço esta vida e sei que *Bykis* são essenciais, especialmente quando a ameaça de perigo é iminente. Também nunca realmente precisei me preocupar em ter um. Não em *Brighton Beach* e não quando meu pai é Pasha Vetrov.

As únicas vezes que tive Byki foi quando estávamos em uma casa segura, ou sob prisão domiciliar e serviram mais como guardas armados fora da casa do que como proteção pessoal. Mamãe sempre teve Byki, por ser esposa de um *Pakhan*, mas ele sempre ficou fora de nossas vistas. Se tive algum próprio em uma base regular, ficaram escondidos.

Mika sai do banheiro usando cueca e meias. Procura uma camiseta e em seguida, pega um terno do armário. Olho entre ele e a pilha de roupa suja, perguntando-me quantos ternos realmente possui. Deve ter dezenas. Não parece que lavou alguma coisa ou enviou algum terno para a lavanderia por pelo menos um mês.

— Lembre-se do que eu disse. Fique no prédio hoje. — Lembra, antes de se inclinar e me beijar.

— Está bem. — Aceno.

— Há um conjunto extra de chaves no balcão. É seu e elas abrem o edifício e este apartamento. Vejo-a quando puder e iremos fazer compras. Tenho certeza de que não há nada comestível aqui. — Resmunga e vai embora.

Ouço a porta bater e olho ao redor, percebendo que estou em um apartamento de solteiro. Tremo ao pensar no que pode

haver na geladeira, na pilha de roupa suja e como deve estar o cheiro de tudo. E em seguida, penso no banheiro e isso me deixa aterrorizada.

Uma vez que estou na única coisa que sei que está limpa em toda a casa, decido levantar e enfrentar o resto do apartamento. Ando na ponta dos pés até o banheiro e fico aliviada ao ver que não parece tão sujo quanto está bagunçado. Mas posso lidar com bagunça. Ignoro o que Mika disse sobre mim como dona de casa. Não sou inválida e posso pelo menos limpar. Talvez não tão bem, mas posso.

Tomo banho e em seguida, pego um jeans e uma camiseta simples da bolsa que Mika trouxe da Rússia. Quando estou vestida, prendo o cabelo e decido começar a trabalhar. E por trabalhar, quero dizer olhar o apartamento todo para que possa ver exatamente com o que estarei lidando aqui.

Não demoro muito tempo para separar todas as roupas de Mika, definindo os ternos em um lado da pilha e começo a lavar uma carga de roupa. Fico feliz ao ver que tem uma máquina de lavar e secar roupa no apartamento e que não precisarei ir até uma lavanderia. Nunca realmente fiz isso antes e levo um tempo para descobrir tudo.

Depois, faço a cama e decido arrumar o quarto antes de ir para os outros cômodos. Tenho a sensação de que antes que chegue em casa, já o terei deixado completamente limpo. Tudo o que precisaremos, é fazer compras.

Será que ficará chocado ao chegar?

Quando pego tudo, guardo e arrumo no lugar, começo a limpeza real. Felizmente, Mika tem todos os produtos que preciso, incluindo material para esfregar o chão. Infelizmente nunca limpei pisos, então gasto mais tempo lendo as instruções do que o normal. A última coisa que quero fazer é estragar alguma coisa.

Os produtos informam que primeiramente, devo varrer o local para retirar todo pó acumulado e me sinto estúpida por não ter pensado nisso antes. Vou em busca de vassoura e encontro uma no armário de casacos. O apartamento inteiro é revestido de azulejos e pela aparência deles e da poeira que estou varrendo, não foram limpos por um bom tempo.

Quando decido varrer embaixo da cama, a vassoura traz algo que não esperava encontrar. Um par de calcinhas de mulheres. São minúsculas. Realmente minúsculas e me pergunto se realmente cobrem alguma coisa, já que parecem principalmente um monte de fios. Não as pego entretanto.

A batida na porta interrompe meu olhar fixo nas peças vermelhas brilhantes e coloco a vassoura contra a parede antes de caminhar para a porta. Olhando pelo olho mágico, sorrio quando reconheço Leonie e Quinn de pé do outro lado.

Rapidamente abro a porta e sorrio. Quinn segura um saco de comida e Leonie, uma bandeja com bebidas. Ambas me olham e Quinn estreita os olhos.

— O que há de errado? — Pergunta, quando me afasto para deixá-las entrar.

— Nada. — Minto. — O que é isso?

— Pedi que entregassem o almoço. Agora, diga-me o que aconteceu. — Exige.

Suspiro ao segui-las para a cozinha. Leonie não disse nada, mas seu olhar cauteloso é suficiente para me fazer transbordar. Levanto da banqueta e explico sobre a pequena discussão que Mika e eu tivemos sobre a limpeza e sobre as calcinhas que encontrei.

— Eca! — Diz Quinn, virando o nariz para cima, enquanto morde seu sanduíche.

— E eu realmente não posso dizer nada! — Digo e mordo um pedaço do lanche, mas sem realmente sentir o sabor. É sem graça; ou talvez eu esteja tão desapontada e triste que meu paladar desapareceu.

— Você esteve com outros no passado? — Leonie pergunta com um sorriso.

— Sim. — Suspiro. — Mas não por muito tempo. E não desde antes de mamãe morrer.

— Não tem como saber há quanto tempo as calcinhas estavam embaixo da cama. — Leonie ressalta.

Concordo com a cabeça, mas a torção no estômago não vai embora, só se intensifica. Olho para Quinn, que evita me olhar nos olhos e come sua comida. Acho que provavelmente ela sabe de alguma coisa, mas não dirá nada. E nem morta irei perguntar algo. Não quero saber. Apenas quero que o tecido vermelho desapareça e toda a memória sobre já ter estado neste apartamento também.

— Vamos ajudá-la a limpar tudo. Depois podemos simplesmente sair o resto da tarde. — Quinn sugere.

Terminamos de comer e poucos minutos depois, vejo que Leonie entra no quarto com uma pequena pá. Retira a calcinha sem uma palavra e cerca de quinze minutos depois, todo o piso do apartamento está limpo. Fico surpresa com a rapidez que terminamos e estou contente de que tenham vindo. Provavelmente ficaria pensando o dia todo sobre a calcinha.

— Vamos assistir algo que tire sua mente do que aconteceu. — Quinn sugere.

— Como o quê? — Pergunto.

— *Kardashians* ou *Catfish*? — Pergunta sorrindo.

— O que é isso? *Catfish*? — Leonie pergunta, franzindo a testa.

— *Catfish.* Leonie precisa assistir. — Decido.

— Ou então, namoro nu. É uma boa também. — Quinn oferece com um sorriso.

— Oh, sim! Também é bom. — Admito com um aceno.

Passamos o resto da tarde conversando sobre programas de televisão inúteis. Leonie fica completamente absorvida pelos dois programas. É quase cômico.

Antes de saírem, Quinn explica que tem aula o resto da semana durante o dia, então não poderá sair conosco. Fico um pouco desapontada, mas viro para Leonie e pergunto se ela quer sair amanhã.

— Claro! Talvez possamos tentar encontrar um orfanato local para sermos voluntárias. — Diz.

— Oh, isso parece divertido. Podemos olhar isso amanhã. Pedirei a Mika seu computador emprestado.

— Perfeito. Vejo você amanhã. — Diz com um aceno. Em seguida, ambas me deixam sozinha.

Infelizmente Mika ainda não chegou, de modo que isso me deixa com tempo para pensar. Pensar sobre a pequena calcinha vermelha que estava sob a cama dele. Ela continua a preencher meus pensamentos e não consigo pará-los.

Não quero pensar na mulher que a usou. Se significou algo para ele, se pensa nela ou se planeja vê-la novamente. Sei que não poderia dizer ou fazer nada se fizer isso. Não é o meu lugar, algo que aprendi da maneira mais difícil através do relacionamento dos meus pais.

Sempre pensei que papai adorasse a minha mãe. E ele adorava, pelo que saiba. Mas descobri que teve um caso com a mãe de Inessa há mais de vinte anos. Esse conhecimento destruiu a imagem perfeita que eu tinha do casamento deles. Também destruiu a esperança que sempre tive em relação a um futuro casamento.

Agora, basicamente estou esperando o inevitável e odeio isso. Amo Mika, mas de certa forma, ficar casada com Gavril teria sido mais fácil, pois não o suportava. Se me traísse, nem me importaria. Com Mika, eu me importo... Demais.



Capítulo Dezoito



Não existe quantidade suficiente de televisão que consiga manter a minha mente longe do fato de que já passa de meia-noite e Mika ainda não voltou. Desisto de fingir que estou vendo algo enquanto espero e vou para o quarto.

Tomo um banho e abro a gaveta onde guardei a lingerie que trouxe. Espero que Mika não se importe de ter movido algumas das suas roupas para colocar as minhas.

Deito na cama e a única coisa que sou capaz de fazer é ficar olhando para a maldita porta esperando que ele apareça. Balanço a cabeça, sentindo-me uma idiota e decido tentar dormir um pouco. Ainda estou cansada com tudo o que aconteceu nas últimas semanas. São apenas lembranças, mas continuo a me sentir extremamente emocional.

Fecho os olhos e tento relaxar a mente e corpo o suficiente para conseguir dormir. Acaba funcionando, mas na última vez

que olhei para o relógio, vi que passava das duas da manhã. E ainda estava sozinha.

Ouço um barulho e acordo assustada, o coração batendo forte contra o peito, enquanto espero o que vem a seguir. Poucos minutos, vejo uma sombra na porta. Leva um segundo para perceber que é Mika. Ele tira a roupa e vai para o banheiro deixando um rastro de roupas atrás dele.

Mordo o lábio inferior, tentando não pensar na razão de estar tomando banho às quatro da manhã. Pergunto-me se está lavando o perfume de outra mulher. Odeio pensar assim, mas não consigo impedir, não importa o quanto tente.

— Está acordada. — Resmunga quando sai do banheiro nu e sobe na cama. — Você limpou o apartamento.

— Sim. Limpei. — Confirmo.

— Disse que cuidaria disso! — Diz, parecendo irritado.

— Sei disso. Mas estive em casa durante o dia todo sem nada para fazer. — Digo, dando de ombros.

— Precisei resolver algumas merdas. Deveria ter ligado e avisado que me atrasaria.

— Está tudo bem. — Digo, virando de costas para ele e tento voltar a dormir, fazendo um esforço enorme para não chorar.

— Ei! Ficou chateada porque tive que trabalhar o dia todo? Confie em mim, não estava em uma festa. Estou exausto. — Diz. Para seu crédito, realmente parece extremamente cansado.

— Não. Só estou cansada! — Sussurro na escuridão.

Mika passa a mão na minha coxa, cintura e em seguida, sob a camisa que uso, agarrando um seio. Como sempre acontece, tremo com o toque. Arqueio de modo a pressionar o seio contra a mão, silenciosamente pedindo por mais. Aperta o mamilo e gentilmente o puxa, enquanto beija-me o pescoço e me lambe.

Choramingo quando a outra mão me agarra pela cintura e mergulha dentro da calcinha, o dedo pressionando o clitóris enquanto movimenta os quadris. Sinto o comprimento duro contra a minha bunda ao mesmo tempo em que enfia dois dedos dentro de mim. Encontra-me tão molhada, excitada e pronta para ele, que chega a ser vergonhoso.

A mão que mantinha em um seio desaparece quando agarra a calcinha que uso e a puxa pelas pernas. Ouço o tecido delicado rasgando, mas não me importo. Mika me vira de barriga para baixo, ambas as mãos em volta da minha cintura e me puxa de volta enchendo-me por trás.

— Mikhail. — Suspiro, enquanto ele geme.

Mika não diz uma única palavra enquanto bate dentro de mim, me agarrando pelos quadris para puxar de volta ao longo

do seu pau a cada vez que empurra para a frente. Chego até a cabeceira, tentando erguer o corpo, mas ele pressiona a mão contra o centro das minhas costas e empurra o meu rosto e peito contra o colchão, antes de voltar a me segurar novamente pelos quadris.

Os gemidos de Mika enchem o ar, juntamente com as batidas de pele contra pele quando bate impiedosamente dentro de mim, entrando uma e outra vez. Sinto as coxas tremendo enquanto tento me segurar contra os impulsos punitivos. Mordo os lábios por causa da dor; cada impulso dos quadris causa-me uma dor entorpecedora.

A primeira lágrima cai e não consigo segurar um soluço, ofegando quando os dedos me apertam ainda mais. Está sendo áspero, o que não é incomum, só que agora está pensando apenas em si. Mika sempre me deu prazer com um pouco de dor, exceto agora. E a cada impulso punitivo de seu pau dentro de mim, quebra mais um pouco o meu coração.

Quando se acalma, ouço o gemido e sinto os espasmos de seu pau me enchendo com sua libertação. Suspiro aliviada, ao perceber que tudo terminou. Pela primeira vez, desde que o conheci, estou feliz que tenha acabado.

Mika dá um tapa na minha bunda antes de sair de mim e caminha para o banheiro. Eu me enrolo em uma bola e viro para a parede, perguntando-me o que diabos aconteceu.

Volta poucos minutos mais tarde e fico inteiramente tensa, rígida quando deita na cama e me puxa contra si. Tenho as costas contra sua frente e os lábios dele estão no meu ombro, em um gesto quase afetuoso.

— Desculpe não tê-la feito gozar, *lapochka.* Farei isso quando acordar, daqui a algumas horas. Mas eu realmente precisava disso. — Murmura e poucos segundos depois, ouço roncos suaves e percebo que relaxou contra mim.

Fecho os olhos com força e tento não chorar. Respiro lentamente e consigo conter as lágrimas. Após cerca de 30 minutos olhando para a parede, decido ir ao banheiro para me limpar.

Depois, lavo as mãos e levanto a cabeça, olhando para mim mesma no espelho. Tremo ao ver o rosto que me olha de volta. A pessoa refletida sente medo e isso me irrita. Nunca sinto medo. Mesmo quando os idiotas irlandeses me fizeram refém no andar de baixo da minha antiga casa enquanto matavam mamãe no andar de cima, eu nunca, em nenhuma vez, demonstrei medo.

Respiro profundamente e saio do banheiro, apagando a luz. Mas ao invés de ir para a cama, decido ir para a sala. Sinto o estômago roncar no caminho, lembrando-me de que não jantei. Não que tenha pulado a refeição de propósito; Mika não tem nada em casa para comer. Bem, não é verdade. Tem macarrão instantâneo. Mas... Eca!

Indo para o sofá, pego o controle remoto e ligo a televisão enquanto me enrolo no canto. Dobro os joelhos contra o peito e descanso a cabeça sobre eles, procurando alguma coisa que me distraia a mente. Não que seja tola o suficiente para achar que haja alguma coisa que me faça esquecer o que aconteceu entre Mika e eu, seja lá o que for.

Acho um filme antigo, *Daddy long Legs* e espero que assistir a isso me faça adormecer. E devo ter conseguido, porque a próxima coisa que percebo, é que estou sendo levantada no ar. Quando abro os olhos, vejo que o sol está iluminando a sala e estou sendo levada.

— O que aconteceu? — Pergunto assustada.

Mika resmunga e voo no ar, caindo na cama com um salto. Rapidamente deita-se sobre mim, pressionando os quadris contra os meus enquanto deixa nossos rostos encostados um no outro.

— Que porra há de errado com você? — Pergunta, furioso.

— O... O... quê? — Gaguejo.

— Pensei que a tinham levado! Fui à sua procura e a encontro enrolada em uma bola dormindo sobre a porra do sofá? — Grita.

Aperto os lábios e me recuso a falar. Se fizer, ele saberá. Saberá sobre as calcinhas, sobre como me machucou, o

quanto realmente me importo e como o amo. E também saberá... Ele vai saber o quão assustada estou.

— Fale comigo! — Diz, enquanto me agarra pelo pescoço.

Mantenho os lábios pressionados firmemente e ele aperta levemente meu pescoço antes de o soltar ligeiramente. Estreito os olhos, mas fora isso, não reajo. Mika rosna e me aperta a garganta um pouco mais.

— Fale ou irei obrigá-la a falar. — Grita. O olhar feroz e o jeito como está rosnando, não me deixam duvidar de que encontrará uma maneira criativa de me fazer falar. E tenho a certeza absoluta de que não quero descobrir qual é.

Por isso, resolvo falar:

— Onde esteve na noite passada? — Finalmente pergunto.

Afasta a cabeça e olha para mim com algo semelhante à descrença.

— Trabalhando. Disse a você! — Fala, parecendo sinceramente confuso.

— Sim. Até às quatro da manhã! — Zombo. — Escute, sei que pode foder quem quiser, mas por favor, não finja que é dedicado a mim. Prefiro saber a verdade do que ser uma mulher que anda por aí parecendo uma completa idiota. Não brinque comigo!

As sobrancelhas de Mika franzem antes de liberar o meu pescoço e sair de cima de mim, rolando de costas. Deitado do seu lado da cama, exala um suspiro.

— Acha que eu estava fora transando com outra mulher? — Pergunta, soando surpreso.

— Sim. — Respondo, olhando para o teto.

— E acha que foi por isso que cheguei às quatro da manhã? — Insiste, a voz estranhamente calma.

Viro a cabeça e olho para o perfil. É o homem mais bonito que já vi. É meu marido e ainda assim, não sinto que seja meu em tudo. Sei muito pouco sobre ele, mas realmente acredito que sei mais do que qualquer outra pessoa, além, talvez, de Sergei.

— Em parte. — Respondo.

— E sobre a outra parte? — Pergunta.

Pressiono os lábios novamente e ele vira para olhar para mim. Os olhos azuis escuros estão fixos nos meus e fazem com que me sinta instável e fraca. Pisco rapidamente algumas vezes tentando não chorar. Mas então me lembro das calcinhas vermelhas no chão e as lágrimas caem livremente.

Mika espera, me observando. Não se move para me segurar ou até mesmo me tocar.

— Encontrei calcinhas de mulher aqui enquanto limpava o apartamento. — Deixo escapar, depois de alguns minutos de silêncio.

— E...? — Pergunta, confuso. E isso me irrita.

— Não eram minhas. — Digo, sem emoção.

— E isso é o suficiente para que ache que a estou enganando? Encontrou calcinhas de mulher que devem estar aí há Deus sabe quanto tempo e agora estou traindo você?

Mika

Oksana solta um som de frustração e senta-se com os olhos cheios de fogo. A tristeza desaparece e não posso evitar que meu pau se contraia com a visão dela com raiva. *Minha linda esposa...* E está certa. Poderia foder quem quisesse e ela não teria o direito de dizer nada. Mas não estava fazendo isso. Estava trabalhando.

Estava estressado, porra!

Vim para casa e a peguei, sabendo que estava usando seu corpo para nada mais do que o meu próprio alívio egoísta. Mas como disse depois, faria as pazes com ela quando acordasse de

manhã. Aproximo-me e toco o seu rosto com a mão, fixando os olhos no belo rosto.

— Oksana, estava trabalhando, tentando encontrar o filho da mãe para que possa acabar com essa merda com seu pai. Estive com Ustin, Ziven e Timofei a noite toda. Não há mais ninguém, *lapochka*. Juro por tudo o que é mais sagrado. — Digo, enquanto acaricio a parte de trás da cabeça dela, enfiando os dedos em seu cabelo.

Odeio ver as lágrimas que não faz questão de esconder. Mas também não posso negar que ver essa forte reação da parte dela sobre mim, sobre nós, mexe comigo. Oksana é tão forte o tempo todo, que ver toda essa vulnerabilidade causada por ciúmes, é lindo.

— Pertencem a quem? — Pergunta e fecho os olhos. Sei exatamente quem é a dona das calcinhas, mas não direi a ela. De maneira nenhuma. Porra, não!

— Não importa! — Rosno e chego perto, puxando-a e ficando sobre ela para que não possa fugir.

— Talvez não para você. Mas quero saber. — Exige.

As lágrimas secaram e o fogo em seus olhos é brilhante. Tenho medo que possa me queimar só de olhar para ela.

— Belka. — Digo, dando de ombros. — E ela não importa.

Oksana aperta os lábios novamente e percebo que está mordendo a língua. Balança a cabeça, como se estivesse

concordando com algo antes de falar. Espero, dando o tempo que precisa.

— Vai vê-la novamente? — Pergunta, a voz baixa e fraca.

— Nyet[5]. Oksana, você é a única mulher da qual preciso. Como ainda não sabe disso até agora? — Pergunto sério.

— Eu as encontrei. Você se foi durante o dia todo e estamos aqui agora. Estamos na sua casa e estou apenas... Estou com medo.

— *Lapochka.* — Digo, abaixando a cabeça para beijá-la. — Não tenha medo. — Sussurro contra a boca dela.

Oksana envolve os dedos em torno dos meus braços e se agarra a mim com força, com mais força do que alguma vez fez. E isso faz o meu peito doer. Eu magoei a minha menina forte. Odeio o fato de tê-la deixado triste, de ter fodido seu corpo quando já estava sentindo dor e de só tomar, sem dar nada em troca. Somente dor de cabeça.

Mordisco seu lábio inferior, antes de me mover e beijar o pescoço fino, clavícula e cada um dos seios por cima da camisa que usou para dormir. Chupo um dos mamilos por sobre a camisa, sentindo-o endurecer sob o tecido.

Oksana arqueia-se contra mim e porra, amo quando faz isso. Agarro a calcinha e a retiro.

[5] Não.

— Mikhail. — Suspira quando fico entre as coxas macias e a cabeça do meu pau roça a entrada quente.

Ergo a cabeça antes de puxar a camisa para cima, deixando-a completamente nua para mim. Com a cabeça do meu pau encostada na boceta molhada, vejo os seios inchados, os mamilos duros, os olhos focados em mim e o peito arfando pela respiração pesada quando entro dentro dela.

Não me movo, mesmo quando estende a mão. Recuso-me a dar o que quer, apreciando a forma como me olha, crua de necessidade e desejo.

— Não há mais ninguém. Nem agora, nem nunca Oksana. — Afirmo.

Ela balança a cabeça e morde o lábio inferior. Lentamente afundo, enquanto entrelaço nossos dedos e ergo nossas mãos para cima, as mantendo acima de sua cabeça, a preenchendo completamente.

— Levante as pernas. — Ordeno.

Oksana obedece e levanta as pernas, os joelhos envolvendo as minhas costas. Isso me permite ir um pouco mais profundo. Ela treme, mas não se move. Fico a olhando, empurrando e parando até que está tão desesperada para que me mova, tão no limite, que derrama lágrimas novamente. Só que agora, por um motivo completamente diferente do que aquele de alguns momentos atrás.

— Por favor, Mikhail, mova-se. — Pede docemente.

Merda, a voz doce me envia ao limite. Preciso segurar o gemido quando me sinto perto de perder o controle, levando-a com força de novo e, possivelmente, machucando-a ainda mais.

— Diga-me que entende que é a única para mim, *lapochka*. — Exijo. Os olhos ficam arregalados quando acena com a cabeça, mas não diz nada. Quero me mover, mas ao contrário dela, tenho paciência e controle em dobro. Minha pequena Oksana não tem nenhuma dessas coisas e isso é o que gosto nela. Mas também é o que pode a colocar em problemas e por isso, estou ensinando uma pequena lição. Aperto os seus dedos e espero pela resposta.

— Ok. — Sussurra.

— *Nyet. Rasskazhi mne*. — Rosno, ordenando que repita o que eu disse.

— Sou a única para você. — Sussurra.

— Mais alto. — Exijo e começo a sair de dentro dela lentamente até que a única parte do meu pau que pode sentir é a cabeça.

— Eu sou a única. — Diz, um pouco mais alto.

— Quero que mostre que acredita realmente nisso, *lapochka*.

— Não sei o que quer de mim! — Grita.

Bato dentro dela e vejo como os seios saltam com a força dos meus quadris. Porra! Repito o movimento e ela geme, até que começo lentamente a recuar outra vez.

— Mikhail! — Explode.

— Mostre-me, mulher. Não basta dizer. Acredite em si mesma! — Exijo.

— Eu sou a única. Só eu, somente eu. — Grita.

Movo uma das mãos para que possa pressionar o polegar contra o clitóris e então, eu a fodo.

Não quero ser duro e tenho o cuidado de não causar dor novamente, mas sou implacável. Não paro de mover o dedo e de empurrar dentro dela até que as coxas tremem e o seu corpo arqueia quando ela grita ao gozar. Só então, gozo também.

— Acredite, Oksana. É só você, *lapochka, moya vozlyublennaya.*

— Sua amada? — Pergunta, os lábios macios tocando minha orelha enquanto inalo o cheiro da pele de seu pescoço.

— Sim. — Resmungo. — *Moya vozlyublennaya.*

— Mika... — Sussurra, envolvendo os braços e pernas em torno de mim com força. A boceta me aperta e gemo ao sentir o aperto.

— Preciso trabalhar hoje. Você ficará bem? — Pergunto, levantando a cabeça do pescoço para olhar em seus olhos.

— Ficarei bem. Mas Mika, preciso fazer compras. — Murmura e o seu estômago ronca.

Franzo as sobrancelhas e me sinto uma merda. Deixei-a aqui um dia inteiro sem nada para comer. Beijo-a, enfiando a língua na boca quente enquanto o meu pau cresce duro, ainda dentro dela outra vez. Remexo os quadris e começo a foder suavemente, com impulsos lentos quando a levo.

— Desculpe-me. Deixei-a sem comida, *lapochka*. Fiquei preso no trabalho. — Sei que estou me repetindo, mas me sinto uma merda. Nunca deveria deixar a minha mulher sem nada para comer, não importa o motivo. Oksana merece tudo e é a minha obrigação dar à ela.

Estou fazendo tudo errado....

— Está tudo bem. — Diz, enquanto levanta mais as pernas.

Envolvo as mãos em torno dos joelhos e espalho as suas coxas abertas, levantando-as um pouco mais, enquanto continuo com os golpes suaves na boceta quente e apertada. Posso sentir que vai cada vez mais rápido em direção ao clímax. Começa a tremer e fecha os olhos enquanto continuo, nunca quebrando o ritmo.

— Não está! — Afirmo.

— Mikhail, pare de falar sobre isso. — Pede.

— Gozará em cima de mim? Apertará o meu pau? Irá sugar as minhas bolas e beberá a minha semente? Hmm? — Pergunto e um rubor irrompe sobre o seu rosto e peito.

— Mika... — Geme e abre os olhos.

Sorrio e flexiono os dedos na parte de trás dos joelhos, fazendo-a revirar os olhos. Alguns golpes depois, fica rígida e a boceta aperta com força em torno do meu pau, quase que dolorosamente.

Arremeto até gozar pela segunda vez em menos de uma hora, drenando as totalmente minhas bolas, bem como a energia. Caio sobre ela, exausto.

Aqui, é onde pertenço: dentro da minha esposa, com a boceta quente e molhada envolvida em torno do meu pau e sentindo os dedos me acariciarem, enquanto enterro o rosto no pescoço cheiroso. Uma mistura do cheiro dela, de mim e de sexo.

Capítulo Dezenove

Oksana

Estico-me e gemo, o corpo dolorido protestando. Mika realmente me fodeu... três vezes. Não consigo conter o sorriso que se forma ao lembrar da foda de desculpas, que vamos ser honestos, foi o que aconteceu na última vez. Foi tão suave e doce que gozei como se um tsunami passasse por mim.

Viro e fico surpresa ao encontrar a cama vazia. Vou para o banheiro fazer o que preciso, antes de encontrar uma camisa no chão e vesti-la para encobrir a nudez, abotoando-a enquanto vou para a sala de estar.

Mika está de pé na cozinha, completamente vestido com sacolas de compras em cima da bancada. Fico em choque por alguns momentos, vendo-o arrumar os mantimentos. Quando me vê, para, vira-se para mim e sorri.

— Não queria acordá-la e preciso voltar ao trabalho em algumas horas. — Informa. — Fiz café, *Moya vozlyublennaya.*

Coro quando me chama de “sua amada” e chego mais perto do balcão, onde um café pronto espera por mim. Gemo, deliciada quando tomo o primeiro gole do líquido quente e doce. Assim que atinge meu estômago, abro os olhos e olho ao redor do balcão. Há comida suficiente para alimentar toda a Bratva e me pergunto quem irá cozinhar e comer isso tudo.

— Quem comerá tudo isso, Mikhail? — Deixo escapar.

Levanta a cabeça e sorri largamente.

— Não tinha nada aqui, *lapochka*. Pedi a Quinn e a Ziven para que viessem comigo depois da aula e eles me ajudaram a comprar tudo o que uma casa precisa. Não sei sobre culinária ou qualquer outra coisa, então simplesmente compramos toda a merda. — Encolhe os ombros.

— Não sei como cozinhar também. — Admito. — Quero dizer, posso fazer o básico, mas mamãe é quem fazia toda a comida e ninguém entrava na cozinha dela. Nunca. — Digo, balançando a cabeça ligeiramente.

— Então aprenda. Tem tudo o que pode precisar agora. — Diz rindo.

— Falando em aprender.... Há algum computador que eu possa usar? — Pergunto.

— Para?

— Leonie quer procurar orfanatos disponíveis e eu pensei que poderia encontrar algumas receitas fáceis o suficiente para tentar fazer sem estragar tudo. — Rio.

— Oh, sim. Pode usar o laptop. Mas Oksana, não quero que vá a qualquer orfanato até que eu lide com essa merda do seu pai, ok?

Penso sobre o pedido. Instintivamente, quero discutir, mas então penso sobre o fato de Konstantin ter me raptado e quem sabe o que mais meu pai tem escondido na manga? Além disso, sei que Mika tem que fazer algo perigoso para tirar papa fora de nossas vidas. A última coisa que preciso é que se distraia e fique preocupado comigo. Então, em vez de discutir, aceno de acordo.

— Ok. Mas quero pelo menos fazer uma pesquisa. — Peço.

— Isso soa bem, *lapochka.*

Sento em um banco e assisto enquanto ele arruma o resto dos mantimentos, desejando que não tivesse que sair em breve. Mas ao mesmo tempo, um pouco aliviada com isso. Mika me desgastou completamente e ainda estou exausta por causa de sua virilidade.

— Mandarei Leonie vir depois que eu sair, ok? — Pergunta quando guarda o último item.

— Preciso tomar um banho. Estou cheirando mal. — Murmuro, franzindo o nariz.

Mika caminha até mim, me abraça e cheira meu pescoço profundamente. Tento afastá-lo, mas o braço flexiona e me mantém próxima.

— Cheira muito bem. — Rosna.

— Cheiro a sexo. — Respondo.

— Cheira a você, a mim e muito sexo suado... É perfeito! — Diz sorrindo.

— Mikhail. — Digo, revirando os olhos antes fixá-los nele.

— Você é perfeita, porra! — Sussurra, antes de me beijar.

— Mesmo assim, tomarei um banho. — Digo. Ele sorri.

— Estará cheirando exatamente da mesma forma depois que eu chegar em casa hoje à noite.

— Oh, sim? — Pergunto, arqueando uma sobrancelha.

— Sim. — Diz.

— Estou ansiosa por isso! — Murmuro, antes de beijá-lo também.

— Descanse um pouco esta tarde e à noite. — Sorri. — Provavelmente será uma longa noite de novo, mas estarei em casa assim que puder, está bem?

— Ok. — Concordo.

— Vá tomar banho. — Ordena. Desço do banco e caminho em direção ao quarto para fazer exatamente o que mandou.

Coloco a mão no estômago, que vibra com a sensação de borboletas voando, apenas por pensar sobre o que está por vir mais tarde. Não me importo se estou dolorida ou exausta; mal posso esperar por mais tarde.

Mika

Nosso voo demorará cerca de seis horas e meia. Felizmente, não precisamos ir em um voo comercial, ou esse tempo aumentaria para cerca de 11 horas, dobrando o tempo. Apenas o pensamento ficar preso um dia inteiro dentro de um avião cheio de estranhos, já me deixa ansioso. Ziven tira um rolo de papel e fico chocado quando o desenrola, revelando os planos do terreno de uma casa.

— O que é isso? — Pergunto, olhando uma enorme e impressionante planta à frente.

— A casa de *El Patron* e o esquema da planta dela. — Ri Ziven. — Oliver é uma porra fodida.

— Não brinca! — Concordo, reverente.

— Será mais fácil planejarmos nosso ataque se estivermos familiarizados com o esquema da casa. Isso não quer dizer que não tenha feito modificações depois disso. Para ser franco, acho que provavelmente fez. — Diz Ziven e aceno com a cabeça em concordância.

— Tem que haver túneis de fuga naquele lugar. — Timofei murmura enquanto olha para a planta.

— Você acha? — Pergunto.

— Eu sei. Meu pai tem em casa. Eles se conectam à casa ao lado. — Informa.

— E têm câmeras. — Diz Ziven. — Mas Oliver é o maior fodão que conhecemos e já os colocou sob escuta. Disse que os *firewalls* que usam são uma merda. Também falou que consegue controlá-los de onde está, na Califórnia e que consegue mexer nelas e reproduzi-las continuamente durante o tempo que precisarmos para não sermos detectados. — Explica Ziven.

— Alicia disse que quando morava lá, Diego passava as noites em sua caverna, no quarto principal, depois que levava os escravos para a cama. — Explico.

— Como ela sabia o que fazia depois que ia para a cama? — Pergunta Ustin.

— Alicia era a escrava principal. Disse que dormia ao lado dele na cama. Isso, depois que colocava os outros escravos em seus quartos. — Explico.

— É um merda doente! — Timofei diz.

— Será um caralho de merda doente morto, daqui a alguns dias. — Digo.

— Kirill está enviando alguns homens. Devem chegar a qualquer hora amanhã à tarde. — Murmura Ziven.

— Quantos somos no total? — Pergunto, sentindo-me um pouco desconfortável ao ir para o país do Cartel e derrubar o líder deles.

— Cinquenta homens, completamente armados. — Informa Ziven.

— Não sei se será suficiente. — Digo inquieto.

— Somos mais bem treinados que eles. Cinco de seus homens altamente treinados é igual a um dos nossos. Poderiam ter duzentos e cinquenta homens e ainda assim, ganharíamos. — Ziven diz, a voz aguda e penetrante.

— Quando partimos? — Pergunto, o estômago apertado com preocupação.

Nunca tive uma missão tão pessoal ou importante em toda a vida. Quando fui para a África do Sul resgatar a mulher de Yakov, Ashley, não foi pessoal. Claro, quando a vi quebrada

e ferida, algo dentro de mim me levou até ela, mas até então, foi apenas um outro trabalho.

Agora, é sobre a minha mulher e sua segurança. Se esta missão falhar, ela pode ser tirada de mim.

— Os homens chegarão da Califórnia amanhã à tarde, por isso, iremos depois de amanhã, bem cedo. — Ziven informa.

— Temos armas suficientes?

— Kirill está enviando armas juntamente com os homens; um arsenal, se não estou enganado. Além disso, também trouxemos bastante. Ficaremos bem. — Ziven assegura. — Vamos fazer um levantamento delas. — Ordena.

Não demora muito tempo para fazer o inventário das armas. Depois, o resto do dia é gasto recolhendo dinheiro de nossos homens, os pagamentos das dívidas de drogas, prostituição e de vendas de armas. Passo a noite bebendo e conversando com eles.

Passa de duas da manhã quando finalmente vou para Oksana. O apartamento está tranquilo quando entro. Estou bêbado, mas não completamente; estou ansioso e preocupado.

Na verdade, não sei o que trará o dia depois de amanhã. Não sei se sairei vitorioso e capaz de entregar a cabeça decepada de Diego Pineda para Pasha. O que me preocupa, é que fiz um acordo e a palavra de um homem Bratva é o seu vínculo. Não terei escolha a não ser deixá-lo tomar Oksana de

mim, conceder o divórcio ou uma anulação e vê-la se casar com outro homem.

Caminhando para o quarto, a vejo: Oksana está enrolada em uma bola, com os olhos fechados e o peito subindo e descendo. A luz que vem do banheiro é suficiente apenas para que possa ver cada curva de seu belo corpo. Sinto o pau duro quando olho nos lábios dela, que se abrem ligeiramente toda vez que inspira para respirar. Como sempre, é de tirar o fôlego. Mesmo durante o sono.

Estou parado, tentando absorver tudo dela; querendo saber se esta será a última vez que a verei ou a terei em minha cama. Se a perder, se essa mulher for tirada de mim, não sei como sobreviverei.

Ela é minha.

Foi minha desde a primeira vez que a beijei. No segundo em que deslizei dentro da boceta apertada, não havia mais ninguém, senão ela para mim.

Ninguém.

— Venha para a cama, Mikhail. — Chama, abrindo os olhos.

— Há quanto tempo está acordada? — Pergunto, tirando o casaco e desabotoando a camisa.

— Só há um minuto. Senti alguém assustador olhando fixamente para mim. — Brinca, antes de sorrir.

Não respondo enquanto termino de me despir e silenciosamente, subo na cama ao lado dela. Tenho um dia inteiro para fodê-la e me satisfazer (o que é praticamente impossível), antes que tenha que ir. Falhar não é uma opção. No entanto, não consigo evitar e continuo preocupado.

— Posso praticamente sentir sua ansiedade, Mikhail. O que está acontecendo? — Pergunta ao virar e me olhar diretamente nos olhos.

Levanto a mão e percorro com os dedos o rosto lindo, antes de apertar levemente o pescoço fino. É tão delicada e frágil... E ainda assim, a mulher mais forte que já conheci. Sei, sem dúvida alguma, que não importa o que aconteça comigo, conosco, ela ficará perfeitamente bem.

— Vou para o México. Fico um dia inteiro com você, mas depois tenho que ir. — Explico e vejo como arregala os olhos, antes de concordar.

— Isso foi rápido. — Diz.

— Quero isso feito e acabado. Além do mais, o filho da mãe foi fácil de encontrar. — Dou de ombros, antes de rolar e a levar comigo, ficando entre as coxas macias. — Isso é muito bonito. — Digo, tocando a renda do negligee[6] que está usando.

É rosa pálido, quase da cor da pele dela e a seda suave pressiona-se contra o meu peito. Percorro com os dedos a

[6] Espécie de camisola de renda.

perna longa até alcançar o final do negligee curto e com a outra mão, toco a parte externa da coxa, satisfeito ao descobrir que não usa calcinha. Chegando ao centro quente e macio, enfio dois dedos dentro dela.

— Mikhail... — Geme, arqueando o pescoço enquanto cavalga minha mão.

Abaixo a cabeça e os com os lábios, percorro a pele sedosa, lambendo a coluna do pescoço antes de chupar e mordê-la. Sei que estou deixando marcas, mas até o final desta noite, antes de embarcar naquele avião para o México, seu corpo inteiro estará marcado por mim.

Pressionando o polegar contra o clitóris, continuo a chupar a pele do pescoço dela, marcando-a enquanto aperta seu corpo e crava as unhas em minhas costas. Ela está cada vez mais perto do orgasmo e quero que goze. Quero que goze tantas vezes até que esteja chorando e implorando para que eu pare.

Mas não pararei. Vou fazê-la gozar até que não seja nada mais que uma pilha de carne desossada e sensível. Quero que quando se movimentar, lembre-se exatamente a quem pertence enquanto estiver fora.

Novamente movo a boca para o lado do pescoço sensível e o mordo antes de chupar. Suas pernas tremem quando goza com um grito, a boceta apertando os meus dedos.

Rapidamente os retiro e os substituo com meu pau em um impulso rápido, ganhando um gemido dela.

— Olhe para mim, *lapochka*. — Ordeno.

Os olhos de Oksana vibram quando se abrem e olha para mim com um pequeno sorriso nos lábios. Desço as mãos sob as costas macias e levanto o seu corpo para cima, pressionando nossos peitos juntos enquanto fico de joelhos e a seguro ao mesmo tempo em que empurro dentro dela. Ela geme, me agarrando pelos ombros e aperta as pernas em torno dos meus quadris.

Posso sentir o suor escorrendo pela testa e a sensação de formigamento na espinha quando minhas bolas começam a apertar. Sei que estou na iminência de gozar e recuso-me a fazer isso até que Oksana goze mais uma vez.

— Toque-se! — Rosno.

Vejo quando coloca a língua para fora e lambe o lábio inferior enquanto tira a mão do meu ombro e a leva entre nossos corpos.

Eu a puxo para um pouco mais perto e mordo o pescoço de novo, sugando e deixando outra marca. Oksana treme em meus braços e sinto o seu calor cercando meu pau quando movimenta os quadris, um sinal de que está perto de gozar novamente.

— Goze em cima de mim, *Moya vozlyublennaya*! — Peço contra o seu pescoço.

Sinto a boceta vibrar e ela deixa escapar um grito quando aperta-se em torno de mim. Com um gemido, empurro alguns golpes curtos e me esvazio no corpo quente e apertado. Eu a seguro no colo, deleitando-me com seu pescoço: mordendo, chupando e marcando como posso cada pedaço dela.

— Mika, irei parecer um chupão gigante se não parar. — Diz Oksana, antes de me apertar com a boceta.

— Você é minha! — Rosno.

— Eu sou. — Concorda. — Mas não precisa me marcar.

— Não quero que você esqueça disso. — Admito, quando a deito e me sento ao seu lado, já sentindo falta da boceta apertada em torno do meu pau.

— O quê? — Pergunta com os olhos arregalados.

— Caso não volte ou não consiga voltar com a cabeça do maldito! — Digo. Só pensar na possibilidade de ser derrotado, me deixa doente. Mas a realidade, é realidade e devo enfrentar os fatos. Posso falhar.

Oksana segura o meu rosto com a mão e balança a cabeça.

— Você não falhará! — Diz. Abro a boca para dizer a verdade, dizer que pode ser uma possibilidade, mas ela

balança a cabeça e coloca o dedo contra meus lábios. — Não falhará. Se o fizer, quem será o pai dos meus filhos? Quem irá me proteger? E quem me amará para sempre?

— Amar? — Pergunto.

— Você me ama, Mikhail. — Afirma. Não é uma pergunta, nem mesmo perto. É uma declaração do caralho!

— Oksana...

— Ama-me e eu a você. — Afirma.

Olho para o rosto lindo e vejo a ferocidade e a determinação em sua expressão.

Porra, a maldita força que ela tem!

Mas concordo e gosto que pense assim. Eu a amo realmente. A amei desde o início, desde a primeira vez em que coloquei os olhos sobre ela. Mas não direi as palavras. Não até que tenha a cabeça de Diego Pineda nas mãos e a deixe cair aos pés do Pasha Vetrov.

Porra!

— Você é minha!

— Eu sei. — Ela sussurra.

Posso detectar a tristeza em sua voz por não retribuir a declaração de amor. Irei, no tempo certo. Mas não até que seja

cem por cento minha, sem a ameaça do pai dela pairando sobre nós.

— Vamos tentar dormir um pouco, descansar. Foderei você novamente em breve e fará todo o trabalho. — Digo.

— Mal posso esperar. — Murmura, bocejando.

Puxo-a contra mim, mas não fecho os olhos. Em vez disso, fico deitado absorvendo cada respiração que exala. Escuto, passando as mãos sobre a pele suave como seda e pela primeira vez, mesmo antes dos meus pais serem assassinados e da minha irmã ser raptada, eu rezo.



Capítulo Vinte

Oksana

— Oh Deus! — Gemo, abrindo ainda mais as pernas.

Mika está me comendo. Não. Não está apenas me comendo, está me devorando como se esta fosse a sua última refeição. Já perdi a conta de quantos orgasmos tive durante o dia todo e, embora tenha sido maravilhoso, estou exausta. Meu corpo já aguentou tanto.... Não tenho certeza se consegue aguentar mais prazer.

Mika enfia dois dedos dentro de mim e os ondula, enquanto se concentra em sacudir o clitóris com a língua. Tremo e fecho os olhos, sabendo, sentindo que estou perto de novo... Lágrimas escorrem quando curvo as costas e grito quando novamente atinjo o clímax.

Ou não percebe, ou não se importa... Mas antes mesmo que volte a mim, Mika sai completamente, vira-me sobre o estômago e rapidamente, volta para dentro. Não puxa os meus quadris para trás; ao invés disso, mergulha profundamente.

Estou com as pernas ligeiramente abertas e deitada sobre o colchão. Posso sentir as coxas contra as minhas enquanto me enche com golpes cada vez mais rápidos.

Gemo quando agarra o meu cabelo e me puxa para trás, o rosto pairando sobre o meu. Parece sério. Completa e totalmente sério.

Mika me deixará em apenas duas horas.

Fodemos durante todo o dia de ontem e durante a noite toda. Agora, são quatro da manhã e ele sairá do apartamento às seis, voando para um destino desconhecido no México.

Mika acalma-se antes de gemer e sinto seu pau contorcendo-se dentro de mim. Quando termina, desliza para fora e deita de costas ao meu lado, antes de me puxar para junto de si. Envolvo o braço em torno do peito grande, enquanto descanso a cabeça em seu ombro e o beijo no queixo.

— Ficará tudo bem. — Ele diz, como se quisesse se convencer, mais do que a mim.

— Eu sei.

— Estarei de volta em poucos dias. — Continua.

— Eu sei.

— Então tudo ficará resolvido. — Murmura.

— Eu sei.

— Só vai ficar repetindo isso? — Rosna.

— Eu te amo. — Respondo.

Não diz nada, mas tensiona os músculos e me aperta mais. Quero que ele diga as palavras, mas não sei “quando” ou “se” alguma vez o fará.

Adormeço em seus braços e quando acordo, ele se foi. O lado que ocupa na cama está frio e aperto os olhos com força, antes de me obrigar a levantar e ir para o chuveiro. Sinto o corpo inteiro doendo e não posso evitar um sorriso. Mika fez muita questão de que me lembre dele em cada passo que der enquanto estiver fora.

Depois de tomar banho e me vestir, decido deixar o apartamento e ir ver Leonie. Preciso de uma mudança de cenário. Após trancar a porta atrás de mim, paro e arregalo os olhos ao me deparar com o grande homem que está de pé ao lado da porta.

— Sou seu *Byki*. — Resmunga.

— Vou visitar uma amiga. — Digo e dou um passo atrás.

— Não sairá do edifício. Ordens de Mika. — Rosna.

— Tu-tudo bem. — Concordo.

Pelo menos sabe o nome de Mika, o que significa que realmente deve ser meu *Byki*, embora gostaria que Mika tivesse me avisado antes. O grande homem grande pega algo

da jaqueta e o empurra para mim. Não faço um movimento para pegar o que oferece, com receio de que possa ser algo mortal. Mas quando olho melhor, percebo que está me entregando um telefone.

— Ligue para o seu homem. — Diz.

Pego o telefone e vejo o nome de Mika na tela. Pressiono o botão de chamada e ele começa a tocar imediatamente.

— Ony será seu *Byki* até que eu volte. Este é seu telefone e está com o meu número programado, juntamente com os dos outros, incluindo o de Ziven. — Informa.

— Mika... — Respondo.

— Hmm?

— Bom dia, querido. — Murmuro.

— Bom dia, *lapochka.* Não serei capaz de falar com você por alguns dias; mas assim que tudo acabar, ligarei ok?

Fecho os olhos, espero e rezo para que esta não seja última vez que ouço sua voz. Não quero acreditar que este possa ser o nosso fim, que ele possa ser tirado de mim para sempre, mas sei que existe a possibilidade.

— Ok. Tome conta de Timofei para mim. — Peço.

— É um menino grande, Oksana. — Diz rindo.

— Eu sei, mas ainda é meu irmão. — Digo dando de ombros, mesmo sabendo que não pode me ver.

— Irei. Você sabe que cuidarei dele. Descanse bem e a verei em breve. — Diz. E sem mais palavras e sem me dar a chance de responder, termina a chamada.

Franzo o cenho, confusa e preocupada quando guardo o telefone no bolso de trás da calça jeans e me viro para Ony, que me olha com o olhar em branco e completamente sem emoção. Mamãe teve muitos *Byki* ao longo dos anos e este olha exatamente da mesma forma como todos os outros me olhavam.

Quando criança, pensava que os homens que estavam sempre em torno da nossa casa eram amigos de papai e por isso, os considerava amigos também. Ao me tornar uma adolescente e depois jovem adulta, tive uma queda por alguns e até mesmo perdi a virgindade com um.

Agora, este *Byki,* é meu protetor. Confiar em um estranho não é fácil, não desde que o de mamãe não conseguiu protegê-la. Era diferente com Ustin. Tio Sergei confiava nele implicitamente e eu sabia que não enviaria qualquer pessoa para cuidar de mim.

— Nada acontecerá com você. — Ony murmura, como se pudesse ler minha mente.

— Quão perigoso é tudo isso? — Pergunto, olhando em seus olhos.

Não demonstra qualquer emoção. Em vez disso, levanta o queixo e finalmente fala:

— É perigoso, mas conheço Mika. Eu o conheço há muito tempo e se alguém consegue fazer isto, é ele. — Diz, seguro.

— Quão bem realmente o conhece? — Pergunto.

— Vim com ele da Califórnia quando se mudou para cá. Conheço Mika e sei que é inteligente e está determinado. E nunca perde.

Aceno e começo a caminhar em direção à porta do apartamento de Leonie. Ony fica perto das minhas costas, mas não tão perto ao ponto de invadir meu espaço pessoal. Sinto-me um pouco melhor agora que sei que Mika o conhece há tanto tempo. Alivia a preocupação.

— Serei autorizada a deixar o prédio agora que tenho você? — Pergunto.

— Sim. Mas não até que eu receba a confirmação de que é seguro.

— Isso parece bastante justo. — Concordo, levantando a mão para bater na porta de Leonie.

— Ficarei aqui durante sua visita. — Murmura quando Leonie abre a porta.

Não respondo com outra coisa senão um aceno de cabeça e entro na casa dela, que cheira como o céu. Ignoro tudo,

menos a cozinha, quando meu nariz me leva na direção dos *muffins* que esfriam na bancada.

— Caramba! — Exclamo, ao pegar um da bandeja.

— Bom dia para você, também! — Diz Quinn.

Viro, percebendo só agora que ela também está na cozinha comigo e sorrio.

— Sirva-se. — Diz, rindo.

— Você fez isso? — Pergunto surpresa.

— Eu asso, mas Ziven cozinha. — Informa, dando de ombros.

— Não tive nenhuma comida de verdade em um longo tempo. — Digo, enquanto meu estômago resmunga.

— Mika a manteve ocupada antes de ir? — Leonie pergunta quando se junta a nós.

— Muito ocupada! — Digo mastigando o delicioso *muffin* com pedaços de chocolate.

— Estou vendo. — Quinn sorri, enquanto estreita os olhos para o meu pescoço.

— Merda! Esqueci disso. Não admira que Ony estivesse um pouco... Estranho. — Murmuro.

— Ony?

— Meu novo *Byki.* — Informo.

— Não posso acreditar que a marcou assim. Ele não parece o tipo de fazer isso. — Diz Quinn, ao chegar mais perto de um *muffin* para pegá-lo.

Termino de comer o que tinha nas mãos e agarro outro, acenando com a cabeça enquanto dou uma mordida.

— Estou assim no corpo todo.

— Ustin fez isso quando ficamos juntos pela primeira vez. — Leonie diz com um sorriso. — Ainda gosta de me marcar, mas só faz isso onde possa esconder com as roupas.

— Por que fazem isso? — Pergunto.

— Para demarcar território. — Anuncia Quinn.

— Bem, se este enorme anel não deixar claro que pertenço a ele, então meu corpo roxo dos pés à cabeça certamente gritará "Mikhail" para quem quiser ouvir. — Digo, enquanto empurro mais um *muffin* na boca.

Passo o resto do dia com Quinn e Leonie. No final da tarde, a amiga de Quinn, Kristy aparece e nós quatro nos divertimos juntas. Terminamos a noite com uma garrafa de vinho e com a sobremesa que Quinn cobriu com creme enquanto assistíamos.

— Amanhã tenho uma reunião com um orfanato. — Leonie anuncia quando já estou de pé, me preparando para ir embora.

— Que horas? — Pergunto.

— Dez.

— Passe no meu apartamento quando for sair. — Digo e vejo um sorriso brilhar no rosto dela.

— Isso ajudará a manter nossas mentes longe de tudo. — Sussurra.

— Definitivamente. — Concordo.

Mika

Pousamos em Puerto Escondido e eu deveria estar focado na missão que tenho em mãos. Mas tudo no que posso pensar, é no telefonema de Oksana mais cedo. Desliguei antes que ela pudesse dizer adeus. Sabia que diria as palavras “eu te amo” e, apesar de gostar de ouvi-las, não poderia dizer as mesmas palavras de volta ainda.

— É melhor dormir um pouco. Vamos acordar às duas da manhã e começaremos a trabalhar. — Kirill, meu antigo *Pakhan* da Califórnia, anuncia.

Carregamos os carros que estão à espera. De onde vieram, não tenho ideia do caralho, mas Kirill conhece muitas pessoas e tem homens trabalhando para ele em todos os lugares possíveis, incluindo o México, aparentemente. Não demoramos muito tempo para chegarmos a uma casa. É maior do que esperava, mas não enorme. E fica no meio do nada.

— Este é o lugar onde ficaremos? — Timofei pergunta, olhando ao redor.

— Sim. A Bratva possui propriedades, apenas no caso de alguém precisar fugir dos EUA. — Kirill diz com uma piscadela.

— Bom saber. — Murmura Timofei.

Não demoramos muito para descarregar os veículos. Quando ando pela casa, percebo que não caberemos todos nela, mesmo que dormíssemos no chão. Não é grande o suficiente. Alguns caras vão até a varanda de trás e jogam as mochilas de lado, deitando-se no chão. Encontro um lugar contra uma parede e sento, descansando as costas e cabeça contra o estuque de merda da parede rugosa.

— Acha que meu pai realmente tomaria Oksana de você novamente se não fizermos isto? — Timofei pergunta, sentando-se a meu lado.

— Não vou deixar que faça isso. — Digo.

— Mas ele tentará. — Afirma e concordo. — Pensa em engravidá-la para que possa mantê-la?

— Pasha falou que cuidaria disso, caso acontecesse. — Digo.

— Não faria isso. — Timofei diz, balançando a cabeça.

— Pasha não é mais o mesmo. — Afirmo.

— Mas não é um monstro, Mika. Conheço-o. De jeito nenhum faria isso com Oksana. De jeito nenhum. — Diz, tentando se convencer.

— Não quero pensar sobre isso. Preciso completar esta missão e acabar de vez com o Cartel e com essa história com Pasha, tudo de uma vez. Acabar de vez com a merda toda. — Digo. — Mas se não terminar, caso algo de ruim me aconteça...

— Minha irmã já pode estar grávida? — Timofei balbucia.

— Sim. — Digo, suspirando.

— Sempre protegerei Oksana. O pai não vai tocá-la, não importa o que aconteça. — Promete.

Aceno com a cabeça, sem saber o que dizer. Se Timofei diz que cuidará de Oksana, acredito nele. Confio. Eu o conheço há algum tempo e já provou ser um irmão da Bratva confiável. Só não sei se pode resistir a um homem que possui o tipo de poder que o pai dele tem.

— Mika, se Yakov pôde revoltar-se contra o pai, se o matou pelas atrocidades que cometeu, então posso fazer o mesmo com o meu pai para proteger Oksana. Espero que não chegue a isso. Na verdade, rezo para que isso não aconteça. Mas posso ver o quão desequilibrado está e tem sido assim desde a morte de mamãe. Algo precisa mudar. — Murmura.

— Como mudará isso? Ele não está sofrendo pela morte dela, está enfurecido. Sei que por baixo de tudo, Pasha é um bom homem. Mas também sei que um homem com o tipo de raiva e ódio que guarda, é capaz de fazer coisas que não são normais, racionais ou humanas. — Digo.

Estou pensando em mim mesmo. Também era um homem cheio de raiva, tal como Pasha. Perdi os meus pais e minha irmã foi vendida. Estava na Rússia, impotente, enquanto eles estavam na América. Não havia nada que pudesse fazer para salvá-los.

Pasha sente-se culpado por não ter sido capaz de salvar Sônia e entendo isso. Todos nós, como homens Bratva ou como homens em geral, simpatizam com ele por sua perda. Mas também não podemos permitir que se torne um tirano.

— Você o derrubou de seu pedestal. — Diz Timofei.

— Timofei. — Advirto.

— Mika, ele está sendo incompetente. Ouvi Kirill, Yakov, Maxim e até mesmo Radimir falando sobre isso. Estão dando um tempo porque o respeitam, mas uma vez que esta merda

esteja acabada, assim que tiver a cabeça de *El Patron*, é melhor que a porra do seu foco mude ou estará acabado. Errou ao escolher Gavril e Oksana poderia ter se machucado. Essa merda é inaceitável.

Não dizemos mais nada. Deixo que suas palavras sejam absorvidas pela minha mente enquanto descanso os olhos. Não consigo dormir; há muita coisa acontecendo dentro do meu cérebro. Destronar o Rei, que é precisamente a posição de Pasha nos EUA, é uma declaração grande *pra* caralho.

Só espero que esta missão seja bem-sucedida. Oksana será minha e sem a interferência do pai.

Foda-se, mal posso esperar!



Capítulo Vinte e Um

Mika

Sinto como se tivesse acabado de fechar os olhos quando Kirill anuncia que é hora de carregarmos os carros e irmos embora. Nunca estive nervoso antes, o treinamento pelo qual passei tornou isso uma impossibilidade. Mas isto não é como qualquer outra missão. Há muito mais em jogo aqui e acho que estou apreensivo.

— Não se preocupe com porra nenhuma. — Timofei rosna quando caminhamos para fora da casa, para carregar os carros. — Estava falando sério sobre o que disse antes. Pasha cairá fora do pedestal e serei o único a fazer isso. — Resmunga.

— Essa não é uma ameaça pequena. Talvez deva pensar sobre isso um pouco mais. — Murmuro.

— Estou pensando há algum tempo, Mika, o escutando e observando. Ele não está certo. — Diz, balançando a cabeça. — Não acho que realmente feriria Sana, mas foda-se se confio totalmente nisso.

— Prontos? — Kirill pergunta, andando até nós.

Acenamos a cabeça e caminhamos em direção ao carro que nos espera. Timofei não diz mais nada e me pergunto se está realmente pensando em derrubar o pai. Se fizer isso, ele pode provocar um desequilíbrio na Bratva, que demorará a ser restabelecido.

Há muitos homens completamente leais a Pasha, mas por outro lado, *Pakhans* de outros territórios estão apenas assistindo e esperando. Sabem que Pasha está completamente instável. Eles o respeitam, assim como eu. Mas por quanto tempo pode-se respeitar alguém que toma decisões completamente injustificadas?

— Entraremos pelo lado sul da propriedade e nos esconderemos nas sombras, à medida que cercamos a casa. Os atiradores estão lá embaixo e não estarão de volta até às seis da manhã. Oliver já colocou as câmeras de segurança em repetição e vão ficar assim por pelo menos uma hora. Quero entrar e sair dentro de trinta minutos, com a cabeça de *El Patron* nas mãos de Mika. — Afirma Ziven.

Todos concordam e de modo rápido e silencioso, saímos do carro. Não demoramos muito para cercar o terreno e sorrio quando vejo dois palhaços de plantão. Um está encostado na porta dormindo e o outro, está jogando no telefone.

Sei que há mais de dois em cada ponto de entrada para a casa. Timofei levanta o queixo e aceno em resposta. Ambos

retiramos as armas equipadas com silenciadores e atiramos na cabeça dos homens, antes de irmos para a porta. Deveria me sentir culpado por matá-los, mas já fiz coisa pior. Então, não sinto nada. Isso faz parte da vida. Todos sabemos que a morte pode bater em nossa porta a qualquer momento.

Timofei e eu caminhamos cautelosamente através da casa, alguns dos nossos guardando nossas costas. A casa não está tão cheia de homens como pensei que estaria e suspiro aliviado à medida que seguimos a planta da casa que memorizamos.

Mas de repente, algo não parece certo. Deveria haver um corredor à nossa esquerda. Ao invés disso, encontramos uma parede.

— Que porra é essa? — Pergunta Timofei.

Balançando a cabeça, tento me assegurar se ouço movimentos ou passos enquanto caminhamos ao longo da parede. Ouço ruídos externos, tiros e sei que se houver mais homens aqui, com certeza também ouviram. Um aparece com a arma levantada, quando viramos o corredor. Rapidamente Timofei me cobre e vejo quando cai no chão com uma bala na cabeça. Seguimos por onde ele veio e vemos várias portas, uma ao lado da outra. Deve ser onde mantêm as mulheres, pois homens estão do lado de fora guardando o local.

Sem demora, o grupo que estava atrás de nós mata cada um deles com pouco ou nenhum ruído. Rapidamente entram

nos quartos das mulheres, e como planejado, vão as retirando para fora da casa.

Um novo grupo de nossos homens chega quando nos encaminhamos para o alojamento de *El Patron.*

— O que está acontecendo lá fora? — Pergunto a um dos homens mais novos.

— Havia mais homens do que o previsto guardando a parte de trás da casa. Estão em um impasse. — Informa.

Balançando a cabeça, continuo até que paro diretamente na frente da porta de *El Patron*. Ninguém a está protegendo. Com um par de rapazes e Timofei, entro no quarto, deixando cinco homens guardando a porta para nossa proteção.

Sorrio quando o vejo dormindo na cama, com uma bela mulher nua lado. Assim que chego perto, aponto o cano da arma contra sua testa. Abre os olhos enquanto enrijece e olha para mim em completo estado de choque.

— Sente-se. — Ordeno, sabendo muito bem que fala inglês fluentemente. Mais um dos segredos informados por Alicia.

Timofei aponta a arma para a mulher, algo que não queria fazer. Mas Alicia nos avisou de que um escravo iria proteger seu mestre se tivesse oportunidade. Por isso, não iremos nos arriscar.

— O que você quer? — Pergunta rispidamente.

— Sua cabeça. — Digo simplesmente.

— Qual a razão? — Pergunta, estreitando os olhos.

— A Bratva não se interessa pelos seus negócios: roubar nossas mulheres, as mulheres dos *Notorious Devil* e vendê-las como escravas. Não estamos mais no negócio de escravos, algo que já disse aos seus homens mais de uma vez. Isso termina agora. — Digo e tiro a faca que estava embainhada no cinto.

— Você me mata e outro tomará o meu lugar. — Informa.

— Iremos matá-lo também. — Digo, dando de ombros.

— Não pode matar a todos nós. Somos muitos e temos mais homens que vocês. — Diz.

— Mas somos melhores! — Sorrio e não digo mais nada. Atiro na cabeça dele e em seguida, corto sua garganta.

Olho para a cabeça por um momento e encaro Timofei, que sorri e arrasta para longe da cama a mulher nua que está gritando. Demoro alguns minutos para cortar completamente a cabeça e quando acabo, não posso evitar de suspirar aliviado. Estou coberto de sangue, mas Oksana é minha. Assim que esta cabeça seja entregue a Pasha, ela será minha cem por cento.

— É preciso uma caixa? — Kirill pergunta, espreitando da entrada do quarto.

Viro, o corpo coberto de sangue e com a cabeça de *El Patron* pendurada pelos cabelos nos dedos. Kirill sorri lenta e friamente e acena.

— Você precisa de uma caixa. — Declara.

— Sim. Preciso de uma merda de caixa. — Concordo.

Acabou.

— Isso foi muito fácil. — Digo, alguns minutos mais tarde, ao colocar a cabeça ensanguentada em um saco plástico e em seguida, dentro de uma caixa.

— Sim, foi. Mas ainda há um tiroteio acontecendo lá fora. Quem sabe o que encontraremos ao sair... — Diz Timofei.

— Onde estão as mulheres? — Pergunto.

— Chamamos uma organização que atua contra o tráfico sexual sem fins lucrativos antes mesmo de virmos. Estão esperando na casa segura. — Informa.

— Sério? — Pergunto, surpreso.

— Precisam de ajuda e não podemos dar isso a elas. Mas essa organização pode. — Afirma.

Assim que saímos da casa, tiros soam na parte de trás do jardim. Alguns dos nossos homens levam as mulheres para fora pela porta da frente, enquanto o resto de nós se junta ao tiroteio.

Ouço gemidos e vejo alguns dos nossos deitados no chão. Não demora muito tempo para acabar com todos; eles têm uma pontaria boa para caralho. Seguram a porra das armas para o lado, como se fossem *gangsters* da televisão.

Arrastamos os membros do cartel para dentro da casa e deixamos os corpos ensanguentados em uma pilha antes de reunirmos os nossos próprios homens que não sobreviveram.

— O que fazemos com eles? Podemos enterrá-los? — Timofei pergunta olhando para o chão.

Pessoalmente, não conheço nenhum deles. Mas isso não quer dizer nada. Ainda são Bratva, são família. Não quero sugerir o que sei que seria a coisa certa a se fazer. Olhando em volta, posso dizer que ninguém quer sugerir o mesmo. Nossos homens são nossos e merecem um enterro apropriado. Mas não temos tempo.

Colocando as mãos nos quadris, fecho os olhos.

— Não temos escolha, a não ser queimá-los com a casa.

— Porra! — Amaldiçoa Timofei.

Não demoramos muito para sair. Depois que reunimos as mulheres e que estão dentro dos carros (vigiadas pelos nossos homens), explodimos a casa enquanto nos afastamos. Sorrio, segurando a cabeça de *El Patron* no colo.

Está feito.

Agora, irei para casa. Para a minha mulher, para a minha esposa.

Oksana

Gemo quando viro e encontro a cama vazia novamente. Mika foi embora há apenas um par de dias, mas sinto sua falta. Não ouvi uma palavra dele ou de Timofei e a espera é uma tortura. Felizmente, o que Leonie e eu planejamos para o dia manterá a minha mente ocupada e longe de Mika.

Não dormi bem na noite passada, virando-me de um lado para o outro enquanto verificava o telefone um milhão de vezes.

Obrigo-me a levantar e vou tomar um banho, esperando que a água me acorde. Sinto que estou me arrastando, completamente exausta de uma forma que nunca me senti antes. Quando estou limpa, seco-me e vou até a pia escovar os dentes. Assim que faço o primeiro movimento com a escova, arregalo os olhos, jogo a escova de lado e me inclino no vaso para esvaziar o estômago.

— Puta merda! — Sussurro, assim que termino de vomitar.

Coloco a mão na testa e não vejo nenhum indício de febre. Estou com as pernas trêmulas. Vou até a pia para terminar de escovar os dentes. Engasgo algumas vezes, mas consigo fazer isso. Rapidamente visto jeans, uma regata e vou até a cozinha com os pés descalços em busca de algo para comer. Espero que isso resolva o que há de errado com o meu estômago.

Vasculho a geladeira e me deparo com uma lata de refrigerante de gengibre. Pego-a antes de ir em direção aos *muffins* de chocolate que Quinn insistiu que eu trouxesse, como uma lembrança das extravagâncias doces da noite passada. O *muffin* ainda está tão delicioso hoje como quando saiu do forno, e juntamente com o ginger ale[7], ajuda o meu estômago a se acalmar.

A batida na porta interrompe o café da manhã e limpo as mãos nas calças antes de abrir a porta. Olhando pelo olho mágico, vejo que Leonie está de pé do outro lado. Abro a porta, mas antes que a deixe entrar, coloco a cabeça para fora e vejo que Ony continua no mesmo lugar em que o deixei ontem.

— Quer entrar, também, Ony? — Pergunto.

— Nyet. — Diz.

Olho para Leonie e passo para o lado, para que possa entrar. Depois fecho e tranco a porta atrás dela.

— Está pálida. — Observa.

[7] Marca de refrigerante comum nos EUA à base de gengibre.

— Fiquei doente esta manhã. — Informo.

Estreita os olhos sobre mim e, em seguida, sorri. Parece meio louca e espero o que vem a seguir.

— Oksana, você poderia estar grávida? — Pergunta.

— Penso que não. — Digo, balançando a cabeça.

Não posso estar. Mika e eu estamos casados há apenas duas semanas. Mesmo que tenha engravidado na noite em que me tirou do meu casamento, não daria tempo para estar passando mal.

— Acho que pode sim, ser uma possibilidade. — Diz. — Vamos pegar um teste depois de visitar o orfanato.

— Sério. Não posso estar. — Afirmo.

— Lembro que contou que estiveram juntos durante a sua festa de noivado. — Retruca.

— Mas isso aconteceu há meses. Sério, meses! — Reforço a palavra “meses” e Leonie sorri.

— Meses atrás, está bem. Mas você anda estressada e por mais que ainda não tenha ganhado peso, aposto que foi quando aconteceu.

— Puta merda! Isso é loucura. — Murmuro.

— Pegue os sapatos e vamos. — Diz sorrindo.

— Espere, não podemos sair. — Digo, lembrando que Ony disse que não poderia sair até que tivesse notícias de Mika.

— Está tudo bem. Ele disse que podíamos ir. — Informa.

Penso no que Leonie diz e me pergunto se tudo realmente acabou... Se sim, por que Mika não ligou? Ergo as sobrancelhas, confusa e Leonie me apressa para sair. Quero fazer um milhão de perguntas, mas estou plenamente consciente de que provavelmente ela não sabe absolutamente nada e Ony não irá dizer, mesmo que implore. Não, até que tenha tudo resolvido com Mika.

Corro e calço um par de sandálias baixas antes de pegar a bolsa para sairmos juntas do apartamento. Hoje será apenas uma reunião informativa com a pessoa que dirige a casa. Aparentemente, já não se usa mais o nome “orfanato” aqui nos Estados Unidos, algo que não sabia.

Quando chegamos, somos levadas até um escritório onde encontramos a diretora da casa. Ela nos olha e em seguida, para Ony, que está em pé atrás de nós. Vejo que fica imediatamente irritada. Podemos ver a mudança em sua fisionomia apenas ao olhar para o enorme russo.

— Por favor, diga por que gostaria de se oferecer como voluntária em nossa casa? — Pergunta.

Leonie conta a sua história e quebra o meu coração saber as coisas pelas quais passou e teve de superar. Mas a mulher em frente a nós mostra uma máscara em branco, não consigo

lê-la. Leonie conta sobre todo o voluntariado que fez na Rússia e as sobrancelhas da mulher se unem.

— Rússia? E qual é o seu nome? — Pergunta, virando-se para mim.

— Oksana Vetrova. Quero dizer, Oksana Rybina. — Respondo nervosa, enquanto sou observada atentamente.

Conversamos durante mais algum tempo, mas posso dizer pela linguagem corporal da mulher, que não nos aceitará para o voluntariado. Conhece alguém na Bratva, ou seu nome, pelo menos. Pode ser o de Mika ou talvez, o de meu pai. Isso, posso dizer com toda a certeza.

— Obrigada pelo tempo de vocês, senhoras. Irei chamá-las para preencher a papelada e iniciar o processo. — Diz, enquanto se levanta.

Leonie, Ony e eu nos dirigimos para a saída. Nunca estaremos de volta e isso me deixa triste. Não apenas por mim, mas por Leonie e pelas crianças também. Ela é uma pessoa linda e tem muito amor a dar para essas crianças que não recebem o suficiente.

— Nunca me chamará, não é? — Leonie pergunta, assim que estamos dentro do carro e no caminho para a farmácia.

— Não. — Ony responde. — É uma cadela preconceituosa, — Rosna.

Não posso deixar de rir.

— Ela é! — Diz novamente.

— Oh, eu sei. Assim que o viu e depois ouviu meu nome, estávamos acabados. — Digo, com um encolher de ombros.

— Sei de outro lugar em que podem ir, onde não seremos julgados e as suas regras não são tão rigorosas. — Resmunga.

— Onde? — Pergunto, confusa.

— Ziven possui um clube e os funcionários são todos russos. Na maioria das vezes, precisam de uma creche, já que normalmente o pai faz algum trabalho para a Bratva à noite e a mãe é garçonete no clube. Ziven tem uma casa onde as crianças ficam enquanto os pais estão trabalhando. Às vezes, os pais têm trabalhos diferentes para a Bratva, mas a maioria precisa deixar as crianças lá. Não são órfãos, mas tenho certeza de que o centro sempre precisa de mais ajuda. — Ony sugere e fico boquiaberta. Não sabia disso.

Que ideia fantástica!

— Ziven é impressionante! — Digo sorrindo.

— É o melhor *Pakhan* que já tive, além de Kirill. — Afirma Ony, quando para no estacionamento da farmácia.

Deixamos o carro e caminhamos até lá. Ony balança a cabeça quando descobre nosso destino. Olho para ele, sentindo o rosto ficar vermelho de vergonha e vejo que sorri. Pego um teste, corro para o balcão e o pago, voltando rapidamente para o carro.

— Não diga nada. — Aviso.

— Não estava pensando em fazê-lo. — Ri.

Leonie aperta a minha mão e exibe um grande sorriso. *Menina louca.*

Quando chegamos no prédio, Ony nos acompanha até a porta e entramos no meu apartamento para fazermos o teste.

— Não quero saber. — Digo.

— Precisa saber. — Diz, balançando a cabeça.

— Sério, Leonie. Isso será real se eu souber. — Digo, envolvendo a mão ao redor da garganta.

— Será real mesmo que não saiba. — Diz friamente. Estreito os olhos sobre ela.

Pego a mão dela e a arrasto para o banheiro.

Assim que o alarme do telefone soa, indicando que o tempo acabou e que o teste já exibe o resultado, empurro Leonie para o banheiro e a obrigo a ver o resultado. Não tenho certeza se poderia ver direito neste momento.

— Parabéns, mamã! — Sussurra.

Abro os olhos lentamente e imediatamente sinto-os cheios de lágrimas ao ouvir as palavras: *Mamã.* Mika conseguiu o que desejava; estou grávida de seu bebê. Balanço a cabeça enquanto ela vem até mim e me abraça.

— Puta merda! — Murmuro pela milionésima vez hoje.

Leonie pergunta se quero que ela fique mais tempo, mas digo que não. Sai pouco tempo depois de nos abraçarmos, chorarmos e comemorarmos (tudo ao mesmo tempo). Ony apenas balança a cabeça, sorrindo quando me despeço dela, como se já soubesse o que aconteceu.

Olho para o telefone e mordo o lábio inferior, desejando que Mika me ligue. Tomo banho e vou para a cama, continuando a olhar para o telefone. Sei que não consigo mais manter a notícia só para mim e disco o número de Aleksandra.

— Achei que nunca mais me ligaria novamente! — Praticamente grita quando me ouve.

— Estive um pouco ocupada. — Rio.

— Bem. E como é Denver? — Pergunta.

— Tudo é incrível aqui. Só está faltando você. — Digo com um sorriso, embora saiba que não pode me ver.

— Conte-me tudo! Está escondendo alguma coisa, posso dizer pelo tom da sua voz.

E com isso, eu falo. Digo que estou grávida e que provavelmente engravidei durante a minha festa de noivado.

— Está brincando comigo? — Pergunta.

—Não. — Respondo.

— Graças a Deus Gavril foi assassinado. Pode imaginar? — Pergunta em um assobio.

— Nem brinque com essa merda! — Fico uma hora conversando com ela. Quando está falando sobre sua vida e tudo o que está acontecendo em Brighton Beach, finalmente estou cansada o suficiente para dormir.

Desejo um boa noite com a promessa de ligar em breve, principalmente para contar sobre a reação de Mika com a notícia e desligo. Coloco o telefone para carregar, encosto a mão sobre a barriga e fecho os olhos.



Capítulo Vinte e Dois

Mika

Pousamos no pequeno aeroporto. Sinto os olhos tão pesados que deveria colocar palitos para mantê-los abertos. Acho que não dormi nas últimas noventa e seis horas. Meu corpo esteve sob o efeito de pura adrenalina e agora que tudo está quase terminado, estou começando a ceder.

— Está pronto para esta merda? — Pergunta Timofei.

Acho interessante e reconfortante que Timofei esteja se tornando cada vez mais um amigo, ao invés de apenas um colega de trabalho. É verdade que uma das razões tenha a ver com o fato de que seja casado com a irmã dele, mas Timofei amadureceu como homem agora que está morando em Denver, tendo a sua própria equipe e deixando de ser tratado como um príncipe.

— Porra nenhuma! — Digo rindo, quando a porta do avião se abre.

Permaneço com a caixa firmemente segura nas mãos e desço para a pista. Não sairemos de Denver até amanhã. Nosso piloto precisa de algumas horas de sono antes de pilotar novamente. Timofei diz que tem um lugar de foda no meio de Brighton Beach e que poderíamos ficar lá.

Kirill e sua equipe voltaram para a Califórnia, e o resto dos homens, para Denver. Somente eu, Ziven e Timofei ficamos para acabar a missão. Entregarei esta maldita cabeça a Pasha, deixando-a na porra do colo dele.

O motorista abre a porta e entramos na parte de trás do carro, sem nos importarmos em ficar um pouco apertados. Estamos exaustos demais.

— Onde? — Pergunta o homem.

Timofei fala o endereço, ele balança a cabeça e o carro sai do aeroporto para a estrada. Vamos para a casa de Pasha, que tenho certeza, nos espera no escritório. Enviei uma mensagem antes de sairmos do México.

Ao chegarmos, subimos rapidamente os degraus e sem bater, Timofei nos leva direto para o escritório de Pasha.

— Boa tarde. — Cumprimenta Pasha.

Vou até a mesa, abaixo a caixa, abro-a, pego a cabeça de *El Patron* pelos cabelos e a solto no meio da mesa dele, espalhando toda a papelada.

— Estamos terminados? — Pergunto.

— Que porra é essa? — Sussurra, descrente.

— Estamos terminados agora? — Repito.

— Perguntei, que porra é essa? — Grita, levantando da cadeira.

— Você queria a cabeça de *El Patron*. Agora a tem, porra! — Afirmo com calma. — Quero sua palavra de que estamos resolvidos em relação à Oksana. Ela é minha esposa e continuará assim.

— De jeito nenhum! Oksana é uma *Printsessa* e não tinha permissão para casar com você. Não. Não terminamos. Mas será recompensado pela cabeça. — Diz sorrindo.

— Papai, você fez um acordo. Sua palavra como um Bratva *Pakhan* é o seu vínculo. Não é nada se não respeitar os votos que faz. — Timofei diz, soando maduro, calmo, sereno e seguro.

— Cale a boca, pequeno merda! Sou o *Pakhan* e faço as regras. Mika me desafiou, pegando a minha filha e a contaminando e não ficará com ela. — Pasha grita.

— Pasha. — Adverte Ziven.

— Fiz o que pediu, mesmo sendo algo ridículo. *El Patron* está morto. Pode colocar a porra da cabeça em bronze como prova se quiser e ficar olhando para ela até ficar completamente louco. Fiz o que queria e por isso, manterei Oksana.

— Sou seu maldito pai e digo que não. — Ruge.

Timofei caminha até ele e pressiona o cano da arma na testa de Pasha, que deixa de olhar para mim e se concentra no filho. Ziven e eu olhamos Timofei com olhos arregalados e em choque.

— Agora, papai, se acalme porra! — Rosna.

— Não me diga o que fazer, seu merda! — Pasha grita.

— Nyet. Sou o único segurando uma arma, portanto, sim eu faço. — Diz. — Agora, acalme-se. Oksana fez o que você queria quando relutantemente concordou em se casar com Gavril. Ninguém concordou com a escolha que fez, mas ninguém questionou sua decisão, nem mesmo ela. Mika a protege e é um Brigadeiro. Estão legalmente casados e a união foi aprovado por Sergei. Está feito, papai. Agora, Oksana é responsabilidade de Mika, não sua. Eu ainda casarei com a criança irlandesa no próximo ano e tudo ficará bem com o sindicato e com a união das famílias. Não há nenhuma razão para que perca o controle, sobretudo quando Mika atendeu ao seu pedido ridículo. — Timofei explica calmamente.

— Está puxando uma arma para o seu próprio pai? — Pasha pergunta, ignorando o discurso.

— Puxei uma arma para um *Pakhan* que está sendo ridículo! — Anuncia Timofei. — Agora estamos entendidos?

— Bem. Sim, por agora. — Resmunga Pasha.

— Não! Acabou, papa. Está acabado, porra! Esta merda com Oksana acabou. Sua filha não abortará quaisquer bebês, não anulará ou irá se divorciar de Mika. Agora é Oksana Rybina e ponto final. Se quiser um relacionamento com ela, sugiro que a chame e rasteje, porque foi um maldito idiota. Suas ações poderiam realmente tê-la machucado! — Timofei não espera que Pasha responda. Vira-se e sai do escritório. Ziven o segue, mas fico por um momento olhando para Pasha. Realmente olhando para ele.

Seus olhos estão selvagens e não parecem em nada com os olhos do homem que conheci há muitos anos. Não são mais frios, calmos e calculistas. Está completamente perdido.

Porra!

— Estamos feitos? — Pergunto pela última vez.

— Sim.

Deixo-o no escritório, sozinho com a cabeça decepada e sigo Ziven e Timofei. Já estão no carro quando entro. Timofei diz ao motorista para onde ir e vamos em silêncio em direção ao apartamento para descansar algumas horas.

Assim que chegamos lá, Timofei solta um suspiro frustrado, enquanto caminha para o freezer e pega uma garrafa cara de vodca. Não gosto de vodca, mas de bom grado aceito o copo cheio e tomo um grande gole.

— Seu reinado acabou. — Diz Timofei.

— Está desequilibrado e maníaco. — Ziven concorda, antes de tomar um gole do líquido claro.

— O que acontece a seguir? — Pergunto.

— Mantemos um olhar atento sobre ele, indiretamente. — Diz Ziven.

— Como? — Pergunto, confuso.

— Konstantin. — Diz Timofei. — Konstantin é seu protegido. Papa estava pronto para entregar Oksana a ele. Sequestrou Oksana porque seu Pakhan ordenou, mas também não gostou do que viu que estava acontecendo.

— Podemos confiar nele? — Pergunto.

— É a nossa única ligação no momento. Confio nele mais do que na maioria dos homens com quem o meu pai tem laços estreitos. Qualquer um que estava na minha antiga equipe, não é bom o suficiente para nos ajudar. — Explica Timofei.

— Vamos chamá-lo aqui, então. — Ziven sugere.

Timofei balança a cabeça e em seguida, pega o telefone. Escuto quando pede a Konstantin que venha até seu apartamento. Sinto que estou traindo a Bratva indo contra Pasha. É como se de alguma forma, isso fosse errado. Mas Pasha, como disse Ziven, está desequilibrado. Pego o meu próprio telefone e ligo para Ony, querendo saber de Oksana. Ele me garante que está perfeitamente segura e o informo que estarei em casa no dia seguinte. Ony resmunga um ok antes

de terminar a chamada, ao mesmo tempo em que Konstantin bate na porta.

Oksana

Viro-me de costas e suspiro. Olho para a esquerda e vejo que a cama está arrumada, o que significa que Mika ainda não está em casa. Imagino que iria juntar-se a mim caso tivesse voltado.

Estou irritada, com medo e muito preocupada. Vou ao banheiro para tomar um banho e me vestir para o dia, mas paro para vomitar assim que sinto o sabor do creme dental na boca. Em seguida, acabo de escovar os dentes. Começo a me perguntar se será assim todos os dias.

Uma batida na porta da frente me faz levantar as sobrancelhas, curiosa. Não estou esperando visitas. Pelo olho mágico, vejo Quinn e Leonie de pé no corredor, ambas sorrindo. Abro a porta e Quinn entra, envolvendo os braços em torno de mim em um abraço gigantesco.

— Espero que não se importe, mas Leonie me contou. Estou tão animada e feliz, que marquei uma consulta com Dr. Sokoloff para você. — Ela diz. — Ele disse que tem máquinas

no consultório e que pode fazer um ultrassom para vermos se tudo está bem. — Informa.

— Sério? — Pergunto.

— Está louca, não está? — Pergunta Leonie.

— Não. — Respondo, balançando a cabeça.

— Vamos, vamos, vamos! — Quinn salta na ponta dos pés, cheia de energia.

— Ok. — Rio, antes de ir pegar a bolsa.

— Para o consultório do Dr. Sokoloff. — Leonie comunica a Ony.

— Imaginei que isso faria parte da agenda de hoje. — Diz, rindo.

Não demora muito tempo para chegarmos ao consultório e acho interessante que esteja localizado na verdade, na casa dele. O médico Bratva em Nova York, Doutor Pavlov, tem consultas com pacientes regulares e um consultório separado para a Bratva em um prédio de escritórios.

Depois que o Dr. Sokoloff se apresenta, faz algumas perguntas sobre como estou me estou sentindo, quando foi meu último ciclo e quando acho que posso ter concebido. Então, me deita sobre a mesa de exame e me certifico de que Leonie e Quinn fiquem ao meu lado o tempo todo, apertando suas mãos com tanta força, que provavelmente as machucarei.

O médico coloca um pouco de gel frio na minha barriga e pressiona sobre ela uma varinha com um cabo. Pede que olhe para a tela da máquina ao lado e meu coração começa a bater de forma irregular com a visão.

É um bebê!

Tem uma cabeça, dois braços, duas pernas, um corpo... É um bebê real.

— Você está com cerca de dezesseis semanas. — Diz. — Vou fazer um ultrassom mais pormenorizado, porque já está muito adiantada no tempo de gestação e não teve assistência pré-natal. — Informa.

Sinto o coração começar a bater de forma irregular, mas por uma outra razão.

— Isso irá afetar o bebê? — Pergunto em um sussurro, não querendo dizer as palavras alto demais.

— Duvido. Mas precisa começar a tomar as vitaminas pré-natais agora. — Avisa, ainda completamente focado na máquina ao lado.

Parece que está medindo as coisas e tocando uma tonelada de botões. Se pudesse prender a respiração o tempo todo, eu o faria.

Estou com tanto medo...

— Tudo parece muito bem até agora. — Diz o médico e deixo escapar um suspiro pesado.

— Mesmo? — Pergunto, insegura.

— Gostaria de saber o sexo? — Pergunta.

— Oh, diga-nos! — Quinn pede, balançando na cadeira.

— Oksana? — Pergunta o Dr. Sokoloff.

— Sim. — Respondo, mordendo o lábio inferior.

— Parabéns, mamãe! Você terá um menino. — Sorri.

— Um menino? — Pergunto, olhando da tela para o médico.

— Um menino. — Confirma com um aceno.

Alguns minutos mais tarde, saio com uma consulta marcada em um mês, um punhado de fotos em preto e branco, juntamente com a data prevista para o parto, daqui a cinco meses. Parece que o bebê estará aqui amanhã... É como se eu não tivesse tempo suficiente para planejar tudo o que precisa ser feito.

Sinto que o coração pode explodir dentro do peito ao olhar para as fotos do meu bebê, do meu filho. Ofegante, acho difícil simplesmente respirar.

— Precisa se acalmar, porra! — Ony rosna, nos acompanhando até o carro.

— Terei um bebê, um menino dentro de cinco meses. — Conto, incapaz de manter o silêncio. Estou tremendo.

— Parabéns. — Diz, enquanto liga o motor e nos leva de volta para o condomínio.

— Não terei tempo para planejar tudo o que precisa ser feito! — Falo, estressada.

— Cinco meses não é tempo suficiente? — Pergunta, confuso.

— Não. Perdi dezesseis semanas... Eu deveria saber! — Afirmo.

Ony balança a cabeça, mas inteligente, não diz nada. Se falasse algo, provavelmente seria capaz de perder a cabeça. E deixando de lado o tempo perdido, penso em como Mika irá reagir. Ele disse que queria que ficasse grávida, mas era mais para nos manter juntos e em segurança, do que por realmente por querer uma criança.

Então, papai o ameaçou e também ao bebê que eu nem sabia que já estava carregando. Fecho os olhos e rezo para que a missão tenha sido bem-sucedida. Não há nenhuma maneira no inferno, que irei abortar o bebê caso Mika falhe.

Este bebê é meu, Mikhail é meu e manterei os dois.

Papai que se dane.

Capítulo Vinte e Três

Mika

Já estive cansado antes, exausto e drenado, mas nunca realmente experimentei a sensação de estar morto em pé até agora. Ziven, Timofei e eu parecemos exatamente isso: mortos ainda em pé e não falamos durante todo o voo de Nova York para Denver. Ninguém consegue dormir; o voo não é longo o suficiente para realmente possamos descansar da maneira que precisamos e todos ainda estamos sofrendo com os planos que colocamos em movimento apenas algumas horas atrás.

Konstantin é agora o nosso espião. É ridículo pensar que precisamos de um espião dentro de nossa própria organização, mas Pasha tornou isso uma realidade. Ele concordou, pois não estava gostando da maneira como Pasha vem operando e irá nos manter informados sobre os seus passos daqui para a frente.

— Terei pelo menos três dias de descanso. Aconselho que façam o mesmo. O clube pode funcionar sem nossa presença como fez nos últimos dias. Não direi a uma maldita alma que

estou de volta até que tenha a porra de uma boa quantidade de sono. — Ziven rosna, quando o avião aterrissa.

— O mesmo aqui. — Resmunga Timofei.

— Concordo. — Digo, quando a porta do avião se abre.

Desembarcamos e sinto-me diferente. Estou livre agora, livre de Pasha e de suas exigências e ameaças. Tenho bons homens, *Pakhans* poderosos cobrindo minhas costas e isso me faz sorrir.

Agora, só preciso chegar em casa para minha Oksana.

Quando mando uma mensagem para Ony, sou informado de que ela está fora com Quinn e Leonie. Aproveito o momento para tomar banho e procurar algo para comer. Vejo bolos de chocolate no balcão e sorrio, sabendo que Quinn deve tê-los feito.

Quinn começou a realmente a merecer meu carinho. É muito mais doce que a mulher fria que conheci há alguns anos. Estou contente que Oksana tenha uma mulher como ela ao redor e Leonie também. Secretamente, espero que Ustin e Leonie fiquem conosco. Ustin voltou com o resto da equipe antes, mas manteve em segredo seu retorno de Oksana, como pedi.

Depois de comer, vou para a cama e deito nu entre os lençóis, que têm o cheiro de Oksana. E quando puxo o travesseiro para mais perto de mim, inspiro profundamente,

gemendo. Sinto meu pau contrair com o cheiro, sabendo que em breve estará bem perto de mim e estarei dentro dela.

Agora, completamente livres.

Adormeço imediatamente sentindo seu perfume.

Oksana

— Estive escondendo algo de você. — Leonie admite quando Ony entra na garagem do nosso condomínio.

— O quê? — Pergunto, ainda segurando as fotos do ultrassom.

Estou nervosa e animada ao mesmo tempo e, no entanto, uma sombra ainda paira sobre tudo. Não sei “quando” ou “se” verei Mika novamente.

E odeio isso.

— Ustin chegou em casa ontem de manhã, cedo. Ele me avisou que não estava autorizada a contar que já tinha voltado. Mas achei que você deveria saber. — Explica e arregalo os olhos, surpresa.

— Mika está bem? — Pergunto nervosamente.

— Não quis me dizer nada. Confie em mim, eu realmente tentei tirar algo dele. — Sussurra. Deixo escapar um suspiro pesado quando Ony para o carro.

— Não se preocupe, Sana. — Ony diz quando abre a porta e sai do carro.

— O que acham que isso significa? — Pergunto, voltando-me para Quinn e Leonie.

— Acho que sabe de alguma coisa, mas foi instruído a manter a boca fechada. Ziven ainda não chegou, eu acho. Não tive notícias dele. — Admite Quinn.

— Isso está me matando. Tem consciência disso, certo? — Pergunto, quando Ony abre a porta para nos ajudar a sair.

— Desculpe. — Diz, encolhendo os ombros.

Rosno e ele só ri, o que me deixa ainda mais irritada. *Idiota.* Despeço-me de Quinn e Leonie, que estão sorrindo, mas ambas com um ar cauteloso. Não sei se é porque estão preocupadas por mim, ou se estão preocupadas que Mika não volte.

Francamente, estou preocupada com ambos: Mika e eu. Têm sido os meses mais estressantes de toda a minha vida e mal posso esperar para que tudo acabe de vez e rápido.

Quando estou em segurança, dentro do apartamento, decido ir para a cama. Não é muito tarde, apenas seis horas da tarde, mas estou cansada. Deixo o ultrassom em cima da ilha da cozinha e tiro as sandálias antes de entrar no quarto. Quando vejo o que tenho diante de mim, não posso controlar um soluço que me escapa.

Mika!

Meu Mikhail está em casa.

Vejo-o se sentar, o cabelo revolto, indisciplinado e os olhos azuis escuros abertos, o peito arfando. Tenho certeza de que o assustei, mas não me importo. Ele está em casa. Mika fica em pé, seus olhos me prendendo no lugar. Mal posso respirar e muito menos olhar para qualquer outro lugar que não seja para o belo rosto em minha frente.

— Oksana. — Diz com a voz rouca, enquanto envolve as mãos em torno da minha cintura.

— Mikhail. — Suspiro ao jogar os braços ao redor dos ombros fortes e pressionar o rosto no pescoço dele. Inalo o cheiro masculino, o aroma limpo e é quando realmente entendo que está em casa.

Sinto o corpo ceder e lágrimas molhando meu rosto. Ele aperta a parte de trás da camisa que uso e me puxa ainda mais para perto de si, também com o rosto enterrado no meu pescoço.

— Diga-me o que aconteceu. — Sussurro contra a pele quente.

— Depois. — Resmunga. — Depois que estiver dentro de você.

Nem sequer tenho a chance de falar. Abaixa e me carrega, as mãos em torno das coxas. Sem uma palavra, vira-se e me deita cuidadosamente na cama. Só então percebo que está completamente nu. Não posso deixar de sorrir quando envolvo a mão em torno do comprimento suave e duro.

Mika descansa a testa contra a minha enquanto o acaricio, sentindo-o crescer ainda mais, enquanto seus quadris acompanham os meus movimentos. Em seguida, afasta-se e sorri quando alcança o botão da calça jeans que vesti antes de sair. Silenciosamente, desabotoa, abre o zíper e gentilmente puxa a calça, retirando também a calcinha.

Fecho os olhos, esperando que suba por cima de mim. Suspiro quando, em vez disso, sinto a língua quente no meu centro e as mãos pressionando a parte interna das coxas, abrindo-as para ter mais espaço.

— Mikhail.... — Suspiro, agarrando seus cabelos.

Não diz uma palavra. Suga o clitóris em sua boca e jogo a cabeça para trás. Meus dedos, sem controle, puxam ainda mais os cabelos enquanto gemo.

Descaradamente me esfrego contra a boca dele, querendo estar mais perto, precisando de mais. Desliza dois dedos dentro de mim enquanto a língua se concentra no clitóris. Estou tremendo. Com os dedos, faz o movimento “venha para mim” e envia arrepios pelo meu corpo todo.

É demais e, no entanto, não o suficiente; é tudo ao mesmo tempo. Quando mordisca meu clitóris e suga duro, mais duro do que alguma vez já fez, explodo. Aperto os cabelos que tenho nas mãos com tanta força que tenho certeza que arranquei alguns fios pela raiz e sinto as pernas tremerem incontrolavelmente. É o maior orgasmo que já tive.

Mika ainda não diz nada ao levantar as pernas que deixou completamente desossadas e as envolve em torno dos quadris. Entra dentro de mim e para, assim que bate no fundo.

— Matei o chefe do Cartel. — Informa, me agarrando pelos cabelos do mesmo modo que fiz antes com uma mão, enquanto aperta-me os quadris com a outra.

— Mika....

— Eu o matei por isto. — Murmura quando sai e em seguida, bate de volta dentro de mim. — Por essa boceta. — Rosna, repetindo o movimento. — Por esses grandes olhos azuis. — Diz, moendo a pélvis contra meu clitóris e me fazendo gemer. — Foi por você, Oksana. Sempre por você. Farei qualquer coisa para mantê-la comigo. — Repete e geme.

Perde completamente o controle e começa a empurrar com toda a força, fazendo meu corpo balançar com cada impulso dos quadris contra mim. Agarro-o pelo pescoço quando ele continua, os olhos ardentes, o rosto sério e tenso.

— Faria qualquer coisa por você também, Mikhail. — Digo, gemendo.

— Minha... Para sempre! — Diz.

Cravo as unhas na parte de trás do pescoço dele enquanto me fode descontroladamente, tomando tudo o que dou com prazer. Sinto um novo orgasmo se construindo e sei que irá me destruir completamente. Aperto as pernas com um pouco mais de força e sinto o clímax como bolhas na superfície. Mika pressiona o polegar contra o clitóris e é o suficiente: grito alto ao gozar novamente.

Mika empurra os quadris mais algumas vezes até parar com um gemido. Aperta meu cabelo e depois, cai em cima de mim. Leva um momento para que recupere o fôlego, especialmente com o peso de Mika sobre mim, mas não quero pedir que saia.

Solta o cabelo que segurava e vai até a minha coxa, ainda enrolada em sua cintura e tremo quando me acaricia.

— Toda a merda terminou. — Murmura contra meu pescoço, me beijando.

— Sim. — Concordo. — Meu pai?

— Entreguei a cabeça pessoalmente. É por isso que não cheguei em casa mais cedo. — Informa, saindo de mim.

— Estava tão preocupada... — Admito, virando o rosto para ele.

Mika caminha para o banheiro e volta com um pano úmido, passando-o por entre as minhas pernas e o jogando de volta, já que deixou a porta aberta. Depois, me agarra nos braços e arrasta para cima da cama, até que descanse a cabeça no travesseiro e enrola-se em mim.

— Diga-me tudo o que aconteceu. — Peço.

Mika começa desde o início e não posso acreditar que esteja me contando tudo e o ouço com muita atenção. É fascinante. Quando termina, sorri e me beija.

— Puta merda! Konstantin agora é um espião?

— Está com fome? — Pergunta, rindo.

— Mika, me diga! — Exijo.

— *Nyet, lapochka*. Já sabe mais do que deveria.

— Então, sim. Estou com fome. — Suspiro. Ele ri um pouco mais.

— Temos alguma coisa aqui, ou precisamos pedir algo?

Mordo o lábio, sabendo que não temos muita comida em casa, a menos que Mika saiba cozinhar. Já esgotei as minhas

habilidades culinárias limitadas fazendo queijo grelhado, frango assado, frutas frescas e salada. Basicamente posso cortar as coisas e sei que o frango tem que ser cozido até que não esteja mais rosa no meio.

— Italiano? — Pergunta.

— Eu mataria por alguma comida italiana. — Digo.

— Deixe-me pegar o menu para que possa pedir o que quiser. Este é o melhor lugar da cidade. — Informa, enquanto toca alguns botões no telefone e o entrega para mim.

Angelos Tavern.... O menu parece celestial, e acho difícil decidir entre pizza e *Pappardelle Bolognesse.*

— Compartilharei a pizza, *lapochka.* — Mika sussurra em meu ouvido.

— Como sabe? — Pergunto.

— Ampliou a foto e ficou olhando para ela. Se quer comer isso, eu compartilharei. Pedirei *Bolognese* e poderá comer um pouco disso também. — Oferece e o recompenso com um enorme sorriso e um aceno entusiasmado.

Mika pega o telefone de volta, enquanto tiro a camisa e sutiã antes de me aconchegar de volta na cama, descansando a cabeça contra os travesseiros e deixando o sono me levar.

Preciso descansar por apenas alguns minutos.

— Oksana! — Mika grita de outro lugar. Sento, olhando ao redor, em pânico. O lençol escorrega para o meu colo. — Oksana, venha já aqui, porra! — Ruge.

Sinto o coração disparar no peito.

Levanto apressada, agarrando uma camisa curta de algodão e saio correndo até o outro cômodo. Mika está de pé ao lado do bar, com um saco para viagem de comida no balcão. Mas esse não é o seu foco. Não. Seu foco é sobre o pedaço de papel que tem nas mãos.

E sei o que é.

— O que é isso? — Pergunta, olhando para o papel.

— Um bebê. — Sussurro.

— E de quem é esse bebê?

— Nosso. — Admito, sem saber se ficará feliz ou com raiva da notícia.

— Oksana, aqui diz que é um bebê de dezesseis semanas. — Rosna.

Fecho a distância entre nós e envolvo a mão ao redor do braço que segura o ultrassom.

— Minha festa de noivado. Eu não sabia. Estive tão estressada que não percebi os sinais. — Admito. Finalmente ergue os olhos e encontra os meus. Quase ofego quando vejo a forma que me olha.

Está com os olhos vidrados, lágrimas brilhando neles. Este homem é dono de cada parte de mim e agora uma parte dele cresce em meu interior.

— Todo esse tempo... — Rosna. — Durante toda essa porra de tempo você estava carregando o meu filho?

— É um menino. — Digo com um aceno.

— Um menino... — Repete e deixa cair o papel, que flutua até o chão, mas não o olho. Mika me abraça e coloca o rosto no meu pescoço. — Porra! — Sussurra.

— Você está feliz? — Pergunto nervosa, enquanto devolvo o abraço.

Imediatamente me empurra para trás ligeiramente, deixando-me desiquilibrada. Estendo a mão para agarrar seus pulsos com os olhos arregalados de surpresa.

— Oksana... Enquanto voltava para casa, pensei que estava feliz por fazê-lo sem a ameaça pendurada sobre nossas cabeças, sabendo não seria mais tirada de mim. Achei que nunca estive mais feliz na vida. Estava tão errado... Muito

errado. Saber que está carregando um filho meu, *lapochka*, é a melhor sensação em todo o mundo, porra! — Grita, terminando o discurso emocionado.

— Mikhail, eu o amo tanto... — Sussurro.

— Eu também a amo, Oksana. Será minha para sempre. — Diz com a voz rouca e bem baixinho. Puxa-me pelo pescoço e me beija rudemente, ápero.

As coxas tremem e tenho que pressioná-las juntas quando a língua força o caminho dentro da minha boca. Arrasta a mão para a parte inferior das costas e me pressiona contra ele, forçando os meus pés a se moverem até que esteja encostada nele.

Deliro quando devora cada parte da minha boca. Mika geme, pegando-me pelos cabelos e me inclinando a cabeça para poder aprofundar o beijo ainda mais. Mordisca meus lábios antes de me afastar.

Sorri arrogantemente, antes de soltar meu cabelo e acariciar com as mãos a minha barriga ainda plana.

— Não posso acreditar que coloquei um bebê dentro de você. — Murmura.

— Bem, para ser justa, ambos fizemos isso. — Sorrio.

— Mmm, sim. — Concorda por concordar, não porque realmente acredite nisso. — Vamos alimentá-la. — Diz.

— Onde quer comer?

— Na mesa. — Diz. Concordo com a cabeça e levo a comida para a mesa.

— Quer um prato? — Pergunto, olhando entre a caixa de pizza e o recipiente das massas.

— *Nyet*. Iremos comer direto das embalagens. — Fala, vindo para mim com uma cerveja em uma mão e água na outra.

Dou de ombros. Não gosto de lavar e guardar pratos mesmo... Mamãe teria um ataque, mas não sou tão adequada como ela era. Penso sobre Dona Sônia por um segundo e me deixo levar pelas memórias. Sinto uma onda de tristeza ao perceber que não conhecerá o neto.

— O que está acontecendo? — Mika pergunta, tocando com o dedo meu nariz.

Olho para baixo, mordendo o canto do lábio.

— Mama nunca conhecerá esse bebê.

— Não acha que talvez Sônia tenha enviado este menino para nos amar? Eu gosto de pensar que as pessoas que nos amam estão no céu e que cuidam de nós, nos enviando presentes. Como esta criança. — Diz.

E me apaixono por ele um pouco mais.

— Isso é lindo. — Murmuro.

— Agora coma, está bem?

Sorrio e faço o que pede. Como, até demais. Mas é tudo tão delicioso... Pego Mika me olhando mais de uma vez com aquele sorriso arrogante que é só dele, enquanto me observa comer. Não diz nada sobre isso, mas mais tarde, quando vamos para a cama, me abraça e sussurra novamente palavras de amor. Diz, mais uma vez, o quão feliz está, aqui e agora.



Capítulo Vinte e Quatro

Mika

The Church, o clube que Ziven possui, está bombando esta noite. Normalmente, não seria um lugar para o qual iria para curtir a noite. Há pessoas demais e esses clubes não são exatamente o meu estilo.

Esta noite entretanto, sorrio como um tolo enquanto assisto Oksana, Quinn e Leonie dançarem juntas. Nenhum homem está perto delas, pois Ustin e Ony as vigiam, mantendo os homens do clube à distância.

— Não posso acreditar que nunca trouxe Quinn aqui antes. — Ziven diz com uma risada.

— Não estaria pronta antes. — Afirmo.

— Sim, você está certo. — Concorda.

— Qualquer notícia de Konstantin? — Pergunto. — Provavelmente Pasha ainda está chateado comigo. Mas isso é problema dele, não meu. — Digo.

Faz duas semanas que deixei a cabeça decepada de *El Patron* e saí do escritório de Pasha.

— Só disse que Pasha está avaliando a maneira como você o traiu e que até mesmo chamou Sergei.

— E? — Pergunto com os olhos arregalados, surpreso que Pasha tenha contatado outro *Pakhan.*

— Ainda é um porra louca; está completamente instável. — Diz Ziven, balançando a cabeça. — Sergei o avisou para se recompor, mas aparentemente, não fez isso. Também não esqueceu o que você fez e contratou alguém. — Admite.

— Caralho! — Amaldiçoo, olhando para Oksana. Está alegremente inconsciente de tudo, dançando com as amigas. A pequena barriga começou a mexer nas últimas semanas. Mesmo que apenas pareça que acabou de comer seu jantar, sei sem dúvida, que meu filho cresce dentro dela.

— Ninguém sabe quem contratou. Konstantin disse que está tentando descobrir, mas precisa ter cuidado ao fazer perguntas. — Ziven diz e aceno meu entendimento.

Caso Konstantin se torne suspeito de espionagem, ou Pasha deixar de confiar nele, não teremos mais nenhuma informação sobre o que podemos encontrar em nosso caminho.

— Sergei nos deu apoio total para o que pretendemos fazer. Está pressionando para que façamos a aquisição. — Informa Ziven. — Dirá a Oksana?

— Não. — Respondo. — Está focada em preparar as coisas para a chegado do bebê. Não precisa de mais estresse.

— Ainda demora um pouco para a chegada do bebê, não é? — Ziven pergunta, franzindo a testa.

— Mais de quatro meses. Mas ela acha que porque acabou de descobrir a gravidez, está atrasada com os preparativos. Deixo-a fazer o que quiser. Este fim de semana pintarei o quarto do bebê. — Digo.

— Permanecerá no condomínio? — Pergunta, surpreso.

— Pensei em comprar uma casa, mas com essa merda instável agora, acho que é melhor Oksana ficar em um prédio seguro.

— É realmente mais inteligente. Acho que todos devemos ficar no prédio até sabermos mais sobre o que acontecerá. — Ziven diz. — Além disso, fiz uma chamada para Sergei. Quero manter Ustin na minha equipe.

— Verdade?

— É muito bom, um grande *Kryshas*, mas gostaria de promovê-lo a *Boyevik*. — Informa.

Ziven está certo. Ustin é um grande executor, mas acho que seria um guerreiro ainda melhor. É inteligente, sabe várias línguas e com o tempo, pode até mesmo se tornar um Brigadeiro.

— Gostaria de tê-lo na minha equipe. — Digo.

— Não estaria em nenhum outro lugar, Mika. — Ziven ri, batendo a mão nas minhas costas.

Observamos as meninas em silêncio por mais algumas músicas. Quando a multidão começa a aumentar à medida que a noite avança, posso sentir uma mudança no ar e uma certa vibração. Sei que é hora de partir. Ziven deve concordar, pois começamos a caminhar em direção às mulheres ao mesmo tempo.

Abraço Oksana pelo estômago, por trás e começo a mexer os quadris com os dela. Repousa uma mão sobre a minha e a outra, envolve no meu pescoço. Sussurro a música enquanto beijo o pescoço cheiroso e ela por sua vez, me beija a parte inferior do queixo.

— Está pronta para irmos para casa, mamãe? — Pergunto perto de sua orelha.

— Estou pronta. Meus pés estão me matando. — Confessa, virando-se em meus braços.

— Farei uma massagem, *lapochka.* — Ofereço e vejo seu rosto se iluminar e um sorriso brilhante aparecer.

— Oba! — Festeja, antes de me beijar.

Assisto enquanto se despede das amigas e então juntos, deixamos o clube. É um lugar que faz uma tonelada de dinheiro e uma grande fachada para os nossos outros

negócios. Não me vejo fazendo outra coisa no futuro. Este clube tornou-se um refúgio nos últimos meses. Não que não estivéssemos bem antes de comprá-lo. Mas conseguimos fazê-lo deixar de ser bom para tornar-se “o lugar”. Recebemos celebridades, atletas famosos e pessoas pagam para apenas estar dentro dele e circular em meio às pessoas consideradas da elite.

É uma porra de mina de ouro.

Dirijo de volta ao nosso condomínio e Oksana imediatamente dorme no banco do carona. Lembro-me que está gerando uma vida dentro de si e deve ser por isso que dorme mais do que qualquer outra pessoa que já vi.

Tem uma consulta médica marcada para daqui há duas semanas, mas mesmo assim, perguntarei ao Dr. Sokoloff se ela estava bem. Quando liguei um par de dias atrás, ele me garantiu que essa sonolência é de fato muito normal. Mas quero um exame completo para ter certeza de que tudo está bem e que os dois estão saudáveis.



Acordo quando Mika está entrando em nosso apartamento. Está me carregando e me inclino um pouco mais contra ele, feliz que seja forte o suficiente para me levar assim. Caminhar não é algo que meus pés possam fazer no momento.

Só quero dormir e sinto dor em todos os lugares.

Sou colocada na cama. Lentamente, retira os sapatos que uso e meu vestido. Não posso evitar, gemo ao me ver livre da roupa restritiva. Depois, me rola para o lado que ocupo na cama e retira o sutiã e calcinha.

Acho que tentará me seduzir. Mas depois, vejo que não. Ouço-o se afastando e viro a cabeça para olhar quando volta do banheiro com um frasco na mão.

— O que é isso? — Pergunto.

— Óleo de coco. — Responde com um sorriso.

— Vai fazer o quê com isso? — Pergunto, surpresa. Uso óleo de coco para uma variedade de coisas, como hidratante de rosto, de mãos e em todo o corpo. Mas não tenho ideia do que Mika pretende fazer com ele.

— Massagem, *lapochka*. — Informa.

— Mesmo?

— Basta deitar-se. — Ronrona.

Faço o que pede e quando sinto a primeira camada de óleo atingir a pele e depois derreter, arrepio. Mika começa a me

massagear as costas com dedos firmes e não posso segurar um gemido. *Puta merda*.... Sinto-me no céu. Minutos depois, estou extremamente excitada. Preciso subir em cima dele e pegar exatamente o que preciso: seu pau espesso.

— Mika? — Sussurro.

— Mmm?

— Preciso de mais. — Digo.

— Quer que aperte mais?

— Não. Mais... — Respondo, deitando de costas e olhando fixamente nos profundos olhos azuis. Vejo como dilata o nariz e sorrio para ele.

— O que você precisa? — Pergunta roucamente.

— Preciso de você. — Sussurro.

— Como precisa de mim? — Pergunta, inclinando a cabeça para o lado enquanto me devora com os olhos.

Começo a me masturbar até que me detém, segurando meu pulso. Mordo o canto do lábio inferior e o olho.

— Quer os meus dedos? — Pergunta, com a voz ainda mais rouca. Balanço a cabeça para a pergunta.

— A minha boca? — Arqueia uma sobrancelha. Balanço a cabeça novamente e ele sorri.

— Então quer o meu pau? Quer que preencha essa boceta pequena e apertada não é, *lapochka*?

— Por favor, Mikhail. — Imploro descaradamente.

Despe-se completamente antes de resmungar:

— Vire-se.

Obedeço e rapidamente me viro, ficando por sobre meu estômago. Começo a ficar de joelhos, mas Mika agarra meus quadris e os puxa contra seu pau, enchendo-me com um impulso suave.

— Puta merda, é tão boa a sensação... — Gemo, incapaz de me conter.

— É o óleo de coco. — Resmunga, parecendo como se estivesse segurando um gemido. E sem outra palavra, começa a me foder. É selvagem, duro e seus dedos apertam a pele dos quadris, mas o aceito a cada impulso. É Mika e é lindo.

Aperto os lençóis com as mãos, enquanto me possui, nossos corpos se encontrando furiosamente.

— Mikhail. — Grito, ao sentir o orgasmo me percorrer sem aviso.

— Merda, aperte-me, *lapochka*. Oksana... Porra!! — Geme guturalmente e o sinto me encher com sua liberação.

Mika suavemente retira-se para fora de mim, mas não vai embora. Puxa-me contra ele e me envolve entre os braços: um

em torno de meus seios e o outro, entre as minhas pernas. Deixo escapar um longo gemido quando dois dedos me preenchem.

— Está tão molhada com a combinação dos nossos orgasmos. — Sussurra. — E as marcas que fiz desbotaram. Quero marcá-la de novo. — Ronrona.

— Fui seriamente marcada, Mika. Não pode fazer daquela forma novamente! — Gemo ao espalhar as coxas e começo a montar sua mão.

— Que tal se marcá-la onde ninguém possa ver? Assim estaria bem? — Pergunta, enquanto empurra a palma da mão no meu clitóris.

— Merda, sim... Tudo bem. — Suspiro.

— Gosta que a foda com os dedos enquanto meu esperma ainda está dentro de você? — Pergunta, sugando-me o pescoço.

— Você é um pervertido. — Rio.

— Mmm, mas eu sei que gosta assim. Seu corpo mostra que ser pervertido a deixa ainda mais excitada. — Diz, rindo.

— Qualquer coisa que faça irá me excitar. — Admito.

— Goze nos meus dedos, enquanto meu esperma ainda está dentro dessa boceta doce e meu bebê em sua barriga. — Rosna.

Sinto as coxas tremerem e curvo as costas quando gozo em seus dedos. Ele geme e continua a me foder até que relaxo. Retira os dedos de dentro de mim e me deixa desossada na cama antes de retornar com um pano e se juntar a mim debaixo dos lençóis. Limpa-me entre as pernas antes de jogar o pano do outro lado do quarto.

— Durma. — Murmura, enquanto me puxa contra si.

Não precisa pedir duas vezes. Caio no sono rapidamente, saciada pela massagem e pelos dois orgasmos. Não sei se Mika conseguiu dormir. Não ouço quando recebe um telefonema e vejo quando sai do apartamento.

Mas quando acordo, percebo que não está comigo.

Não acho nada incomum, já que geralmente desaparece quando estou acordando. Mas sinto algo pesado no ar e um mau presságio.



Capítulo Vinte e Cinco



Eu me estico e gemo ao acordar e franzo a testa quando encontro o lado da cama de Mika frio e vazio. Viro-me e abro os olhos aprofundando a carranca. Seu lado da cama parece estar exatamente igual a quando nos deitamos, na noite passada. Está intocado. Ele não voltou para casa. Pego o telefone e não encontro nenhuma mensagem para explicar a ausência.

Saio da cama e uso o banheiro antes de ir para a sala de estar e cozinha. O café não é realmente uma opção, então abro a geladeira para pegar um pouco de suco de maçã, a nova obsessão que tenho.

Encontro o pão de canela e maçã que Quinn assou no dia anterior e corto uma fatia para mim. De pé, perto da pia da cozinha mastigando é como Mika me encontra quando entra pela porta da frente.

— *Lapochka.* — Sorri e caminha diretamente para mim, beijando-me a testa. — Cheira bem.

Ofereço um pedaço e ele o pega, certificando-se de lamber meus dedos quando faz isso. Arrepio, quase me esquecendo de que saiu durante a noite toda.

— Onde esteve na noite passada? — Pergunto, girando em seus braços e olhando em seus olhos.

Parece cansado. O cabelo está uma bagunça e sei que se olhar para o terno que usa, o encontrarei desalinhado e enrugado.

— Estive no clube durante a noite toda. Alguma cagada foi feita. — Diz, dando um passo para trás e evitando me olhar nos olhos.

— Mika, por favor, não minta. Diga-me o que aconteceu. — Murmuro.

Balança a cabeça como se estivesse lutando contra alguma coisa e depois sorri para mim, estendendo a mão para envolvê-la na minha barriga.

— Como está meu menino? — Pergunta.

— Mikhail, por favor. Diga-me. — Sussurro.

Balança a cabeça antes de me olhar. Quase engasgo com a tristeza que cruza seu rosto. Tenta escondê-la rapidamente, mas percebo.

— Não é nada! — Diz.

— É uma mulher? — Pergunto, mordendo o lábio inferior.

Mika fixa os olhos nos meus e vejo quando tensiona o queixo. Depois, um músculo da bochecha salta antes que me agarre e empurre minha bunda contra o balcão. Prendo a respiração quando mergulha o rosto e move os lábios perto dos meus, quase tocando, mas não completamente.

— Está tentando me irritar? — Pergunta, rosnando.

Balanço a cabeça ligeiramente, parecendo uma idiota.

— Não há outras mulheres, Oksana. Está carregando o meu filho em seu ventre. Não há uma mulher que possa se comparar à sua beleza, à forma como reage quando estou dentro de você, ou à maneira que me faz sentir quando não estou. É minha e sou seu. Eu te amo! — Grita.

— Mas isso acontece, mesmo quando se ama alguém. Estou engordando e está me escondendo coisas. Sinto isso! Algo aconteceu ontem à noite e não está me dizendo. — Sussurro.

— Não, isso não acontece quando amamos alguém, *lapochka.* Sinto muito que seu pai seja um merda e que sua visão sobre o casamento esteja distorcida por causa dele. — Rosna, enquanto me agarra pelo pescoço. — Para mim, só existe você, Oksana e para você, espero que somente eu. Não

há espaço para mais ninguém na minha vida, exceto os filhos que teremos juntos.

Mordo os lábios e balanço a cabeça, ainda com os olhos conectados aos dele. Mika me beija duramente, sem parar de me olhar. Quando traça meus lábios com a língua, fecho os olhos com um gemido e permito que me invada. Ergue-me pelos quadris e me coloca sentada na ponta do balcão, enquanto abro as pernas para que possa se encaixar entre elas, ainda me beijando.

Coloco a mão por entre nós dois e desato o cinto, desabotoando e retirando rapidamente a calça que está usando, as empurrando para baixo com os pés. Mika me afasta quando alcanço a cueca boxer. Passa os dedos pelo meu centro molhado, antes de mergulhar dois deles dentro de mim.

— Mikhail. — Gemo, derrubando a cabeça para trás.

Os lábios dele viajam pelo meu pescoço e sugam um seio por sobre a camisola de algodão macio. Com os dentes, belisca o broto endurecido do mamilo enquanto empurra os dedos para dentro e fora de mim. Envolvo as mãos ao redor dos ombros largos e cavalgo seus dedos, em busca de mais.

Solta-me e sinto algo frio contra o quadril. Olho para baixo com um suspiro quando ele usa a faca com a qual tinha acabado de cortar o pão para cortar minha calcinha. Antes que possa dizer qualquer coisa, está dentro de mim, enchendo-me enquanto me puxa para mais perto da borda, mais perto de si.

— Veja como se encaixa em mim, Oksana. Nunca houve uma mulher assim para mim; não há outras mulheres. E se precisar explicar essa merda de novo, ficarei furioso. — Rosna, sem parar de me penetrar.

O balcão contra a minha bunda me deixará com uma contusão, mas meu foco está apenas em Mika. Em suas palavras e na maneira como me faz sentir. Os impulsos enviam calor pelo meu corpo todo e me fazem alcançar o êxtase rapidamente.

— Ok. — Concordo, olhando em seus olhos.

— Nós não somos Pasha e Sônia. Somos Mikhail e Oksana! — Resmunga, enquanto continua a me foder e a tirar meu fôlego. — Somos Mikhail e Oksana! — Repete e pressiona o polegar contra o clitóris.

Começo a tremer e aperto mais as pernas em torno de seus quadris, fazendo-o gemer. Estou perto, oscilando à beira do precipício; quando envolve a boca no mamilo por sobre a minha camisa e o morde, atinjo o clímax soluçando. Não para e nem abranda o movimento dos quadris até que os impulsos se tornam erráticos e enterra o rosto no meu pescoço, gemendo a própria liberação.

— Amo você, Mikhail. — Sussurro.

— Mmm.... Também a amo, Oksana. — Murmura e sem outra palavra, pega-me pelas coxas e leva para o quarto, o pênis semiereto ainda enterrado dentro de mim. Pressiono a

boca contra o pescoço masculino e saboreio o gosto da pele dele. É salgada, familiar. É Mika.

Não nos leva para a cama. Antes, entra no chuveiro e me coloca cuidadosamente no chão, abrindo o chuveiro. Espera a água aquecer antes de me ajudar a tirar todas as roupas e depois fazer o mesmo com ele.

— Você me dirá quando tudo estiver terminado? Seja o que for, irá me deixar saber?

— Sim. — Resmunga, lavando-me com sabão.

O banho é longo e desfrutamos dele ao explorar o corpo um do outro, mas não vamos além. Mika coloca a mão na crescente barriga e pergunta se foi muito áspero. Passo dez minutos assegurando a ele que não. Pelo contrário, foi bom. Foi muito bom.

— Estou cansado, *lapochka.* Passarei o dia dormindo. Mas podemos jantar juntos antes que precise voltar ao clube. — Diz quando saímos do chuveiro e nos secamos.

— Leonie, Quinn, a amiga dela, Kristy e eu, iremos às compras para o enxoval do bebê. — Anuncio e recebo um sorriso torto.

— Leve Ony e Ustin com vocês, está bem? — Pede, subindo na cama.

— Ok, Mika. — Digo, virando e indo até o armário.

Coloco rapidamente um jeans *skinny* escuro, que por sorte, tem uma tonelada de *lycra*. Nada que tenho no armário, além de *leggings,* realmente ainda cabem em mim. Preciso comprar roupas de grávida também. Pergunto-me se Ony e Ustin irão tentar me acertar a cabeça e arrastar de volta para casa se convencê-los a adicionar isso à agenda de hoje.

Puxo o top verde sobre a barriga, feliz por ter comprado roupas mais folgadas um tempo atrás. Ainda se encaixa, embora seja um pouco desconfortável. Calço sandálias e pego a bolsa, antes de andar até a mesa de cabeceira e pegar o telefone.

Mika já está dormindo. A respiração profunda e os roncos suaves enchem o quarto silencioso. Vou até ele e sento, antes de beijar sua bochecha. Não se mexe, claramente exausto do que quer que esteve fazendo durante a noite. Gostaria de saber o que é, mas estou satisfeita de que tenha concordado em me dizer quando puder.

Saio e fecho a porta atrás de mim. Iremos nos reunir no apartamento de Quinn antes de irmos às compras. Sei que estou segura no edifício. Contanto que não saia, não tenho que esperar por uma escolta. Especialmente agora, que Mika lidou com o negócio do Cartel e com meu pai.

— Oh, me desculpe. — Diz uma mulher, que praticamente atropelo quando me viro para trancar a porta.

— Umm... Posso ajudá-la? — Pergunto, olhando para a morena de pernas longas.

É linda. Usa muita maquiagem para o dia e o vestido está colado e extremamente curto. Mas é uma mulher bonita.

— Estou aqui por Mika. Ele me conhece. — Sorri com uma piscadela.

— Ele a conhece? — Pergunto, arrepiando instantaneamente.

— Sim. Faz um tempo, mas temos um compromisso permanente. Soube que voltou de viagem. — Diz, dando de ombros ao se aproximar e pegar uma chave da bolsa para destravar a porta do apartamento.

Fico como um peixe fora da água, a boca abrindo e fechando algumas vezes enquanto ela abre a porta e começa a entrar. Antes que possa fechar a porta atrás de si, bato a mão e a impeço.

Olha para mim, surpresa.

— Posso ajudá-la? — Repete a pergunta que fiz inicialmente.

— Tenho certeza que sim. Quem é você? — Pergunto, tentando não gritar na cara dela.

— Belka. — Informa e é como se recebesse um soco no estômago.

Belka, cuja calcinha encontrei debaixo da cama de Mika quando cheguei. Belka, aquela que não importava e que não era ninguém. Belka, que tem uma chave de merda do apartamento dele e com quem, aparentemente, ele tem um compromisso permanente.

Entro no apartamento e bato a porta atrás de mim e Belka arregala os olhos. Vejo quando finalmente me olha e concentra-se na minha barriga, antes de me olhar nos olhos.

— Mika! — Grito. Ela estreita os olhos e sorri.

— O quê? Não gosta de compartilhar? — Pergunta, inclinando a cabeça para o lado. — São apenas negócios. — Diz.

— Negócios? — Pergunto, surpresa.

— Sim. Sou a sua prostituta. Não sabia? Que fofo. Outro homem Bratva que mantém a esposa no escuro, assim como Ziven fez com Quinn. — Ri.

Não tenho a chance de perguntar sobre Ziven e Quinn. Mika entra, completamente nu e observo como os olhos azuis escuros arregalam-se com surpresa ao ver quem está em pé comigo dentro do nosso apartamento.

— Sua vadia está aqui para o compromisso permanente de vocês, Mika. — Anuncio, antes de virar, abrir a porta e ir embora.

Ouço Mika me chamar, mas o ignoro completamente. Ao invés disso, corro o mais rápido que posso para o apartamento de Quinn e bato na porta, olhando para trás para ver se Mika está no meu encalço. Quinn abre e entro, batendo e trancando a porta atrás de mim.

— O que aconteceu? — Ustin vocifera, antes que Quinn diga uma palavra.

— Estou bem. Está tudo bem. — Murmuro, me recusando a olhar nos olhos deles.

— Não está, — Afirma Quinn.

— Você e Mika discutiram? — Pergunta Kristy. É então que finalmente olho ao redor e vejo que todo mundo está olhando para mim.

Quinn, Leonie, Ustin, Ony, e Kristy. Não admito nada. Não faço nada, além de olhar para eles. É quando Quinn segura na minha mão e me leva para um banheiro, Leonie e Kristy logo atrás.

— O que aconteceu? — Pergunta Quinn.

Fecho os olhos com força e tento não chorar. Odeio chorar. Respiro pelo nariz e quando a esmagadora vontade de chorar lentamente se esvai, abro os olhos e falo.

— A prostituta de Mika veio quando estava saindo. Ele jurou que tudo o que havia entre os dois havia terminado, que ela não representava nada. Desapareceu durante a noite toda,

não voltou para casa até esta manhã e quando o questionei, ficou com raiva por ter pensado que poderia estar com outra mulher. — Explico, antes respirar profundamente e continuar: — A mulher tinha uma chave e abriu o meu apartamento, a porta do nosso apartamento e entrou como se fosse esperada.... Como deve ter feito um milhão de vezes.

— Merda! — Sussurra Kristy.

— Ainda disse que os homens Bratva mantêm suas mulheres no escuro e mencionou você e Ziven. — Digo e os olhos de Quinn estreitam.

— Aquela cadela morena.... Era ela quem vi quando estava procurando Ziven. — Quinn rosna, olhando para Kristy.

— Eles são um em cem, Oksana. Só porque esteve com ele, não significa que foi recentemente. — Explica, parecendo calma e racional.

Quero arrancar o pau dele e alimentá-lo com ele. Talvez ligue para Timofei e peça para que faça isso por mim.

Uma batida na porta do banheiro interrompe os pensamentos que tenho de mutilar meu marido.

— Oksana, saia daí! — Exige Mika.

— Não. — Vocifero. — *Chyertu k Poshyel*! — Grito através da porta, mandando-o para o inferno.

Responde algo em russo, mas como fala muito rápido, não entendo. Não me incomodo em responder, ou mesmo tentar abrir a porta. Decido ficar em silêncio.

Mika pode ir se foder!

— Oksana, abra esta maldita porta, ou irei derrubá-la! — Grita.

— Vá em frente. Não dou a mínima e não abrirei esta porta. — Anuncio com altivez.

Todas as três mulheres me olham com olhos arregalados, chocados.

— Oksana, não o desafie. — Quinn sugere.

Não respondo e escolho olhar para a porta, esperando que se abra a qualquer momento. Poucos minutos depois, uma batida suave me faz saltar um pouco.

— Podem sair. Ele se foi. — Murmura Ustin.

Destranco a porta e fico cara a cara com Ustin, Ony, Ziven e meu irmão.

— Oksana, precisamos conversar. — Diz Timofei.

É o único homem que me faria sair do banheiro agora. Quando estende a mão para mim, a seguro e juntos caminhamos para o que presumo ser o escritório de Ziven. Quando entramos, fecha a porta e me guia até o sofá,

sentando-se ao meu lado antes de me confrontar. Faço o mesmo e imito sua postura.

— Está brava porque ele transou com Belka antes de ficarem juntos? — Timofei pergunta, parecendo realmente confuso.

— Nyet. — Digo. — Estou brava porque quando encontrei a porra da calcinha dela debaixo da cama dele, disse-me que ela não era nada, ninguém e que não tinha importância. Mas a prostituta tem a merda da chave do apartamento dele. Isso não é ser nada, Timofei e você sabe disso.

Os olhos de Timofei se ampliam e ele parece um pouco surpreso com o que revelo.

— Além disso, me informou que os dois têm um compromisso permanente. Agora que está de volta, podem voltar à antiga rotina. — Digo, acenando com as mãos.

— Está grávida e hormonal, Oksana. Precisa relaxar. — Diz, tentando me acalmar. Mas consegue me irritar ainda mais.

— Não estou sendo irracional, porra! — Rosno. — Sabe que não estou. Ele prometeu, Timofei! Prometeu que não haveria mais ninguém e acreditei nele. Mika me fez parecer uma idiota! — Sussurro e finalmente choro. Nem tento impedi-las. Meu irmão é uma das únicas pessoas que já me viram chorar.

— Sana... — Sussurra, enquanto aproxima-se e me puxa contra si. — Você sabe que não significa nada. Mika não mentiria sobre isso.

— Mas mentiria sobre continuar a transar com ela. — Afirmo. Não é uma pergunta e Timofei sabe disso.

— Sana. — Tenta falar, mas o interrompo.

— Não quero parecer uma idiota. Sou uma Vetrova. Não acha que esse nome já foi ridicularizado o suficiente ultimamente? Implorei para que me dissesse se transaria com outras pelas minhas costas, assim não seria feita de boba. Ele jurou.... Jurou que não faria isso Timofei. — Digo, soluçando.

— Sana, não é uma idiota! — Rosna.

— Sou. Sou, porque acreditei nele! Ainda esta manhã, afirmou que não existia mais ninguém. — Digo.

— Porra! — Sibila. — Eu vou matá-lo.

Não respondo e em um piscar de olhos, estou sozinha no sofá, olhando para a porta que meu irmão acabou de atravessar.

Ah, merda!

— Para onde Timofei foi? — Leonie pergunta, parecendo nervosa.

— Acho que foi atrás de Mika. — Informo.

— Oh, merda. — Kristy murmura, de algum lugar atrás de Leonie.

Mordo o lábio inferior, sentindo-me um pouco mal por Mika, mas não o suficiente para levantar e correr atrás de Timofei. Decido esperar alguns minutos antes irmos ao meu apartamento.



Capítulo Vinte e Seis

Mika

Caralho!

Belka. A prostituta.

Passo os dedos pelos cabelos e puxo os fios. Oksana se recusa a falar comigo e a ouvir a razão. E neste momento, é algo com o qual não tenho tempo para lidar. Não tenho tempo para explicar nada.

As horas e minutos estão esgotando e preciso encontrar o homem que foi contratado para me matar. Pasha não deu qualquer nova informação de acordo com Konstantin.

Estou fodido!

— Que porra é essa? — Timofei grita, irrompendo através da porta destrancada.

Viro-me para encará-lo, abrindo a boca para falar. Mas antes que possa dizer qualquer coisa, me dá um soco.

— Tudo o que decidir fazer com o relacionamento de vocês é da conta dos dois. Nunca questionaria suas ações ou os motivos. Entendo essa vida, mas nesta mesma manhã, mentiu para Oksana! E isso é inaceitável. Também é inaceitável que desfile sua prostituta na cara dela, porra! Não aceitarei isso. — Anuncia.

Olho para ele, surpreso e esfrego o meu queixo.

— Não menti para ela. — Explico. E é só o que vou dizer. Essa merda não é da conta dele.

— Fez, pedaço de merda! Disse-me que era sua; garantiu que a protegeria e agora ela está chorando. — Grita.

— Timofei. — Oksana chama, ao chegar com toda a comitiva pela porta da frente.

— Não permitirei que a trate como merda! Não, quando jurou que a protegeria e cuidaria de você. Por isso, apoiei esse relacionamento. Sou seu irmão e protetor. — Afirma Timofei.

Eu o empurro, segurando a raiva e irritação. Se minha irmã ainda estivesse viva, também a protegeria e defenderia até a morte. Não posso culpá-lo por amar Oksana. E por mais que queira mandá-lo se foder, está demostrando mais amor e compaixão do que o próprio pai.

No entanto, não irei me explicar para uma sala cheia de pessoas. Olho para Ustin e levanto o queixo. Ele balança a cabeça só uma vez, antes de, juntamente com Ony, começar a

levar o resto da plateia para fora da sala, deixando apenas Oksana e Timofei no apartamento.

— Não menti para você, Oksana. — Explico. — Não vejo Belka desde que ficamos juntos. — Sinto-me um idiota por ter que me explicar, mas ao olhar para os olhos feridos dela, sei que preciso fazê-lo.

Quebrará se não fizer isso e ver uma mulher tão forte como Oksana quebrar, me faria sentir o pior homem do planeta. Já sofreu muito na vida. Vejo que tem os lábios tremendo e percebo os sinais de lágrima nas bochechas.

Pergunto-me se já quebrei uma parte dela. Eu me mataria por machucá-la.

Não é o tipo de mulher aberta sobre seus sentimentos. Sei que me ama e quando está feliz ou brava. Não tem medo de mostrar esse tipo de emoção. Mas os verdadeiros sentimentos e suas vulnerabilidades não aparecem com muita frequência.

E neste momento, tudo está exposto no rosto dela.

— Então, por que tem a chave do apartamento e disse que é sua companhia constante? — Pergunta, cruzando os braços sobre o peito, empurrando os belos seios para cima.

— Contei sobre Belka. Não é uma surpresa e faz parte do meu passado. Não há nenhuma razão para discutirmos! — Afirmo.

— Uma mulher que não significa nada, que é apenas uma garota de programa, ninguém para você, não teria a chave do seu apartamento! — Grita.

Timofei balança a cabeça e coloca as mãos nos quadris, olhando para o chão. Provavelmente fodeu Belka, também. Toda essa conversa é ridícula.

— Encerrei o assunto! — Anuncio.

— Tudo bem. — Diz Oksana. — Timofei, espere um pouco até que faça uma mala. Ficarei com você. — Diz.

Arregalo os olhos, ao mesmo tempo em que Timofei levanta a cabeça, abrindo e fechando a boca.

— Desculpe, Sana. — Resmunga, antes de caminhar até a irmã.

Vejo os dois sussurrando. Oksana estreita os olhos para ele e se olhar pudesse matar, amanhã estaríamos planejando um funeral para Timofei, que para minha surpresa, inclina-se, beija-a na bochecha e sai do apartamento sem me olhar.

Oksana suspira alto, enquanto olha para os pés e se recusa a levantar a cabeça, me evitando. Sei como se sente.

— Esta manhã, disse que não havia mais ninguém. Avisei que ficaria chateado se voltasse a falar sobre isso. — Digo.

Oksana levanta o rosto e me olha. O olhar irritado está focado apenas em mim.

— Isso foi antes de uma prostituta entrar no seu apartamento. — Diz.

— Nosso apartamento. — Esclareço.

— É mesmo? — Pergunta, inclinando a cabeça para o lado. — Não lembro de ter dado uma chave a ninguém, ainda mais para uma prostituta.

— Foi no passado, Oksana. Foi na porra do passado. Nunca perguntei com quem você transou. — Rosno.

— Com meu segurança. Perdi a virgindade com o segurança quando tinha vinte e um anos de idade, porque eram os únicos homens autorizados a estar perto de mim. Mesmo na faculdade, quando saía com Aleksandra ou com qualquer um dos meus amigos. Nenhum homem jamais podia se aproximar. Papa queria me manter virgem para o "futuro marido". Disse que conseguiria um arranjo melhor dessa forma. — Diz.

Em vez de ficar com raiva, como imaginei que ficaria ao pensar em outro homem a tocando, fico triste.

— Oksana. — Murmuro, dando um passo em sua direção.

Balança a cabeça, recuando. Continuamos até que fica com as costas contra a parede e meu estômago contra a barriga redonda.

— Pedi que não me fizesse de idiota. Apenas pedi isso. — Sussurra, enquanto lágrimas escorrem de seus olhos.

— Não é uma idiota, *lapochka*. — Asseguro, a agarrando pelo pescoço e a acariciando com o polegar.

— Ela tem uma chave! Tem uma chave e riu de mim, Mika. Agi exatamente como uma tola. — Murmura, o lábio inferior tremendo.

— Belka não tem mais nenhuma chave, Oksana. Transei com ela e paguei por isso. Fiz, porque era conveniente e estava muito ocupado para namorar. — Explico.

Oksana me encara, mas não diz nada. Balança a cabeça, e posso afirmar que ainda está chateada.

— O que mais? — Pergunto.

— Não quero ser como mamãe. Eu a amava, mas tenho a sensação de que papai escondia mais do que um caso dela. Quero acreditar em você, mas... — Suas palavras somem.

Tanto quanto quero ficar irritado quando afirmei que ficaria se não aceitasse a minha palavra como verdadeira, posso entender a hesitação. Especialmente com o que aconteceu esta manhã.

— Só existe você e nunca menti. Belka e eu tivemos um compromisso permanente antes de nos casarmos. Não foi nada mais do que alguém com quem transava. Nunca soube quem eu realmente era. Oksana, você é a única mulher que me conhece. Ninguém mais sabe sobre os detalhes da minha vida. Nem mesmo Ashley. Só você. — Explico.

— Não tenho certeza se posso esquecer o que aconteceu. — Sussurra.

— Não espero isso. — Digo. — Sei que pode levar algum tempo para reconquistar a confiança que perdeu em mim, em nós. Mas estou disposto a dar esse tempo que precisa. Não temos nada, exceto o tempo, *lapochka.* — Digo. — Agora me beije, que irei acompanhá-la nas compras.

— Trabalhou a noite toda. — Diz, sacudindo a cabeça.

— Não dou a mínima. Prefiro estar morto de cansado, mas com você. Caso contrário, irá se refugiar dentro da sua mente e questionar tudo pelo resto do dia. Quero que estejamos juntos tanto quanto possível.

— Por quê? — Pergunta, atenta demais para seu próprio bem.

— Porque eu te amo, *Moya vozlyublennaya.* — Digo e dou de ombros, evitando falar algo mais.

Balança a cabeça e ergue os lábios para me beijar. Não aprofundo o beijo. Não é o momento ou lugar para nada mais. Está vulnerável e precisa de um pouco de espaço. E darei o que precisa.

Quando voltarmos para casa esta noite, faremos amor lentamente e mostrarei com o corpo o quanto a amo, o quanto realmente é minha. Hoje, irei estragá-la e a meu filho. Quero deixar uma boa memória para que a mantenha para sempre.

Oksana

Leonie, Quinn e Kristy ficam me olhando de lado ao longo de todo o dia. Mudam de mim para Mika de vez em quando. Nosso destino final é uma loja de roupas de bebês. Depois de comprarmos tudo para o quarto dele e vários outros artigos, incluindo uma cadeira alta de balanço, cadeirinha para carro e todas as outras coisas necessárias, agora é hora das roupinhas. Graças a Deus por Kristy estar conosco. Sua experiência com enxovais de bebê foi bastante útil.

— Diga-nos o que diabos aconteceu. — Quinn exige, enquanto olhamos uma prateleira de camisas.

— Ele jura que ficaram juntos antes de mim, que não significou nada e que pegou a chave de volta. — Admito, encolhendo os ombros enquanto pego algumas camisas que parecem fofas.

— Acreditou nele? — Leonie pergunta, arqueando uma sobrancelha.

— Não sei. Eu quero, no entanto. — Admito.

— Prostitutas não são incomuns. Especialmente, quando mantêm um compromisso estável. São fáceis e sem complicações ou sentimentos. Esses homens geralmente estão sob contratos com outras. A última coisa que precisam, é desenvolver sentimentos por alguém que não seja a sua pretendida. — Informa Kristy.

Aceno, pensando em Dominik e Inessa. Dominik foi prometido a outra e teve um caso com Inessa. Mas se apaixonou por ela e por isso, quase foi morta no processo. Não foi um caminho fácil o que tomaram. Admito que funcionou para eles, mas posso entender muito bem por que os homens contratam garotas de programa. Meu irmão foi prometido para uma mulher e duvido que esteja sendo celibatário enquanto espera o dia do casamento.

— Não foi o fato de Mika ter uma prostituta. Entendo isso. Mas não quero ser como mamãe. Não quero acreditar que tenho um marido fiel, quando na realidade, ele tem casos e faz só Deus sabe o que mais pelas minhas costas. Prefiro saber. Vê-la usar uma chave para entrar no apartamento que compartilho com meu marido doeu e me senti traída. — Admito.

Leonie mostra dois macacões e aponto para o que gosto, antes que pergunte:

— Posso dizer pelo jeito como a olha, que tem sentimentos por você. Acho que está dizendo a verdade.

— Também acredito nisso. Provavelmente apenas fiquei mais chocada e magoada do que qualquer outra coisa. Mika jura que irá reconquistar a minha confiança. Acho que se soubesse que essa mulher tinha uma chave quando inicialmente falamos sobre ela, essa briga não teria acontecido. Fiquei aborrecida, porque pensei que tivesse escondido isso de mim de propósito, o que me fez pensar que poderia haver mais coisas que estivesse escondendo. — Explico.

Deveria ter explicado tudo isso para Mika racionalmente. Mas estava muito envolvida na situação, no que sentia e focada em pensamentos ruins, exatamente como ele disse que ficaria se me deixasse sozinha hoje.

— Então, está tudo bem? — Pergunta Quinn.

Respondo dando de ombros. Quero dizer que está tudo bem, mas não sei. Acho que é algo que só o tempo dirá. Se for fiel a mim, então tudo ficará bem e dará tudo certo. Se não for, então não sei o que farei.

Apenas tenho certeza de que não irei permitir que me trate como uma idiota.

Papa brincou com os meus sentimentos ao me forçar a casar com Gavril. Fui um peão e uma tola o suficiente na vida. Para mim chega.

Mika me escolheu e eu a ele.

Quero tudo dele, incluindo a monogamia.

Mika

Eu a vejo pela janela da loja de roupas, as amigas em volta, provavelmente falando sobre o que aconteceu esta manhã. Não as culpo. Estou feliz que estão cuidando dela, como deve ser.

— Qualquer nova informação? — Pergunta Ustin e balanço a cabeça.

— Ninguém sabe porra nenhuma. Contratou quem quer que seja sem dizer uma palavra a ninguém. — Admito.

— Tem certeza que quer manter-se aqui, tão exposto? — Ony pergunta olhando em volta, para os edifícios que nos cercam.

— Não importa. — Digo, balançando a cabeça. — Se não descobrirmos quem é, logo estarei morto.

— Por que não fica dentro do apartamento e longe do perigo? — Pergunta Ustin.

— Porque se ele me quer, irá me encontrar. Não existe nenhum lugar seguro o bastante. — Explico.

— Ainda não disse à Oksana? — Pergunta Ony.

— *Nyet*. — Admito.

— Ela precisa saber. — Discorda Ustin.

— Possivelmente. Mas não contarei. — Digo. — Quero que seja feliz. Está gravida e a última coisa que precisa, é ficar estressada. Se irei morrer a qualquer momento, quero vê-la sorrindo tanto quanto possível. O sorriso dela é a última coisa da qual quero lembrar. — Explico.

— Entendo. — Acena Ustin.

— Descobriremos quem é. Nenhum de nós deixará que o matem. Ziven, Timofei, Konstantin, Kirill, Radimir, Maxim, Dominik, Yakov, Sergei.... Nenhum deles descansará até que essa pessoa seja encontrada e que Pasha seja preso. — Diz Ony.

— Espero que esteja certo. Ver Pasha preso é meu objetivo. — Digo sorrindo.

— Tenho um pressentimento de que Timofei irá esperar que vá falar com ele, tamanha merda na qual o colocou. — diz Ustin.

— Veremos. — Murmuro.

Não quero mais falar sobre a minha morte iminente. A única certeza que temos, é que um dia morreremos. Mas saber que estou com os dias contados, apenas esperando uma bala me atingir e que meu filho provavelmente nunca irá me conhecer, faz com que sinta dor de dentro para fora.

Penso em Oksana. Em como terá que sobreviver neste mundo sem mim e no que isso significa para uma mulher Bratva. Sentirá algum alívio depois que der à luz, mas não tenho dúvidas de que Timofei a casará com alguém para que possa ser protegida e que meu filho tenha um homem para criá-lo.

Simplesmente, deveria sair agora e ficar no meio de um campo aberto, esperando. Mas sou egoísta *pra* caralho e quero passar cada segundo que puder junto dela.

Vozlyublennaya Moya.



Capítulo Vinte e Sete



— Não posso acreditar que terá um bebê e não estarei aí para ser a tia dele. — Aleksandra fica amuada na outra extremidade.

Passou-se uma semana desde que Mika e eu tivemos a nossa briga e as coisas parecem estar de volta ao normal. Acho. Não sei o que normal realmente significa. Ainda trabalha à noite toda e dorme durante a maioria dos dias. Não fala comigo sobre o que anda fazendo e parei de perguntar.

Tivemos relações sexuais todos os dias, mas não chega nem perto do sexo rápido, desesperado, duro e de coração pulsando que estamos habituados a ter. Tem sido lento, sensual e eu adoro. Mas sinto falta do áspero e daquele desespero de antes, quando parecia que se não me possuísse, poderia morrer. Sinto falta do meu Mikhail. Algo mudou, mas não sei o que é.

— Devem vir nos visitar. Mika disse que alguns dos apartamentos em nosso prédio estão vazios e são usados pela Bratva quando estão na cidade. — Digo.

— Oh, definitivamente! — Responde, mas não parece sincera. — Ei.... Seu pai tem perguntado para o Denis se estive em contato com você. Disse-me que não falou nada. Quero acreditar nele, mas Sana, seu pai é assustador. Está paranoico, muito mais do que jamais foi. — Sussurra.

— Não entendo o porquê. Mika fez o que pediu um tempo atrás. Ele me disse que estava tudo bem. — Murmuro.

— Talvez devesse ligar para o seu pai. — Sugere e algo feio se instala no meu estômago.

Não quero fazer isso. Ele me sequestrou e não é o homem que sempre pensei que fosse. Não era um marido dedicado e devotado à mamãe como sempre pensei. Ele a traiu, amou outra mulher e está completamente instável.

— Pensarei sobre isso. — Murmuro, antes de dizer adeus e terminar a ligação.

Não pensarei sobre isso. Se for honesta, acho que nossa relação não pode ser recuperada. Sempre o amarei, porque é minha carne e sangue. Mas não gosto do homem que foi e do homem que tem demonstrado ser. É feio, de dentro para fora.

Preciso de algo positivo para pensar após a conversa com Aleksandra sobre meu pai. Por isso, decido ir até o antigo quarto de hóspedes, que agora será o quarto do bebê.

Os móveis foram entregues há poucos dias e Mika ainda precisa montá-los. Prometeu fazer isso esta noite, antes de voltar ao trabalho. Ele pintou o quarto há poucos dias e deixou que escolhesse a cor que quisesse, sem discutir.

Escolhi um cinza suave, pomba. Toda a mobília é branca, leve e a cama é azul marinho. Não sei como vou decorar as paredes ainda, mas estou animada para ver como tudo ficará com a mobília e roupa de cama no lugar.

— Você ainda gosta dele. — Mika sussurra em meu ouvido, pressionando o peito contra as minhas costas ao me abraçar. Coloca a mão sobre o meu estômago inchado, que parece se expandir mais a cada dia que passa.

— Está acordado.

— Estou. Não consegui dormir. — Admite, a voz rouca e baixa.

— Tudo bem? — Pergunto ao colocar a palma da mão contra a sua.

Não responde, cantarolando em vez de falar. Não pergunto novamente, sabendo que irá me ignorar. Para mim, é óbvio que seu silêncio indica que nem tudo está bem. Gostaria

que falasse comigo. Quero saber; esse peso de seja lá o que for que esteja escondendo, está me reprimindo.

— Vai para algum lugar esta tarde? — Pergunta, os lábios encostando atrás da orelha.

— Não. — Sussurro, tentando parar de tremer.

— Vamos para a cama. — Diz, me beliscando a pele do pescoço.

— Acho que devemos conversar. — Digo.

— Provavelmente. Mas transarei com a minha esposa antes. — Fala, antes de dar alguns passos para trás e voltar para nosso quarto.

Eu o sigo, com a intenção de conversar antes de qualquer coisa, especialmente porque mal nos falamos semana passada. O sexo vem facilmente para nós, mas a comunicação verbal é algo em que precisamos trabalhar. Pretendo corrigir isso neste momento. Ou pelo menos tentar.

Chego no quarto a tempo de ver Mika tirando a cueca. Vira-se e me enfrenta, o pênis na palma da mão, acariciando-se e olhando para o meu corpo.

— Tire as roupas, *lapochka.* — Ordena.

— Vamos conversar. — Repito, os olhos focados no pênis endurecendo. Lambo os lábios e pressiono as coxas juntas.

— Podemos falar depois ou enquanto estiver dentro de você. Essas são as suas únicas opções. — Diz.

— Mikhail. — Tento novamente.

— Tire! — Exige.

Acabo fazendo o que pede. Tiro a roupa até ficar completamente exposta. Ele fecha a distância entre nós e me puxa pela mão, levando-me para a cama. Senta-se nela, o pau em uma mão e a outra em torno da minha garganta.

Acaricia suavemente cada um dos meus seios, me fazendo tremer antes de descer para a barriga. Passa os dedos pela minha boceta e confirma que estou molhada, como sempre.

Mika enfia dois dedos dentro de mim, movendo-os em um movimento de dentro para fora, o que me deixa sem equilíbrio. Levanto a mão e agarro seu ombro enquanto os dedos me fodem lentamente e com propósito, os olhos focados nos meus.

— Diga. — Fala sorrindo.

— O que... O que está acontecendo? — Gemo a última palavra enquanto ondulo os quadris, em busca de mais.

— Estou cuidando disso. Terá que confiar em mim. — Murmura enquanto pressiona o polegar no clitóris.

— Mikhail. — Digo, enquanto o aperto no ombro.

— Mmm?

— Preciso de mais do que isso.

— Darei exatamente o que precisa. — Diz, sem entender, ou fingindo não entender o que estou dizendo.

— Não. Preciso saber exatamente o que está deixando-o preocupado. Sei que é algo a ver com meu pai. — Afirmo.

Choramingo quando remove os dedos e me arrasta por baixo dos braços para o topo da cama. Ele me posiciona de modo a ficar montada sobre a coxas fortes e então alinha o pau na entrada da minha boceta. Agarrando-me pela cintura, puxa-me para baixo até que esteja completamente cheia dele. Jogo a cabeça para trás soltando um longo gemido.

— O que está sabendo? — Pergunta, enquanto ergue e abaixa meus quadris sobre ele.

Assim que volto a pensar novamente, começo a me mover em ritmo lento e retiro as mãos do quadril e as oriento para os seios. Fico surpresa quando faz exatamente o que quero. Estou acostumada que assuma o controle; a necessidade de controlar que tem é maior que qualquer coisa que já experimentei antes.

— Não muito. — Ofego ao montá-lo, o pênis me enchendo quando abaixo contra sua pélvis. — Só que papai anda perguntando ao marido de Aleksandra se ela esteve em contato comigo. E, aparentemente, está se comportando de maneira ainda mais paranoica que o normal. — Digo, enquanto alcanço a cabeceira para me firmar.

Mika ergue os quadris e com os dedos belisca e puxa os mamilos duros, a ação me fazendo gemer de prazer. Senti falta desse toque de dor. Engasgo quando senta e abocanha um mamilo, chupando o seio profundamente na boca.

Rolo os quadris, arqueando e me oferecendo ainda mais, precisando de mais dele. Resmunga antes de me morder e todo o meu corpo convulsiona em torno dele, a boceta apertando o pau grosso. Mika geme antes de ir para o outro seio e repetir o movimento. Choramingo quando sinto que estou perto de gozar.

— Goze para mim. — Murmura contra o broto endurecido do mamilo.

Tiro uma das mãos da cabeceira e a coloco entre nossos corpos, esfregando o clitóris. Oscilo, perto de gozar e só o faço quando Mika me morde novamente.

Jogando a cabeça para trás, gozo com um longo gemido. Mika envolve ambas as mãos em meus quadris e empurra dentro de mim, gozando também com um gemido, antes de se encostar contra os travesseiros.

— Você realmente não conversou comigo. — Digo, tentando recuperar o fôlego.

— Não entre em contato com o seu pai. Não, até que termine o que estou fazendo, está bem? — Pede.

— Acho que mereço saber o porquê. Estou esperando há algumas semanas e não está me dizendo nada, Mika. — Exijo.

Mika me agarra o pescoço e com o polegar, traça um desenho em meus lábios, seguindo o movimento com os olhos. Depois, sorri tristemente.

— Tem mais alguém que deseja comentar? — Pergunta, mudando de assunto.

Isso me irrita. Por mais que queira gritar com ele sobre isso, todo o clima no quarto muda. É como se o espaço estivesse coberto de tristeza. Quase me sufoca e essa tristeza irradia em seu olhar. Talvez não queira saber o que está acontecendo. Vê-lo tão triste a ponto de ser quase palpável, me deixa assustada e cautelosa, tudo ao mesmo tempo.

— O que acha de Misha? — Pergunto, olhando-o. Sorri tristemente antes de falar:

— Não precisa dar meu nome ao nosso bebê. Nomeie-o com seu próprio nome, *lapochka.*

Pesquisei o nome Misha. É o diminutivo de Michael, mesmo nome de Mikhail. Fiquei apaixonada por ele instantaneamente. Quero que o nome combine com o de Mika, mas que ainda seja diferente. Gosto como as outras mulheres Bratva que conheço agiram da mesma maneira ao longo dos anos.

Haleigh nomeou o filho que teve com Maxim de Maksimilyan. Emiliya, nomeou o fruto de seu casamento com Radmir de Radoslav, e o nome de cada menino começou com um R desde então. Poderia listar as mulheres que fizeram o mesmo, uma por uma, mas existem tantas....

Sinto-me insegura de que Mika não deseje o mesmo.

— Eu quero, Mikhail. — Digo, sentindo-me mal.

Mika percebe e vejo como suaviza o rosto. Depois, balança a cabeça como se tivesse tomado uma decisão e sorri.

— Misha Rybin. É um bom nome, não é?

— Foi o que pensei.

— Então, esse será seu nome. — Diz, enquanto coloca ambas as palmas das mãos na minha barriga.

— Misha Rybin. — Repete. — Sim, gostei.

Mika

Eu a assisto dormir, sabendo que meu fim se aproxima. É como se pudesse sentir a vida se esvaindo vagarosamente. O

gatilho ainda não foi puxado, mas posso sentir a morte se aproximando.

Embora como um homem da Bratva, já esteja meio morto há tempos.

— Fale. — Atendo o telefone, falando baixo e tentando não a acordar.

— Tenho notícias. Precisamos conversar em uma linha segura. — Konstantin diz, sussurrando na outra extremidade.

— Ligue-me na linha do meu escritório em cinco minutos. — Digo, antes de terminar a chamada.

Descendo da cama, encontro um par de shorts de ginástica e saio do quarto, olhando uma última vez para Oksana.

Acho que isso tornou-se um hábito: olhar e conferir se está bem antes de sair do quarto. Fixo os olhos sobre ela, como se fosse a última vez, como se registrasse na alma a sua memória. Quero lembrar deste momento quando estiver morto e no inferno. Sei muito bem que não me será concedido o privilégio de encontrá-la no céu algum dia.

— Diga-me. — Exijo, pegando o telefone no primeiro toque.

— Pasha deixou o computador ligado. Está desmaiado, bêbado demais. Tive que levá-lo para a cama e a equipe saiu

para a noite também. Não sei quanto tempo tenho. — Sussurra.

Eu o ouço clicando no teclado e em seguida, amaldiçoando.

— O quê?

— Fez um acordo com um assassino irlandês. Acham que você é um traidor. — Explica. — Há as trocas de informação em seu e-mail. Não sei por que deixou um rastro. Porra, essa merda é ruim! Mika, não há nenhum nome aqui, apenas um endereço de e-mail.

— Passe-me o endereço. — Peço, enquanto pego um pedaço de papel e caneta. Quando fala, oriento: — Agora delete o que olhou. Apague tudo e saia. Deixarei que saiba quando descobrir mais. — Ordeno.

— Sim.

— Konstantin? — Chamo, antes que desligue.

— Sim?

— Obrigado, irmão. — Agradeço.

— Qualquer coisa para manter Oksana feliz. — Afirma.

Não entro nessa. Recuso-me. Se fizer, posso sentir o desejo de matar tanto Pasha quanto Konstantin e não quero matá-lo. Acho que é um cara legal. Além disso, levou um tiro por Inessa alguns meses atrás e Dominik confia nele.

Deixo isso de lado e pego novamente o telefone.

— Está acordado até tarde. — A voz do outro lado da linha rosna.

— Você parece mal-humorado. Não é tão tarde em Cali. — Rio.

— O que encontrou?

— Um endereço de e-mail. — Declaro e o leio para Oliver.

— Isso tudo me parece fácil demais. É um irlandês, da organização irlandesa e tem sido um assassino profissional contratado desde seus dezesseis anos. Tecnicamente, trabalha para eles, mas só comete assassinatos, nada mais. Repassa uma porcentagem do dinheiro que recebe por cada trabalho, dependendo do tamanho de suas dívidas. O nome é Ewan Murphy. Dê-me mais algumas horas e conseguirei outras informações. Verei se está usando um cartão de crédito em algum lugar próximo a você. — Diz.

— Farei uma visita a Timofei. Ligue para o celular, se em breve tiver alguma notícia. — Exijo. Oliver concorda e encerro a chamada.

Retorno ao quarto para pegar uma camisa e sapatos, verificando Oksana uma última vez. Não muito tempo depois, saio e desço as escadas para chegar ao apartamento de Timofei. Bato na porta, desejando que fosse início da noite para não ter que perturbá-lo, mas não dando muita importância. É

o único capaz de acabar com essa merda agindo com um pouco de finesse.

— É Sana? Está tudo bem? — Pergunta, logo que abre a porta.

— Ela está bem. — Digo, entrando direto na sala de estar. O apartamento é uma réplica exata do meu, exceto que tudo está invertido. Coloco as mãos nos quadris e olho para ele.

— Mika?

— Konstantin me chamou. — Murmuro.

— E?

— Pasha contratou um irlandês, ligado à máfia irlandesa para me matar. O nome é Ewan Murphy. — Informo. — Oliver está verificando os cartões de crédito e qualquer outra coisa que possa, para ver se está mesmo na cidade. — Explico.

— Puta merda. — Timofei exala, passando a mão sobre o rosto.

— Pensam que estão fazendo um favor, Timofei, que estão nos livrando de um traidor. — Acrescento.

— Cristo! — Sibila. — Ele saiu completamente fora do foco. — Diz.

— Não brinca. — Digo, sarcástico. — Tem como entrar em contato com alguém daquele grupo? — Pergunto esperançoso.

— Tudo em relação a eles foi acordado através de papa. Nem sequer consigo entrar em contato com a minha noiva. — Diz, passando a mão pelos cabelos.

— Caralho! — Xingo.

— Pode acreditar.

— Nesse caso, vamos esperar que Oliver nos dê um retorno. E vamos confiar. — Digo.

— A menos que Yakov tenha alguma forma de entrar em contato. Ele esteve nas mesmas reuniões que eu quando assinei o contrato de casamento. — Timofei diz, estalando os dedos.

Não espero nem um minuto. Pego o telefone, localizo Yakov nos contatos e ligo. Não sinto um pingo de culpa pelo horário, mesmo considerando o fato de que tem uma criança em casa.

— O quê? — Rosna ao telefone.

Explico rapidamente a situação. Quando termino, Yakov amaldiçoa Pasha e felizmente, está só um pouco chateado comigo.

— Pasha precisa ser executado. — Anuncia Yakov.

— Yakov. — Advirto, sabendo muito bem que falar assim sobre um *Pahkan* é o suficiente para ser morto.

— Posso chamar Patrick O'Neil. Esperemos que concorde em encontrar-se comigo em privado, sem que Pasha saiba. Não posso prometer nada. — Explica Yakov.

Agradeço e prometo mantê-lo atualizado, antes de terminar a chamada.

— Yakov não trairá meu pai. — Diz Timofei.

— Não? — Pergunto.

— Nyet. — Resmunga. — Chegou a hora de deixar de ser um covarde. — Ri, usando as palavras que o pai constantemente usa para descrevê-lo. — Eu o matarei. Está na hora.

— Timofei, ainda é seu pai. — Murmuro.

— É? Tentou entregar Oksana para Gavril, um traidor. Depois a sequestrou, mantendo-a longe de você quando estava sob a proteção do tio Sergei. Em seguida, disse a ela que a obrigaria a fazer um aborto... Mesmo sem toda essa merda contra a minha irmã, ele não foi correto. Inventou essa vingança contra o Cartel, que nada tinha a ver com a morte da minha mãe, não realmente. Foi a aliança que construiu com os irlandeses a verdadeira razão da morte dela. Entendo que foi um soldado desonesto que estava tentando derrubá-los, mas era irlandês. Eu nunca faria essa aliança, mas ele fez. Não importa o quê, honrarei o acordo. Mas independentemente disso, Pasha será morto.

— Timofei, não posso dizer a você o que fazer. Mas talvez seja melhor outra pessoa cuidar deste assunto. — Sugiro.

— Precisa ser eu. Pasha está sujando o nome Vetrov, transformando-o em algo que não é. Não é mais o homem que foi uma vez; não é o homem que conheci na infância. Esse Pasha é egoísta e não está agindo como me ensinou a fazer: colocar a Bratva em primeiro lugar, sempre. E isso precisa terminar agora. Só eu posso fazê-lo e quero.

Noto a determinação feroz e fecho os olhos. Não sei o que é ter um pai após os doze anos de idade, mas imagino que seria extremamente doloroso assistir um homem que admirei durante a vida toda, tornar-se um estranho.

— Você vai para o clube hoje? — Timofei pergunta, mudando de assunto.

— Nyet. Ficarei em casa. Amanhã, eu vou. — Digo.

— Deixe-me saber o que Oliver e Yakov informaram. — Pede.

Concordo e o deixo sozinho. Sinto-me um pouco mais leve, mas a nuvem negra que paira sobre mim ainda está presente. No entanto, agora vejo uma luz no fim do túnel.

Talvez a morte não seja a única maneira de sair desta.

Capítulo Vinte e Oito



— Puta Merda! — Gemo, espalhando bem as pernas que os ombros largos possam caber entre elas.

Estava dormindo há apenas alguns segundos, mas agora estou completamente acordada. Mika tem o rosto enterrado entre as minhas coxas e está chupando meu clitóris enquanto enfia dois dedos dentro de mim. Levanto a cabeça e agarro os cabelos dele quando começa a abrir e fechar os dois dedos.

— Mika. — Suspiro.

Não fala nada, os olhos fixos em mim. Juro, parece estar sorrindo enquanto me chupa. E isso é tão bom.... A melhor maneira acordar que existe!

Eu ondulo os quadris e pressiono mais contra ele, precisando senti-lo. Ouço-o gemer com a boca em mim e um arrepio me atravessa a espinha. Agarro os lençóis e grito ao chegar ao clímax, gozando na língua quente e não me sinto

nem um pouco mal com isso. Na verdade, quero que Mika prove exatamente o gosto do meu prazer.

— Maldição! Mantenha as pernas abertas. — Ordena e em um piscar de olhos, está dentro de mim.

Mika não me olha. Mantém a cabeça baixa e permanece de joelhos, as mãos em torno das minhas coxas para mantê-las abertas. Assiste seu pau entrando e saindo de mim.

— Você foi feita para mim, *lapochka.* — Resmunga. — Essa boceta foi feita somente para mim. Ninguém mais.

— Ninguém mais. — Concordo, segurando um gemido.

— Este corpo é meu! É meu para preenchê-lo com bebês, meu para foder... simplesmente meu, porra! — Rosna.

Não sei o que está acontecendo, mas sinto o corpo sobrecarregado demais pelas sensações que despertou para compreender plenamente o que diz. Gemo, derrubando a cabeça para o lado quando acelera os movimentos e empurra mais e mais rápido dentro de mim.

— Toque-se, Oksana. Sinta como está molhada para mim. — Exige através dos dentes cerrados.

Solto uma das mãos do lençol e me toco. Estamos encharcados, ou estou encharcada, assim como Mika disse que estaria. Mas decido imediatamente não me preocupar com o nível de umidade que exibo; não quando está empurrando tão duramente em mim, fazendo meus seios saltarem a cada

movimento. Estou à beira do clímax e só preciso de um empurrãozinho para gozar.

Mas não conseguirei se não me tocar e por isso, pressiono os dedos no clitóris e começo a esfregá-lo em círculos firmes, me conduzindo para mais perto do clímax. Alguns segundos depois, com um suspiro, arqueio as costas e gozo novamente, a boceta o ordenhando e pulsando sem parar.

— Porra! — Rosna, me fodendo mais forte algumas vezes antes de gozar.

— Mika? — Chamo, momentos depois.

Não diz nada ao me soltar e sair de mim. Beijando-me, joga as pernas sobre a cama e vai para o banheiro, fechando a porta atrás de si. Não sei o que há de errado; se está chateado ou é algo mais. De repente, sinto que tudo isso não foi apenas tesão matinal.

Pego o lençol e o puxo para me cobrir antes que Mika saia do banheiro. Quando o faz, está com uma toalha na cintura e o cabelo molhado do banho. Nem sequer me olha e pergunto-me o que fiz de errado. Ontem ele parecia bem. Ficou comigo a noite toda e não trabalhou.

— Estarei fora o dia todo e provavelmente, a maior parte da noite também. Se precisar ir a algum lugar, leve Ustin e Ony com você, está bem? — Diz, enquanto abotoa a camisa em pé, em frente ao armário.

— Mikhail, o que está acontecendo? — Pergunto, o analisando. Levanta a cabeça e inclina para o lado, parecendo confuso.

— Algo deveria estar errado? — Pergunta.

— Bem, não tenho certeza. Você apenas me fodeu, se afastou e agora está dizendo que não estará em casa durante todo o dia e noite. Então, pergunto novamente: o que há de errado? — Exijo saber.

— Agora preciso ter uma razão para querer transar com a minha linda esposa? — Pergunta, enfiando a camisa dentro da calça.

— Não. Não é isso. Mas Mika, você não está agindo normalmente. — Digo.

— Como quer que eu aja? Humm? — Quase grita, parecendo irritado.

Balanço a cabeça, não querendo briga. Tenho uma consulta médica hoje e não quero ficar chateada durante todo o dia.

— São os hormônios, não é? — Diz gentilmente, sentando ao meu lado na cama e cobrindo-me o rosto com a mão. Os olhos amolecem ao olhar para mim e exibe um sorriso.

Quero bater nele, mas parece tão adorável agora....

— Não estou agindo sob efeito de hormônios. Mas, tudo bem. — Digo irritada.

— Cuide do meu menino hoje, certo? — Fala, acariciando-me a barriga.

— Sempre faço isso.

— Eu sei que faz, *lapochka.* Seja agradável com sua mãe, Misha. — Murmura, antes que de se dobrar e beijar a minha barriga.

Sinto o coração derreter e imediatamente esqueço o que estava me irritando. Foi necessário apenas essas poucas palavras e esse beijo.

— Estarei em casa assim que puder.

Aceno e sem outra palavra, beija-me a testa pega o paletó e sai. Ouço a porta da frente se fechar com um clique, me deixando protegida dentro de casa.

Não consigo afastar um mal pressentimento. É algo que venho sentindo há semanas. Mas agora, hoje, não sei por qual motivo, esse pressentimento está extremamente forte. O que quer que esteja acontecendo, chegou ao ponto crítico e não sei o que pode ser.

Levanto e vou para o chuveiro. Preparo-me e como alguma coisa antes de ir para o consultório do Dr. Sokoloff. É dia do *check-up* regular. Por não saber desde o início que estava grávida, ele decidiu que deveria fazer ultrassons em

todas as consultas. Não mentirei, adoro ser capaz de ver meu pequeno Misha toda vez que vou ao consultório médico.

Estou sorrindo enquanto termino de me arrumar. Talvez não seja um dia tão ruim, afinal. Verei Misha crescendo, almoçarei com as minhas amigas e depois iremos comprar mais algumas roupas de bebê.



Mika não voltou para casa mais cedo. Na verdade, não voltou para casa. Há algo errado, um fato que não posso mais negar. Faz mais de vinte e quatro horas, cerca de trinta desde que o vi pela última vez. Verifico o telefone novamente enquanto termino de me vestir e não há novas ligações.

Balanço a cabeça, decidindo que não posso esperar mais nem um segundo e chamo meu irmão.

— Você está bem? — Pergunta, soando preocupado.

— Teve algum contato com Mika desde ontem? — Pergunto e a linha fica quieta. Abro a boca para perguntar novamente, achando que não me ouviu, quando responde:

— Não saia do apartamento hoje, nem mesmo para visitar Leonie ou Quinn. Na verdade, mande um texto para elas e peça para irem para o seu apartamento. Quero as três juntas. — Ordena, antes de terminar a chamada.

Começo imediatamente a tremer de nervoso. Levo uns bons quinze minutos para enviar um texto à Leonie e Quinn, as mãos tremendo demais. Poucos minutos depois, ambas chegam. Ony vem junto com um olhar assassino, o que só faz me assustar ainda mais.

— Ony, o que aconteceu? — Exijo saber.

Ele balança a cabeça e não explica nada. Vejo que move-se ao redor do apartamento e em seguida, nos informa para ficarmos dentro dele e longe das janelas, me assustando ainda mais.

Mika

Pisco, engolindo o sangue que tenho na boca e olho ao redor. Porra, parece sombrio.... Estou em uma sala, sem janelas com paredes de concreto e estou sozinho. Não tento ficar de pé e verificar a porta. Sei que está trancada por fora. Não há nada que possa fazer, senão esperar, o que é

desconfortável como o inferno, já que minhas mãos estão atadas atrás das costas.

— O cabeça. Sim, “o principal”. — Diz um homem poucos minutos mais tarde, entrando na sala em que estou. — Adoro falar coisas estúpidas. — Diz rindo.

— Ewan Murphy? — Pergunto.

— Ah, já ouviu falar de mim, então? — Pergunta com um brilho malicioso nos olhos. — Sabe, foi muito tentador pegar sua esposa ao invés de você.

Rosno ante suas palavras, o que só o faz rir. Segura o estômago e, em seguida, saca uma arma e a aponta para a minha cabeça.

— Sabe, você não é um assassino muito esperto. Não sequestramos alguém quando fazemos um acordo na Bratva. — Digo, dando de ombros e mudando de assunto.

— Recebi um telefonema ontem, cancelando a missão. — Informa. — Mas como pode ver, não obedeço as ordens de ninguém.

Espero em silêncio antes dele continuar:

— Quero pagar o restante do meu pagamento e tenho a sensação de que o Sr. Vetrov irá pagar um bom dinheiro por você. É um pouco louco, não?

Porra.

Obviamente, Yakov contatou o chefe de Ewan, Patrick O'Neil e este idiota não está nem aí se o acordo foi cancelado. Merda.

Fecho os olhos e penso em Oksana gerando meu filho, no belo sorriso destinado a mim e deixo que essa visão assuma. Nunca irei conhecê-lo. Não o verei nascer ou ouvirei as primeiras palavras que disser.

Venho dizendo isso a mim mesmo há algum tempo, mas agora que a realidade está ao alcance dos olhos, no cano da arma, uma onda de tristeza me perpassa.

— Por que não termina logo comigo? — Pergunto, estreitando os olhos.

— Deveria. Mas não posso. Meu chefe me chamou. E por mais que deseje agir por trás das costas dele, matá-lo e avisar que já fiz o serviço, sei que tem conhecimento de que ainda está vivo. Gostaria de fazer parecer que o matei e receber de qualquer maneira, mas Vetrov é um louco. Quer que leve a sua cabeça até ele literalmente. — Diz, franzindo o nariz com desgosto. — Honestamente, não sei como procederei. Mas preciso que esteja disponível quando finalmente tomar a decisão. Farei o que quiser e não o que está sendo ordenado.

Reflito sobre as palavras, perguntando-me o que quer dizer com elas. Prefiro responder à observação sobre Pasha, ignorando o resto por enquanto.

— Sim, eu sei que é insano. — Rio. — Tive que sacrificar um colega para me proteger.

— Sim?

— *El Patron*. — Admito com um encolher de ombros.

— Foi você? — Pergunta, surpreso. E se não me engano, com um pouco de medo.

Concordo.

— Porra! Você é uma lenda! — Diz.

— Fez-me muito bem. — Afirmo.

— O'Neil não o quer morto. Deixou isso bem claro. — Informa.

— Mas você quer dinheiro? — Pergunto, arqueando uma sobrancelha.

— É o que faz o mundo girar agora, não é? — Pergunta sorrindo.

— Quanto? — Pergunto. Ewan levanta as sobrancelhas surpreso, antes de sorrir.

— Não pode pagar. Pasha colocou um preço elevado sobre sua cabeça.

— Experimente. — Digo. Ninguém sabe exatamente quanto dinheiro tenho, nem mesmo Pasha.

Meu pai tinha dinheiro, um inferno de um monte de dinheiro e tudo foi transferido para mim quando morreu. Como sempre, foi depositado em contas em paraísos fiscais. Fiz vários trabalhos obscuros para a Bratva e ganhei muito dinheiro também. Sempre separei o que precisava e depositei o resto junto com o que recebi de meu pai.

— Oito milhões. — Informa.

— Solte-me e me dê acesso a uma internet segura. Irei transferir o valor para você. — Digo.

— Sim, claro. — Diz, debochado.

— Sempre recebe o dinheiro dessa forma. O que o faz pensar que seja diferente comigo? — Pergunto, arqueando uma sobrancelha.

— Oh, acredito que possa ter esse valor. Mas não acho que vá entregá-lo. Irá tentar me matar antes de transferir. — Diz, com o queixo erguido.

— Pensa tão pouco assim de mim? — Pergunto, sabendo que é exatamente o que pensei em fazer em uma simples batida do coração.

Ri, enquanto atende a uma chamada telefônica. Assim que diz olá, desvia os olhos dos meus. Vejo como aperta a mandíbula e um músculo salta, antes de deixar escapar um sorriso.

Meus homens devem ter descoberto que desapareci. Sorrio lentamente, antes que chegue até mim e tudo fique preto.



— Acorde. — Ouça uma voz ao longe e uma mão me batendo no rosto.

Lentamente abro os olhos, mas a luz faz o barulho na minha cabeça amplificar um milhão de vezes. Deixo escapar um gemido e fico surpreso ao descobrir que posso mover os braços. Estou livre.

Abro os olhos totalmente, viro a cabeça para o lado e vejo Yakov. Depois olho para frente e arregalo os olhos ao ver ninguém menos que Patrick O'Neil sentado em uma mesa. Olha-me fixamente; um olhar frio, sem vida. Parece tão implacável quanto os rumores afirmam que é.

— Que porra é essa? — Sussurro, confuso.

— Não era para machucá-lo. — Diz Yakov.

— Eu o trouxe aqui, são e salvo. — Ewan fala, enquanto anda e senta ao lado de O'Neil.

— Como eu disse a Ewan, o acordo está terminado. Obviamente, ainda quer uma compensação. Estamos aqui para chegar a um acordo sobre isso. — Informa O'Neil.

— Pasha não é mais um membro valorizado da Bratva. Já não tem autoridade para tomar decisões para o grupo como um todo. — Informa Yakov.

— Será que alguém se esqueceu de dizer isso a ele? — O'Neil pergunta, desconfiado.

— Assim como teve seus problemas e lhe demos tempo para lidar com eles, pedimos que nos conceda a mesma cortesia. — Explica Yakov e O'Neil acena em concordância.

— E quanto ao casamento? — Pergunta alguns segundos depois.

— Ainda está de pé. Nenhum contrato será cancelado, não importa quem esteja no poder. Timofei Vetrov ainda está disposto a casar-se com sua filha. — Yakov diz, abaixando o queixo e vejo que O'Neil relaxa visivelmente. — Vamos generosamente oferecer a seu homem dois milhões de dólares e espero que isso seja suficiente para que o acordo seja cancelado.

— Ninguém me tira do meu caminho. — Ewan diz, batendo a mão na mesa.

— Você já recebeu um depósito de Pasha, estou correto? — Yakov pergunta, os olhos mudando de O'Neil para Ewan, que se contorce na cadeira.

— Confirma isso? — Pergunta O'Neil e escondo um sorriso.

— Foi uma pequena quantia. — Diz, claramente mentindo.

— Dois milhões não é uma pequena quantia e o valor que seu chefe recebeu, não é pequeno também. — Anuncia Yakov.

— Dois milhões? — Pergunta O'Neil e o rosto de Ewan fica vermelho. — Vou cobrar o meu percentual mais tarde. Sr. Chekov, não há necessidade de pagar mais nada.

— Queremos acertar isso logo. — Yakov murmura.

— Estamos bem. O casamento ainda está de pé e de agora em diante, Pasha deixa de existir para mim. Estou ansioso por um futuro próspero juntos. — O'Neil diz ao se levantar, estendendo a mão para apertar a de Yakov.

Yakov se levanta e devolve o cumprimento, retomando a posição até que os dois irlandeses saem.

— Como diabos cheguei até aqui? — Pergunto, olhando ao redor e percebendo que estou no escritório de Yakov.

Ele explica que o acordo deveria ter sido cancelado, uma vez que descobriram tudo. Mas Ewan já estava em Denver e de

acordo com os registros de gastos, esteve no clube algumas vezes observando tudo e planejando o golpe, que aconteceria a qualquer momento. Conseguiram localizá-lo rapidamente, mas O'Neil ainda estava no caminho. Yakov teve que explicar a ele exatamente o que estava acontecendo.

— O'Neil não cancelou abertamente nada, até que um encontro fosse definido. — Informa. — Por isso, queria uma prova de que ainda estava vivo.

— Estou ferido, mas vivo. — Digo.

— Porra! Agora teremos que destronar o rei das Américas. — Diz Yakov. — Não será tão fácil como quando matei o meu pai.

— Isso é a mais pura verdade.

— As mulheres estarão reunidas em Denver para o chá de bebê de Oksana em algumas semanas. É uma surpresa, por isso não dissemos nada. Mas esse será um bom momento para planejarmos como faremos isso. Timofei não quer agir antes de seu casamento, que ainda levará vários meses. — Explica.

— Será que podemos impedir Pasha de fazer mais alguma loucura, até então? — Pergunto.

— Não tenho ideia. Mas ainda temos Konstantin infiltrado para ser nossos ouvidos lá. — Diz, com um encolher de ombros.

— E o que acontecerá quando souber que não morri? Está esperando a minha cabeça sobre a sua mesa. — Informo.

— Uau! Tratando o próprio genro igual ao chefe do Cartel? Isso é baixo. — Ri.

Resmungo.

— Felizmente, a cabeça de Ewan que será entregue anonimamente ao escritório de Pasha nas próximas horas, ensinará ao velho a não sacanear os outros pelas costas.

— Yakov?

— Só um pensamento. — Diz.

Deveria me sentir mal ao saber que a cabeça de Ewan está prestes a rolar; mas algumas vezes, este tipo de merda acontece. Ewan iria me matar por dinheiro e estava disposto a ir até o fim, mesmo seu chefe tendo cancelado a ordem.

— Preciso ir para casa. Aposto que Oksana está preocupada. — Digo, mudando de assunto.

— Está. Mas Ustin e Ony estão com ela, junto com as meninas. Vamos, o avião está esperando. — Diz, com uma piscadela.

Levanta-se e caminha até a mesa, pegando o telefone. Murmura algo antes de desligar e em seguida, ergue o queixo para mim.

— Haverá uma muda de roupa no avião. Limpe-se um pouco para não a assustar ainda mais, sim? Um carro o espera lá embaixo.

— Obrigado, Yakov. — Agradeço.

— Pasha está fora de controle e já deveria ter sido liquidado. Esse foi o prego no caixão e sinto muito que tudo tenha desmoronado. — Diz. Levanto o queixo, concordando.

Ignoro o elevador e desço as escadas para o carro que espera na frente do prédio. Entro no banco traseiro e finalmente, respiro mais facilmente.

Fechando os olhos, concluo que de fato acabou. Pelo menos a ameaça contra mim, finalmente acabou. Suspiro aliviado.

Mas não tenho dúvida de que em breve, seja o que for que teremos que fazer, Pasha estará sangrando.

— Chegamos. — O motorista diz e vira-se sorrindo.

— Konstantin! — Rio.

— Tudo bem? — Pergunta, a preocupação o fazendo franzir as sobrancelhas.

— Até agora. — Digo. — Está pronto para o que terá que fazer? — Pergunto.

— Porra, sim! Ser espião é uma merda estressante. — Sorri.

— Aposto que sim. — Digo ao abrir a porta. Posso ver o avião esperando na pista.

— Espero que o derrubemos, mais cedo ou mais tarde. — Grita quando começo a andar em direção ao avião.

— Iremos. — Digo, erguendo o queixo. Em seguida, me afasto dele.

Esta merda poderia levar um ano ou dois, mas não acho que isso acontecerá. Pasha está instável demais para a Bratva mantê-lo com algum tipo de controle por muito mais tempo.

É prejudicial para a organização ter alguém como ele no controle por um longo tempo, especialmente depois de toda a merda que passamos.

Mas agora, tudo em que posso pensar é em Oksana. Quero ir para casa, para a minha mulher.



Capítulo Vinte e Nove



Sinto como se tivesse passado uma semana desde que Mika desapareceu. Bem, para mim ele está desaparecido. Mas não acho que realmente esteja, já que Ony e Ustin estão agindo normalmente. Além de me vigiar e não permitir que qualquer uma de nós deixe o edifício, estão agindo normalmente.

Timofei chegou a jantar comigo e agiu como se nada de errado estivesse acontecendo. Evitou todas as perguntas que fiz sobre Mika até o ponto de me deixar tão irritada, que desisti de perguntar.

Quando vão embora, tomo banho e sinto algum conforto. Sei muito bem que não serei capaz de sair. Deito na cama e reviro a noite toda de um lado para o outro, querendo saber exatamente onde Mika está e quando voltará para mim.

Passar algumas noites separados não deveria ser tão ruim assim. Se tudo não fosse tão suspeito, se soubesse o que

está acontecendo, talvez não ficasse o tempo todo tão preocupada.

Na manhã seguinte, entro na cozinha, sento em um banquinho no balcão e pego um *muffin* feito por Quinn e percebo que meu anel captura a luz.

Olho-o fixamente. É grande e bonito, mas me lembra da briga que Mika e eu tivemos quando o comprou. Como pensou que só me interessava por coisas materiais e jogou o outro anel de casamento pela janela do carro com raiva. Isto me deixa triste. Odeio que tenha pensado tão mal de mim, mesmo que por um segundo sequer.

Percebo que estou completamente perdida sem ele. Estive tão envolvida em nossa relação por tanto tempo, que agora nem sei o que fazer comigo mesma quando não está por perto.

Na Rússia, ia ao orfanato e aqui, tinha planos de ajudar na creche Bratva, depois que praticamente fomos impedidas de ajudar outras crianças nas casas daqui. Mas não continuei.

Estive focada em Mika, em nosso bebê e em todos os problemas que surgiram a cada dia no nosso caminho. Agora que não está aqui, sinto-me perdida.

Completa e totalmente perdida.

Estou terminando de comer o bolinho, quando a porta se abre. Viro lentamente, esperando ver Ony. Mas ao invés disso, sou premiada com a visão de meu belo marido. Parece

machucado, tem uma contusão na cabeça, o rosto está sujo, mas está respirando.

Fico em pé e corro, me jogando contra ele e envolvendo os braços em volta de seu pescoço. Mika abaixa-se e me abraça, colocando o rosto na curva do meu pescoço, cheirando-me profundamente.

— Você está bem! — Suspiro.

— Estou.

Tento dar um passo atrás, mas não deixa que me afaste. Levantando os braços, seguro as bochechas com as palmas das mãos e olho em seus olhos, pedindo algum tipo de explicação. Não vejo nada além de amor e alívio neles e isso me enche de calor.

— Como vocês estão? — Pergunta.

— Estamos bem. Mika, é hora de falar comigo. — Afirmo.

Balança a cabeça, suspirando pesadamente e libera as mãos que me seguravam, me puxando para o quarto. Eu o sigo sem protestar. Não só quero saber o que aconteceu. “Preciso” saber e mereço isso.

— Antes, preciso de um banho. — Murmura, liberando a minha mão assim que atravessa a soleira da porta do quarto.

— Precisa falar comigo. — Digo, parecendo inexpressiva.

— Eu sei. E juro que vou. Apenas me deixe tomar um banho, sim?

Fecho a boca com força para evitar de soltar um grito, enquanto aceno concordando. Sento na beira da cama quando fecha a porta do banheiro atrás de si e espero.

Felizmente, a chuveirada é curta. Mas ainda assim, parece longa para mim. No instante que retorna ao quarto, estou quase explodindo.

— Deixe-me colocar algumas roupas, *lapochka.* — Diz, com um sorriso nos lábios.

Observo quando vai até o armário e dentro de poucos minutos, volta. Senta-se a meu lado e viro um pouco para que possa vê-lo melhor enquanto espero. Suspira e passa a mão sobre o rosto antes de contar a história toda. A história que me deixa completamente chocada ao saber o que esteve acontecendo debaixo no meu nariz esse tempo todo. E começo a ficar com raiva.

A porra do meu pai. Babaca!

— Por que não me contou? — Pergunto, quando termina.

— Não queria preocupar ou incomodá-la. Sinceramente, ficaria chateada sem poder fazer nada. — Diz com um sorriso.

— Meu pai não cancelou a ameaça que pairava sobre meu marido e o pai do meu filho! É claro que ficaria chateada.

Queria a sua cabeça! Estou além de chateada, Mikhail. Estou furiosa! — Concluo.

— Agora acabou. — Diz, tentando segurar uma risada.

— Não me importo. Pasha fez isso. Está longe de acabar. — Rosno.

— Deixe os homens lidarem com isso, está bem? — Fala através de risadas.

— Vocês homens não sabem lidar com isso muito bem. Merda, foi sequestrado!

— *Lapochka,* está tudo bem. Ficará tudo bem. Por favor, não precisa ficar chateada. Estamos cuidando de tudo. — Sussurra, me puxando para perto. Descansa a mão na parte de trás da minha cabeça e beija o topo dela.

— Estava com tanto medo, Mikhail... — Digo, tremendo levemente.

— Peço desculpas por assustá-la. Prometi que contaria tudo quando pudesse e fiz isso, não fiz? — Pergunta.

Afasto a cabeça e estreito os olhos, irritada e aborrecida. De certa forma, ele está absolutamente correto. Ainda estou louca, no entanto. Fiquei preocupada demais.

— Caso alguma coisa assim aconteça de novo e você me faça esperar semanas, meses para contar o que está acontecendo, não irei perdoá-lo tão facilmente. — Digo.

— Certo. Mas irá me perdoar agora, não é? — Sussurra antes de me beijar.

— Claro. — Suspiro.

Mika coloca a língua dentro da minha boca e me consome, devora, como se estivesse com fome de mim por meses, ao contrário de apenas alguns dias. Agarro a camisa que colocou, a seguro com o mesmo desespero que demostra. Sim, foram apenas alguns dias, mas também estou desesperada e faminta por ele.

— Tire as roupas e vire-se. — Sussurra, me beijando o pescoço.

Com um gemido, faço exatamente o que pede e rastejo em direção ao centro da cama completamente nua. Olho por cima do ombro e o vejo despir-se antes de se juntar a mim. Gemo, quando aperta a minha bunda fortemente e passa os dedos por entre a rachadura dela. Tremo antes que atinja o centro molhado.

— Molhada, porra! Tão molhada... — Geme, bombeando os dedos dentro e fora de mim.

— Mikhail...

— Senti sua falta. Perdi isso e senti saudade. — Diz, pressionando o polegar contra o clitóris.

Incapaz de me segurar, os quadris seguem a vontade própria e procuram por mais prazer indo de encontro a ele.

— Preciso de mais, Mika. Por favor. — Mendigo descaradamente.

Ri. O som é baixo e não interrompe os movimentos. Em vez disso, com a outra mão, brinca com meus seios e mamilos, não dando o que quero. Desisto de implorar e deixo a cabeça cair para trás, contra os ombros largos e passo a língua na parte inferior do queixo forte.

— É tão boa para mim, Oksana. — Afirma. — É uma boa mulher, uma boa esposa Bratva e será uma ótima mãe. E será minha puta na cama.

Suspiro com a escolha de palavras e tento me afastar. Mas não deixa, sequer uma polegada.

— Você é. Acredite ou não, aceite ou não, é minha. É a minha puta, mas só aqui na nossa cama e só para mim, entende?

— Isso não é nada bom. — Respondo brava, mas a voz sai ofegante ao invés de irritada.

— Mmmm... Talvez não. Mas não sou realmente um bom homem.

— Sim, é Mikhail. Você me salvou, matou por mim. — Digo com as pernas tremendo. Sinto o corpo subindo, mas incapaz de atingir o pico.

— Sim, matei por você. E isso, por definição, torna-me um homem mau. — Ri. — Matar não é legal. Mas faço isso,

sempre fiz isso e farei novamente. Irrita-me que não possa cortar a cabeça de Ewan e entregá-la ao seu pai eu mesmo. Queria vê-lo quando perceber que foi descoberto.

— Não quero falar sobre isso agora. — Gemo, quando começa a me foder um pouco mais duro e mais rápido.

— Está bem. Mas penso em fazer um vídeo, mostrando meu pau entrando nessa boceta apertada e os gritos de prazer que solta quando a toco e enviá-lo para ele. — Rosna.

— Mika! — Choro.

— Porra, tão apertada! — Geme. — Esta boceta é minha, Oksana. É só para mim. Ninguém jamais a tocará, ou sentirá o jeito apertado como envolve o meu pau. Maldição!

— Mikhail. — Grito. — Cale a boca!

Ri e geme com um estrondo quando me enche com o pau grosso. Choramingo e alguns minutos mais tarde, gozo tão forte que chego a ver estrelas. Mika me agarra pelos quadris e penetra ainda mais profundamente, enquanto esvazia sua liberação dentro de mim.

— Não quer que envie um vídeo para seu pai? — Pergunta, quando deitamos lado a lado.

— É um pervertido! — Franzo o nariz com as palavras, o que só o faz sorrir.

Dormimos em seguida, exaustos por causa dos últimos dias. Estamos saciados e aliviados, agora que parece que tudo acabou.

Finalmente, podemos respirar livremente.

Devyn O'Neil

— Viu como era a sua aparência? — Shannon pergunta, enquanto pintamos as unhas.

— Não. — Admito, balançando a cabeça.

— Poderia parecer-se com um Troll[8] feio. — Diz, arregalando os olhos.

— Poderia. — Admito, com um aceno de cabeça. — Shhh! — Sussurro quando ouço vozes flutuando do escritório do meu pai.

Não percebe que posso ouvir tudo o que diz do meu quarto. As coisas que ouvi, provavelmente poderiam me matar, mas nunca direi algo a ninguém, nem mesmo para Shannon. Somos filhas da máfia. Sabemos como manter as bocas

[8] Monstros do folclore escandinavo.

fechadas, porque vimos o que acontece quando não fazemos isso.

— Sabe que ele assumirá e Devyn se casará com o rei de Brighton Beach. — O pai de Shannon, Rooney, diz.

Ah, merda. O Rei de Brighton Beach. Isso soa como um negócio grande. Arregalo os olhos e viro para Shannon, que também está assustada.

— Bom. Significa que terei alguma influência e contatos quando precisar. A casaria com alguém de fora ou com um velho de qualquer maneira, se a quisessem. — Diz meu pai. Eu praticamente posso sentir a indiferença que sente por mim.

Isso não me incomoda mais. Estou acostumada à sua indiferença. Ele se preocupa com meus irmãos e irmã mais velha, mas eu não tenho importância. A mais nova dos oito é completamente inútil.

Até agora, aparentemente.

— Não sei como pode fazer isso. Entregá-la para eles. Sabe que são bárbaros! — Diz Rooney.

— Nenhum é diferente de nós. — Responde.

— Esse cara pediu que a cabeça do genro fosse entregue em sua maldita mesa, Patrick! Isso não é normal. Não é só uma parte da organização, é sua própria família, literalmente. — Rooney tenta me defender.

— Bem, não teremos mais que nos preocupar com ele quando o marido de Devyn livrar-se dele, vamos? — Escuto papai rindo.

— Sim. Não teremos que nos preocupar, considerando que estamos falando de um homem que matará o próprio pai. Realmente, não é grande coisa. — Diz Rooney e ouço a porta do escritório bater.

— Puta merda! — Sussurra Shannon.

— Será que eu.... Eu ouvi isso direito? — Pergunto, virando para encará-la.

— A parte que seu noivo matará o próprio pai para destroná-lo? Ou, a parte em que seu sogro pediu que a cabeça do genro fosse entregue em sua mesa? — Pergunta, com o lábio inferior tremendo.

— Então, realmente ouvi tudo certo. — Sussurro, quando uma batida soa na porta.

— Hora de cair fora, Shannon. — Chama Rooney.

— Estou indo, *Da*. — Diz, levantando-se. — Estou com medo por você Dev. — Sussurra ao colocar as sandálias e caminhar em direção à porta do quarto, saindo antes que possa responder.

— Eu também. — Digo baixinho.

Mika

— Quando a encontrará? — Ziven pergunta a Timofei.

Estamos todos sentados para jantar em um restaurante. Um jantar com toda a família de Denver. Não posso deixar de sorrir enquanto olho em volta do nosso pequeno grupo: Timofei, Ziven, Quinn, Ustin, Leonie, Oksana e eu.

Estou em casa há menos de uma semana e passei algum tempo a sós com Oksana, mas ainda estamos todos preocupados. Porém, decidimos fazer uma pequena festa para comemorar o meu retorno.

— Em cinco meses. Será a nossa festa de noivado. — Resmunga.

— Tão breve? — Pergunto, surpreso. — Pensei que tivesse mais tempo.

— Não. Irei me casar com ela em seu aniversário de dezoito anos. Já me encontrei com a cerimonialista de uma agência de matrimônio, colocando-me à disposição para qualquer coisa que ela precisar. — Diz sorrindo.

— Timofei, você não fez isso. — Suspira Oksana. Olho para ela e vejo que tem os olhos arregalados e a boca aberta.

— O quê? — Timofei pergunta com um sorriso.

— Você não fez... com a cerimonialista. — Diz, franzindo a testa enquanto os lábios formam uma linha reta.

Timofei apenas encolhe os ombros e pega um copo de vodca. Oksana encosta-se contra o assento, completamente decepcionada, mas não diz nada. Ao invés disso, vira-se e começa a falar com as garotas.

— Teremos uma reunião, assim que os outros homens chegarem amanhã. — Anuncia Ziven e concordo.

O chá de bebê surpresa de Oksana será amanhã e os homens, juntamente com as esposas, começaram a voar nesta tarde. Olho para minha esposa e sorrio. Ela está com uma mão na barriga arredondada e a outra, acariciando ao redor. Deixo escapar um suspiro e inclino para trás, quando sinto a mão de Ziven no ombro.

Ele me dá um tapa.

— Somos merdas sortudos, não é? — Pergunta com um sorriso.

— Quase não tive tanta sorte. — Murmuro.

— O mesmo aqui. — Resmunga.

É verdade. A esposa dele quase foi vendida como escrava, e nunca a teria conhecido. Somos sortudos, mas também o tipo de homens que sabem exatamente o quão sortudos somos.

Nossas mulheres, significam mais para nós do que qualquer outra coisa neste mundo. Traí a Bratva para manter minha Oksana segura. Nunca me senti assim em relação a outra pessoa em toda a minha vida.

— Reunião de amanhã será ao meio-dia? — Pergunto, ao me levantar. Ainda me sinto ameaçado para ficar em público. Preciso levar Oksana para casa.

— Meio-dia, no meu lugar. — Murmura Ziven.

— Oksana, hora de irmos. — Aviso.

Inclina a cabeça ligeiramente para trás, me olhando de sua posição sentada e sorri. Um sorriso feliz, algo que só estou percebendo agora. É diferente de todos os sorrisos que recebi no passado. Ela esteve estressada, nervosa e preocupada quando não foi isso que queríamos para ela. Pensei que estava escondendo bem, mas minha *lapochka* sempre viu através de mim.

— Ok, vejo todos vocês amanhã. — Oksana diz ao se levantar.

— Meio-dia. Faremos o almoço e pegaremos o resto do enxoval de Misha. — Quinn diz com um sorriso e uma piscadela.

Balanço a cabeça, considerando o quão difícil deve ser para essas mulheres manterem a surpresa. Colocando a mão na parte baixa das costas de Oksana, a guio em direção da

porta. Está um pouco frio lá fora, por isso não fico surpreso quando ela envolve os braços em volta de mim e se enrola, enterrando-se para tomar o meu calor.

— Sabe, não iremos realmente às compras amanhã. — Oksana anuncia, depois que ligo o carro.

— Não irão? — Pergunto, arqueando a sobrancelha em direção ao para-brisa, tentando não rir.

— É um chá de bebê surpresa que Leonie planejou. — Diz, com um sorriso. — Mas estou tão animada, apesar de tudo...

— Estou feliz, *lapochka.* — Murmuro e aperto a coxa dela.

— Espero que Aleksandra venha. — Suspira. — Não falo com ela há algum tempo e não a vi desde a metade do horrível jantar do meu pai.

— Sente falta de sua amiga? — Pergunto, mais como observação do que uma pergunta.

— Sim.

— Mesmo que não possa vir para o chá, vou trazê-la até aqui para que possam se ver. — Prometo, estacionando o carro na garagem do nosso prédio.

— Sério? — Pergunta como um enorme sorriso no rosto, cheia de prazer.

Envolvo a mão em torno do pescoço fino e a trago para mim.

— Mmm, sim. — Rosno. Faria isso só para ver esse olhar no rosto dela, porra. — Hora de ir para cima.

— Ok.

Não posso deixar de sorrir antes de beijá-la. Sim, eu traria a amiga aqui a qualquer hora que quisesse, apenas para ver esse suave e doce sorriso e os olhos dela brilhando dessa maneira.

Claro, que sim.



Capítulo Trinta



Gemo quando Mika me abaixa em seu pau, enchendo-me e esticando-me do jeito que só ele consegue. Deixo a cabeça cair para trás e uma das mãos dele se enrola nas mechas do meu cabelo. Eu o monto, devagar e com propósito. Com uma das mãos seguro a cabeceira em busca de apoio e a outra, deixo apoiada no peito forte.

— Oksana! — Rosna.

— Shhh... — Repreendo. Sinto uma picada quando me dá um tapa na bunda, antes de retornar ao cabelo. — Mikhail. — Digo, arrepiada. Isso só faz com que rosne ainda mais.

— Acelere, *lapochka*. Não tenho certeza de quanto tempo mais posso aguentar. — Resmunga, parecendo irritado.

Quero me apressar, pois estou no limite, mas é tão bom.... Lentamente levo-o para dentro de mim e deixo nossa conexão

me aquecer de dentro para fora. Parece o paraíso e não quero que isso acabe. Quero ficar assim para sempre.

— Mikhail. — É a única palavra que vem à tona enquanto lentamente cavalgo meu marido e dirijo a mão que estava sobre seu peito para a nossa conexão entre minhas pernas.

— Toque-se, Oksana. Goze em cima de mim. — Ordena.

Inclino a cabeça, mordo o lábio inferior e faço o que me pede. Toco-me, sentindo o pênis dentro de mim e vendo seus olhos direcionados para a nossa conexão. Com a mão livre, me segura pelo quadril e pelos cabelos com força.

— *Moya vozlyublennaya.* — Geme.

Sua amada.

Nunca, nunca cansarei de ouvi-lo me chamar assim. O clímax chega como um trem de carga e sua velocidade me surpreende e pega de surpresa. Grito quando gozo e o prazer assume o controle.

Mika geme, me apertando ainda mais e empurra os quadris para cima, metendo repetidas vezes enquanto mal consigo pegar o que recebo. Não consigo nem mesmo me mover; a força desapareceu completamente do meu corpo.

De repente, sinto seu sêmen me enchendo. Mika nos ajusta, deitando-me de lado contra ele e joga as minhas pernas sobre as dele. Quando nos encaramos, desliza suavemente para dentro e fora de mim, os olhos focados nos meus.

Acaricio as bochechas com a palma da mão, enquanto ele me acaricia o quadril e coxas. Aperta-me e depois descansa as mãos em meu pescoço, pressionando o dedo contra meus lábios.

— Espero que tenha um dia maravilhoso amanhã, *lapochka.* — Diz.

Lambo a ponta do polegar enquanto aperto a boceta em torno do pau ainda semiereto, fazendo-o gemer.

— Com um começo como este, como este dia pode não ser absolutamente perfeito? — Pergunto.

— Mmm... — Sussurra, antes de tirar a mão de meus lábios e me beijar. O beijo é lento, suave e gentil, enquanto deixa a mão sobre minha barriga. — Cuide do meu menino hoje e divirta-se, ok?

— Ok.

Ri e o movimento faz com que seu pênis saia de dentro de mim. Gememos simultaneamente e sorrio enquanto ele balança a cabeça e sai da cama.

— Venha tomar um banho. — Murmura baixinho, estendendo a mão para mim. Pego-a e juntos, tomamos banho.

Bato na porta, arrumando o vestido antes de endireitar os ombros e puxá-los um pouco mais. Estou usando um vestido rosa claro, todo de renda que é apertado e ajustado do peito ao joelho. Mas os ombros é a minha parte favorita nele. O vestido é tomara que caia, mas com uma grande renda que cai por todo o comprimento até ficar pendurado em meus cotovelos. Parece com o estilo dos anos setenta e é florido. Deixei os cabelos soltos em cachos e uso sapatos plataforma na cor nude.

Sinto-me bonita.

— Ela está aqui. — Leonie grita do outro lado da porta, me fazendo rir.

A porta se abre e vejo um grupo inteiro de mulheres e crianças. Toneladas de crianças atrás dela.

— Surpresa! — Todas gritam e não posso conter as lágrimas.

Sabia que fariam um chá de bebê, que mais pessoas viriam, mas não fazia ideia do tamanho dessa festa. Nenhuma mesmo.

— Surpresa. — Leonie sussurra com um grande sorriso.

— Obrigada. — Agradeço e a abraço apertado.

Limpo a garganta quando nos separamos e depois caminho para dentro do apartamento. Olho para todas as mulheres em pé na sala de estar. Todas exibem sorrisos largos.

Todo o grupo da Califórnia está aqui: Tatyana, Emiliya e Haleigh. Vejo também as garotas de Nova York: Ashley e Inessa. E é claro, Quinn e Leonie.

É uma festa inteira de mulheres Bratva e estão todas aqui por mim. Foram em todas as festas que tive enquanto estava "escolhendo" um marido e agora estão presentes novamente. Limpo as lágrimas do rosto e finalmente falo com todas as pessoas que me esperam.

— Não sei o que dizer. — Rio. — Obrigada. Obrigada a todas vocês. Nunca pensei que pudesse ser tão feliz. Sou a mulher mais sortuda do mundo; não apenas porque tenho Mika, mas também porque tenho todas vocês para chamar de família.

Vejo que algumas mulheres limpam os olhos e começam a bater palmas.

— Ok, comida, bolo e presentes. Não faremos jogos. Terá que ficar bem com isso. — Quinn anuncia.

— Estou bem com isso. — Sorrio.

Passo o resto da tarde com minhas amigas e posso oficialmente chamá-las assim. Posso sentir o amor enchendo a sala e não paro de sorrir o dia todo, especialmente quando começo a abrir os presentes que trouxeram para Misha.

— Eu tenho meninos, então espero que não ache meus presentes chatos. Mas eu precisava ser prática, pelo seu bem. — Emiliya anuncia ao entregar os presentes que trouxe e não posso deixar de rir.

São presentes muito práticos: garrafas, fraldas (muitas fraldas) e lençóis extras de berço. Em outra caixa, encontro um monte de macacões lisos. São adoráveis e macios.

— Fazem xixi em tudo e Radoslav vomitava um milhão de vezes por dia. Nunca pode prever o que o seu bebê fará. Estou apenas a preparando. — Anuncia, em seu forte sotaque russo.

— Muito obrigada, Em. É tudo perfeito e sei que irei usá-los todos os dias provavelmente. — Rio.

— Mais do que uma vez por dia. — Resmunga, me fazendo sorrir.

— Que tal o bolo? — Quinn pergunta, alguns minutos depois que abro o último presente.

Olho-a caminhar até Leonie e ambas trazem um bolo com glacê azul claro fosco. Parece delicado e posso sentir o cheiro do glacê quando passam por mim.

— Isso parece estar como o céu. — Sussurra Haleigh.

Uma das crianças cutuca o bolo com o dedo mindinho. Kiska, a filha adolescente de Tatyana, o segura nos braços antes que possa enfiar todos os dedos na cobertura e todas rimos.

— Melhor cortar essa coisa antes que todas as crianças tenham a mesma ideia. Não sei se há muitas de nós em comparação a elas. — Inessa murmura, com um sorriso nos lábios.

— Querem que eu leve todas as crianças para a outra sala? — Kiska pergunta.

— Não. Vamos colocá-los na mesa aqui mesmo. Irão fazer uma bagunça nos pisos que estão limpos. — Leonie diz com um sorriso e uma piscadela.

Ela e Kiska juntam todas as crianças e Quinn prepara pedaços de bolo para todas. Sozinhas, com certeza causariam um desastre.

— Kirill começou a falar sobre um contrato para ela. — Tatyana diz, baixo o suficiente para que Kiska não possa ouvi-la.

— Mas tem apenas quinze anos. — Murmura Haleigh. — Sem as ameaças de anos atrás, por que está com pressa? — Pergunta, mencionando a escravidão sexual que acontecia quando o pai de Emiliya levava meninas.

— É um *Pakhan* e não quer que as pessoas pensem que podem tirar vantagem dela por causa de sua posição. Quer escolher com quem irá se casar. — Sussurra. E não perco o jeito como me olha.

— Teme que aconteça o que houve com Gavril. Faz sentido. — Digo, encolhendo os ombros. — Honestamente, não teria gostado, mas toda essa merda provavelmente nunca aconteceria se meus pais tivessem escolhido alguém há muito tempo.

Quinn oferece um prato com um pedaço de bolo. Dou uma mordida e gemo ao sentir o sabor.

— Será que falou sobre quem poderia ser? — Haleigh pergunta curiosamente.

— Tudo o que me disse é que estava de olho em um par de homens. Eu não sei. Quero confiar nele, pois é sua filha também, é claro. Mas me preocupo. — Sussurra.

— Você é uma mãe. — Anuncia Emiliya. — Preocupa-se porque é uma mãe. É o que fazemos.

— Acho que dirá quando for a hora. Não o vejo tomando uma decisão como essa sem mim, mas, sim. Eu me preocupo. — Assente.

— A preocupação nunca para, não é? — Inessa pergunta, embalando seu bebê.

— Nunca! — Todas concordam simultaneamente.

Mika

Entro no condomínio de Ziven e sorrio para os homens que preenchem o espaço. Porra.... É bom estar de volta e ao redor da antiga equipe da Califórnia. Maxim, Radimir e Kirill andam até mim e me dão tapas nas costas. Embora os tenha visto não muito tempo atrás quando invadimos o local de *El Patron*, muita coisa aconteceu desde então.

— Fico feliz em ver que ainda está respirando. — Diz Kirill sorrindo.

— Fui apenas passear um pouco. — Rio.

— Pasha do caralho! — Rosna Maxim.

— Vamos começar a reunião. — Anuncia Timofei.

Era um príncipe de festas, apenas preocupado com a próxima dose de droga e bocetas. Agora é um homem, com os dois pés no chão e prestes a tornar-se um maldito rei, se tivermos algo a dizer sobre isso.

— O reinado de Pasha acabou. — Anuncia Yakov.

— Com certeza. — Kirill concorda.

— Quem assume Brighton Beach quando tudo acabar? — Pergunta Dominik.

— O príncipe. — Afirma Yakov e vejo que Timofei parece não concordar.

Timofei

— Nyet. — Grito ao ouvir as palavras de Yakov.

— Estamos todos de acordo, Timofei. — Kirill informa.

Olho para cada homem na sala. Homens pelos quais sinto o maior respeito. Homens que trabalharam para obter sucesso. Homens que a seu modo, merecem a posição de *Pakhan* de Brighton Beach. Eu não mereço o título ou a posição. Não trabalhei nem um quarto tão duramente quanto qualquer um deles.

— Não mereço isso. — Anuncio.

— É seu. — Murmura Radimir. — Foi o único que enfrentou Pasha quando não o fizemos. A posição é sua e sabemos que é inteligente o bastante para se cercar de uma boa equipe para guiá-lo.

Sacudo a cabeça. De jeito nenhum, porra.

— Timofei, você se livrou de Gavril. Todos nós sabemos que foi a sua bala. Até certo ponto, sabemos que foi para proteger sua irmã, mas também sabemos que foi pela Bratva. — Afirma Kirill.

— Yakov deve assumir o posto. — Digo, olhando para o homem.

— Não quero, Timofei. Gosto do meu território. Você é o único mais lógico. Seu casamento ligará Brighton Beach com os irlandeses e meu território fica no meio. Não pode trazer a sua noiva para cá. Tem que ficar na cidade. — Diz.

Sinto o pânico começar a me preencher. Não só porque o casamento se aproxima, mas agora isso. Quando me ofereci para destronar meu pai, nunca imaginei que ficaria em seu lugar. Imaginei que pegaria a princesa irlandesa e voltaria para cá.

Não quero morar em Nova York. Mamãe estava lá quando morreu. Meu pai, quando ainda era um bom homem, estava lá. As lembranças percorrem minha mente rapidamente toda vez que cruzo os limites da cidade.

— Foi feito para isso, Timofei. — Afirma Maxim.

Olho para o homem que sempre considerei família. Pasha foi seu mentor e ele passou muito tempo em nossa casa enquanto eu crescia. Durante a adolescência, não ficava muito

em casa, mas Maxim sempre foi uma constante. É como um primo para mim.

— Maks. — Rosno.

— Está preparado, Timofei. Toda a merda estúpida que Pasha o fez passar, foi para prepará-lo para este momento. Agora que saiu debaixo do seu polegar, tornou-se um homem melhor do que jamais imaginei ser possível. — Elogia.

— Mas e se acabar ficando igual a ele? — Pergunto baixinho.

— Não. — Afirma Yakov.

Viro-me para encará-lo. O pai dele era desprezível. Nojento de todas as maneiras que um homem pode ser. E, no entanto, Yakov não é nada parecido com ele. Compartilharam o mesmo sangue e ao olharmos, podemos ver semelhanças físicas. Mas Yakov é um homem bom, absolutamente nada parecido com o pai. Só não tenho certeza se sou tão forte quanto ele.

— Mas...

— Mas merda nenhuma. Você é o maricas que Pasha diz que é? Ou é um homem que sabe ver o certo e o errado? Precisa apenas ser forte, usar o cérebro e tomar decisões tentando tornar a Bratva melhor e mais forte, ao invés de fraca e vulnerável. — Termina.

Penso nas palavras por um minuto. Não sou o maricas que meu pai sempre disse que era. Minha equipe é a mais forte. Quase fazemos o maior lucro em Denver, perdendo apenas para Mika. E, com certeza, vou para a cama sabendo sem sombra de dúvida, que as decisões que tomei apenas tornaram a Bratva mais forte. Incluindo a decisão de matar Gavril no dia do casamento.

— Eu sou *kniaz*! — Anuncio, afirmando que sou o príncipe.

— E quando isso acabar, será o *Czar.* — Diz, chamando-me de imperador.

Sorrio e olho em volta da sala. Estes homens são foda demais!

— *Korol,* não *Czar*. — Digo, corrigindo-os e me chamando de rei. — Juntos, iremos governar os EUA e derrubaremos Pasha Vetrov. Um novo amanhecer está chegando e essa merda acaba agora. Nunca mais o *Pakhan* de Brighton Beach deverá estar acima do *Pakhan* de qualquer outra cidade. Tomaremos decisões sobre o futuro da Bratva juntos.

Todos os homens sorriem e depois chegamos aos negócios. É hora de destronar a porra do rei impostor e desequilibrado.

Epílogo

Cinco meses depois...

Oksana

Estalo os dedos sem parar. Estou esperando, animada. Mika coloca a palma da mão nas minhas costas, tentando me acalmar, mas estou muito ansiosa. Quando a porta é aberta, o grito que se segue quase me perfura o ouvido e faz com que Misha se assuste e grite no meu peito.

— Oh, não. Sinto muito! — Aleksandra sussurra.

— Tudo bem. — Sorrio, o balançando nos braços. Acaba por se acalmar e volta a dormir.

— Você realmente está aqui? — Aleksandra pergunta.

— Estou aqui. — Digo, caminhando até a minha amiga e a abraçando com cuidado para não esmagar o meu pacote de seis semanas de idade.

— Ei, Mika. — Cumprimenta, com um sorriso. — Denis está no seu escritório. — Informa. Sei que quer que ele saia para que possamos ter um tempo de meninas.

— Preciso falar com ele de qualquer maneira. Obrigado. — Mika agradece. Observo-o ir embora, curiosa para saber por que precisa falar com Denis. Nem sabia que o conhecia.

— Posso segurá-lo, por favor? — Implora e me afasta dos pensamentos sobre Denis e Mika.

Aceno e caminho até o sofá. Quando me sento, entrego Misha dormindo para a minha amiga, que olha para ele e depois olha de volta para mim chorando.

— Não posso tê-los, sabe? — Diz baixinho.

— Aleks?

— Crianças. Não posso tê-las. — Diz, olhando para Misha. — Nós tentamos. Fui a um médico e descobrimos que isso simplesmente não é possível. Mas Denis ainda os quer. — Murmura.

— Já pensaram em adoção? — Pergunto.

— Quer o seu próprio. — Sussurra. — Perguntei ao médico sobre uma inseminação, mas são os meus óvulos que têm problemas. Não é possível. Adoção é a única opção para mim, mas Denis se recusa. — Explica, mantendo o olhar em Misha.

— O que você fará? — Pergunto, sentindo uma imensa onda de tristeza tomando conta de mim.

— Denis quer o divórcio. — Diz. — Tenho certeza de que é sobre isso que ele e Mika estão discutindo. Denis quer ser contratado por outra pessoa e se mudar para Denver. — Sussurra.

— Oh, Aleks. — Percebo que minha voz treme e dou um pequeno aperto em sua perna.

— Eu o entendo. Realmente entendo. É meu marido, mas não nos amamos de verdade, não como você e Mika. E quer filhos, mas não posso dar isso a ele. Como um homem da Bratva, deve ter quantos quiser e uma esposa que possa fazer isso por ele. Tudo bem, realmente. — Diz. Mas não posso deixar de sentir que não está tudo bem. Casou-se com ela, a escolheu e deveria ficar junto dela.

— O que acontecerá com você? — Pergunto, com medo de ouvir a resposta.

— Denis prometeu me fornecer um pequeno subsídio pelo tempo que precisar. Também pedirá para qualquer viúvo que já tenha filhos, que se una a mim em casamento. — Diz, dando de ombros e sinto o estômago revirar com o pensamento.

— Aleks. — Repito, sem saber o que dizer e sabendo que preciso falar alguma coisa.

— Não sinta pena de mim. Sério. — Pede sorrindo. Sacode a cabeça e aproxima os olhos dos meus. — Denis não é o meu amor, Sana. É bom o suficiente para mim e o respeito como marido, mas não estamos apaixonados. Pensei que o amava, mas essa coisa toda deveria me machucar muito mais do que está fazendo. Por isso, percebi a verdade. Talvez quem quer que seja encontrado para mim, seja por quem estive esperando.

— Gostaria de poder fazer tudo isso melhor. — Sussurro.

— Ficarei bem, Sana.

— Quero que seja tão feliz como sou! — Admito.

— É por isso que eu a amo. — Sorri. — Sempre quer que todos sejam felizes e essa é a sua mãe que brilha através de você. Amo isso e ela também iria. Serei feliz. Onde quer que a minha felicidade esteja, irei encontrá-la. — Afirma.

Sentamo-nos juntas e conversamos um pouco mais, mudando o assunto para Misha, que decide que está com fome. Solta um gemido alto para me avisar sobre o fato. Cuido dele enquanto conversamos como garotas. Deixamos as coisas pesadas de lado, mas posso ver a tristeza em seus olhos.

— Pronta, *lapochka?* — Mika pergunta ao entrar no quarto.

Olho para trás e não vejo Denis em nenhum lugar. Pergunto-me por que não saiu do esconderijo, mas não digo nada.

— Sim. — Aceno.

— Venha me ver antes de voltar para Denver. — Aleksandra diz ao levantarmos.

— Virá para a festa? — Pergunto, enquanto levanto a bolsa de fraldas no ombro e reorganizo Misha.

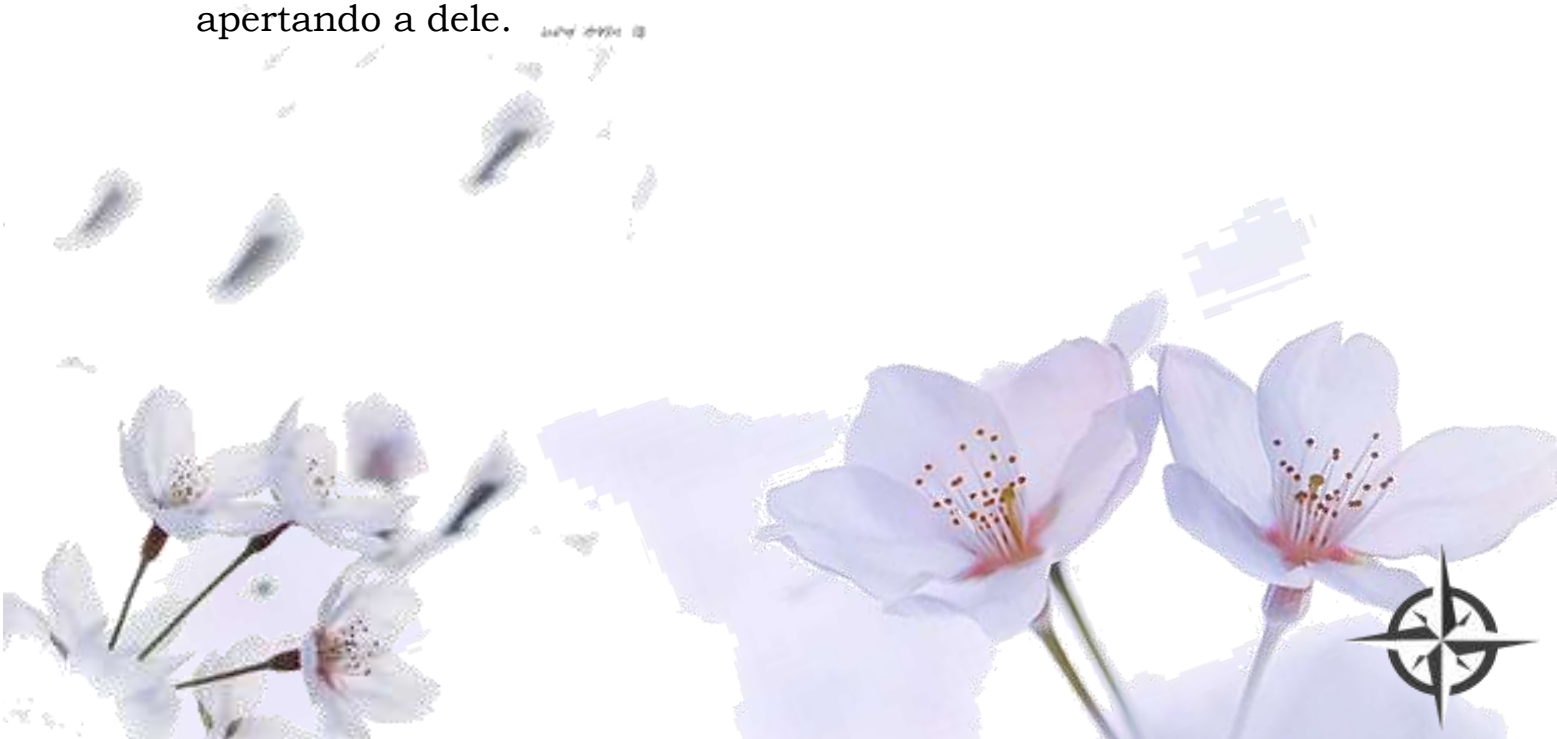
— Não. No entanto, parabenize Timofei por mim. — Murmura.

— Ligarei para você antes de sairmos. Ficaremos na cidade por algumas semanas. Teremos tempo. — Digo sorrindo.

Terminamos as despedidas e fico surpresa quando Mika se abaixa e a abraça antes de sairmos. Assim que nos instalamos no carro, viro-me para ele, que levanta a mão.

— Não posso dizer nada. Mas confie em seu marido para cuidar dela, sim?

— Ok, Mikhail. — Aproximo-me e entrelaço nossas mãos, apertando a dele.



Mika

Oksana sempre foi linda. Alta e ágil quando nos conhecemos e com curvas o suficiente para enviar meus hormônios acima do limite. Mas agora? Seis semanas depois de dar à luz nosso filho, seu corpo mudou e não posso negar que as curvas mais abundantes me deixam fraco dos joelhos.

Ela rasteja na cama, a camisola de algodão curta cobrindo as curvas que quero tanto ver, especialmente agora que posso tocá-las o tanto que quiser. Esperar foi um inferno. Embora minha *lapochka* tenha sido boa para mim, usando as mãos e a boca com frequência, nada pode substituir a conexão que sinto ao deslizar dentro da boceta apertada.

— Misha está dormindo. Temos pelo menos duas horas. — Diz contra meus lábios.

Envolvendo as mãos ao redor da cintura dela, a coloco de costas, ajustando os quadris entre suas coxas. Gemo ao sentir o calor da vagina contra o meu pau nu.

— Sem calcinha? — Pergunto, rolando os quadris contra os lábios de sua boceta.

— Sem calcinha. — Confirma, envolvendo as pernas em torno de mim.

Começo a retirar a camisola e ela me para. Olho, sem entender, confuso e espero que fale.

— Não quero que me veja nua. É nojento, Mikhail. — Sussurra.

Sem permitir que diga outra palavra, tiro a camisola e a beijo, empurrando a língua profundamente na boca dela. Eu a beijo, devoro e possuo enquanto meu pau endurece ainda mais e desliza lentamente dentro da boceta molhada.

— Mika... — Geme, retirando a boca da minha e jogando a cabeça para trás.

— Você é linda, Oksana. Nunca pense que está feia. É a mulher mais linda que já vi. — Digo, puxando para fora e entrando lentamente dentro dela outra vez, gemendo de prazer.

— Não sou mais. — Diz, balançando a cabeça.

Empurro dentro dela com um pouco mais de força e sorrio quando perde uma respiração.

— Este corpo trouxe nosso menino ao mundo, o nutriu e ainda o faz. Esse corpo é lindo! — Pontuo cada frase moendo contra o clitóris. — Esse corpo é meu.

— Mikhail. — Ofega ao chegar mais perto do clímax.

Posso sentir a vagina vibrando ao redor do meu pau e sei que está perto. Já faz semanas que a fiz gozar e quando

finalmente goza, é com um grito alto. Curva-se e aperta a boceta com força em torno de mim.

Então passo a fodê-la. Não é lento, suave ou doce. É bruto, é selvagem e com abandono. Gozo com um rugido, sentindo como se todas as vezes que cheguei ao clímax nas últimas seis semanas não fossem nada. Não há nada como gozar dentro da *moya vozlyublennaya*.

— Porra! — Digo contra seu pescoço, enquanto continuo a empurrar gentilmente dentro e fora do calor úmido.

— Não brinca. — Ri baixinho embaixo de mim.

Limpamo-nos e quando terminamos, Misha chora no outro quarto da nossa suíte. Coloco a cueca boxer e peço a Oksana que fique confortável. Eu o trarei para ela. Sorri e balança a cabeça enquanto saio do quarto.

Estamos em Nova York. Mas por causa de tudo o que houve com o pai dela, recuso-me a deixá-la em sua antiga casa, muito menos ficar lá. Pasha não fez nenhuma tentativa de falar com ela desde que Misha nasceu, nem quis vê-lo. Passou de desequilibrado para completamente insano e fico feliz que seu reinado termine agora.

Assim que o casamento ocorra, iremos finalizar a merda. Quando chegar a hora do casamento, o fim da era de Pasha chegará ao final e será o começo para Timofei.

— Ei, ei. — Sussurro para Misha, o pegando no colo. — Mamãe está esperando. — Rio quando retorce o rostinho pequeno.

Entrego-o para Oksana, que está esperando e pronta para alimentá-lo e subo na cama ao lado dela, ao lado deles.

Toda a minha vida.

— Não pedirei detalhes, mas pode por favor, dizer se Aleksandra ficará bem? — Pergunta. Estava me perguntando até quando ela iria aguentar.

— Denis quer filhos. Não posso dizer se está certo ou errado. Mas direi que acho que Aleks será muito mais feliz longe dele. — Resmungo. Denis é um idiota e Oksana deveria estar pulando de alegria por sua amiga livrar-se dele.

— Não quero que fique sozinha. — Admite, dobrando o pescoço e pressionando os lábios na cabeça de Misha.

— Tecnicamente, Aleks está na área de Pasha. Mas como tudo está incerto, Yakov na verdade encontrou alguém para ela. — Admito, embora provavelmente não devesse.

— Verdade? — Pergunta, levantando a cabeça e arregalando os olhos.

— Ele ficou viúvo recentemente. Quatro filhos, um recém-nascido. Mas está na Rússia, no entanto. — Explico.

— Sério?

— É jovem, na casa dos trinta e está muito interessado nela. — Informo.

— Será bom para ela? Ou apenas quer uma babá? — Pergunta, estreitando os olhos. E isso me faz rir.

— Não posso dizer com certeza, mas conheci o homem. Trabalhei com ele uma vez, quando estávamos lá. É um bom homem, melhor que Denis, com certeza. Acredito que será muito feliz e que ele vai tratá-la bem. — Digo.

— Só quero que Aleks seja feliz. — Diz, suspirando ao encostar a cabeça no meu ombro.

— Sei disso, *lapochka.*

— Quero que todos sejam felizes. — Diz. — Acha que Timofei será feliz quando realmente estiver casado com essa garota?

— Você gosta de mudar de assunto. — Rio.

— Estou preocupada com ele, com os dois na verdade. Timofei nunca esteve em um relacionamento a longo prazo e essa menina é tão jovem... — Diz, mordendo o lábio.

— Acho que ficarão bem, *lapochka.* — Asseguro. — Agora, deixe-me trocá-lo e colocá-lo para dormir. Preciso fazê-la gozar pelo menos mais uma vez hoje à noite.

— Estou tão cansada, Mikhail. — Diz em um bocejo, enquanto pego Misha nos braços.

— Que tal se eu fizer todo o trabalho? Estou com fome. — Sorrio para ela enquanto fico de pé.

— Está? — Pergunta sorrindo.

— Morrendo de fome, Oksana.

— Eu o amo, Mikhail. — Sussurra, quando começo a sair do quarto.

— Para sempre, *lapochka*. — Respondo.

E então, a escuto sussurrando atrás de mim:

— Para sempre, meu badman.



Por favor, não publique nossos arquivos no Facebook

Se você viu algum arquivo do PL no facebook, sem a nossa autorização, converse com a moderação.

Se você gosta dos livros do PL ajude!!

Quem gosta, respeita nosso grupo!

Não publique diretamente no Face, não expondo o grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!

Se não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pegasus Lançamentos